1952

MAIO - N.420

EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS





★ NESTE NÚMERO ★

VOCÊ SABE TOMAR BANHO?

CANTE PARA EU DORMIR, DOUTOR!...

FAÇA SEU FILHO CRESCER!

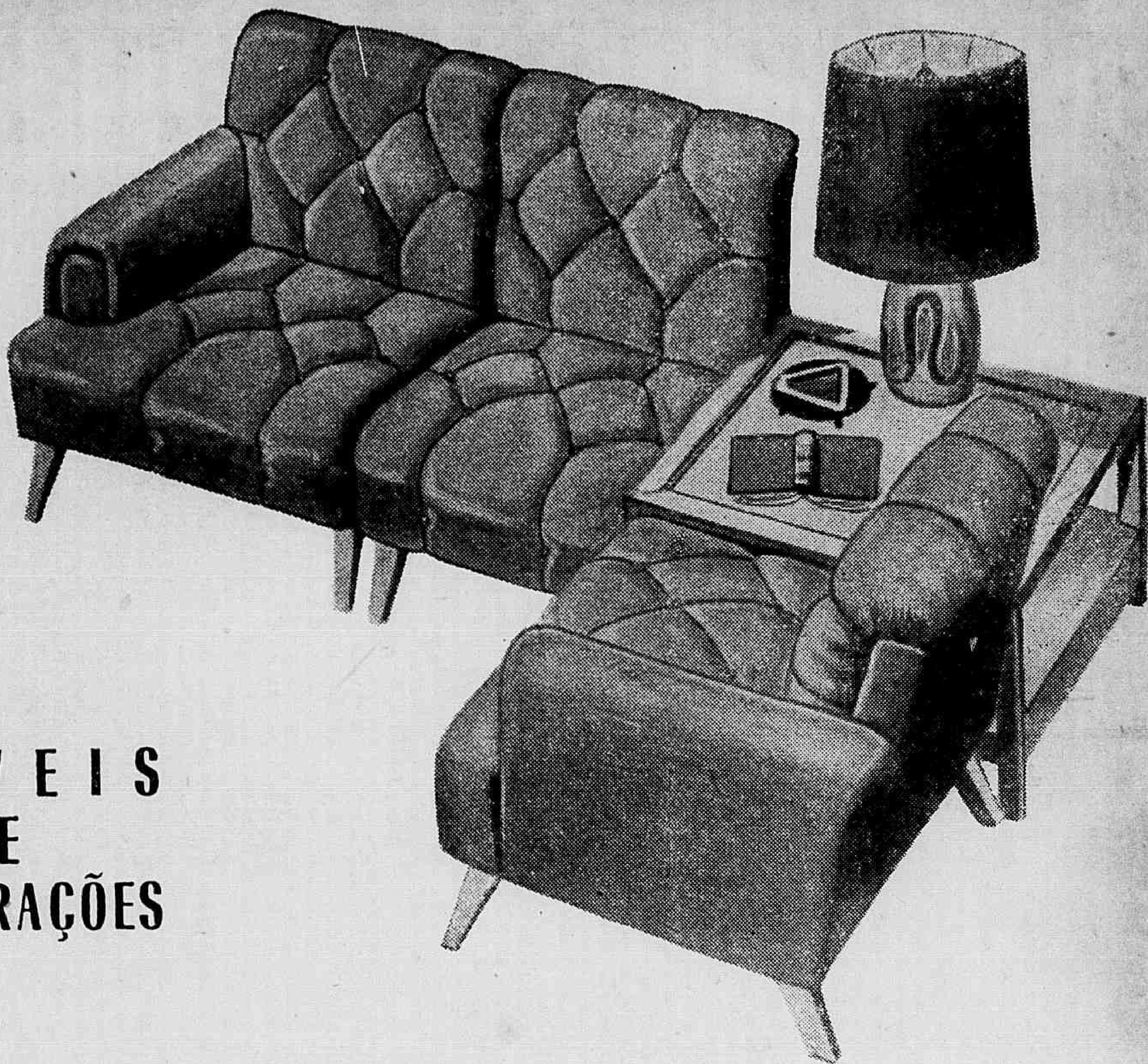
BOLOS, BISCOUTOS e MINGAUS de

CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos



MÓVEIS
E
DECORAÇÕES

TAPÊTES E PASSADEIRAS
de forração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS
especialidade de nossas oficinas





65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

AVENTURA • SENSAÇÃO • INTERESSE



TUDO PORÉM DENTRO DE UM INFLEXÍVEL CRITÉRIO DE SELEÇÃO

É o que os leitores encontram em algumas histórias que completam os mil assuntos diversos do

"ALMANAQUE EU SEI TUDO"

Á VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL POR Cr$ 25,00

Informações sôbre o Ano — Calendário Católico e Calendário Israelita

•

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR RICAMENTE ILUSTRADOS

•

Um magnífico e empolgante romance: "ESTRÊLA DA MANHÃ"

HISTÓRIAS PARA ADULTOS E PARA CRIANÇAS, PARA O HOMEM E PARA A MULHER

ANEDOTAS ★ CHARADAS ★ CURIOSIDADES SÔBRE A VIDA ★ NOTAS PARA O LAR QUEBRA CABEÇAS ★ PASSA-TEMPO.

Leia o "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um livro com cêrca de 400 páginas escolhidas e feitas para todos os gostos do público

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

"PERNAMBUCO *falando para o* MUNDO"



Em qualquer parte
do Brasil
ou do Mundo
é ouvida
com absoluta
eficiência
e perfeição
a voz potente
do

RADIO JORNAL DO COMMERCIO

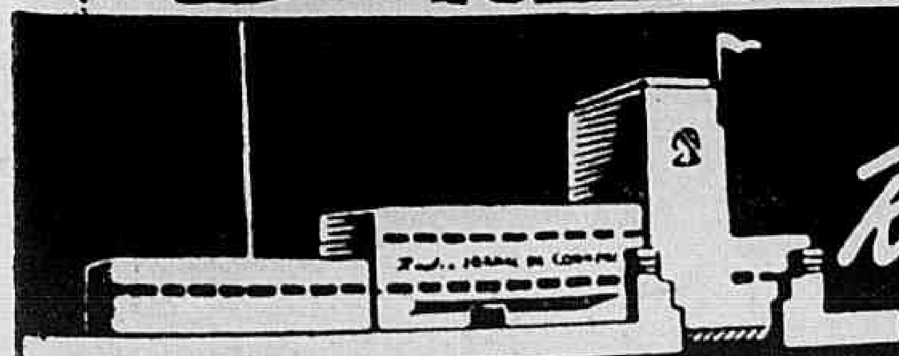
Sempre no ar, a serviço de ouvintes e anunciantes, duas **ONDAS CURTAS** dirigidas e uma **ONDA MÉDIA**

Onde quer que Você esteja
ligue o seu receptor para
estas frequências:

PRL-6
780 Kcs. Onda de 384,6 mtrs.

ZYK-2
15.145 Kcs. Onda de 19,81 mtrs.
6.085 Kcs. Onda de 49,3 mtrs.

ZYK-3
9.565 Kcs. Onda de 31,37 mtrs.
11.825 Kcs. Onda de 25,37 mtrs.



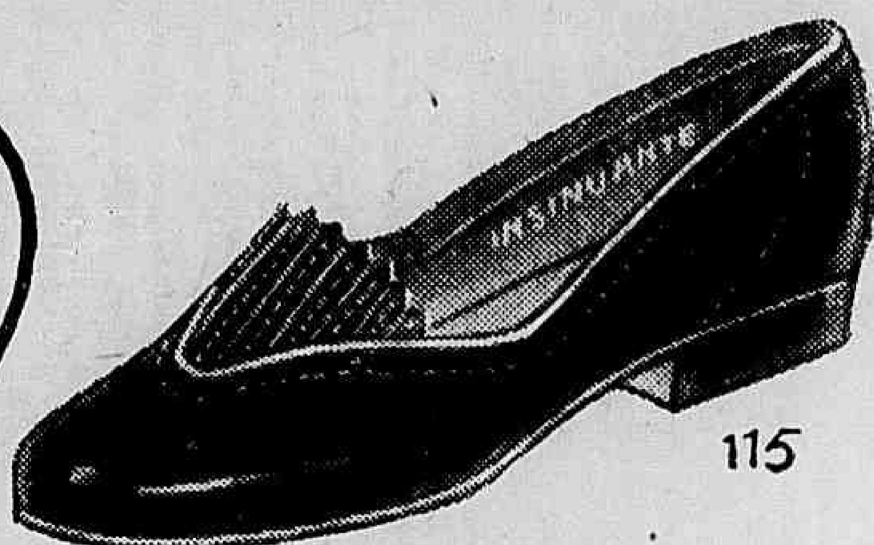
Radio JORNAL DO COMMERCIO

RECIFE PERNAMBUCO BRASIL

Propriedade da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A. - Rio: R. México, 164-9º - S. Paulo: R. Formosa, 409-3º

CREAÇÕES DE Mister JAMES PARA A SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE!

INSINUANTE
A Sapataria mais querida da Cidade.



115



116



117



118

CR$ 150,00

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS
NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO

Em diversas côres e combinações numeração de 32 a 38

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

AT. SEMOG/.

insinuante

CARIOCA, 46-48 – SETE SETEMBRO, 199 - 201



Diretor: GRATULIANO BRITO

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

A EMBUSTEIRA

Por ALFONSE DAUDET

..Apareceu na sua vida como uma estrêla no caminho. E, desde êsse instante, foi a sua inspiração, a musa de sua arte. Até que, um dia, o destino o colocou cruamente diante da verdade, ou melhor: d i a n t e da mentira, pois só isso foi o incendiado amor que os envolveu com as palavras fingidas daquela formosa mulher...

★

— Só amei a uma mulher em minha vida — dizia-nos, um dia, o pintor D... — Passei com ela cinco anos de completa felicidade, de alegrias tranqüilas e fecundas. Posso mesmo dizer que a ela, só a ela, devo a minha celebridade de hoje; de tal maneira o trabalho, ao seu lado, era fácil para mim, e a inspiração natural.

Desde que a encontrei pareceu-me que sempre havia sido minha. Sua beleza, seu caráter, respondiam a todos os meus sonhos.

Aquela mulher não me deixou nunca. Morreu em minha casa, em meus braços, amando-me...



— Minha sobrinha! Mas se não tenho nenhuma sobrinha! O senhor deve estar enganado.

Pois bem, quando penso nela, faço-o com cólera. Se procuro representá-la tal como a vi, durante cinco anos, em todo o esplendor do amor, com sua alta estatura ondulante, sua palidez dourada, seus traços de judia do Oriente, corretos e finos, no rosto um pouco avultado; seu falar lento e aveludado como o seu olhar; se procuro dar um corpo a essa visão deliciosa, é para poder melhor dizer:

— Odeio-te!

Chamava-se Clotilde. Na casa de uns amigos, onde nos encontramos, era conhecida com o nome de Mme. Deloche e acreditavam que fôsse viúva de um capitão da marinha.

Na verdade, parecia haver viajado muito. Quando falava, ocorria-lhe dizer de repente: **"Quando estive em Tampico..."** ou então: **"Uma tarde, no pôrto de Valparaíso..."**

Afora isso, nada em seu ar nem em sua linguagem fazia pensar

na vida nômade; nada traía a desordem, a precipitação das partidas rápidas e das bruscas chegadas.

Era parisiense, vestia-se com gôsto adorável, sem êsses espaventos e gestos excêntricos, pelos quais se conhece as espôsas dos oficiais e marinheiros, perpètuamente vestidas para viajar.

Quando compreendi que a amava, minha primeira, minha única idéia foi a de pedi-la em casamento. Alguém se encarregou de falar-lhe por mim. Ela respondeu, simplesmente, que não tornaria a casar nunca. Desde então evitei vê-la de novo. E como meu pensamento estava demasiadamente absorvido, e ocupado para permitir-me o menor trabalho, resolvi viajar.

Estava fazendo meus preparativos de partida, quando uma manhã, em meu próprio apartamento, entre a confusão dos móveis abertos e das maletas escancaradas, vi, com grande estupefação, entrar Mme. Deloche...

— Por que vai partir? — perguntou-me docemente — Por que me ama? Eu também o amo... Apenas (sua voz tremeu um pouco), apenas não posso casar... **porque sou casada!**

E contou-me a sua história.

Tôda uma novela de amor e de abandono. Seu marido bebia, batia-lhe. Separaram-se ao fim de três anos. Sua família, da qual parecia estar muito orgulhosa, ocupava alta posição em Paris, porém desde o seu matrimônio não havia querido tornar a recebê-la.

Era sobrinha do grande rabino. Sua irmã, viúva de um militar de alta graduação, havia casado em segundas núpcias com o Conservador Geral do Bosque de Saint Germain. Quanto a ela, arruinada por seu marido, havia conservado, felizmente, de uma educação muito cuidada e muito completa, conhecimentos que eram para ela um recurso. Dava lições de piano em casas ricas, na Chaussé d'Antin, Faboug Saint-Honoré, e assim ganhava a sua vida...

A história era emocionante, porém um pouco longa, cheia dessas bonitas reiterações, dêsses incidentes intermináveis, que tornam tão intrincadas as narrativas femininas. Por isso, precisou de vários dias para contá-la.

Havia alugado, na avenida da Imperatriz, entre as ruas silenciosas e praças tranqüilas, uma pequena casa para os dois. Ali teria passado todo um ano, ouvindo-a, contemplando-a, sem pensar em trabalho. Foi ela, porém, quem me fêz voltar ao meu estúdio e, por minha vez, não pude conseguir que ela deixasse de dar as suas lições.

A dignidade de sua vida, em que punha tanto cuidado, muito me impressionava. Admirava aquela alma orgulhosa, sentindo-me ao mesmo tempo um pouco humilhado diante da sua vontade inquebrantável de tudo dever ao seu trabalho.

Durante o dia estávamos separados, reunindo-nos, ùnicamente, à noite no nosso ninho.

Com que felicidade voltava para a nossa casa, tão impaciente quando tardava a chegar, e tão alegre quando a encontrava ali, por haver chegado antes de mim!

De suas corridas através de Paris, trazia-me **bouquets**, flores raras e adoráveis. Constantemente eu a forçava a aceitar algum presente; porém ela me dizia rindo que era mais rica do que eu. Na verdade, as suas lições deviam render muito, pois sempre se vestia com elegância cara, e o vestido prêto que continuava usando por uma faceirice de pele e de beleza, tinha reflexos de veludo, brilhos de cetim e de tafetá, encaixes sedosos onde os olhos assombrados descobriam, sob uma simplicidade aparente, mundos de elegância feminina nos mil diferentes reflexos de uma só côr.

Por outra parte, segundo dizia, seu ofício não era penoso. Tôdas as suas discípulas, filhas de banqueiros e de agentes da Bôlsa, a adoravam, respeitando-a. E mais de uma vez me exibiu um bracelete ou um anel, que lhe haviam dado em reconhecimento por seus desvelos.

Fora do trabalho não nos separávamos nunca; não íamos a nenhuma parte. Ùnicamente, aos domingos, ia ela a Saint-Germain, visitar a irmã, a espôsa do zelador geral, com os quais recentemente havia feito as pazes. Eu a acompanhava à estação. Voltava à noite e, em geral, quando chegavam os longos dias do verão, marcávamos um encontro em uma estação do trajeto, à margem do rio ou do bosque.



Estava fazendo meus prepara abertos e das maletas escanca

Contava-me, então, a sua visita, falava-me do bom aspecto que tinham as crianças, o ar feliz do casal. Aquilo me feria, por ela mesma, privada para sempre de uma verdadeira família e, assim, redobrava a minha ternura para que esquecesse, talvez, a nossa posição falsa, que por certo punha em cruel provação uma alma da sua têmpera.



...tivos de partida, quando uma manhã, em meu próprio apartamento, entre a confusão dos móveis ...radas, vi, com grande estupefação, entrar Mme. Deloche...

Que tempos ditosos, de trabalho e de confiança! Eu não suspeitava nada. Tudo o que dizia tinha um ar tão verdadeiro, tão natural... Só lhe censurava uma coisa. Algumas vêzes, falando-me das casas onde ia lecionar, das famílias de suas discípulas, acudia aos seus lábios uma multidão de detalhes supostos, de intrigas imaginárias, que inventava a respeito de tudo. Ela, tão tranqüila, via sempre em seu redor a novela, e sua vida transcorria em combinações dramáticas. Aquelas quimeras perturbavam a minha felicidade. Eu, que teria preferido alijar-me do resto do mundo, para viver isolado com ela, achava que se ocupava com coisas indiferentes.

Porém, podia muito bem perdoar aquela extravagância numa mulher moça e desgraçada, para quem a vida fôra justamente uma novela triste, sem desenlace provável.

Ùnicamente uma vez tive uma suspeita ou, antes, um pressentimento. Um domingo não regressou. Eu estava desesperado. Que fazer? Ir a Saint Germain? Podia comprometê-la. Não obstante, depois de uma noite de espantoso tormento, havia decidido ir, quando ela chegou, muito pálida e visìvelmente perturbada. Sua irmã estava enfêrma. Tivera que ficar, para tratá-la. Acreditei no que me dizia, sem desconfiar daquele fluxo de palavras, que transbordavam à

menor pergunta, afogando sempre a idéia principal sob uma multidão de detalhes inúteis: a hora da chegada, um empregado pouco amável, um atraso do trem. Duas ou três vêzes, naquela semana, ficou novamente para dormir em Saint Germain. Depois, uma vez passada a enfermidade, voltou à sua vida regular e tranqüila.

Infelizmente, algum tempo depois foi ela quem, por sua vez, caiu enfêrma. Um dia voltou de suas lições, trêmula, empapada em suor febril. Declarou-se logo uma pneumonia, grave desde o primeiro momento e, em breve, segundo o médico, irremediável.

Senti uma dor louca, imensa. Depois, só pensei em tornar o mais doce possível as suas últimas horas. Eu conduziria aquela família que tanto amava, da qual se sentia tão orgulhosa, até ao seu leito de moribunda. Sem nada dizer-lhe, escrevi, primeiro, à sua irmã, em Saint Germain e, pessoalmente, fui à casa de seu tio, o grande rabino.

Em má hora cheguei! As grandes catástrofes revolvem uma vida até ao fundo, agitando-a em seus menores detalhes... Pareceu-me que o bom rabino se dispunha a jantar. Veio muito atarantado ao meu encontro, na ante-câmara.

— Senhor — disse-lhe — há momentos em que todos os ódios devem ser dominados...

Seu rosto respeitável se voltou para mim, com expressão assombrada.

Eu prossegui:

— Sua sobrinha está morrendo.

— Minha sobrinha! Mas se não tenho nenhuma sobrinha! O senhor está enganado.

— Oh! Peço-lhe, senhor; esqueça, por favor, êsses rancores de família... Refiro-me a Mme. Deloche, a espôsa do capitão...

— Não conheço essa Mme. Deloche; o senhor está enganado, afirmo!

E suavemente empurrou-me para a porta, considerando-me um mistificador. Eu devia ter, realmente, um ar estranho, de mistificador ou de louco. O que acabava de saber era tão inesperado, tão terrível... Portanto, ela me havia mentido? Por que? De repente me acudiu uma idéia... Conduzi-me ao enderêço de uma de suas alunas, de quem muito falava: a filha de um banqueiro muito conhecido.

Interroguei o criado.

— Mme. Deloche?

— Não é aqui, senhor.

— Sim... Eu sei. E' uma senhora que dá lições de piano à mocinha daqui...

— Aqui não temos qualquer mocinha e nem sequer temos piano. Não sei a quem o senhor se refere...

E bateu-me com a porta.

Não fui mais além em minhas investigações. Estava seguro de encontrar por tôda parte a mesma resposta e a mesma surprêsa desagradável.

Ao voltar para a nossa pobre casa, entregaram-me uma carta com o carimbo da agência postal de Saint Germain. Rasguei o envelope, sabendo de antemão o que continha. O zelador-geral tampouco conhecia Mme. Deloche. Além do mais não tinha mulher nem filhos.

Foi o golpe de misericórdia.

Assim, pois, durante cinco anos, cada uma de suas palavras havia sido uma mentira! Mil pensamentos enciumados me asaltaram a um só tempo e, loucamente, sem saber o que fazia, penetrei no quarto onde ela estava morrendo.

Tôdas as perguntas que me atormentavam caíram, juntas, sôbre aquêle leito de dor.

— Que ias fazer aos domingos, em Saint Germain? Onde passavas os dias? Onde ficaste, aquela noite? Responde!

E inclinei-me sôbre ela, buscando no fundo dos seus olhos, ainda orgulhosos e belos, as respostas que esperava com angústia. Porém ela permaneceu muda, impassível.

Tornei a dizer, tremendo de raiva:

— Não davas nenhuma lição! Estive em todos os lugares! Ninguém te conhece... De onde, pois, saíam o dinheiro, os vestidos, as jóias?

Lançou-me um olhar de uma horrível tristeza, e isso foi tudo...

Verdadeiramente, eu devia ter afogado tanta violência, deixando-a morrer tranqüila... Porém eu a havia amado muito! O ciúme era mais forte que a piedade. Continuei:

— Enganaste-me durante cinco anos; mentiste para mim, todos os dias, tôdas as horas... Conhecias tôda a minha vida e eu nada sabia da tua! Nada! Nem sequer o teu nome, pois êsse que usas não é o teu, não é verdade?... Oh! Embusteira... embusteira! Dizer que vais morrer e que eu não sei com que nome chamá-la... Vamos ver: quem és? De onde vens? Que é o que vieste fazer na minha vida? Mas... Fale! Fale qualquer coisa!

Tudo inútil! Em lugar de responder-me, volveu penosamente a cabeça para a parede, como se houvesse receado que seu último olhar me revelasse o seu segrêdo...

E assim foi como morreu a desgraçada! Morreu emascarando-se; embusteira até ao fim!

★

AS PÉSSIMAS REPUTAÇÕES...

Oberammergau, como se sabe, retomou suas representações do mistério da «Paixão», que circunstâncias políticas e internacionais haviam interrompido. De tôdas as partes da Europa os turistas se precipitaram para essa pachorrenta cidade alemã, sendo alojados... como era possível, isto é, muitas vêzes em casas de modestos habitantes, o que provocou, às vêzes, incidentes tais como o que vamos narrar.

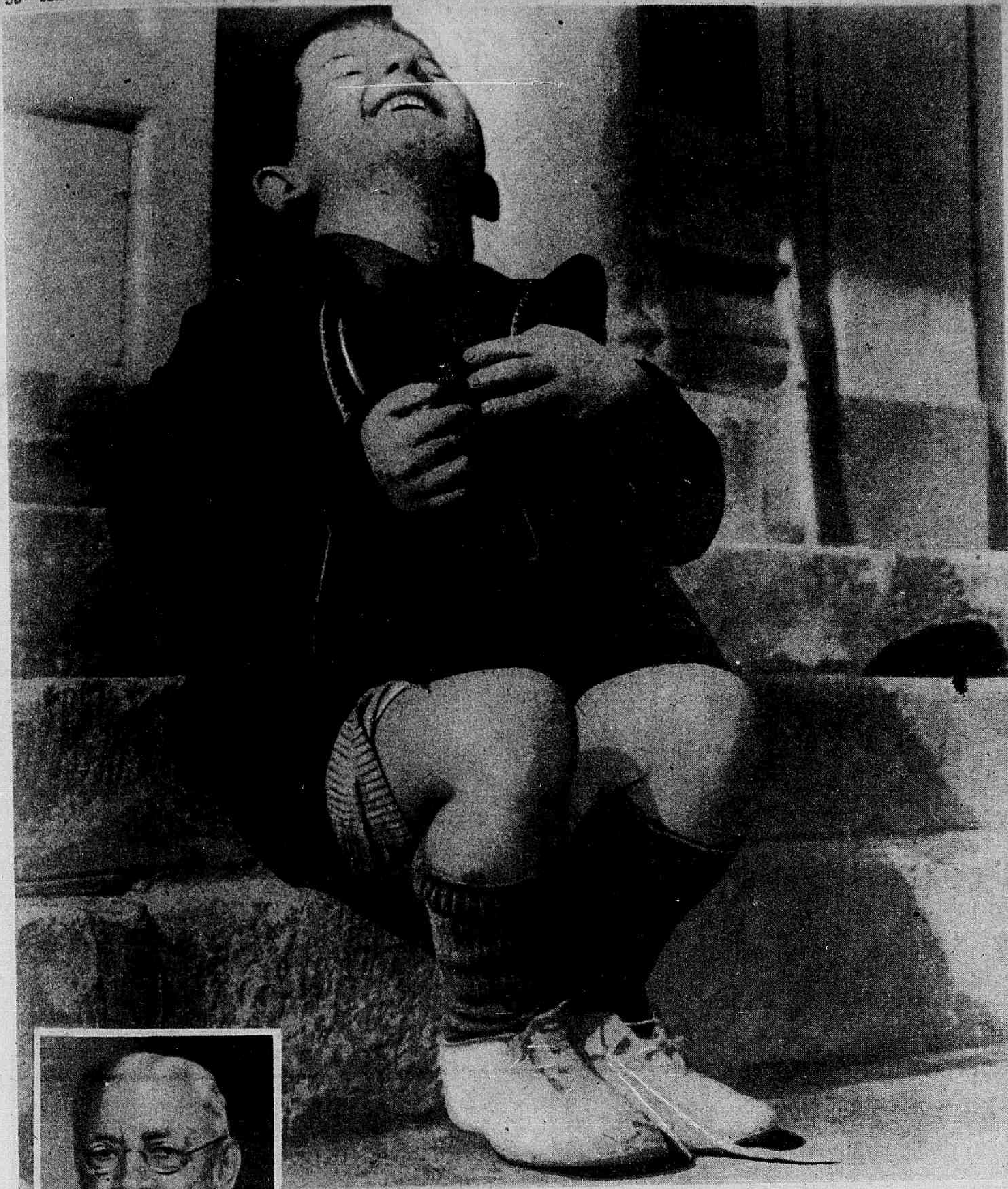
— **Misses** — disse o responsável pelo sindicato dos artistas a três velhas Inglêsas — Aqui têm o cartão de alojamento. Irão dormir em casa de Judas.

Gritos das interessadas, que recusam dormir sob o mesmo teto com êsse «triste personagem». Por mais que explicassem que «êsse Judas» era homem honesto, bom e trabalhador, e que apenas desempenhava o papel que lhe fôra atribuído, elas continuaram recusando.

— «Mil vêzes preferível dormir ao relento do que ter qualquer aproximação com indivíduo tão repugnante!

Finalmente foram alojadas em casa de Mateus...

...— Êssa, ao menos — disseram elas — não pensou em vender o nosso Salvador. Foi apenas um escritor...



«UM ATO DESINTERESSADO» — Um presente, enviado através da ONU, enche de felicidade êsse menino austríaco.

O MELHOR REMÉDIO

Pelo DR. FREDERIC LOOMIS

EXATAMENTE foi o que aprendi com os meus enfermos, nos últimos 25 anos. E' um dever apagar as lágrimas provocadas por um fato irreparável. Não as lágrimas por um amor perdido, mas as que são provocadas por coisas que ocorreram e podiam ser evitadas.

Sou apenas um médico — não um pregador. Mas os médicos também precisam conhecer a tristeza dos seus pacientes. Têm que ser um pouco filósofos e saber explicar com habilidade que ninguém pode viver como deseja, hoje ou futuramente, se tiver o pensamento prêso ao passado. Isso, em geral é fruto da futilidade, do mêdo e do prazer emocional, o que, de fato é covardia. O melhor remédio para fazer cessar êsse estado vicioso e mórbido é cuidar de não pensar tanto em si mesmo e começar a pensar um pouco nos que nos cercam. O simples fato de praticar um ato desinteressado, hoje, pode ter a fôrça de apagar o passado. O presente e o futuro voltam a empolgar como um verdadeiro desafio. Como médico tenho secado muitas lágrimas — e mais fàcilmente — com simples e sinceras palavras e com atos desinteressados que, mesmo, com a prescrição de drogas.

VOCÊ SABE

NÃO. Não fazemos a pergunta às crianças pequeninas, mas sim aos seus pais. Àqueles que tomam banho diàriamente porque sabem que não há nada melhor para manter o corpo limpo, fresco e agradável.

Êsses, muito provàvelmente, ficarão surpreendidos — e talvez mesmo ofendidos — se lhes dissermos que as suas idéias a respeito de banho são inteiramente atrasadas e erradas. Resumindo: seja lá como fôr que tomem banho, é muito provável que não o façam como convém.

Mas — é bom que saibam, desde já: quem afirma, de fato, não somos nós, simples porta-vozes de cientistas especializados, aos quais entrevistamos. Êsses cientistas, durante anos seguidos, realizaram investigações atentas e muitas vêzes penosas sôbre os hábitos do banho dos norte-americanos.

★

O SEGRÊDO — Êsses doutores e pesquisadores cientistas também a nós deram nova idéia a respeito do banho: o segrêdo de uma saúde melhor, maior fôrça vital, sonho tranqüilo e repousante, nervos calmos — e até mesmo vida longa — pode estar na nossa banheira. O essencial — dizem êsses doutores — é tomar o banho próprio no momento próprio.

Um exemplo: o leitor é torturado por insônias? Um indivíduo, que sofria dêsse mal, lembrou-se de consultar um médico e êste aconselhou-o da seguinte forma:

Mergulhar o corpo, simplesmente, numa banheira com água apenas tépida e ali permanecer, quieto, durante vinte e cinco minutos. A seguir, enxugar-se devagar e suavemente com a toalha macia e, finalmente, tratar de manter-se esperto, sem inércia ou "cochilos", até o instante de ir para a cama.

Não garantiu, porém, que com essa simples "fórmula" o indivíduo ficaria curado, pois — explicou — **a insônia pode ter causas várias e profundas e não ceder a êsse simples tratamento**, o qual, porém, ajuda muito a combater o mal.

A questão principal é cuidar de que a água esteja apenas morna — **não quente**; da mesma forma, é indispensável que o indivíduo use uma boa



TOMAR BANHO?

toalha, bem macia e agradável ao contato, não **uma qualquer**, dura e áspera, e que o indivíduo não se deixe "amolecer" desde logo, procurando, ao contrário, estar alerta até à hora de ir para o leito.

Três dias mais tarde, êsse indivíduo telefonava para o médico, anunciando:

— Minha insônia acabou... — disse êle — e quero agradecer o seu bom conselho, doutor. Mas, talvez o senhor possa explicar uma coisa: **por que motivo eu continuo a me sentir sonolento o dia todo?**

— Bem, isso pode ter uma causa principal — respondeu o médico — Com certeza o senhor começa o dia tomando um banho morno...?

Era de se jurar que o médico havia lido o pensamento do seu paciente, pois que acrescentou, apressado:

— "E' apenas um **palpite** de minha parte, pois não posso adivinhar o que o senhor fêz ou deixou de fazer. **Mas tenho verificado que os indivíduos que tomam banho quente pela manhã sentem-se inexplicàvelmente cansados o resto do dia.**

"Um banho quente é hoje considerado como um sedativo — **de fato um dos mais eficazes sedativos conhecidos.** Isso porque, quando o indivíduo se estira numa banheira torna a temperatura **fora do seu corpo** igual à temperatura **interior".**

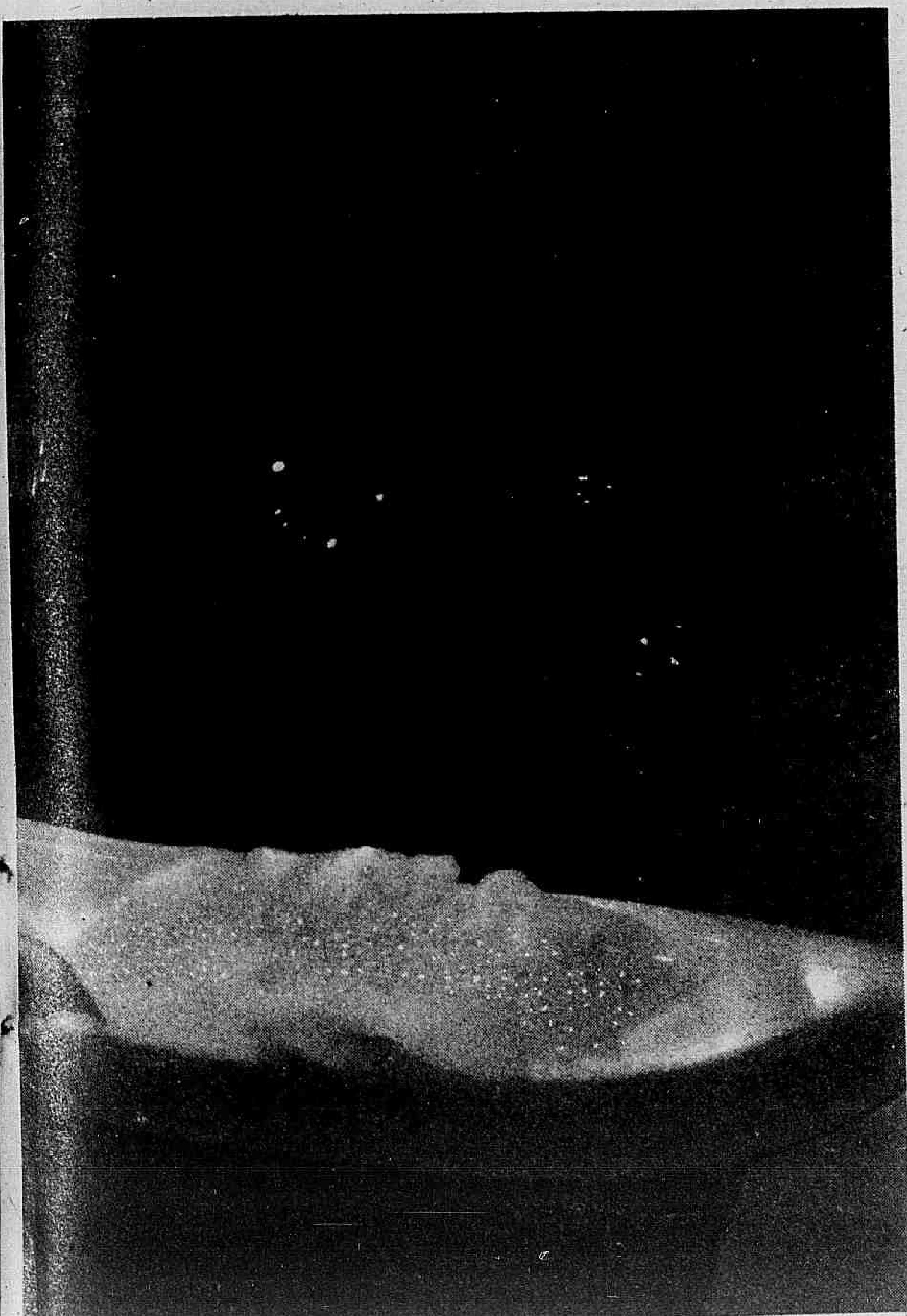
O paciente ficou um tanto perturbado e sem entender, exatamente, o que lhe dizia o médico, até que êste prosseguiu:

"O seu corpo não pode funcionar normalmente, **a menos que a temperatura interior se mantenha agradàvelmente constante** e invariável, apesar da temperatura atmosférica, exterior, sofrer constantes alterações. A sua pele — como o seu intrincado sistema de nervos e vasos sanguíneos — está formada especialmente para servir de **compensador** entre o ar flutuante, em redor do seu corpo, e os órgãos vitais internos do mesmo.

"Êsse intrincado mecanismo regulador da temperatura trabalha muito e sem pausa, quer o indivíduo esteja dormindo ou acordado. Se o mesmo senta numa banheira com água morna, mergulhando até o pescoço, livrando-se assim do ar ambiente, permitirá ao corpo ter completo repouso. Essa é a ra-



«Mulher preparando-se para um mergulho» — Bronze grego-etrusco do século IV, antes de Cristo (Museu de Munich).





Paulette Goddard, a linda estrêla do cinema norte-americano, prefere o banho de banheira e nêle fica meia hora, entre bolhas de sabão...

zão por que os banhos quentes são **excelentes, antes de deitar** e não muito aconselháveis quando despertamos, **pela manhã.**

BEM RÁPIDO — Que espécie de banho matinal é recomendado pelos médicos especialistas? Quente ou frio... **porém rápido!** Melhor será tomar **os dois,** alternadamente, **sempre ràpidamente.**

Quando o paciente abriu a bôca para perguntar **"por que"**, o médico o interrompeu, declarando:

— "Ah! Essa é uma longa história! Porém tenho um colega, fisiologista, que terá o maior prazer em explicar o assunto:

O fisiologista, de fato, não tardou a entrar diretamente no assunto:

— "Quando um indivíduo sai da cama e entra num banho quente, misteriosas coisas começam a acontecer: os vasos sanguíneos se contraem, a temperatura do corpo começa a cair, como cai também o seu oxigênio interior, ao mesmo tempo que a respiração passa a ser menos profunda. Após alguns instante, o coração entra a bater um pouco acima do normal. Pràticamente, tôdas as glândulas ficam estimuladas.

"Isso é mais que suficiente para espertar qualquer indivíduo, especialmente se êle se esfrega vigorosamente e se enxuga com uma toalha áspera.

Suponhamos, porém, que êsse indivíduo decide permanecer na banheira e se banha em água fria. Imediatamente, os vasos sanguíneos se dilatam; o oxigênio interior aumenta e o pulso recrudesce uma segunda vez. O indivíduo poderá voltar para a cama, depois de um banho assim quente e frio, mas afirmo que não conseguirá adormecer. Ora, se o indivíduo tem um compromisso que o prenderá madrugada a dentro, depois de um dia de intenso trabalho, deve experimentar tomar um banho quente-e-frio, antes de sair de casa. Há de ver, então, que não terá que estar [...] para conter os desagradáveis bocejos. Melhor ainda, se tomar o banho **antes** do jantar. [...] os banhos, quente ou frio, obrigam o sangue a aflorar à pele e, nessas condições, retiram boa quantidade dêsse líquido vital dos órgãos internos. Se êle tomar banho **depois** de comer, isso talvez possa complicar — e paralisar — a digestão, com outras conseqüências mais ou menos graves. Isso não apenas não o ajudará muito a manter-se vivo e esperto, tôda a noite, como ainda por cima poderá ter como conseqüência provável, uma torturante dor de estômago."

O paciente, ouvida a explicação, resolveu seguir o conselho. Mas fêz ainda outra pergunta:

— Se eu sair para a rua, depois do meu banho frio, não estarei arriscado a apanhar um resfriado — **especialmente quando faz um tempo terrìvelmente frio?**

— "O banho frio jamais provoca resfriado em quem quer que seja — respondeu o médico textualmente — porém **um dos melhores meios para se apanhar um resfriado é sair do quarto de banho sem se haver enxugado completamente!** Responda, sinceramente: **o senhor tem o cuidado de enxugar perfeitamente as costas e a nuca?**

O paciente baixou os olhos, com ar culpado, enquanto o médico, entendendo, prosseguiu:

— "Ao contrário, os banhos frios devem ser adotados quando o tempo se mostra frio.

Isso pareceu um contrasenso ao paciente, que declarou francamente o que pensava.

— "Os banhos frios — replicou o médico — agem no sentido de contrair os vasos sanguíneos; isso impede que muito calor interno deixe o corpo. E, além do mais, quando o indivíduo toma um banho frio, o seu metabolismo normal aumenta assim como aumenta a temperatura do seu corpo, ao mesmo tempo que o seu sistema sanguíneo trabalha no sentido de contrabalançar o choque provocado pela água



O cantor patrício Carlos Galhardo prefere o banho de chuveiro — onde ensaia muito melhor a sua sua excelente voz...



Novo flagrante do banho de Paulette Goddard, onde há mais espuma de sabão que pròpriamente água.

fria. Resultado: o indivíduo passa a sentir calor agradável. Similarmente, se êle tomar banho quente, nos dias mais cálidos do verão, sentir-se-á bastante mais confortável e fresco. Isto porque a água quente age no sentido de dilatar os vasos sanguíneos e assim permite que boa quantidade de calor interno chegue à pele, saindo do corpo.

Porém o paciente não achou que era suficiente e do fisiologista, passou a entrevistar um professor numa escola de medicina.

A primeira coisa que êle disse — lamentando — foi que **muita gente jamais toma banho frio!** De fato, muitas pessoas são alérgicas ao frio. Apanham dores de cabeça e são prêsas de acessos de espirros... tôda vez que entram num banho frio; depois, naturalmente, acusam única e exclusivamente **a água!**

A TRAGÉDIA DO BANHO FRIO — Muitos dêsses indivíduos tomam banho frio convencidos de que assim ficarão mais robustos e ganharão maior resistência às enfermidades, ficando portanto encouraçados contra mil e um pequeninos males... Infelizmente saem dêle sentindo-se, ao contrário, doentes e miseráveis!

Eis quatro conselhos médicos que convém seguir com muita atenção:

1 — Colocar a mão sob o jôrro de água fria de uma torneira, assim deixando ficar durante cinco minutos. Se não inchar, avultando consideràvelmente, isso significa que o indivíduo pode tomar banho frio sem mêdo.

2 — Se um indivíduo toma um banho frio e dêle sai com os lábios azulados e a pele viscosa (pegajosa), provàvelmente não deverá continuar tomando tal classe de banho. Um banho frio deve deixar a pele fresca, corada e mesmo como abrasada. Se isso não ocorre, então o banho quente é mais aconselhável para êsse indivíduo.

3 — Se um indivíduo julga que **não gosta** de banhos frios, não deve dar ouvidos aos que o animam a tomá-los. O instinto natural de uma pessoa pode ser **notàvelmente certo** em muitas ocasiões e para várias coisas.

4 — Nunca é aconselhável fechar **à chave** a porta do banheiro, quando se está tomando banho. Segundo afirmou um médico: **"Os povos da antiguidade tinham muita razão quando tomavam banhos... públicos!:** Muita gente recuará diante da sugestão de deixar a porta apenas encostada ou simplesmente fechada com o trinco, fácil de ser aberto; mas a verdade é esta: **ninguém deve trancar-se no banheiro... e ficar absolutamente isolado e sem recursos no caso de precisar de ajuda urgente.**

Depois de ler êsses conselhos, não podemos deixar de pensar que, talvez, os povos antigos fôssem mais felizes quando não pensavam em tomar tantos banhos, como é nosso hábito. Talvez não fôssem, realmente, tão limpos como nós, mas em compensação, não corriam tantos e tão sérios riscos, como os que nos ameaçam sempre que nos metemos numa banheira.

Entretanto, a seguinte declaração de um médico muito conhecido e acatado, acalmará o nosso mêdo. Disse êle:

— "As pessoas, simplesmente, não tomam banho segundo é recomendado. — afirmou — Deviam



O banho de Heddy Lamarr, em «Sansão e Dalila» foi muito comentado...

ir para a banheira de água quente depois de uma partida de tênis ou algum trabalho de jardinagem. No entanto, preferem tomar banho apenas morno ou frio. Isso é errado. Deviam, preferentemente, em tais ocasiões, tomar banho quente. Não "pelando", como se diz na gíria, mas apenas um banho quente, cêrca de vinte minutos, na banheira. Êsse é um banho tônico, estimulante e em muitos sentidos medicinal. Relaxa os músculos, castigados pelo esfôrço e o exercício, tonifica a pele e facilita a circulação do sangue, podendo ainda acalmar mais seguramente os nervos do que as drogas."

Estendeu-se ainda, falando com entusiasmo sôbre como muitos médicos, já hoje, são favoráveis ao apêlo ao banho de banheira, em substituição das drogas, como tratamento de inúmeros distúrbios, inclusive a neurite, a gota, as erupções da pele, o artristismo e certas desordens circulatórias.

CONSULTEM UM MÉDICO, PRIMEIRO — Entretanto, nem um só dos médicos, entrevistados sôbre o assunto, deixou que o paciente se afastasse sem uma recomendação final, que afirmaram ser muito importante. Um dêles chegou a fazê-la em forma de anedota, referente a uma mulher que conhecera.

— "A infeliz pensava ter **bursite** (inflação da bursa, óleo que lubrifica as junções ósseas e articulações), que lhe atacara um braço; alguém lhe havia dito que os banhos quentes eram excelente remédio para o seu mal e ela, entrou a tomá-los regularmente. **Infelizmente, piorou muito e decidiu consultar um médico.** A infeliz tinha uma grave forma de perturbação do coração e os banhos quentes não lhe eram de nenhuma ajuda..."

Por isso, o paciente tratou de ir para casa, já quase "formado" em assunto de banhos e tratou de acrescentar mais êste conselho à lista de anotações, que passamos a transcrever, aconselhando aos leitores uma leitura atenta da mesma.

QUATRO REGRAS PARA TOMAR BANHO

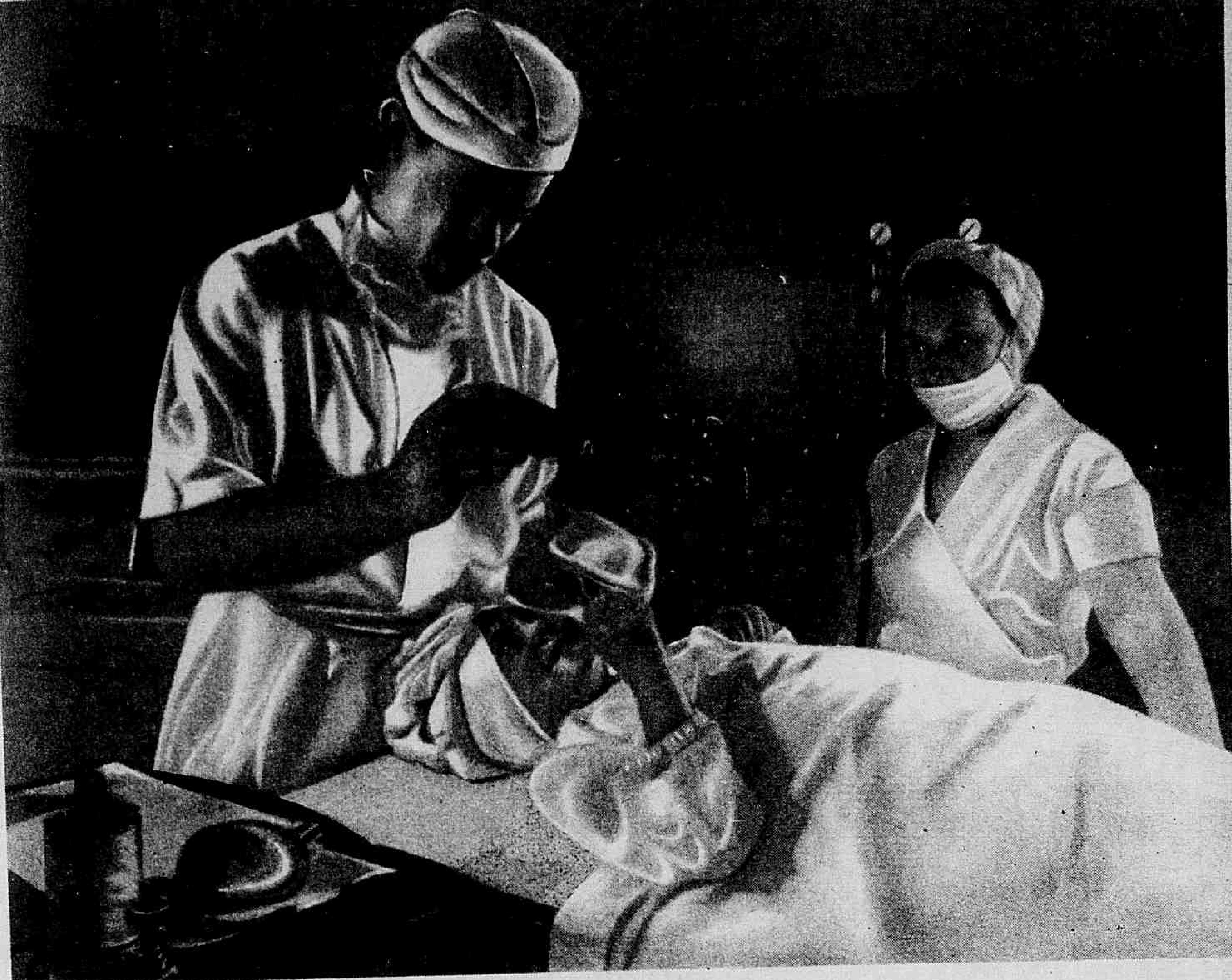
Tomar banho pode significar um fato muito mais importante do que muitos suspeitam. Aqui estão quatro sugestões que proporcionarão mais saúde e bem-estar:

1 — Se o indivíduo tem um sono difícil, à noite, deve procurar um longo banho morno, antes de ir para a cama.

2 — Se o indivíduo se sente cansado e "moleirão" durante o dia, deve começar tomando uma rápida ducha, alternando um jôrro quente e outro frio, logo ao saltar da cama.

3 — Se os nervos estão abalados e os músculos doloridos eis um bom remédio para acalmar e sarar êsses males: tomar um longo banho quente, mantendo o corpo imobilizado e os músculos relaxados.

4 — Se o indivíduo sente que tem qualquer transtôrno físico, deverá consultar um médico. Êste dirá que classe de banho deverá ser tomado.



O Dr. Vincent J. Collins demonstra, acima, como é feita a aproximação psicológica para anestesiar uma criança: um «pirolito», uma canção alegre e a máscara de éter com fragrância de hortelã!

Cante para eu dormir, doutor...

Por STEVEN M. SPENCER

«Agora, os médicos introduziram música nas salas de operação. Tudo o que o paciente tem que fazer é pedir algum trecho de Bach, Irving Berlim ou mesmo samba, fox ou «boogie-woogie», para dormir».

A situação, realmente, chegou a um ponto tal que a sala de operação se confunde com um salão de concêrto. O paciente ouve uma sonata de Mozart no momento em que recebe uma picada de agulha na espinha dorsal e a "Quinta" de Beethoven, quando o enfermeiro rola o seu corpo, para que fique de ventre para cima. Depois, enquanto o cirurgião está agindo em redor de seu apêndice, por certo ouvirá Judy Garland, cantando, talvez, **Somewhere over the rainbow.** Finalmente, dado o último "ponto", é levado de volta ao seu quarto e o inevitável comentário a respeito da operação, que acaba de sofrer, terá o fundo musical de qualquer coisa como "Pimenta nos olhos dos outros é refresco... — **A-cho-teú-ma-graça!**"

E' possível que tôda essa "serenata" não se **harmonize** muito bem com o caráter de um hospital, mas a verdade é que os técnicos em anestesia procuram, hoje, reduzir ao mínimo o choque emocional, nos operados, assegurando-lhes, a um só tempo, mais confôrto, mais serenidade e segura convalescença.

A música é, assim, oferecida como **prelúdio** para o estado de inconsciência — isto é: justamente antes da total anestesia — ou uma distração, para manter o espírito do paciente desviado da incisão, enquanto se acha sob a anestesia espinhal, que o deixa insensível, **porém acordado.** A grande maioria dos pacientes, submetidos a essas **melodias medicinais** — da mesma forma que os cirurgiões e enfermeiras — juram que essa foi uma das mais úteis e agradáveis inovações dos últimos anos.

Atualmente, poucos são os hospitais que estão dando **sinfonias** juntamente com o éter. O que está mais avançado, nesse processo — auxiliado por um grupo técnico do **Office of Naval Research** — é o Billings Hospital, da Universidade de Chicago, onde uma completa e moderna coleção de músicas fonográficas, em discos ou em fios contínuos, revive êsse velho processo auxiliar da medicina.

Anestesistas, em mais meia dúzia de hospitais dos Estados Unidos — no máximo — já estão empregando a música, porém em escala mais modesta — cantando "cantigas para fazer dormir", à cabe-

ceira dos pequeninos enfermos, nas salas de operações, por exemplo, enquanto inúmeras instituições já revelam o maior interêsse pelo desenvolvimento dêsse sistema.

Considerando que 9.000.000 de pessoas são levadas anualmente às salas de operação, a fim de receber anestesia (só nos Estados Unidos) a imensa e perigosa quantidade de gritos ou gemidos dos adultos e choros infantis, que agora serão levadas nas asas suavíssimas da música, chega a constituir um desafio **aos autores musicais.**

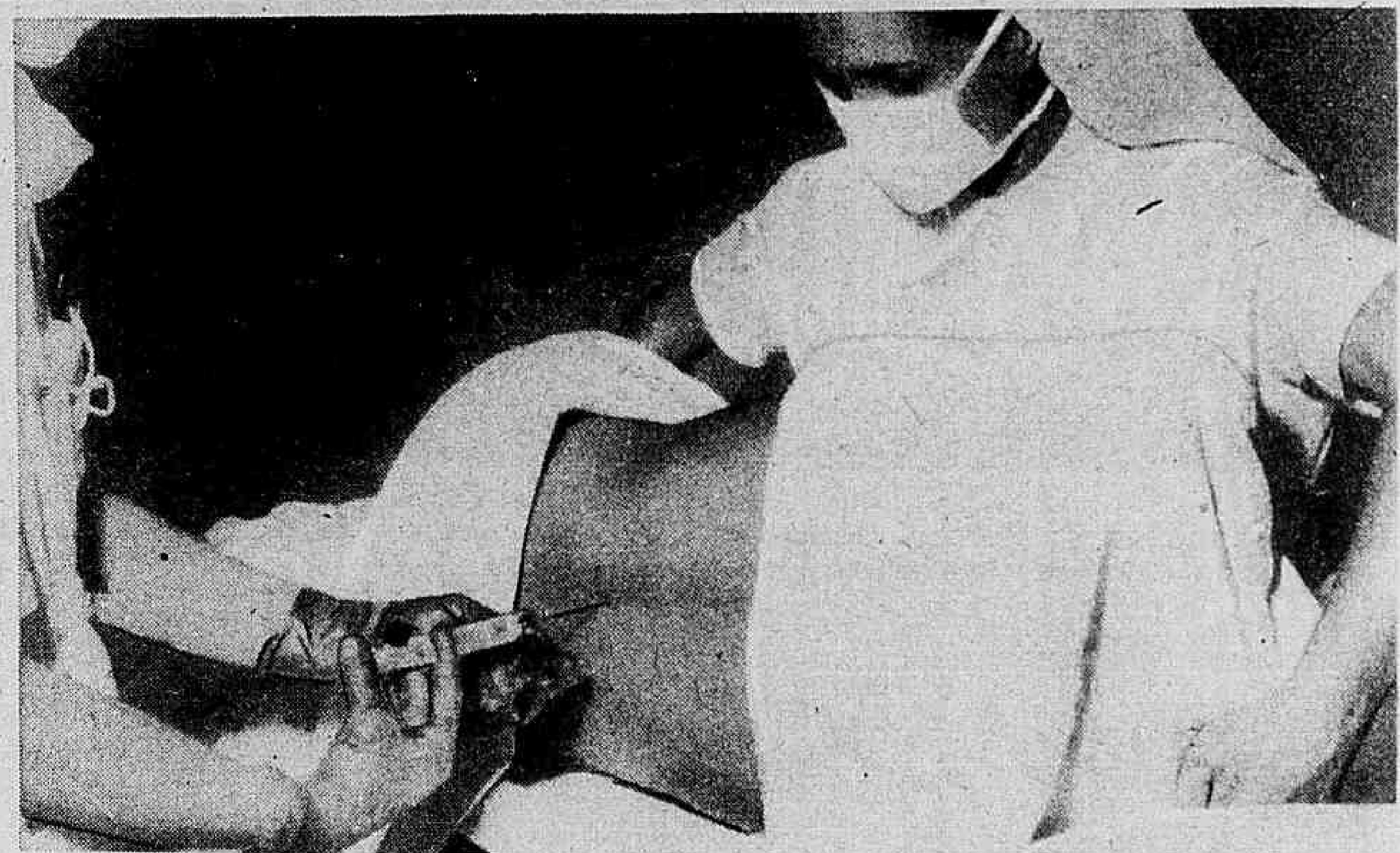
E a música é apenas **um** (embora o mais popular) entre os inúmeros recursos recentemente adotados e desenvolvidos no sentido de proporcionar mais confôrto e maior segurança à anestesia. Os aparelhos de oxigênio foram melhorados para garantir melhor suprimento de ar ao operado e, ao mesmo tempo prevenir os perigosos períodos de estarvação de oxigênio, que pode ter sérias conseqüências. A anestesia espinhal é, hoje, comumente usada em operações obstétricas. As mães as preferem porque não sentem dor e podem ouvir o primeiro vagido do filho.

De qualquer modo a ciência da anestesia se tornou excessivamente complexa, sendo hoje uma especialidade médica das mais difíceis e úteis, havendo — só nos Estados Unidos e Canadá — cêrca de 5.000 médicos que a ela dedicam todo o seu tempo. Hoje, êsse especialista tem muitos recursos químicos à sua disposição e, ao mesmo tempo, maior responsabilidade sôbre os ombros. Tem que selecionar o material e a técnica com a finalidade de proporcionar mais segurança ao paciente e melhores condições de ação para o cirurgião. Não apenas tem que observar atentamente o paciente, durante cada segundo da operação, como — já agora mais que há um ano — tem que observá-lo **antes** da operação, a fim de estar preparado para ampará-lo não apenas física como mentalmente, poupando-lhe emoções. Segundo o Dr. Henry Ruth, anestesista chefe do "Hahnemann Medical College", de Filadélfia, **"um paciente apreensivo exige maior dose de anestésico e tem anestesia menos satisfatória do que outro, mais calmo".** Atualmente a ansiedade

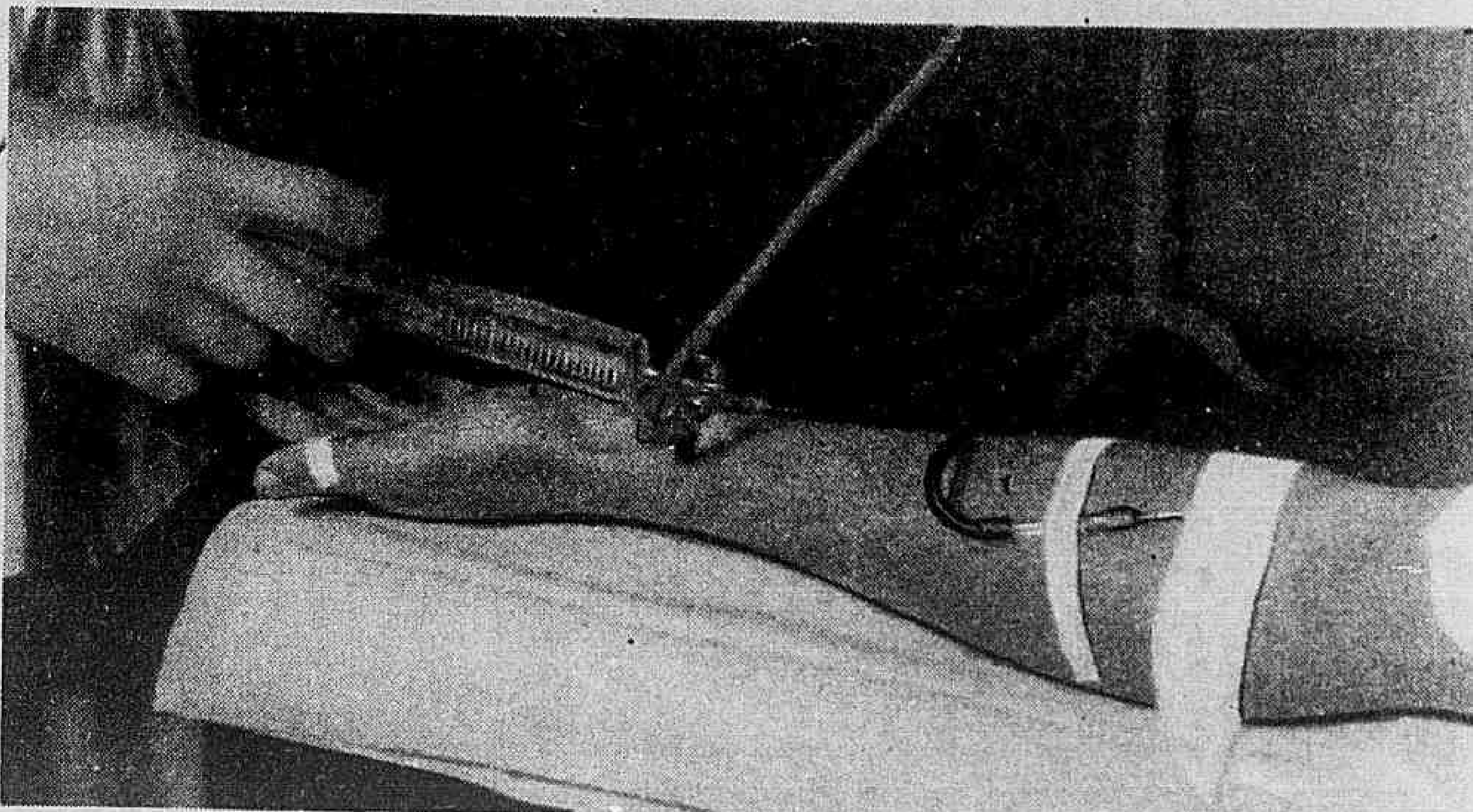
Vários processos de anestesia



A máscara de gás. Atualmente, antes dela, o preparo psicológico do paciente requer muita observação e paciência por parte do anestesista.



A anestesia espinhal (raquidiana). O paciente fica com a parte a ser operada totalmente insensível. Porém permanece acordado. Tudo vê e tudo ouve! Os médicos não querem que o paciente ouça o que conversam e também o tilintar dos ferros. Por isso tapam os ouvidos do operado com fones e dão-lhe... a música que prefere.



Outra forma de anestesia, atualmente empregada. Ela, só, não é bastante para o êxito total da operação. Um pouco de música tornará tudo mais fácil e confortável para o operado — e também para o operador.

como a apreensão, é considerada com o maior respeito e, segundo a experiência tem revelado, pode causar distúrbios mais graves que o bisturi do cirurgião. Por isso o anestesista procura vencer êsse obstáculo, com o emprêgo da psicologia e do senso-comum. Mais recentemente, conforme já mencionamos, têm apelado para a música.

Uma tranqüila, confortadora voz — falando ou cantando para o paciente — pode ser de grande ajuda, segundo opina o Dr. Vincent J. Collins, anestesista num hospital de Nova York, que acrescenta: **"A anestesia vocal é o mais velho sedativo que a medicina conhece — e voltamos a usá-lo mais uma vez."**

O errôneo método de forçar a criança ou de afastá-la repentinamente da companhia dos pais para levá-la para a mesa onde lhe é aplicada a máscara, tem prejudicado muitas operações. Seus gritos chegam aos ouvidos dos não menos agoniados pais. Tudo isso provoca uma excitação perigosa e, se a criança ingeriu algum alimento, acarreta vômitos angustiantes, seguidos de náuseas espasmódicas. Se, por outro lado, tudo é feito com o propósito de poupar emoções à criança e se os seus pais podem permanecer ao seu lado enquanto é administrado o anestésico, o pequeno paciente permanecerá muito mais calmo.

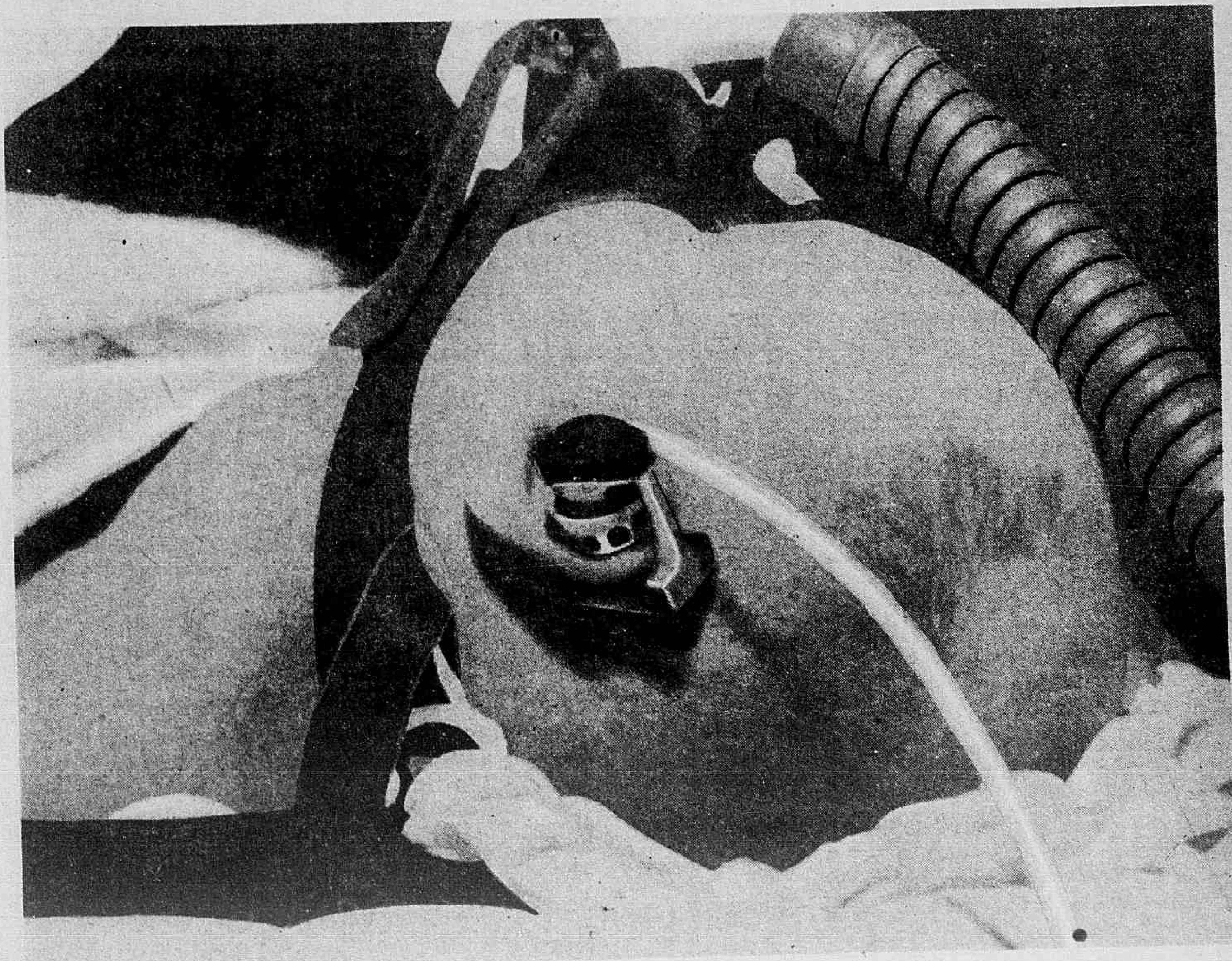
O uso terapêutico da música não é, naturalmente, coisa nova. 'E' mesmo tão velho como o próprio Egito e as encantações dos doutores que serviram aos Faraós. De fato, os povos da Antiguidade já conheciam os efeitos balsâmicos e envolventes da música. Os Gregos, por exemplo, acreditavam que as melodiosas notas de uma flauta aliviavam as dôres da ciática — e outras mais.

Os médicos modernos têm apelado para a música em diferentes ocasiões. Em 1892, o Dr. J. Ewing Hunter, afirmou num longo relatório que **"a música de piano, num hospital escocês, havia abolido ou diminuído grandemente a dor em muitos pacientes, sendo que em sete de cada dez enfermos, a febre havia baixado".**

Um dos primeiros a experimentar música fonográfica na sala de operação foi o Dr. Evan O'Neill Kane, no "Kane Hospital" de Pennsylvania.

A música teria sido empregada muito mais largamente, nos tempos passados, se não dependesse de poder extra-humano. Essa dificuldade parece ter sido vencida definitivamente pelo uso dos aparelhos de gravação magnética. Êsse progresso foi devido, em grande parte, a Joel Willard. Servindo agora na Diretoria do "Chicago Musical College", que possui um **Departamento de Musicoterapia,** foi êle o inspirador da introdução da música gravada em fio contínuo numa sala de operação, depois de ouvir uma enfermeira comentar com desagrado quão perigosamente emocionado ficara um paciente, ao ouvir a palestra dos cirurgiões e o tilintar dos instrumentos de cirurgia, no correr da operação feita com anestesia espinhal.

O «ôlho elétrico» do «oxyhemographo», colocado no ouvido do paciente, revela as mudanças na côr do sangue, avisando se o suprimento de oxigênio cai abaixo do nível de segurança para a vida do operado.





Joel Willard, ajustando o aparelho transmissor que idealizou para as salas de operação. A máquina tocará durante horas seguidas; só o paciente ouvirá êsse concêrto, que êle próprio escolheu.

— Por que não tapar os ouvidos do operado com dois fones auditivos, de maneira a que não possa ouvir os ruídos próprios de uma sala de operação e, ao contrário, dar-lhe música sedutora? — sugeriu Willard.

— Essa é uma ótima idéia! — declarou a enfermeira (nem ela nem Willard, a êsse tempo, tinham ouvido falar nas anteriores experiências nesse sentido) — Por que não consulta os médicos sôbre essa possibilidade?

Assim Willard levou o seu plano ao "Billing" Hospital", da Universidade de Chicago, e, mais especialmente, ao chefe do seu departamento de anestesia, Dra. Huberta M. Livingstone, que é também professôra de cirurgia e, na vida privada é a Sra. William E. Adams, espôsa de um cirurgião de nomeada. Ela e uma colega, a Dra. Geraldine A. Light, aceitaram imediatamente a sugestão e, com Willard, trataram de escolher a música apropriada e obter todo o equipamento necessário e feito de acôrdo para não interferir com as demais atividades próprias do chão de uma sala de cirurgia.

Willard desenhou um aparelho de dimensões reduzidas e capaz de tocar o dia inteiro e repetindo o programa sòmente cada quatro horas.

Na noite anterior à operação, o anestesiologista vai ao quarto do paciente, aproxima-se de sua cabeceira, de lápis em mão e tendo a ponta pousada sôbre uma fôlha de caderno, como um atento secretário pronto para receber e anotar uma ordem. Então pergunta, risonho:

— Que gênero de música o senhor prefere ouvir? Temos clássica, semi clássica, popular, canções infantis e histórias...

Depois de voltar a si da surprêsa diante dêsse inesperado serviço, o paciente faz a sua escolha (mais da metade dos internados no Billing Hospital escolhe música semi-clássica; 30% prefere música popular e apenas 9% escolhe a clássica).

Na sala própria, enquanto o paciente é preparado para a operação, o anestesista prepara os fones e o aparelho transmissor e, quando o paciente está pronto para seguir para a sala de operação (no caso de ir receber anestesia espinhal) dois auriculares de tipo leve e cômodo são colocados em seus ouvidos. O anestesista fica com o contrôle do som, graduando o seu volume à vontade.

A música é uma distração tão efetiva que, freqüentemente, quando a operação já vai chegando ao fim, o paciente pergunta:

— **"Quando vão começar?"**

A maior parte das operações abdominais, no Billing Hospital é executada com anestesia espinhal, que deixa o paciente consciente. Os cirurgiões gostam de ter a música nos ouvidos dos operados porque assim podem conversar livremente à proporção que a operação se desenvolve (processo êsse indispensável, quando vários alunos estão presentes). Os pacientes, com os ouvidos cobertos pelos auriculares, não podem ouvir o que dizem os médicos.

Uma linda criatura, muito moça e inteligente, tivera ocasião de ouvir o que diziam os médicos entre si, numa operação anterior... e não quis mais saber disso.

— **"Os médicos falam muita coisa complicada entre si e confesso que não poderia suportar novamente essa provação."** — dises ela — **Repentinamente um dêles assobiou levemente entre os dentes e eu pensei, quase morrendo de medo: Chiii... A coisa deve estar "preta" para mim!"**

Depois, sorrindo, acrescentou:

— **"Desta vez tudo foi diferente! Ouvi um belo concêrto de Bach em vez das vozes apressadas dos cirurgiões. Muito melhor, portanto!"**

Em uma ocasião, porém, um homem que parecia ouvir muito satisfeito uma bela canção romântica, repentinamente começou a empalidecer e a tremer. O anestesista retirou o auricular do paciente, colocando no próprio ouvido. O que ouviu foi uma voz grave e arrastada ditando cruamente... **"fígado, granuloso e amarelado... rim, macio e inflamado, com degeneração adiantada do epitélium tubular..."** Aquilo não era, como suspeitara o paciente, a descrição dos seus próprios órfãos, mas um relatório patológico ditado por outro médico para a máquina de gravação, poucos dias antes e que, por esquecimento, não fôra retirada do fio fonográfico.

Todo êsse cuidado e êsse progresso no campo geral da anestesia não tem simplesmente tornado as operações mais seguras e menos desagradáveis para os operados; tem igualmente melhorado a ação dos cirurgiões. Hoje podem êstes executar delicadíssimas operações no cérebro, no tórax ou no abdomen — algumas com a duração de cinco ou seis horas — ùnicamente devido ao avanço na ciência e na arte de adormecer o paciente.



PRÍNCIPES CHEFES — Rei Idris, governador real e espiritual da Líbia (centro) ouve, em Trípoli, o discurso do Primeiro Ministro Muntasser, que é também o Ministro do Exterior.



A Líbia encontra a liberdade e... problemas

ESSA ANTIGA COLÔNIA ITALIANA, NA ÁFRICA DO NORTE, E' O PRIMEIRO PROTETORADO DA O.N.U. A ALCANÇAR A INDEPENDÊNCIA. PARA SOBREVIVER PRECISA ELA DA AJUDA ECONÔMICA DO OCIDENTE. EM TROCA AS POTÊNCIAS OCIDENTAIS GANHAM UMA POSIÇÃO VITAL NA ESTRATÉGIA ATUAL DO NOSSO GLOBO.

Por DON COOK

VASTA porção do norte africano conquistou, no derradeiro mês de 1951, a responsabilidade de se governar, sob o nome de **Reino Unido da Líbia.** Foi êsse o primeiro protetorado das Nações Unidas a conquistar a independência. Por êsse motivo, o fato foi festivamente comemorado pelas potências ocidentais. No outro lado do mundo, ao contrário, houve apreensão. Mas...

★

Os Estados Unidos estão muito satisfeitos e tratarão, por certo, de favorecer um govêrno **estável** na Líbia, pois que tôda essa recortada costa mediterrânea, onde há 150 anos lutaram os Norte-americanos, contra os piratas da Barbaria, tornou-se muito mais importante, estratègicamente, hoje. Ali, o gigantesco Whelus Field (base norte-americana próxima de Trípoli) está à distância de vôo da maioria das capitais européias.

Porém a Líbia é, ao mesmo tempo, um dos países mais pobres do mundo. Os seus recursos naturais são bem magros e, por isso, seus habitantes, num total oficial de 1.340.000, não possuem qualquer economia. Além disso, êsse não é, como se intitula (não é, **ainda** — convém frizar) um **reino unido.** A declaração da independência pelo rei Idris I, em 24 de dezembro de 1951, festejada entusiàsticamente em sua própria capital, Bengazi, foi recebida com indiferença em Trípoli, segunda capital e a maior cidade da Líbia.

MONARQUIA CONSTITUCIONAL — Não obstante, logo na sua primeira semana de independência, a Líbia como integrante da ONU, tornou-se o oitavo membro da Liga Árabe, recebendo representações estrangeiras.

Um primeiro ministro com um gabinete de seis membros, escolhidos sob a orientação da comissão da ONU, assumiu o poder no dia 24 de dezembro,

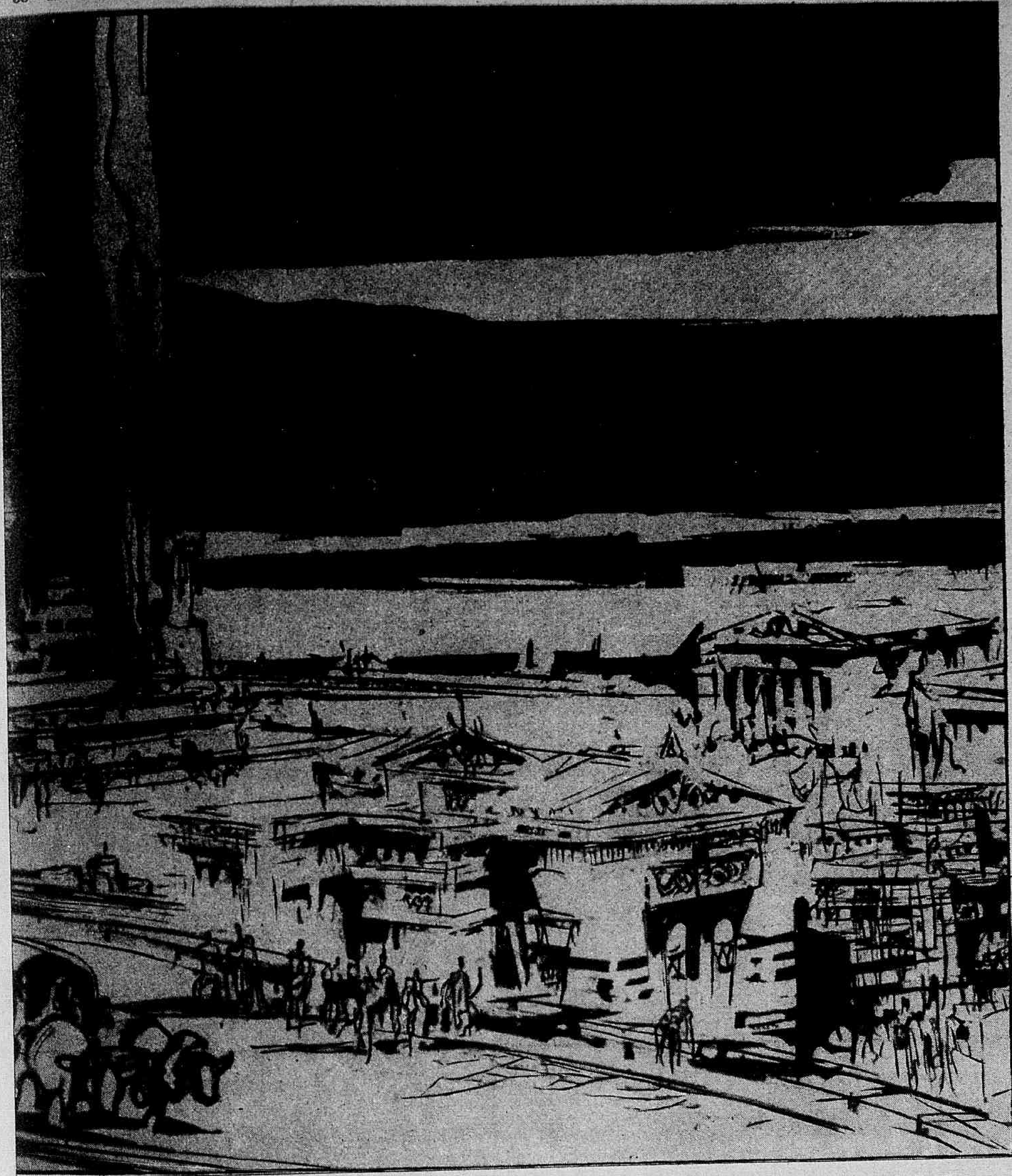


AS GLÓRIAS DA ANTIGA CYRENA, DA QUAL A MODERNA CIRENAICA TOMOU NOME, NUMA século VI, antes de Cristo; no centro, o Altar Principal, diante do Templo de Artemisa; no primeiro muitos das quais foram postos à luz, por recentes escavações. Uma delas pode ser vista ao lado do de uma jovem deidade egípcia, Ápis, e um monumento a Sócrates,

depois da assembléia nacional, em outubro, haver aprovado a constituição. Foi estabelecida uma monarquia hereditária, com sistema federativo de govêrno para as três antigas colônias italianas: **Tripolitânia, Cirenaica** e **Fezzan** — esta última um vasto deserto Estado, com uma população de quarenta mil nômades.

O REI É AMIGO DA INGLATERRA — O comando real e religioso, que desempenha relevante papel na política árabe, coube a Sayed Mohammed Idris el Senussi, Emir da Cirenaica, um velho amigo da Grã Bretanha e que muito agiu no sentido de enviar a população árabe dos seus Estados (que fazem fronteira com o Egito) para o seio das fôrças britânicas que, no deserto, lutavam contra o **Afrika Korps** de Rommel e das divisões italianas, de 1940 até 1942. Em troca obteve da Inglaterra a formal promessa de que a Cirenaica jamais retornaria ao domínio italiano; agora é êle o rei da Líbia confederada, tendo sido instalado com grande e pomposo cerimonial em dezembro do ano último.

Sôbre todo êsse setor norte-africano flutua a bandeira nacional da Líbia — prêto, verde e vermelho, em barras horizontais dominadas pela estrêla e o crescente Moçulmanos. No dia 24 de dezembro de



RECONSTRUÇÃO DE WILLIAM WALCOTT — A esquerda, o Templo de Apolo, erigido por Bathus no plano, à direita, o Templo de Plutão. Cyrene foi famosa por suas estátuas e monumentos, fragmentos de templo de Artemisa, na forma de uma estátua de Tthena e, distanciada de poucos metros, a estátua cujo pupilo, Aristippus, ali fundou uma escola grega de filosofia.

1951, os administradores britânicos e franceses, que administravam a Líbia desde que Rommel fôra dali expulso, em 1943, passaram as rédeas do govêrno ao nascente Govêrno da Líbia.

Entretanto, as organizações preliminares para o estabelecimento de um govêrno livre, que seja o único responsável por seus atos, é coisa muito simples comparada com o problema criado desde o instante em que êsse govêrno fica instituído de maneira definitiva, como nação soberana e com a obrigação de dirigir uma nação das mais pobres, de área imensa e que, para mais agravar, está situada na parte mais sensitiva do mundo atual.

Para resumir as muitas complexidades do govêrno independente da Líbia a termos simples e que retratem fielmente a verdadeira situação, diremos que existem nessa terra de 1.140.000 habitantes, apenas 14 nativos com algum ensino escolar. Não podem ali ser encontrados (Árabes de nascimento) nem um só advogado, médico, enfermeira, dentista, agricultor especializado, economista ou educador. Ali residem Italianos de razoável educação — dos quais cêrca de 45.000 foram estabelecidos pela campanha de colonização imperial encetada por Mussolini. Apesar de que, em sua totalidade, tenham sido afastados dos postos de comando no



UMA DAS COLÔNIAS estabelecidas pelos Italianos, na Líbia, formando centro de uma imensa área circunvizinha. Em determinados pontos, através da vasta colônia, essas bases serviam de ponto de apoio aos agricultores italianos, e os trabalhadores empregados na abertura e manutenção das estradas. Um pequeno fortim, a casa da administração, algumas lojas, locais de reunião, tudo no sentido de amparar o esfôrço colonial e entreter o espírito de união dos trabalhadores europeus. As diferentes fazendas ficavam assim menos isoladas e as condições de vida eram menos duras desde que eram coordenadas as diferentes atividades e favorecido o contato social.

país, mesmo assim constituem êles a base econômica da Líbia. Possuem, ainda agora, imensos e bem cuidados olivais, são os maiores proprietários de terras e dirigem os mais importantes negócios.

Sob o govêrno de Mussolini, os Italianos seguiam uma bem delineada política de afastar o nativo Árabe do ensino e também das oportunidades de progredir. Essa política Mussolini simplesmente copiou dos Turcos, quando êstes eram os senhores da terra, (que finalmente perderam para seus rivais depois de terminada a guerra ítalo-turca, de 1911). Com o resultado dêsse programa de opressão e de alijamento cuidadoso do elemento nativo, os Árabes da Líbia jamais tiveram qualquer oportunidade para aprender a ler e a escrever.

Os administradores britânicos, entretanto, desde que receberam a incumbência de administrar o país (apenas na qualidade de "zeladores") durante os últimos nove anos, logo compreenderam qual era o pior mal de que sofria aquêle povo e trataram de fazer da educação o ponto focal de sua política.

Apesar disso e da boa vontade dos professôres, que aceitaram ir prestar serviço no norte da África, inaugurando escolas e dando ensino intensivo, apenas 20 por cento das crianças Árabes da Líbia freqüentam a escola e o nível de alfabetização acusa, mesmo agora, a cifra trágica de 5 por cento da total população nativa!

Entretanto, no momento em que a Líbia independente pôde formar um gabinete de seis ministros, com uma assembléia de sessenta membros, um punhado de chefes policiais e administradores distritais, além de um diretor dos Correios, uma dezena de secretárias e outra de professôras — justamente o equivalente para inaugurar uma escola pública, num país adiantado — devemos esperar que não levará muito tempo antes de que êsses números cresçam, principalmente quando se nota que o povo tem confiança no próprio futuro, e quer progredir aprendendo com os que sabem.

Os Britânicos, segundo ficou estabelecido com a aquiescência da ONU, continuarão fornecendo instrutores e administrares básicos para a Líbia por um mínimo de mais cinco anos. Eis porque, nas salas ao lado dos salões onde se movimentam os novos ministros da Líbia, estão permanentemente oficiais e funcionários britânicos, que, com a sua longa experiência de administração colonial informam e explicam, nos bastidores, tudo o que deve ser feito pelos Libianos que ostentam o título de ministro.

Entre os oficiais ali estabelecidos pela ONU, britânicos ou norte-americanos, poucos são os que se mostram otimistas, embora não possa ser encontrado, entre êles, um só que se mostre totalmente pessimistas. Por sua vez, Mahmud Bey Muntasser, que tem o pôsto de Primeiro-Ministro da Líbia, fica entre os dois extremos:

— **Temos, de fato, muitos e seríssimos problemas pela frente** — declarou êle — **Mas confio em que seremos bem sucedidos.**

Tendo recebido educação italiana, Muntasser revela grande inteligência e, acima de tudo, profunda e simples sinceridade quando afirma sua confiança eu que o seu país pode vencer os obstáculos... — **desde que o amparem.**

E' êle, talvez, o primeiro chefe de gabinete de uma nação, em todo o mundo, a anunciar sorridente:

— **Não sou membro de nenhum partido político. Nem quero saber de políticos!**

E', portanto, uma figura não-política e isso se explica com facilidade, quando se sabe que a Líbia sempre foi e ainda continua sendo um grande vazio político, internamente. Há **leaders** e partidos, sim, porém nenhum conhece ainda o seu relativo poder. Por isso mesmo não há, ainda, emergência de programas ou de causas políticas nacionais.

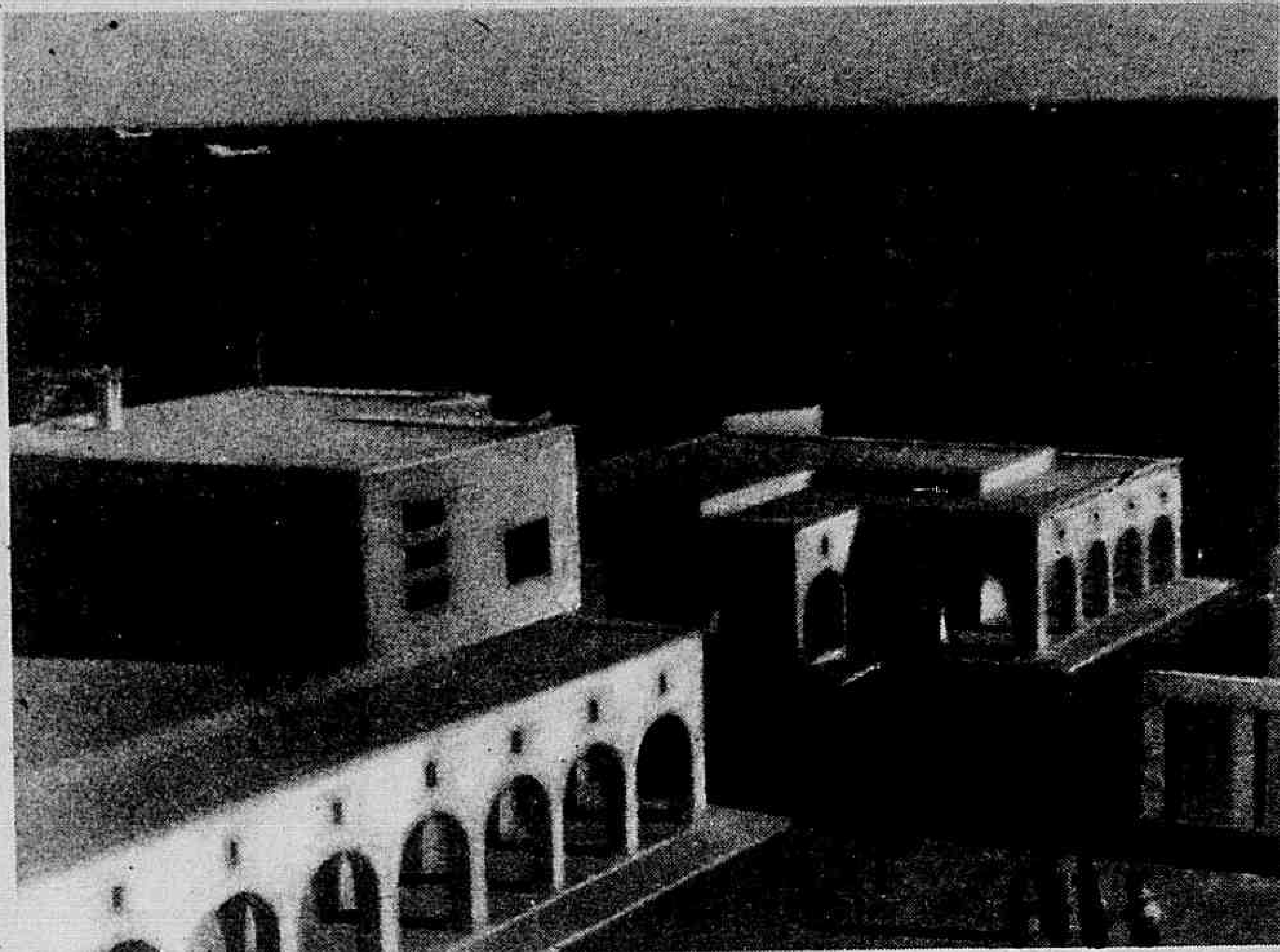
NÃO HAVIA ALTERNATIVA — Muntasser, um cidadão que pode ser considerado homem rico, tendo demonstrado rara habilidade e mesmo sorte nos seus negócios privados, foi simplesmente elevado ao pôsto de primeiro ministro pelos vários elementos mais interessados — os Inglêses, o Emir Senussi e a Comissão da ONU — sem qualquer consideração política.

— **"Simplesmente, não havia como escolher outra pessoa para êsse pôsto.** — confessou um alto funcionário da ONU — **Tínhamos que encontrar alguém para iniciar êsse govêrno e Muntasser era, lògicamente, o homem, de fato, o único homem!"**

Além da tremenda dor de cabeça para encontrar pessoal treinado, capaz de dar andamento ao govêrno, a Líbia inicia a sua independência em desastrosa situação econômica.

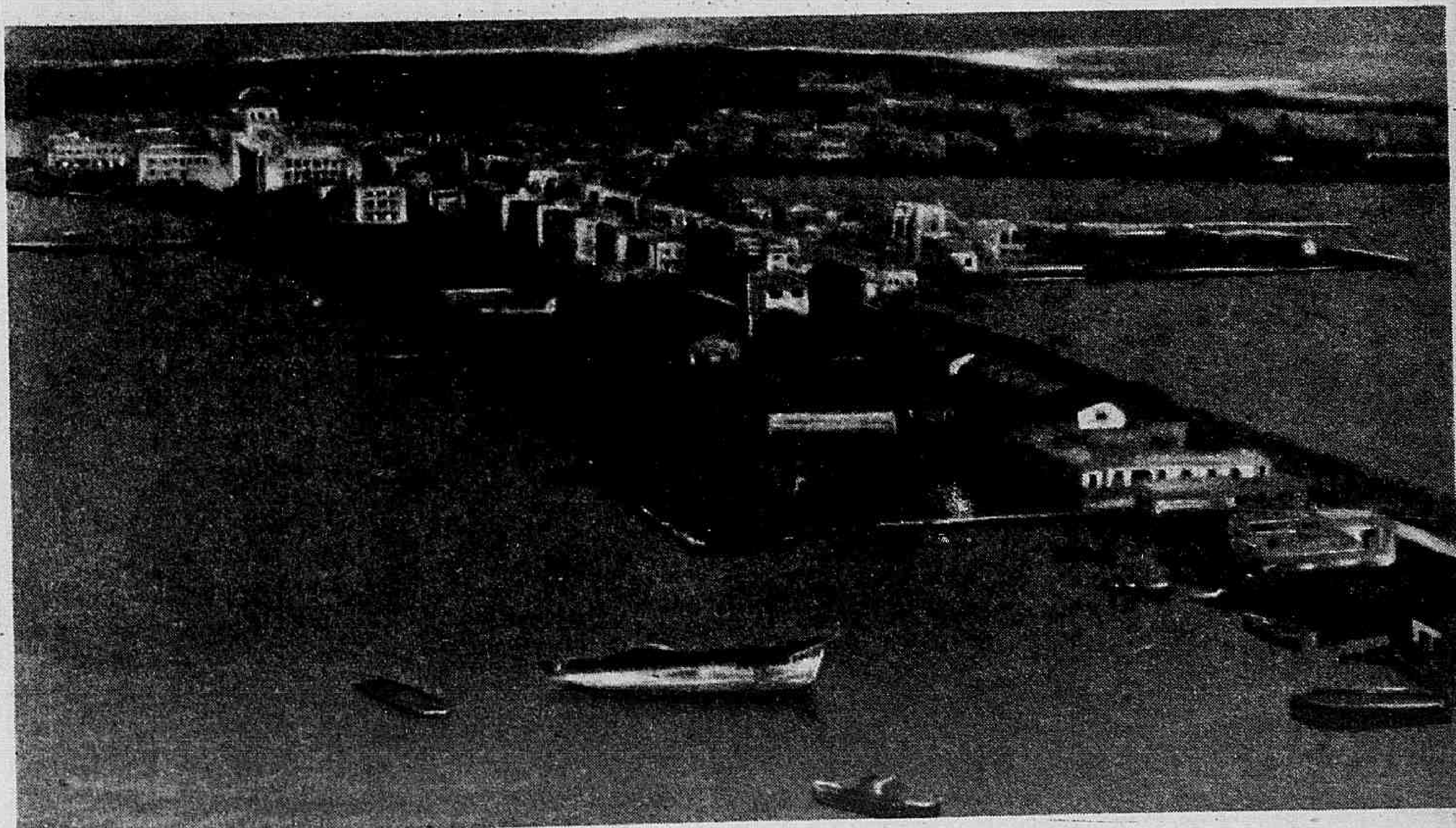
De fato, eis o que nos revela um primeiro e rápido exame: os Inglêses tiveram que ajudar o país numa média de 7.000.000 de dólares anualmente, desde que para ali se transportaram como "zeladores", e êsse seu subsídio terá indubitàvelmente que prosseguir de uma forma ou de outra, o que desde logo sobrecarrega o "tesouro" (!) nacional com uma dívida que sobe assustadoramente, sem que possa ser encontrada qualquer solução para sustá-la ou pelo menos minorá-la.

A bem dizer, não existe receita. Afora o que o govêrno obtém de impostos, com a rudimentar indústria nacional, verdadeiramente irrisória, há a somar simplesmente umas 3.000 liras libianas por seus olivais e 5.000 por suas plantações de cenouras. Os impostos com que conta, dos serviços de irrigação, podem ascender a 500 liras, enquanto que dos produtos de suas palmeiras chega a arrecadar umas 300 liras de cada plantador. Dos morangos e das maçãs obtém 1.000 e 1.700 liras. Compensação total: 17.900 liras libianas ou, pouco mais ou menos 106 dólares, além de uma renda de 1.200 liras (cêrca de 7 dólares) de impostos de propriedade, por hectare, anualmente.



CASA DE BANHOS e parte do Ginásio de Leptis Magna, uma das mais belas reminiscências do Império romano. Leptis Magna se localizava na parte ocidental da província da Líbia, a cêrca de milha e meia de Homs. Foi êsse um dos pontos mais ativos dos tempos romanos, recebendo produtos africanos para o seu mercado e muito visitado pelas caravanas do Rezzan, com os mercadores Gregos e Romanos.

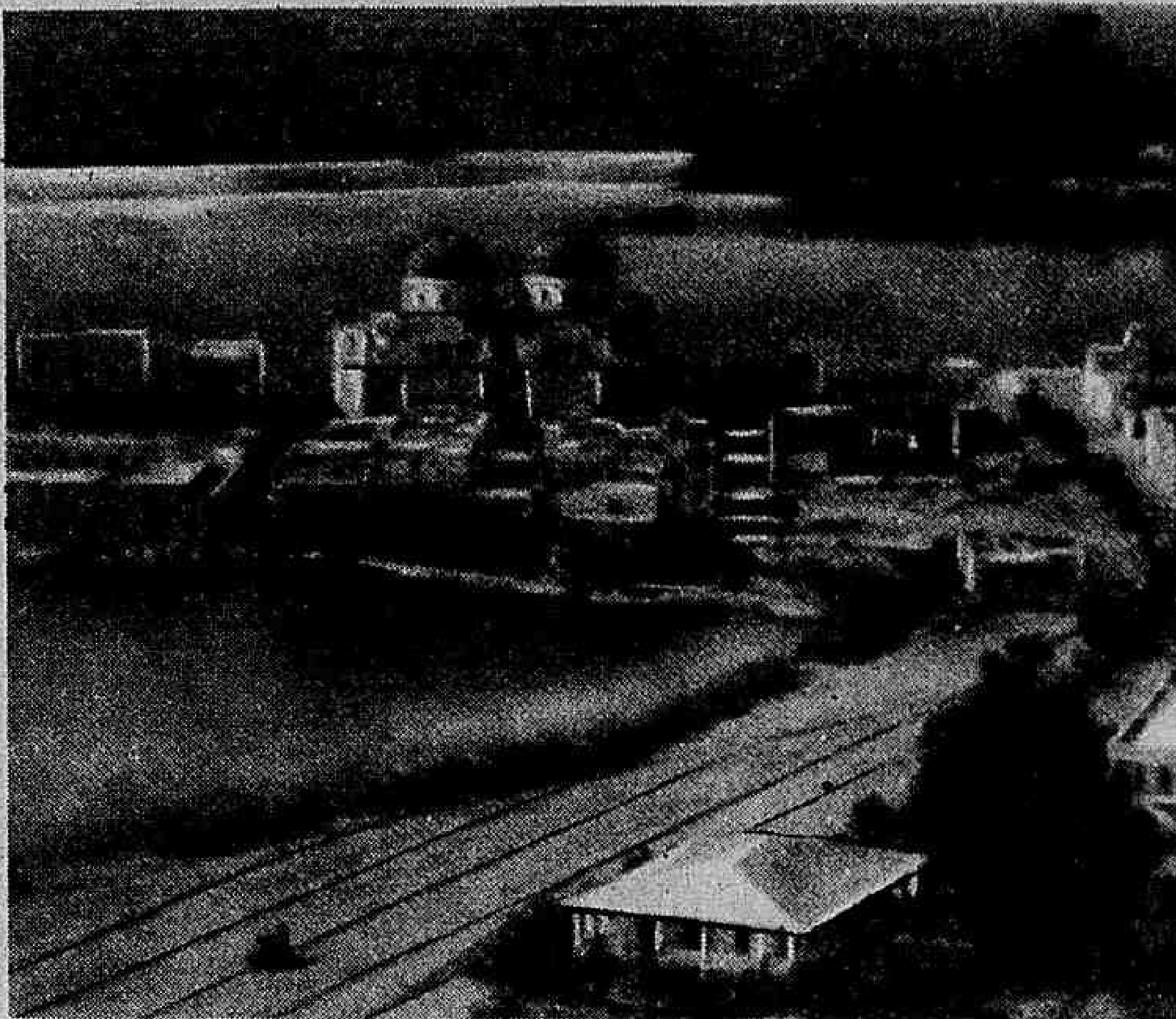
Tudo somado, temos que dois terços da Líbia Árabe tem uma receita anual de aproximadamente 40 a 50 dólares! Isso, naturalmente, com referência à sua lavoura, em geral. A alfândega, por certo, já começa a render quantias bem mais interesantes, as quais, como fàcilmente se imagina, estão ainda muito longe de poder equilibrar o seu orçamento. Como, porém, isso é, hoje, impossível mesmo para



Aspecto geral da moderna Bengazi da parte da Líbia que tem o nome de Cirenaica. O seu pôrto, um dos mais importantes da África do Norte e que serviu de base dos principais suprimentos das fôrãas nazi-fascistas, sofreu sucessivos e pesadíssimos bombardeios que demoliram grande parte de suas obras.

as nações mais adiantadas e poderosas, não devem os Libianos desanimar, assim "de saída". Tempos melhores hão de vir. Até lá, é tomar emprestado e seguir para a frente.

Por assim dizer, não há um **padrão** para a vida dos Libianos, vivendo cada qual a seu gôsto. Pela manhã em geral, levantam-se do solo (não da cama) e vão para o campo, capinar ou plantar, aqui e ali, sem muita pressa, talvez pensando no mercado semanal, na aldeia mais próxima, onde venderão uma cabra, um pouco de tabaco ou apenas uma caneca de fôlha, depois do que tomarão uma pequena xícara de espesso e melado café, para dormir, a seguir, quanto queiram, à sombra do edifício mais conveniente. À noite desaparecem no interior de choças feitas de barro ou mesmo em simples buracos abertos no chão.



Rolos de fumaça se elevam dos arredores da cidade, após a sua captura pelos Inglêses. Nesta vista, ao centro, surge a Catedral, que nada sofreu, a despeito dos sucessivos raides aéreos tanto de inglêses, quando a cidade estava com as fôrças nazi-fascistas, quanto destas, quando as fôrças britânicas eram as ocupantes. Em seu redor os edifícios, assim como as obras do pôrto, revelam os efeitos das bombas britânicas contra êsse importante centro base de suprimentos do Afrika Korps, de Rommel.

Essa é a terra para a qual as Nações Unidas acabam de criar um govêrno próprio. Possa ser essa ousada experiência (realizada durante a guerra-fria de 1952), uma feliz inspiração para aquêles que ainda sonham com o colonialismo nos moldes do que foi feito no início dêste século no norte africano!

Mas, de fato, o levantamento da bandeira da Líbia independente cria, ao mesmo tempo, graves questões políticas e estratégicas para o mundo ocidental, numa das áreas mais sensitivas do mundo atual.

Quais serão, na verdade, os seus efeitos sôbre a Tunísia Francesa e o Marroco, que ainda se encontram sob os tratados de protetorado, assinados antes da Primeira Grande Guerra e, portanto, totalmente **fora de moda?**

Que repercussão terá êsse ato nas demais colônias da África? Não terá a independência da Líbia o efeito do fogo na pólvora sôbre o nacionalismo Árabe, como já começa a dar idéia com as dificuldades britânicas no Irã, no canal de Suez e outras bases militares no Oriente Médio?

Que futuro está reservado para êsse vasto território disputadíssimo desde a antiguidade? E' sabido que Roma, depois de ganhar a posição de senhora absoluta da península italiana em 256 antes de Cristo, Roma ainda não tinha liberdade de ação do Mediterrâneo onde outro poder se impunha: o Egito procurava a aliança de Roma, e a Grécia começava a se interessar pelo poder crescente dos romados. Cartago, do outro lado do Mediterrâneo estava no apogeu da sua glória e assustou os romanos com a sua colônia em Messina. Daí surgiu a primeira Guerra Púnica, em 264, que durou vinte e três anos, sendo Cartago, em 241, forçada a ceder a Sicília e as ilhas Lipari a Roma, além da indenização de 3.200 "talentos". Até 218 os adversários trataram de reforçar suas posições e em 218 a segunda Guerra Púnica, iniciada por Aníbal, através da Espanha e o famoso cruzamento dos Alpes com uma fôrça montada em elefantes (que foram os primeiros tanques da História) ameaçou a sorte de Roma. Porém Cipião salvou Roma, e expulsando o inimigo da península ibérica e mais tarde subjugando-o inteiramente no próprio norte africano. Augusto se encarregou, depois, de organizar a colônia, ponto vital para suas operações na África e Oriente Médio. A seguir foram os Vândalos com o seu rei Genserico (429) os senhores do território, que agora obtém a sua independência, voltando a criar uma situação de desequilíbrio político no norte da África.

A verdade é que a experiência, na Líbia, deve prosseguir; mesmo porque, muito mais importante é o domínio das 1.400 milhas de sua costa, que se tornaram ponto estratégico precioso para o melhor contrôle do Mediterrâneo e sul da Europa.

E' para manter essa formidável base que os Britânicos conservam poderosas unidades de infantaria na Líbia, e os Estados Unidos mantém o campo de pouso para aviões em Wheelum.

Ao mesmo tempo, para reafirmar o idealismo político pelo qual se bateram e por certo lutarão, novamente, as potências ocidentais da mesma forma continuarão respeitando o direito da Líbia dirigir os seus próprios negócios.

O futuro é incerto ainda, como incerto é o dia de todo Árabe, que às vêzes faz isto e aquilo — e outras vêzes nada faz!



DE UM AMOR PARA OUTRO...

Um Dinamarquês, o Dr. K. Alstrup é formal:

— E' aos quarenta anos que os homens se tornam alcoólicos!

Por quê?

— Porque — diz êle — é nessa idade que o lado passional do casamento perde sua importância e os casais não são mais unidos senão pelos interêsses comuns. Ora, como êsses interêsses nem sempre estão presentes, um dos cônjuges — em geral o marido — procura agarrar-se a outra coisa e escolhe o que tem à mão: **o álcool!**

Essa explicação, é claro, vale o que valem tôdas as teorias. Não a discutimos; todavia, gostaríamos de saber o que, por sua vez, escolhe a mulher à guisa **ersatz** de amor... Um gato ou um cãozinho? ..That is the question — como já dizia outro Dinamarques...

A vida surgiu da anarquia universal?

A SOLIDARIEDADE CÓSMICA PREDOMINA EM TODO O UNIVERSO

Por DE MATTOS PINTO

IMPULSIONADO pela magia do raciocínio, o espírito humano arroja-se na vertigem das hipóteses e tenta se apoderar do conhecimento absoluto, para dominar a essência de tôdas as coisas. O princípio domina o nascimento da cultura, como a irremediável obsessão da filosofia. Porque o homem nasce, desenvolve-se, degenera e morre, também quer para tôdas as coisas, um comêço, uma evolução e um fim. Nada o detém no afã de estabelecer a origem dos fenômenos e a formação dos acontecimentos. Desde os tempos imaginosos da Grécia, em cuja civilização o pensamento viveu tão alto, os filósofos especularam sôbre a verdade do mundo. Por que existe o globo terrestre e com os seus continentes, as suas criaturas que raciocinam, as suas paisagens que inspiram poesia? Nos imortais diálogos entre Sócrates e Timeu, fala Platão da matéria submetida às fôrças confusas, antes da elaboração do céu. Aristóteles enuncia, que não houve, nem princípio, nem fim, porque o firmamento existe desde tôda a eternidade. Em Roma, vemos Cícero e Lucrécio apregoando ao mesmo tempo, em sentido oposto, as idéias de Platão e os conceitos de Epícuro, um com as suas harmonias das esferas, o outro com a sua matéria e os seus átomos. Depois, Virgílio cantou a doutrina epicurista e lucreciana, descrevendo a terra, a água, o ar, o fogo líquido, que nascem dos átomos aglomerados. E Ovídio entoa na sua poesia metafísica a visão do cáos, o globo informe, crescendo e se arredondando até à aparição da vida, com os mares e os rios, cujas águas rasgas os continentes. Abstratos em excesso, falta aos antigos o domínio da experiência, que libertará o conhecimento das suas vagas roupagens, para lhe conceder a exata noção do Cosmos.



Completando a obra de Kepler e Newton, Pierre Simon de Laplace deu à mecânica a glória de ser a mais exata das ciências naturais. E tentou explicar a origem do sistema planetário por uma nebulosa fragmentando-se em anéis, que formaram planêtas.

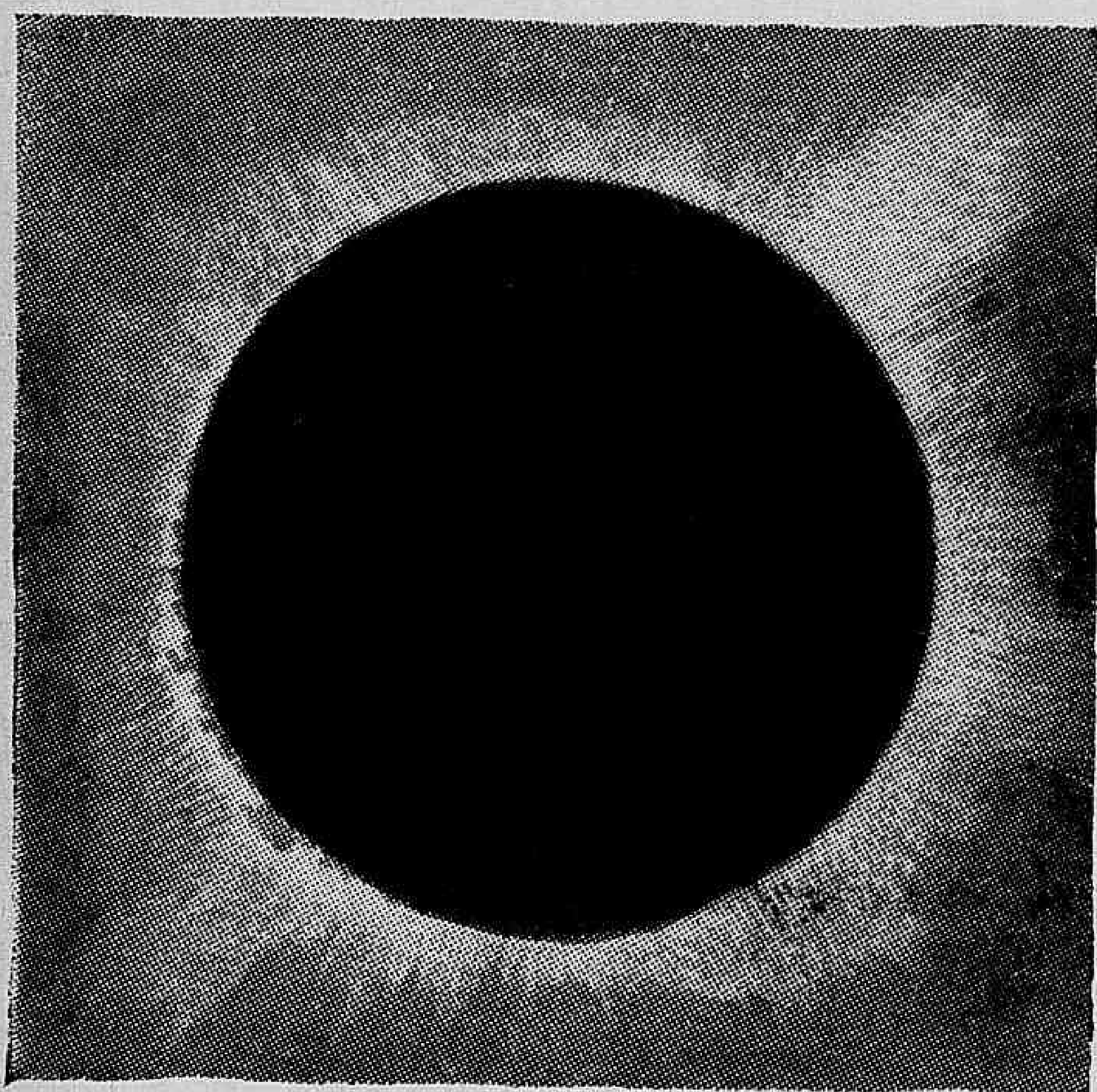
O MOVIMENTO CRIOU OS CORPOS

Só com a vinda de René Descartes, o pensador que se insurgiu contra a tirania filosófica de Aristóteles, deixa a cosmogonia o transcendentalismo poético. Embora ainda predominem certas formas apriorísticas de pensar, entramos finalmente na vida física do espaço. Para Descartes, os planêtas, as estrêlas, os cometas, formaram-se de turbilhões de espécies diferentes. A matéria difusa girou sôbre si própria, agrupou em sua volta outros corpúsculos, evoluiu e terminou por se solidificar. Se na sua classificação das massas turbilhonares, em três qualidades, grosseiras, irregulares e sutis, há algo de puramente teórico, de fictício e muito de abstrato, se a sua intervenção do sobrenatural para impulsionar a matéria, recorda as velhas cosmogonias, o seu sistema oferece a vantagem de banir do mundo físico as alegorias de Platão, Cícero e Ovídio. A verdade básica da filosofia cartesiana, aquela que deveria rasgar outras perspectivas à inteligência, assevera que só a matéria e o movimento existem na natureza. Por êsse enunciado, a constituição dos astros, a sua origem e os seus transmudamentos, as suas leis e suas aparências, ficam subordinados a uma realidade bem positiva. Isaac Newton se opôs aos turbilhões cartesianos em virtude da sua impossibilidade matemática, para explicar o movimento planetário, bem como para estabelecer a órbita excêntrica dos cometas. Sem ignorar os seus predecessores, o filósofo Immanuel Kant preferiu admitir a matéria cósmica dispersa no espaço em estado nebuloso, próprio a girar em tôrno de um centro de gravidade. Na sua "História Natural do Céu", publicado em 1754, supõe o filósofo alemão, que desde o princípio os átomos e as moléculas acompanham a lei da atração, em virtude da qual a nebulosa se condensou, deu nascimento aos planêtas e produziu a nossa estrêla central, o Sol. Quem não conhece a imagem da Via-Láctea? Êsse aglomerado de astros forma a estrutura visível do Universo, riscando-o com a sua cinta de estrêlas. Imaginou Kant que, se nos afastássemos da vizinhança do Sol, para remotas zonas do espaço, viríamos a Via-Láctea com a forma de uma nebulosa. Muitos dos princípios kantianos, como as idéias de René Descartes, não resistem hoje ao confronto da experiência. Mas ambos fixaram bem, o fundamento da nebulosa na criação do sistema planetário. No ano de 1795, apareceu

a "Teoria da Terra", obra que assinala uma data histórica na evolução do fenômeno sedimentar em camadas superpostas, comprovando o desenvolvimento moroso e multi-milenar do globo. Astro extinto, com um fogo central, que estremece a crosta, assim qualificava James Hutton ao orbe terrestre. Na ausência de fatos geológicos e astronômicos, que repitam em sua presença as eras prehistóricas, o espírito humano trabalha sôbre a indução e a dedução, conseguindo através de árduos avanços e recuos, aproximar-se da verdade universal.

OS PLANÊTAS RESULTARAM DE ANÉIS NEBULOSOS?

De posse das leis fornecidas por Johann Kepler e da gravitação anunciada por Isaac Newton, a astronomia vai reconstituir o nascimento do sistema planetário. Pierre Simon de Laplace, o possante matemático da "Mecânica Celeste", reforma a nebulosa de Kant, determinando-lhe as suas fases, até



Os astrônomos aproveitam-se dos eclipses solares para analisar a constituição física do Sol, estudar os seus elementos químicos e depois comparar com a natureza física das outras estrêlas. Assim, a ciência descobrirá, um dia, a origem da matéria cósmica de todos os corpos do Universo, dando uma solução ao mistério do princípio de tôdas as coisas.

a criação dos planêtas e dos seus satélites. Na sua primitiva figura, a nebulosa solar se estendia sôbre um espaço consideràvelmente maior, do que ocupa na atualidade todo o conjunto planetário. No curso de milhões de anos, retraiu-se e condensou-se em volta de um núcleo de atração. O frio do espaço sideral atuava sôbre as partes exteriores, que se separam da massa geral dos gases. Aumentando com o resfriamento das moléculas, a rotação produzia o fenômeno da fôrça centrífuga, que obriga os corpos em movimento curvilíneo, a afastarem-se pela tangente. Formaram-se vários anéis, que sucessivamente se destacaram da nebulosa geral, gravitando em redor do Sol. O resfriamento irregular das moléculas, impediu a permanência da forma anular e concêntrica, cuja matéria se fragmentou em algumas partes, circulando com velocidades mais ou menos iguais. Uma dessas porções de matéria, mais considerável do que as outras parcelas, atraiu pela lei newtoniana, as massas menos densas, que se amontoaram, fundiram-se e compuseram um só volume. Os planêtas resultaram dos anéis nebulosos, cujo diâmetro se reduziu até se transformarem em globos. Pierre Simon de Laplace julgava os anéis de Saturno, como o único exemplo restante do antigo ciclo cósmico, porque passaram a Terra, Marte e Júpiter. Pensava o matemático francês, que há realmente, em Saturno, êsses famosos e singulares anéis, que fazem a admiração dos contempladores telescópicos. Com a construção de poderosos instrumentos óticos, ficamos sabendo pelas fotografias, que se tratam de corpúsculos materiais, sólidos, que circulam como minúsculos satélites e brilham iluminados pelo Sol. O naturalista George de Buffon apresentou uma teoria, que se distingue completamente das concepções dos seus antecessores. Um cometa caiu sôbre o Sol e separou pela explosão dos gases, volumes diferentes de massas ígneas, que se solidificaram e compuseram os planêtas. Laplace refutou êsse sistema com bons argumentos. Se os planêtas houvessem se destacado do Sol, pelo choque com outro astro, as órbitas planetárias se aproximariam muito da estrêla central, o que produziria acentuada excentricidade nas mesmas. E como isso não ocorre, exceto com Mercúrio, mas por causa bem diversa, não se pode aceitar a suposição do naturalista Buffon. Laplace também censurou Newton, por haver apelado para uma suprema inteligência, para corrigir de épocas em épocas, as anomalias dos astros nos seus movimentos elípticos. Para não cometer êsse êrro, Laplace forçou certas hipóteses, cuja verdade a experiência desmente, demonstrando como o espírito pode construir, pelo abuso da teoria, uma ciência tôda irreal. Porém, na sua expressão geral e numa grande maioria de fatos, o sistema laplaciano fundou a cosmogonia moderna, puramente mecânica e matemática, consolidando para sempre a descoberta capital de Copérnico, que estabeleceu o Sol como centro do sistema planetário.

O NASCIMENTO DA LUA

Para melhor surpreender os segredos cósmicos, pelos quais evoluiu o Universo e particularmente o nosso sistema planetário, trabalhava-se no aperfeiçoamento da teoria laplaciana. Pertencem a E. Roche, os estudos complementares da mecânica celeste, renovando a idéia primitiva de Immanuel Kant. Já não olhamos para uma nebulosa desordenada, entregue às leis do acaso, jôgo dos céus, mas para uma massa cósmica, cujo núcleo se tornou um foco de atração, que dirige e governa tôdas as moléculas da vizinhança. A atmosfera de gases que envolve a nebulosa nos seus confins, segue a rotação e comporta-se como uma parte inerente. Em virtude do resfriamento, há a queda de partículas para o centro, que engrandece e multiplica o poder da atração newtoniana. As pesquisas de E. Roche, distingue-se da teoria geral de Laplace, porque acentua a formação de anéis interiores, que se rompem e se transformam em corpos esféricos. De períodos em períodos, precedendo à aparição dos planêtas, há o desequilíbrio de rotação e instabilidade geral e depois de certo intervalo, uma fase de repouso. Os grupos de estrêlas, semelhantes à Constelação das Plêiades, resultam de nebulosas com diversos nú-



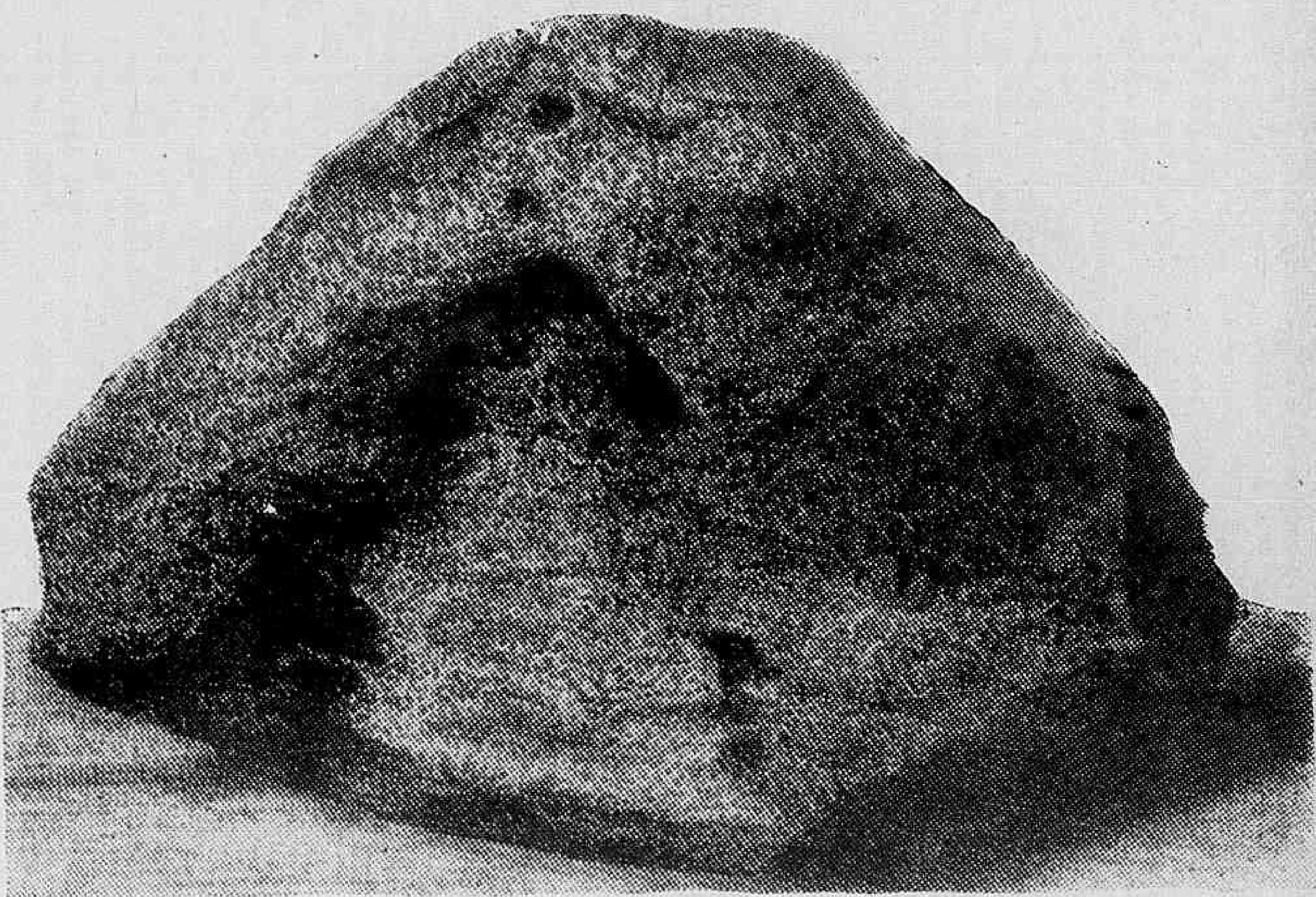
ASTRÓLOGOS — Figura do século XVI, atribuída a Holbein. — Durante longos séculos em que floresceu a astrologia, a Terra e o Homem eram considerados o centro e o alvo único da criação; cada planêta exercia sua influência proporcional ao valor de cada existência.

cleos de condensação. Contestou E. Roche, que a formação da Lua obedecesse ao mesmo fenômeno anular, como sucedeu com os planêtas. Sacudida por violentas marés, faltou à nebulosa terrestre, a possibilidade física de produzir um anel, que gravitasse em sua volta. O eixo equatorial deformava-se constantemente, criando a instabilidade da atmosfera de gases efervescentes. Nasceu do globo lunar, de parcelas sucessivas, que vogaram primeiro isoladas e atraíram-se depois, constituindo afinal o nosso satélite. Para compreender como a substância cósmica pode tomar aspectos diversos, comparemos a figura informe da Nebulosa de Orion, amorfa, de contornos imprecisos, com a Nebulosa de Andrômeda, alongada e de linhas regulares. Uma mesma causa física, pode produzir aspectos diversos para os limitados meios de observação do astrônomo humano.

A INTERVENÇÃO DOS METEOROS

Quando uma teoria não satisfaz e não explica os fatos, o cientista formula outra concepção mais vasta, capaz de explicar o maior número de fenômenos possível. A geologia comparada auxiliou com apreciáveis pesquisas, a solução do mistério, que fatiga os criadores de cosmogonias. Os mineralogistas estabeleceram um paralelo, entre blocos terrestres, ferruginosos e de natureza eruptiva, com a matéria dos meteoros, que rolam do espaço sideral. E o exame fixou a singular analogia, entre as duas substâncias, de procedências tão diversas. A partir de 1857, o naturalista alemão Ferdinand von Hochstetter empreendeu uma viagem de exploração geológica, através do mundo. Pesquisou especialmente o sub-solo da Nova Zelândia, verificando a existência do ferro magnético, semelhante à matéria dos bólidos e das estrêlas cadentes. O geógrafo e explorador finlandês Nils Adolf Erik Nordenskiold explorou em quatro viagens durante os anos de 1859, 1861, 1864 e 1866, as terras de Spitzberg. Devemos a êsse viajante ártico um dos mais completos estudos das regiões polares do Hemisfério Norte. Em 1870, voltou mais uma vez à Groenlândia, percorrendo a parte ocidental. Encontrou na Ilha de Disko, volumosos destroços de meteoros, que enriqueceram os museus e favoreceram a análise dos laboratórios. Erik Nordenskiold viu também, entre granito e gneiss, ferro terrestre, com tôdas as qualidades químicas do ferro meteórico, proveniente das estrêlas cadentes e bólidos.

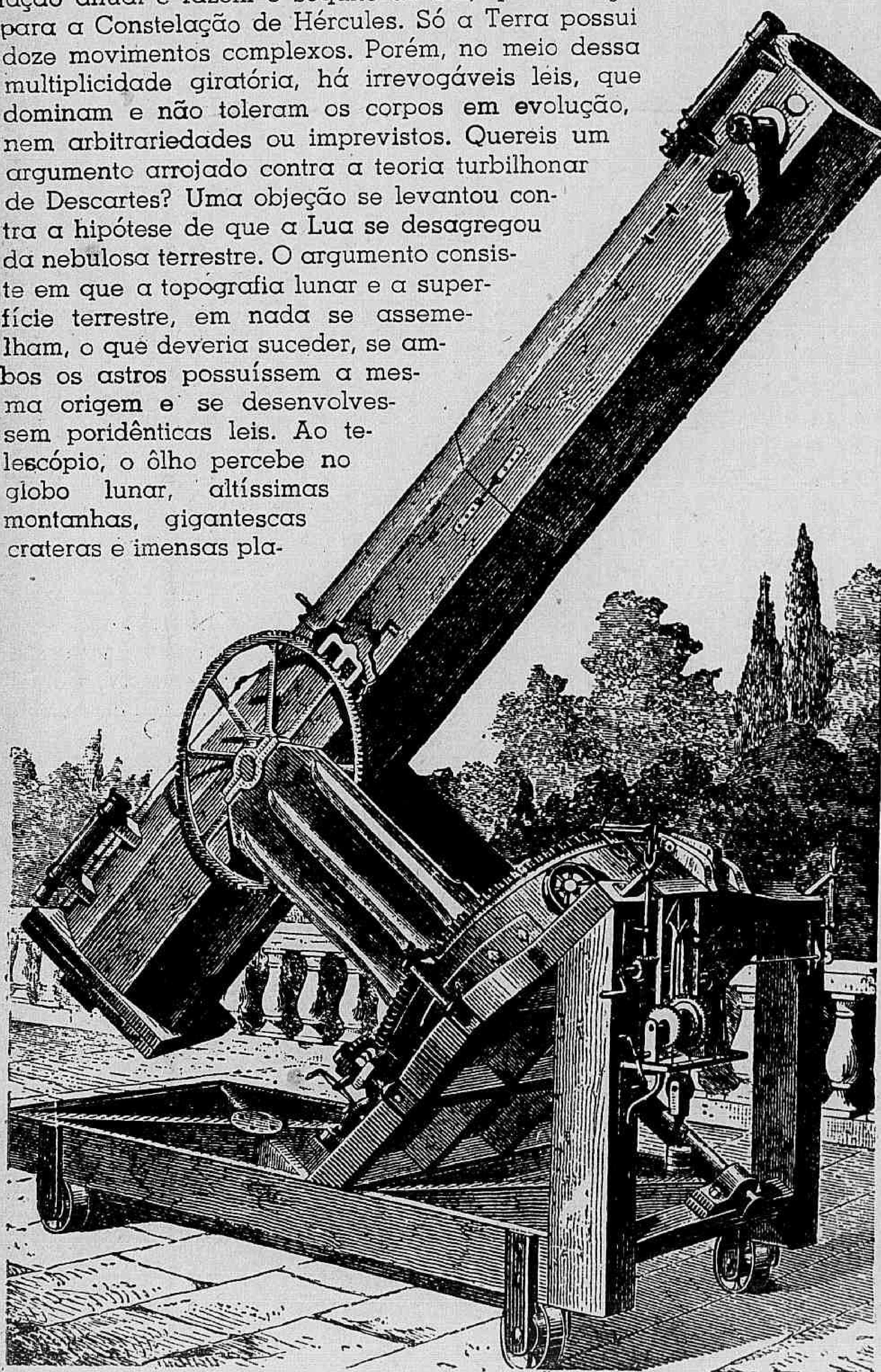
Nos meteoros, a análise verificou a existência de azoto, fósforo, potássio, níquel, cálcio, enxofre, titânio, todos elementos pertencentes à Terra. No seu trabalho "Os Meteoros e a Constituição do Globo Terrestre", lançou Gabriel-August Daubrée a hipótese, de que a reunião da matéria dos bólidos, poderia constituir um globo semelhante ao nosso planêta. Vindo em auxílio das doutrinas cosmogônicas, demonstrou a geologia que há identidade de substância, em todo o Universo. A mesma natureza, que predomina na Terra, rege as estrêlas, guia a órbita dos planêtas e move a Lua, impulsiona os bólidos esfogueantes.



Aerolito de Caile, pesando 625 quilos, cuja natureza os geólogos e os astrônomos estudam para elucidar a origem do nosso mundo. Analisando essas matérias cósmicas, que invadem a atmosfera da Terra, proveniente dos espaços inter-planetários e siderais, os químicos encontraram elementos idênticos aos descobertos no interior do nosso globo. Disso se concluiu, que há uma identidade cósmica no Universo.

CONFLITO ENTRE FATOS E HIPÓTESES

Uma teoria pode apresentar nas suas linhas gerais, sintomas de verdade, sem oferecer exatidão real e minuciosa. Quando Descartes inventou os seus turbilhões, deixou de se impressionar pelas aparências de certos fenômenos terrestres. Mais do que qualquer outro fato, o iludiu a figura geométrica do movimento dos astros. O sistema solar da época laplaciana, com Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno, ainda mais com as centenas de asteróides que circulam entre Marte e Júpiter, sugere pela imagem visual uma réplica do turbilhão cartesiano. Todos êsses corpos rodam em tôrno do seu eixo, descrevem o movimento de translação anual e fazem o séquito do Sol, que avança para a Constelação de Hércules. Só a Terra possui doze movimentos complexos. Porém, no meio dessa multiplicidade giratória, há irrevogáveis leis, que dominam e não toleram os corpos em evolução, nem arbitrariedades ou imprevistos. Quereis um argumento arrojado contra a teoria turbilhonar de Descartes? Uma objeção se levantou contra a hipótese de que a Lua se desagregou da nebulosa terrestre. O argumento consiste em que a topografia lunar e a superfície terrestre, em nada se assemelham, o que deveria suceder, se ambos os astros possuíssem a mesma origem e se desenvolvessem poridênticas leis. Ao telescópio, o ôlho percebe no globo lunar, altíssimas montanhas, gigantescas crateras e imensas planícies, que contrastam com os declives dos nossos vales e das nossas cordilheiras. Nenhuma depressão suave quebra o grupo dos montes lunares, abruptos em suas encostas e incisivos nos seus cumes, enquanto o nosso orbe sofre de mil e um acidentes topográficos. Para justificar a anomalia, a divergência das formações, Hervé Fayé insistiu na pressão do oceano, sôbre o fogo central da Terra. A massa fluida deslocava-se e engendrava os relevos, os baixios, as colinas e os despenhadeiros. Concluiu Hervé Fayé, que a Lua desconheceu os mares e que o seu resfriamento ocorreu mais uniforme. A falta de um elemento tão capital como a água, desfigurou a sua crosta, impossibilitou a manifestação da vida. A variedade domina na natureza, porém sempre regida por leis físicas bem exatas. O acaso não formou absolutamente a Constelação de Hércules, nem o Cometa de Haley e os asteróides.



Desde Galileu e William Herschell, os instrumentos astronômicos vêm sendo aperfeiçoados. A gravura representa um telescópio pelo sistema Léon Foucault, montado equatorialmente no Observatório de Marselha. O mais poderoso telescópio do mundo, recentemente instalado no Monte Palomar virá auxiliar os criadores de cosmogonias, que procuram no estudo das nebulosas a solução para suas hipóteses sôbre a criação do mundo.

NÃO HÁ ANARQUIA NO SEIO DA NATUREZA

Tanto René Descartes, como Immanuel Kant, compreenderam a necessidade de estender a todos os corpos celestes do Universo, as mesmas leis que presidiram ao nascimento da Terra. Uma cosmogonia, que ousasse inventar um princípio criador para cada astro, não saberia conviver com a matemática, que se orgulha da universalidade. De uma coisa fiquemos convictos, para tranqüilizar os escrúpulos da inteligência, cuja franqueza não aceita conhecimentos parciais. A verdade de que a Terra e os outros planêtas, os mais próximos como Mercúrio e Vênus, os mais afastados como Netuno e Plutão, originaram-se da mesma nebulosa, não se restringe à figura geométrica do sistema solar, com as suas órbitas concêntricas, nem à Lei do Bode, que calculou as distâncias dos planêtas pelas suas massas. Pela luz, conhecemos a estrutura química de qualquer astro. Graças ao espectroscópio, a astronomia pode garantir a identidade da natureza, entre o Sol e a Terra, os cometas e as estrêlas. No Sol, encontram-se em estado de vapor, o ferro, o sódio, o zinco, o magnésio, o cobre, o hidrogênio, elementos êsses bem conhecidos no subsolo terrestre. A estrêla que brilha com luz branca, assinala que vive em plena incandescência. O fulgor amarelo, como o notamos no Sol, acusa o princípio do resfriamento da estrêla. Falam do cáos de que saiu o Universo, mas isso não passa

de um abuso de linguagem que a ciência banirá um dia, do vocabulário humano. Pode-se mencionar o cáos, quando sabemos como a gravitação impera, tanto sôbre os eletrões e os átomos, como sôbre o movimento das estrêlas? O nosso mundo existe, porque há a atração universal unindo a matéria e a energia dispersa em todo o Universo. Sem o movimento em volta do equador, sem a inclinação do eixo terrestre, que faz variar os climas e produz as estações, cujos princípios biológicos reinariam sôbre os campos. Contemplaram bem, o maravilhoso e intrigante espetáculo dos mares contidos nos seus abismos? Se o oceano não transborda sôbre as praias e submerge os continentes, isso se deve à gravidade, que atraiu para o centro da Terra, os o equilíbrio dos mares. O acaso jamais dirigiu o Universo, para cuja menor particularidade há sempre uma lei visível ou invisível. Uma dificuldade surgira na questão do movimento dos astros. Por que gravitam os planêtas da direita para a esquerda? A metafísica especulava para saber as insondáveis leis, que forçavam a natureza a preferir um sentido ao outro. Aristóteles e Kant não souberam esclarecer êsse mistério do Cosmos. Laplace recorreu à teoria das probabilidades e salientou que houve uma causa primitiva, que impulsionou o movimento do Sol para a direita. Os planêtas acompanharam naturalmente, a gravitação solar e os satélites procederam de idêntico modo. Descobertas posteriores contestaram a universalidade, que Laplace emprestava ao movimento direto. Os últimos satélites de Júpiter e de Saturno circulam sôbre o seu eixo, em sentido retrógrado. Os mais remotos planêtas, Urano e Netuno, executam a rotação da esquerda para a direita. E o mesmo parece suceder



Comparação entre o atlantossáurio, um dos mais monstruosos animais prehistóricos, comparado com o elefante atual. Contemplando êsses répteis de épocas perdidas do globo terrestre, procuramos reconstituir pelas teorias cosmogônicas, a origem da Terra e do sistema planetário.

a Plutão, o mais afastado planêta do sistema solar, tão longínquo que só pôde ser descoberto pela fotografia. Quando descobriram o nono satélite de Júpiter, William Henry Pickering sugeriu argutamente, que na sua origem cósmica, todos os planêtas volteavam sôbre o seu eixo, da esquerda para a direita. Devido ao atrito da maré, que os freou durante milênios, acabaram por inverter a direção do movimento, com o que concordaram as pesquisas ulteriores de Samuel Wesley Stratton. Os corpos celestes, onde a atração se exerceu com menor energia sôbre o fenômeno da maré, escaparam ao movimento direto. O cáos nunca existiu e jamais existirá, porque não há anarquia no seio da natureza. Interrogaram também, porque a substância das nebulosas se condensa e não continua dispersa eternamente. Depois dos trabalhos do físico inglês James Clerk Maxwell e do físico russo Peter Nikolaievic Lebedev, ficamos conhecendo que os astros exercem pressão uns sôbre os outros, pela influência radioativa da luz. Uma solidariedade cósmica, imortal como a existência da matéria, da energia e do movimento, predomina em todo o Universo.

★

LUCIEN Guitry recebia muita gente em seu camarim e, entre outras, pessoas cacetes, mas que êle não podia deitar pela porta a fora. Uma noite, justamente, acabava de receber um convite para jantar, feito por um dêsses indivíduos. Porém, logo que êste virou as costas, o ator chamou sua secretária:

— Você vai escrever a êsse cretino, dizendo que não irei jantar com êle porque...

Nesse momento, pelo espelho, viu o importuno, que voltara inesperadamente, a fim de apanhar um objeto que esquecera. Então, sem perder o sangue frio, Guitry acrescentou:

...porque tenho que jantar com êste senhor!»

★

HOUVE uma época (muito parecida com a atual) em que era perigoso para um rei passear sem guarda pessoal. Porém o Rei Carlos II, da Inglaterra, costumava assim fazer. Um dia, seu irmão, o Duque de York, chamou sua atenção, censurando-o por se expor a um assalto.

Carlos II respondeu:

— Não há nenhum perigo para mim. Não há, neste reino, uma pessoa sequer que deseje a minha morte... **pois todos sabem que você será o meu sucessor!**

★

Um estudante de medicina, que não era exatamente um «talento», quebrou uma perna. Curado, foi anunciar a Claude Bernard, famoso médico e professor, dizendo-lhe que, agora, caminhava até melhor do que antes.

— Neste caso — declarou Claude Bernard — desejo-lhe uma boa comoção cerebral!

Faça seu filho crescer



O médico orientará no sentido de favorecer o crescimento do seu filho

É muito comum um médico ser procurado por pais aflitos e que lhe dizem, acabrunhados, que seu filho não cresce. A criança parece gozar boa saúde, mas o mau é que acusa vários centímetros — algumas vêzes dezenas de centímetros — a menos que os outros meninos da sua idade.

"— Será que êle vai ficar... assim? — pergunta a mãe com voz inquieta — Da parte do meu marido, os homens são todos bem altos, mas, da minha parte, tenho um tio..."

Quando se trata de uma menina, a família se resigna mais fàcilmente a que fique mesmo "miúda". Mas, para um menino, o fenômeno assume proporções dramáticas.

E não deixa de ser justo êsse temor, pois que, se talvez seja inútil e incômodo ultrapassar de muito a altura dos outros, o fato de ter uma estatura nìtidamente abaixo da média, pode constituir um **handicap** que é preferível evitar.

Se seu filho parece muito pequeno, o senhor tem muita razão de tomar precauções, tanto mais que, em muitos casos — segundo vamos verificar — é possível modificar a estatura de uma criança.

Que vem a ser uma criança "muito pequena"? — E' muito difícil definir o que se entende pela expressão "muito pequeno": é, mesmo, uma coisa que não podemos exprimir por meio de uma cifra. Um Brasileiro, de idade mediana, se viajasse na Suécia ou na Noruega seria considerado pequeno, ao passo que se viajasse no Japão, na Venezuela ou na Colômbia, seria considerado grande. Tudo questão de raça e de clima...

A estatura média, no Brasil (embora não seja ela a mesma no Norte, no Centro e no Sul), parece ser de 1,70 para os homens e 1,60 para as mulheres.

No que se refere às crianças, foram organizadas muitas "tabelas de crescimento", tôdas consideradas **ideais**, embora tenham valor apenas relativo, dado que, segundo está mais que demonstrado, o crescimento não se faz absolutamente da mesma maneira em tôdas as crianças.

Uma das mais cotadas, entretanto, é a que publicamos em seguida. E' preciso porém considerar, antes de tudo, a hereditariedade. Há famílias "grandes" e famílias "pequenas". Não seria normal, pois, que duas crianças tivessem a mesma estatura, aos oito anos de idade, por exemplo, se os pais da primeira têm 1 metro e 80 centímetros de altura e os da segunda apenas 1 metro e 50.

Tabela de crescimento	Meninos	Meninas
Ao nascer	0m,50	0m,50
Com 6 meses	0m,64	0m,64
Com 1 ano	0m,70	0m,70
Com 2 anos	0m,80	0m,77
Com 3 anos	0m,89	0m,85
Com 4 anos	1m,00	0m,95
Com 6 anos	1m,10	1m,04
Com 8 anos	1m,20	1m,13
Com 10 anos	1m,30	1m,22
Com 12 anos	1m,41	1m,33
Com 14 anos	1m,51	1m,43
Com 16 anos	1m,62	1m,53

E' claro, a tabela acima não pode ser considerada senão como uma "tábua-média". Sejam quais forem os desejos e esperanças dos pais, o médico, por sua vez, considerará como:

Um pouco pequeno, o menino cuja estatura está reduzida de 6 a 11 centímetros em relação à média;

— **Muito pequeno**, aquêle cuja estatura está reduzida de 12 a 16 centímetros;

— **Excessivamente pequeno**, aquêle cuja estatura está reduzida de 17 a 21 centímetros.

De 22 centímetros em diante essa redução deve ser considerada extraordinária e raramente é acusada em crianças normais.

OS PEQUENINOS MUITO PEQUENOS — Há crianças que são pequenas desde o nascimento (não nos referimos, por certo, aos nascidos prematuramente). Medem 40 ou 45 centímetros, com pêso correspondente a êsse tamanho.

Algumas dessas crianças atingem ràpidamente a estatura normal, ignorando-se absolutamente o que provocou a sua pequenez inicial. Em outras, o crescimento se faz normalmente, a criança nascida pequena continua pequena (no caso influi, geralmente, a hereditariedade: também os pais nasceram pequenos e continuaram pequenos relativamente à tabela média). Em outras, finalmente, um crescimento lento continua a agravar a pequenez do início, de tal forma que permite recear que essa criança chegue à idade adulta com uma estatura verdadeira anormal.

Há também casos em que uma metade do corpo se desenvolve normalmente, enquanto o crescimento da outra é retardado. Sabe-se que a proporção do busto e das pernas varia segundo a idade: no recém-nascido, por exemplo, as pernas são curtas, sendo a proporção das mesmas com relação ao busto 0,49 aproximadamente, atingindo porém 0,66 com um ano de idade, 0,80 aos oito anos e cêrca de 0,92 aos quinze anos, proporção esta que permanecerá definitiva.

Em certas crianças **muito pequenas**, o crescimento depende dessa relação: de fato, se a relação pernas-busto se eleva, é justo esperar que o menino venha a crescer bem; se, ao contrário, diminui — ou mesmo se se mantém fixa — é o caso de se temer que o menino venha a ser um homem de pequena estatura.

Uma criança muito pequena não apresenta, **forçosamente**, outras anomalias. Em geral a dentição se processa na idade normal: a inteligente se desenvolve perfeitamente (muitas vêzes é mesmo antecipada). No entanto, se se estudar a radiografia dos pontos de ossificação do seu esqueleto, logo se perceberá que estão êles em relação não com a idade, mas com a estatura.

Temos, portanto, que uma criança de dois anos, tendo estatura normal de uma criança de um ano,



apresentará os pontos de ossificação que são normais a um ano, não aos dois.

CONVÉM ESPERAR? — Certos pais cujos filhos são muito pequenos, acreditam que "tudo se normalizará com a puberdade". Não estão inteiramente enganados. Porém têm razão sòmente parcialmente.

Sem qualquer dúvida, o período prepubertário é, quase sempre, caracterizado, tanto nos meninos quanto nas meninas, por um crescimento da estatura e, principalmente, por um alongamento dos membros inferiores. Entre as meninas, o desenvolvimento começa mais cedo, quase sempre pelos onze anos: muitas meninas que até essa idade eram menores que os meninos da sua idade, não apenas os alcançam como chegam até a ultrapassá-los; dos treze anos em geral têm mais 3 ou 4 centímetros mais que êles. Ao contrário, aos quinze anos, quando os meninos, por sua vez, atingem a puberdade, recuperam êles o terreno perdido, se assim podemos dizer, voltando a vencer as meninas com 7 ou 8 centímetros de vantagem e às vêzes mais.

E' lícito, portanto, contar com a puberdade — ou, mais exatamente, com a pre-puberdade — para favorecer um sério crescimento da estatura. Mas a questão, segundo vamos verificar, é em geral muito complexa e não podemos exigir da puberdade que realize milagres.

Portanto, se seu filho (ou filha) é nìtidamente inferior à estatura normal (o que qualquer um poderá saber, reportando-se às indicações dadas acima), será da maior conveniência levá-lo ao exame médico, sem demora.

POR QUE ÊLE NÃO CRESCE? — A influência hereditária não é a única razão que se opõe ao crescimento das crianças. Essa influência, na verdade, se é inegável, não tem, entretanto, nada de absoluto. Vemos constantemente famílias em que todos os membros são de grande estatura, com exceção de um só. Conhecemos, também, crianças cuja estatura é mais elevada que a dos pais.

De fato, o crescimento, que consiste em um alongamento do esqùeleto, é determinado pela formação dos ossos. Cada osso jovem comporta em suas duas extremidades cartilagens de conjugação (meio de crescimento do osso), em que o crescimento se faz pela multiplicação das células, enquanto que a ossificação — isto é, o endurecimento do osso — se efetua pouco a pouco. Enquanto a cartilagem de conjugação prolifera, o osso continua a se alongar. Quando a cartilagem cessa de proliferar, passa ao processo de ossificação e o crescimento está terminado.

Concebe-se, pois, que todos os fatores que favorecem a proliferação da cartilagem favorecem ao mesmo tempo o crescimento.

Ora, entre êsses fatores, devemos contar a higiene, a alimentação, o sol. Observou-se, nos Estados Unidos, que as crianças filhas de imigrantes, criadas em condições de higiene melhores do que aquelas em que vive a sua família, são tôdas maiores que o pai e a mãe. Ao contrário, nas regiões invadidas pela guerra, onde a população sofreu privações alimentares, viveu encerrada em verdadeiros buracos, etc., as crianças são, quase tôdas, menores do que os pais.

Dessa maneira, as estatísticas organizadas durante a guerra, entre as crianças da região parisiense, acusam uma diminuição média de 3cm5, entre os meninos (máximo aos 11 anos: 8cm5) e de 2cm2, entre as meninas (máximo aos 12 anos: 3cm7).

As privações, em todo caso, podem acusar apenas uma cessação temporária do crescimento, e tal criança a quem as condições de vida tinham mantido longo tempo de pequena estatura, recuperaram ràpidamente a estatura normal.

"ÊLE COME MUITO, DOUTOR...! — Uma alimentação insuficiente é, pois, uma das razões que podem provocar a estatura pequena. Os pais sabem isso muito bem, pois que ao levar o filho ao médico, por julgá-lo muito pequeno, não deixam de dizer:

— "No entanto, doutor, êle come muito!"

"Êle come talvez **de mais!"** — dirá então o médico. — "Mas comerá **bem,** isto é, **come o que deve comer?"**

Certos alimentos, na verdade, favorecem o crescimento. Entre êles, o leite surge no primeiro plano. Os povos de estatura elevada (os Escandinavos, por exemplo. são grandes bebedores de leite. O leite **puro.** E' o que parece produzir melhor efeito. Nem a manteiga nem o queijo o substituem.

Os minerais, como o cálcio, o fósforo, o potássio, a magnésia são igualmente fatores de crescimento, assim como as vitaminas A, B. E. e B-12. As vitaminas C e D não agem diretamente, mas a sua ausência provoca distúrbios do esqueleto, que se repercutem sôbre o crescimento.

A carne, os ovos, o peixe, são outros bons fatores de crescimento, **por suas albuminas.**

Pode-se conceber, portanto, que uma criança que **come muito,** mas cujo regime não contém suficientemente **os alimentos necessários,** tem um crescimento deficiente.

O PAPEL DOS HORMÔNIOS — A questão das glândulas é muito complexa e, podemos dizer, ainda pouco conhecida. As glândulas que parecem ter a maior influência sôbre o crescimento são — além do timos — a hipófise, que secreta o hormônio somatótrope, construtor dos tecidos e favorecendo o crescimento, além do corpo tiróide, que exerce, de uma parte, uma ação excitante sôbre a hipófise e, por outra, uma ação direta sôbre a absorção das albuminas.

Os hormônios sexuais, testosterones e foliculina, têm igualmente uma influência manifesta sôbre o crescimento. Eis por que esta se acelera, durante o período prepubertário, em que as glândulas genitais começam a funcionar: se, ao contrário, se torna mais vagaroso, depois do momento da puberdade mesma, é porque, nesse momento, as cartilagens de conjugação dos ossos são ossificadas e soldadas entre si, o que não mais permite o alongamento.

A ação dos hormônios sexuais é certa, mas infinitamente complicada e muito delicada para ser determinada. Assim é que foliculina e testosterone em dose forte inibem o hormônio somatótrope e detêm o crescimento, enquanto que em dose fraca ou moderada são, ao contrário, favoráveis ao mesmo.

Finalmente, a córtico-suprarrenal secreta diversos hormônios, uns favorecendo, outros contrarian-

do o crescimento. De resto, sabe-se, hoje, que o fator cerebral e nervoso tem também grande influência. Pesquisadores, segundo se divulga, teriam conseguido localizar no cérebro certos centros presidindo o crescimento. É fora de dúvida, em todo caso, que certas enfermidades do encéfalo e dos nervos detêm o desenvolvimento do esqueleto da criança.

COMO FAZER UMA CRIANÇA CRESCER? — Se um pai leva ao médico um filho que considera muito pequeno, o especialista, depois de estudar as condições de hereditariedade, de gênero de vida, etc., começará por afirmar que não está em causa nenhuma doença precisa, provocando a cessação do crescimento do menino.

Muitas vêzes, não se trata de uma enfermidade grave, mas simplesmente de uma perturbação hepática, de uma apendicite crônica ou, mesmo, de uma afecção rino-faríngea, que deve ser curada quanto antes.

Em seguida, o médico prescreverá um regime rico em albumina e principalmente leite (um quarto ou meio litro de leite somado à ração quotidiana dá quase sempre resultados surpreendentes). Juntará medicamentos fosfatados, cálcicos, vitaminas A, B, D. B-1 e B-2, vida ao ar livre e raios ultravioletas, que agem sôbre o estado geral.

Os tratamentos com hormônios são muito delicados, segundo já acentuamos, e não devem ser empregados sem grande prudência. Embora o timos seja a glândula do crescimento, o extrato de timos não dá resultado. O extrato de hipófise age **em certos casos apenas.** O corpo tiróide parece mais ativo: em todo caso, dá resultados excelentes quando, como é muitas vêzes o caso, a pequena estatura está relacionada com insuficiência toroidiana.

Às crianças abaixo da idade da puberdade não se dá hormônios genitais a não ser com **extrema prudência**, para não desencadear uma puberdade precoce. Durante ou após a puberdade êsse tratamento pode ser intensificado.

Um fato curioso: se a testosterone (hormônio masculino) deve ser reservado aos meninos, a foliculina (hormônio feminino) ao contrário, pode ser empregado para os dois sexos e dá bons resultados para os dois.

Havemos de ver, finalmente, o dia em que a cirurgia nervosa obterá desenvolvimentos de estatura verdadeiramente espetaculares. Mas, por enquanto, está reservada a casos determinados, graves — e felizmente raros.

Se seu filho é muito pequeno para a idade que tem, a medicina possui os meios de o fazer crescer. Mas, em muitos casos, a cessação do crescimento é apenas temporário e retomará seu curso normal, por si mesmo, sob o efeito de uma boa higiene e uma alimentação apropriada.

E, antes de terminar:

Atenção ao lado psicológico! Se seu filho é pequeno, mesmo que êsse defeito o inquiete, leve-o ao médico! Mas **não revele ligar ao fato, diante da criança, uma importância primordial!** Não fale diante dela, nem zombe dêsse defeito, porque:

1º — Pode ser que ela cresça bruscamente um pouco mais tarde;

2º — se tiver que continuar de pequena estatura, estará arriscando provocar ou favorecer, na criança, um complexo de inferioridade que será como um pêso para o resto da sua vida, quando, ao contrário, muitos grandes homens foram e são de pequena estatura!

★

A "Bôa Resposta" do Mês

HÁ muitos anos, quando o Oeste americano ainda era jovem e mais natural, um filho dessa região entrou num restaurante e foi instalar-se na mesma mesa onde se encontravam alguns turistas" do Leste. Os turistas, delicadamente, procuraram esconder seu aborrecimento quando o intruso, como se estivesse em casa, iniciou uma série de péssimas porém bulhentas imitações. Imitou o galopar de um cavalo e também de dois... cavalos. A seguir imitou o cacarejo zangado de uma galinha choca, o balido de uma ovelha perdida, os guinchos de um leitão amedrontado e o mugido de uma vaca, enquanto os que o cercavam, horrorizados, mal podiam conter a vontade de tapar os ouvidos e protestar contra tanta falta de gôsto, de técnica e de educação.



Repentinamente, uma mulher do grupo de turistas curvou-se sôbre a mesa:

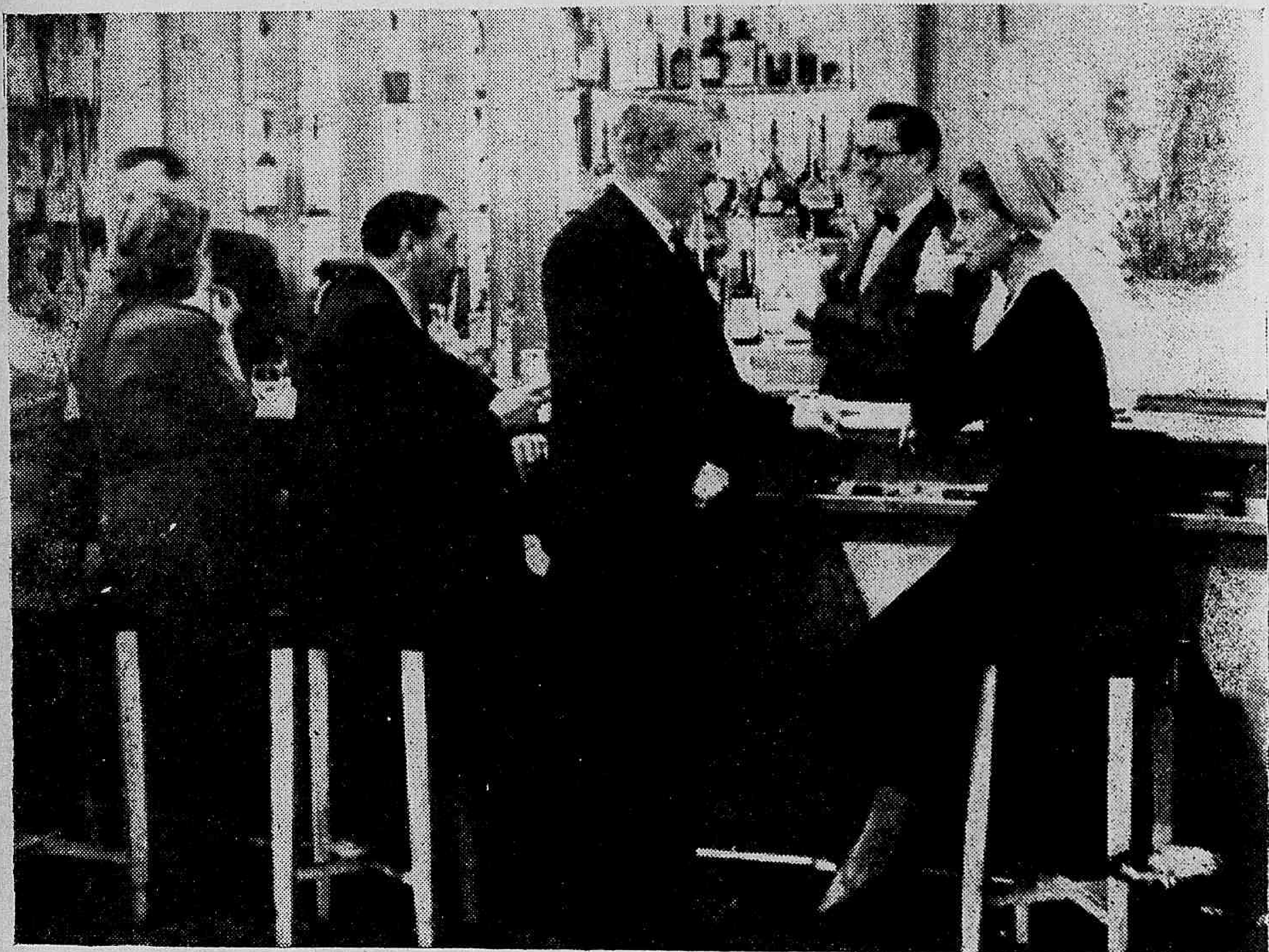
— O senhor devia ir para um palco — disse ela procurando dar à voz o máximo de sinceridade.

O indesejável californiano, esforçando-se por parecer modesto perguntou:

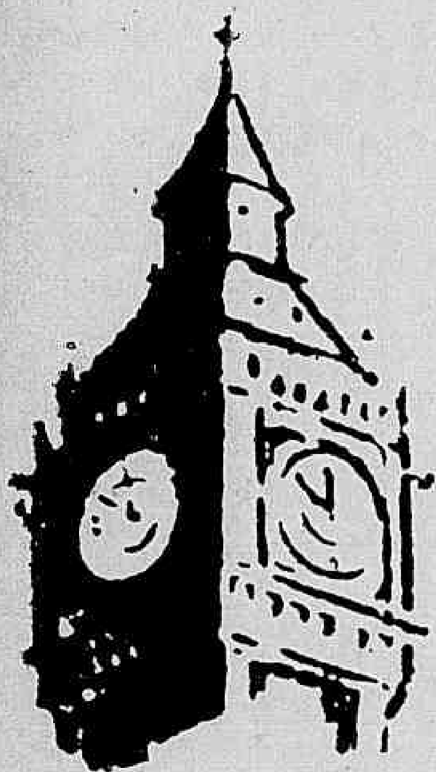
— A senhora acha mesmo, **dona?**

— Claro que sim! — insistiu a criatura, com voz repentinamente insinuante e comercial — Há um pertinho daqui! O senhor estará lá em poucos minutos!

Quando os homens, só, não chegam!



NOVO ASPECTO: O «Albany», de West End, inaugurado em 1933, SÓ PARA HOMENS, está hoje cheio de visitantes de saias...



Durante algumas centúrias, os "clubs" de Londres foram redutos exclusivos para os homens.. Hoje estão forçados a escolher: OU ADMITEM, TAMBÉM, MULHERES OU FECHAM AS PORTAS!

Por WENDY HALL

UMA notícia assustadora está circulando por tôda Londres, atualmente, perturbando o confôrto das poltronas de couro e a paz das cachimbadas nesse mundo tradicionalmente de homens: o "club".

As mulheres terão que ser admitidas mais freqüentemente, como convidadas e, talvez, **mais:** possìvelmente terão que ser aceitas como sócias, embora em têrmos mais ou menos restritos, podendo freqüentar o clube um ou dois dias por semana.

A última parte é, ainda, um simples projeto, o qual não foi sequer debatido em presença de nenhum membro do clube, com mais de 50 anos de idade, pelo receio de alguma reação **explosiva.** E os sócios jovens, embora gostassem muito de poder levar suas "girl friends" ao clube, discutem o fato entre cochicos, jurando que não foi de sua parte que surgiu essa sugestão.

A notícia, verdadeiramente, nasceu do pânico produzido pelo último balanço anual e relatório de diretorias de muitos dos mais antigos e selecionados "clubs" de Londres.

Mulheres e ameaça de "banca-rôta", aliás, sempre andaram de mãos dadas. Mesmo com referência aos clubes londrinos, não é essa a primeira vez que surge a ameaça de invasão feminina.

Há uns quarenta anos, um clube em situação financeira de verdadeiro apêrto, viu um dos seus membros anunciar as alternativas de aumento da anuidade (os Inglêses chamam a isso **subscriptions**) ou direito de ingresso às mulheres. Logo surgiu uma luta entre os sócios, originando-se uma discussão que parecia interminável, mas que acabou sendo encerrada por um dos mais antigos e respei-

tados sócios, que, a certa altura da discussão retirou-se, com ar ofendido, mas repentinamente voltou a assomar a cabeça entre os dois batentes da porta para dizer:

— **"Mais um guinéu, anualmente, gentlemen! Não é melhor pagá-lo ao clube e ter sossêgo do que dá-lo, multiplicado por dez, às criaturas que por aqui apareçam, tirando-nos o sossêgo?"**

INFILTRAÇÃO FEMININA — Os anos infelizmente, não tardariam a provar que nem outro guinéu, **a mais** (o guinéu representa cêrca de oitenta cruzeiros e, aliás, não é cunhado desde 1813) nem a permissão às mulheres resolveria os problemas financeiros, cada vez maiores.

De fato, os tempos mudaram muito. As mulheres acabaram conseguindo infiltrar-se e o "Junior Carlton", apesar disso, está reduzido a umas poucas salas de leitura e palestra, estando abolidos outros vários serviços, inclusive os "banhos turcos".



VELHO ASPECTO: Uma vista de Londres, através da janela do White Club.

O custo de manutenção dêsses clubes de Londres, com o seu luxo habitual e a obrigação, de proporcionar aos sócios variadas distrações como bibliotecas, salas de bilhar e **snooker**, bares, piscinas, banhos turcos, etc., dobrou desde o fim da guerra. As **subscriptions** subiram de um guinéu ou mais, enquanto a renda pessoal dos sócios, ao contrário, decresceu em razão não apenas dos impostos, como da crise econômica do após guerra. Os únicos homens ganhando dinheiro, atualmente, na Inglaterra, estão de tal forma ocupados, comprando ou vendendo, que nem têm tempo para ir tomar **whisky** ou fumar um charuto na paz do clube.

Por sua vez os "novos-ricos", grande sustentáculo da vida dêsses clubes, já não são mais ricos — e alguns já voltaram a ser pobres! Por isso, os encarregados da contabilidade, depois de encher várias dezenas de fôlhas de papel, chegaram à conclusão de que os sócios terão que pagar mais.

Como poderão, portanto, êsses clubes vencer a crise econômica que os esmaga? Foram êles criados, originalmente, para proporcionar três coisas principais. Luxo, — ou, pelo menos, muito confôrto — meio de fuga da companhia de uma espôsa desagradável e da barulheira causada pelos filhos, além de **companhia selecionada.** O clube foi criado para ser o local onde **os pássaros de uma mesma plumagem** estivessem reunidos, longe do contato de **pássaros de penas menos brilhantes.** Essa noção — uma evolução dos cafés do século XVII, onde os amigos marcavam encontro para conversar — tornou-se de tal forma sedutora, que a população masculina de Londres não tardou a sustentar 107 grandes clubes, além de um número infinito de outros menores.

O "REFORM CLUB" INTRODUZ... REFORMAS — Algumas concessões foram feitas nos últimos anos. As mulheres passaram a penetrar sob os sagrados portais com mais freqüência, embora como simples convidadas. O "Reform Club", entretanto, tornou êsse ingresso absolutamente livre, a fim de atrair 450 novos sócios, à razão de 20 guinéus anuais. Mantém, entretanto, bom número de exigências, entre elas a declaração, escrita e assinada pelo novo sócio, de que jamais tentará reformar ou simplesmente anular os Estatutos do clube, aprovados em 1832. Êste exige dos sócios, entre outras coisas, **que se batam por uma representação democrática no Parlamento.** Mas a verdade é que, apesar do nome dêsse clube, a maior parte dos seus sócios é constituída por Conservadores ferrenhos, que jamais se lembrariam de mudar os estatutos de 1832.

O "National Liberal Club", de início formado ùnicamente por membros dêsse partido, foi obrigado — por motivos econômicos — aceitar novos sócios (750) **não políticos.** Êsses "infiéis" foram recebidos friamente pelo busto de Gladstone, no **hall** do clube. Mas a verdade é que êles ajudaram a desempoeirar os objetos de arte da sede social, inclusive o busto de Gladstone.

Entretanto, os quatro clubes "Tory" (o **Conservative**, o **Constitutional**, o **Carlton** e o **Junior Carltno**) continuam a só aceitar sócios que sejam membros do partido e, por isso mesmo, enfrentam, atualmente, grave crise financeira.

O Conservative Club, por exemplo, para manter as suas portas abertas exigiu dos seus sócios, além dos 30 guinéus de "jóia" e dos 20 anuais, como **subscription**, mais uma ajuda a fim de conseguir um total de 15.000 libras, necessárias à reforma do prédio, e do mobiliário, melhoria de salários para os empregados e pagamento de algumas dívidas "gritantes".

UM SOCIALISMO NADA SOCIAL — O interessante é que o Partido Trabalhista não tem um só clube. Entendem êles que socialismo para todo mundo e sociabilidade para alguns sòmente não se casam muito bem. Um ou outro membro do antigo gabinete trabalhista pertence, realmente, a um ou dois clubes universitários, inócuos, ou ao "Reform Club", cujo nome soa agradàvelmente em seus ouvidos. A maior parte, porém, vive isoladamente, em seu lar ou na sede do partido.

Os clubes verdadeiramente snobs, como o White, o Brooks e o Boodle, cujos membros, em sua totalidade pertencem à aristocracia hereditária, o Guards'Club, cujos membros têm que ser, obrigatòriamente, oficiais da Guarda do Rei, estão encontrando sérias dificuldades para viver com o mesmo fausto do passado. Muitos dêles, é claro, têm reduzido êsse **standard** de vida — substituindo os antigos serviços próprios por contratos com fornecedores comerciais, para lunches, toalheiros, mordomos, garçons, etc. Porém essas ligeiras economias não são suficientes para equilibrar a receita e a despesa.

Não tardarão a se encontrar diante de uma situação mais clara e mais triste: falta de dinheiro para enfrentar o luxo e o confôrto a que foram habituados os seus pais e avós, no tempo em que os fidalgos podiam viver maior número de anos, en-

tretidos entre os prazeres do bar, da leitura e da discussão política, muito bem servidos, em troca de meia dúzia de guinéus anuais. Quando tinham que pagar pouco e, ao contrário, tinham as algibeiras recheadas de guinéus, pois que as terras rendiam muitos milhões anuais, como no caso de Lord Bollington, com renda superior a 171 milhões e não pagando qualquer imposto **por ser membro do gabinete de Sua Majestade!**

Apesar de tudo, alguns resistem bravamente, como o **Whitle** e o **Boodle**, todos formados de snobs, assim como o **Conservative**, que mantêm elevado padrão de vida, com o sacrifício sempre maior da economia dos seus sócios.

O **Athenaeum**, entretanto, que foi um dos clubes mais "fechados" de Londres, salvou-se em troca do ingresso de uns 300 sócios (40 guinéus de "jóia" e 18 de anuidade) todos verdadeiros **gentlemen** de alto intelecto, porém sem sangue nobre.

São, entretanto, indivíduos **selecionados** e a tal ponto que o clube foi apelidado de **Enciclopédia Viva**, em razão, justamente, dos seus novos membros representarem o que há de mais valorizado em literatura, ciências e artes. Afirma-se mesmo, que num simples **lunche** podem ali ser encontrados representantes máximos de cada ciência. Cada ano, pequeno grupo é adicionado ao clube (no máximo nove ou dez)), após minucioso exame do seu passado e da sua obra pública. Entre os membros mais recentes figuram o General Dwight Eisenhower e o antigo embaixador dos Estados Unidos, Lewis Douglas.

Com êsse processo hábil o **Athenaeum** consegue equilibrar seu orçamento, sem prejuizo do seu confôrto e luxo, pois arrebanha seus novos sócios, preferentemente, entre os escritores, cientistas e artistas norte-americanos, para os quais o total de 38 guinéus nada representa.

No outro extremo da escala surge o **Royal Automobile Club**, que já foi um dos mais selecionados, mas que agora está aberto a todo aquêle que possui um automóvel.

Com os seus 16.000 sócios passou a ser um dos mais confortáveis e luxuosos de Londres, estando em sólida situação financeira, e podendo proporcionar aos seus associados, além de boa mesa e todos os confortos sonhados, também hospedam em excelente cama e tôdas as amenidades de um ótimo hotel.

E isso, convenhamos, é tudo o que o homem de 1952 exige de um clube, não ligando muito a exclusividades de classes... ou de sexo.

★

Como você resolveria isto?

Estando eu, certa vez, esperando que aprontassem meu automóvel, numa garage, há alguns anos, uma mulher nela penetrou, como vendaval, acompanhada por um filho de oito anos de idade. O menino havia encontrado uma arruela de rosca interna e, achando-a parecida com um anel, colocou-a num dedo. Depois, é claro, procurou tirá-la... e nada! A mãe experimentou sabão e água, sem resultado; levou o menino a uma farmácia, porém nem ali conseguiu socorro.



Finalmente lembrou-se da garage... Infelizmente, a arruela era feita com metal muito duro, que as serras e limas da garage não podiam vencer.

A êsse tempo, o dedo do menino estava vermelho e inchado. O garôto chorava e a mãe se mostrava nervosa e pálida. Então um homem que acabava de chegar, encontrou imediatamente uma solução para o problema. Pode o leitor dizer como pôde êle retirar o anel de aço do dedo do garôto, sem grande trabalho e em poucos minutos?

(A resposta o leitor encontrará na página número 42).

★

NÃO ESTAVA MUITO BÊBEDO — Numa cidade da Pennsylvania, uma pequena fêz o seu amiguinho beber muito whisky e o convenceu, depois, a dirigir um automóvel por mais de cem milhas, até à casa do juiz que os casou. Dias depois o rapaz solicitou anulação do casamento alegando que estava embriagado e não sabia o que estava fazendo. O juiz negou, sentenciando: «Não! Se estava bastante bom da cabeça para dirigir o automóvel por mais de cem milhas, devia estar igualmente com a cabeça bastante boa para saber que estava casando...»

MAIS CALOR ATÉ O ANO 2780

ALGUNS especialistas acreditaram na possibilidade de estudar a atmosfera, considerando-se como absolutamente independente do resto do planêta. De suas observações extraíram prognósticos a curto prazo. Entretanto, apesar da ciência meteorológica, por exemplo, os efeitos das transgressões oceânicas sôbre o clima e, em conseqüência, sôbre o caráter humano, são conhecidas apenas superficialmente.

Para muitos sábios, o ritmo dos diferentes climas terrestres obedece a uma periodicidade que não se deve a variações locais momentâneas, mas sim que envolve o curso dos séculos.

As variações climáticas explicam, em grande parte, a lenta evolução das civilizações. O gênero de alimentação, as guerras, a aparição de certas religiões e de certas formas de arte só se tornam completamente explicáveis se se estuda com atenção a história dos climas.

ALIMENTAÇÃO, COSTUME E CLIMA

Quase todos os povos tomaram o costume de viver em um ambiente determinado, e existe uma correlação direta entre costumes, alimentação e clima.

A mais antiga civilização é, provàvelmente, a do milho, com que se alimentam os Tcheéu, na China. A seguir, a do trigo, que deve ser originário da Mesopotâmia, e a do arroz.

A civilização do mel deve figurar entre as mais primitivas. Existem duas civilizações do gado: a do carneiro, que caracteriza o nômade, e a do boi, que corresponde às populações sedentárias.

A civilização do peixe desencadeou, como a do trigo, guerras sangrentas; assim foi a luta entre a Holanda e a Inglaterra, no século XVII e a guerra russo-japonêsa, pelas pescarias de Sakhalina, em 1903.

Distinguem-se, ainda, outros tipos de civilização: a da roupa, por exemplo. Os homens, segundo o clima, vestem-se de peles, lã, linho, sêda e algodão.



Com navios iguais ao que a gravura apresenta, chegando ao pôrto inglês de Broadstairs, Erik, «o Vermelho», conquistou o seu império, num tempo em que os gelos se haviam retirado mais para o Norte.

Do mesmo modo que a fôrça de rotação da Terra arrasta contra a costa americana as pesadas águas do oceano, saída dos gelos polares, os povos emigrantes marcham quase sempre para o Oeste, seguindo o sol em sua carreira diurna.

Apenas estabelecidos na costa oriental dos Estados Unidos, os emigrantes da Europa sentem a necessidade de ir ainda mais longe, para o Oeste.

E' curioso, por isso, comprovar que a estepe russa, fatal para Napoleão e Hitler, não constituiu nunca obstáculo para os inumeráveis povos vindos da Ásia; citas, hunos, sarmatas, mongóis e outros.

UMA EXPLICAÇÃO DO IMPÉRIO NORMANDO

As variações dos gelos polares explica muita coisa... Entre elas a criação do grande império normando, que conheceu seu apogeu pela altura do ano 1.000, com Erik, o Vermelho e, depois, seu desaparecimento.

A Islândia, a Groenlândia e, na América do

Norte, o Vinhland, formam parte dêsse império prodigioso, desaparecido tocado pelos gelos no século XV.

A época do recalentamento atual do hemisfério norte continuará até ao ano 2.380, aproximadamente e, depois, a partir do ano 3.000 até 3.280, os gelos reconquistarão o espaço que era seu em 1430.

Um especialista francês, Mr. Le Danois, diretor do Escritório Científico de Pesquisas, de Paris, opina que o recalentamento do Ártico tem que continuar.

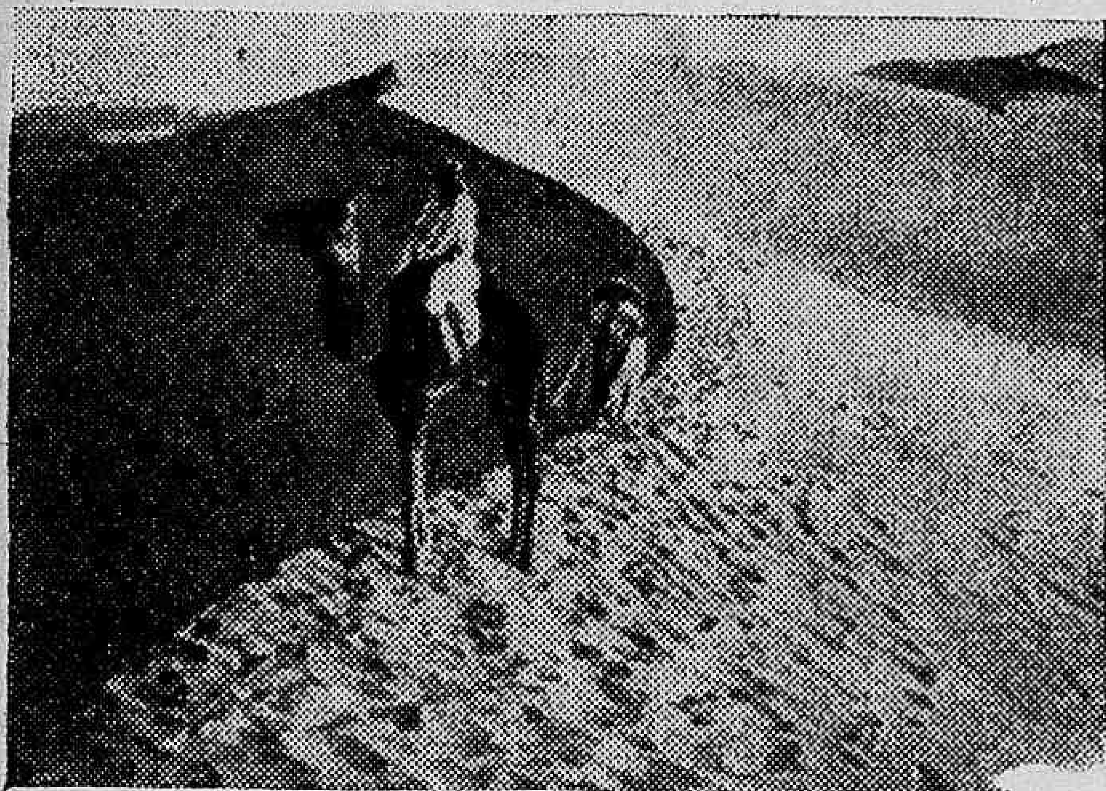
Na verdade, êsse recalentamento começou em 1900, e, desde então, progrediu sensìvelmente. Estamos, por isso mesmo, obrigados a tirar o melhor proveito dêle; podemos mesmo esperar que, já agora, não apenas ao Sptitzberg e à Ilha do Urso, os navios de grande tonelagem poderão levar turistas, como se fazia, antes da última guerra, sem haver necessidade de quebra-gelos. Os transatlânticos de maior porte poderão chegar até ao estreito de Behring e a temível passagem do Norceste se converterá num ponto visitado pelos excursionistas, com escala em portos siberianos novamente construídos.

Entretanto, embora tão sedutora perspectiva não chegue a realizar-se, é muito provável que dentro de quinhentos anos os gelos tenham diminuído em proporções fantásticas, o que muito contribuirá para que os invernos sejam menos rigorosos.

A PROGRESSÃO DO DESERTO

Finalmente, a êsses diferentes fatores de recalentamento vem unir-se o da progressão do deserto; as areias representam importantes acumuladores de calorias. Por isso mesmo, o crescimento do deserto do Turquestão e do Saara não poderão deixar de exercer influência das mais benéficas sôbre o clima da Europa ocidental.

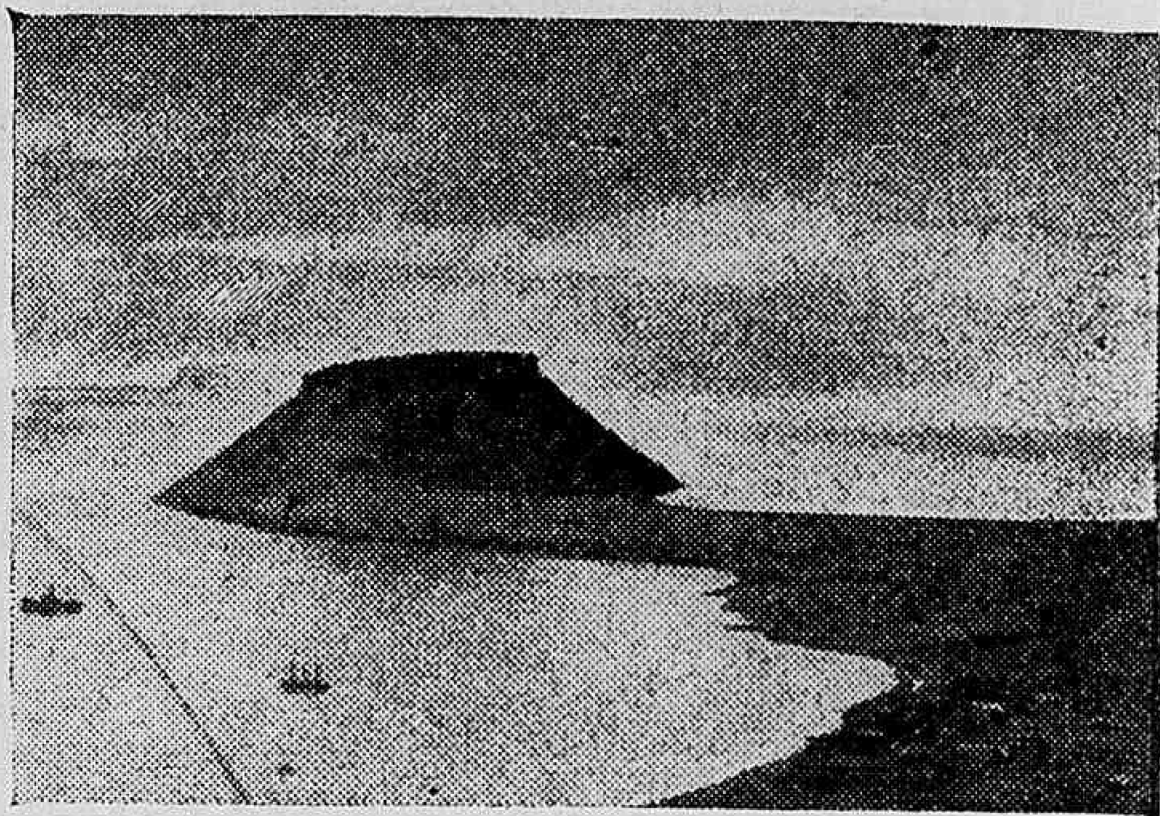
O esfriamento, provocado pela última fase fla-



A progressão dos desertos cria em nossos dias graves problemas, que preocupam a todos em geral e especialmente aos especialistas das comissões econômicas e sociais da ONU.

cial já é apenas uma recordação do passado. Desde o segundo milenário, antes da nossa era, a história continental revelou a subida dos centros de civilização para o norte; o Egito e a Mesopotâmia foram transformadas em regiões quase inabitáveis por seu clima tórrido; na Itália começa a fazer demasiado calor, da mesma forma que na Espanha e na Grécia; os países do norte estão destinados a conhecer uma grande prosperidade, quando na época romana estavam ainda cobertos de bosques e pântanos.

Dessa forma, o recalentamento gradual do Ár-



A lendária terra de Tule, hoje povoada por trezentos Esquimaus, formava parte do grande império dos Vikings.

tico e a rápida progressão do deserto, são outros tantos fatores que se somam e permitem augurar um recalentamento bastante próximo no correr do século XX.

MORTE DO GLOBO

Num futuro mais remoto, o clima continuará mostrando, em seu conjunto, uma tendência para a elevação térmica; é quase certo, entretanto, que nas eras futuras haverá muitas variações momentâneas, talvez provocadas por episódios glaciais de curta duração; porém, dentro de quatro ou cinco milhões de anos virá uma nova grande transgressão, que arrastará as águas equatoriais para as altas latitudes. Então, as partes baixas dos continentes, submergidas novamente, cobrir-se-ão de camadas marinhas, nas quais ressurgirá uma fauna tropical.

A partir de então decorrerão quarenta milhões de anos em que os habitantes do planêta conhecerão as alternativas do frio e do calor e, a seguir, talvez em concordância com outra transgressão, virá a passagem do sistema solar por êsse ponto da Galaxia na qual encontra o refôrço intenso do calor estelar, e, como no Silúrico, no Carbonífero e no Jurássico, o ritmo dos duzentos milhões de anos trará para a Terra os benefícios da uniformidade climatérica.

Êsse será o período da fartura e da bonança. Uma vegetação exuberante invadirá os dois polos e se estenderá por todos os continentes, cuja forma — seguramente — terá variado em razão dos fenômenos orgânicos ou sísmicos.

O grande ciclo começará na sucessão de milenários futuros, até o esfriamento geral de nosso Globo, que provocará o desaparecimento definitivo do calor e da vida.

Tal é a tese de Le Danois. Só o futuro dirá que tão ousados prognósticos se realizarão.

Esteja em dia com o Mundo



COMO os humanos, os vinhos também sofrem enfermidades e podem morrer (quando perdem corpo, perfume e sabor). As moléstias provocadas pelas viagens podem ser fatais, especialmente para certos vinhos muito delicados e que não podem ser importados para o nosso país, justamente porque não podem suportar os rigores de uma viagem oceânica.

★

Há quarenta anos, em 9 de setembro de 1912, o primeiro pneumático para automóvel foi fabricado nos Estados Unidos, sendo exibido e explicado aos delegados do "VIII Congresso Internacional de Química Aplicada", em Nova York. Uma firma, em Elberfeld, Alemanha, conseguiu fabricá-lo com isoprene, derivado de paracresol, um produto extraído do alcatrão.

★

Lukas Tehaffen, que morreu em Alsberg, Alemanha, em 1679, com a idade de 67 anos, deixou 1.091 descendentes diretos, o maior número, portanto, jamais acusado para um só casamento. Tinha 5 filhos, 87 netos, 446 bisnetos e 553 trisnetos.

★

O som pode ser transmitido entre dois pontos largamente separados entre si, através de um raio de luz. As ondas de som, em sua origem, são transformadas em ondas de luz e voltam a se transformar em ondas sonoras, num receptor de som, em seu ponto de recepção. Por meio de poderoso foco luminoso, não há muito tempo, um homem em Schenectady falou para um amigo em Gloversville, Nova Yory, à distância de 32 milhas.

★

O "HMS Repulse", da marinha de guerra britânica, que foi torpedeado e afundado pelos Japonêses, ao sul da China, em dezembro de 1941, foi o único navio de guerra, em tôda a história naval, a ter janelas ornadas com vitrais, em sua capela.

★

Durante muitos anos, um popularíssimo método de suicídio, no Japão, foi o de deitar-se o tresloucado, à noite, no trilho de uma linha férrea e aguardar a passagem do próximo trem. Outro método, também muito vulgarizado no país do "hara-kiri", durante uma longa temporada, foi o de correr para a estação, quando um trem se aproximava e, esticando o pescoço, deixar que a saliência de algum vagão se encarregasse de estourar a cabeça.

★

A prova evidentíssima de que os cavalos não nasceram para ser saltadores naturais foi dada recentemente, na Austrália, quando vários dêsses admiráveis animais morreram de sêde, embora estivessem separados de um riacho de água fresca e tentadora por uma grade de apenas um metro de altura.

★

Sob exame microscópico, numerosas espécies de madeira são fàcilmente identificadas mesmo sob a forma de papel ou de serragem.

★

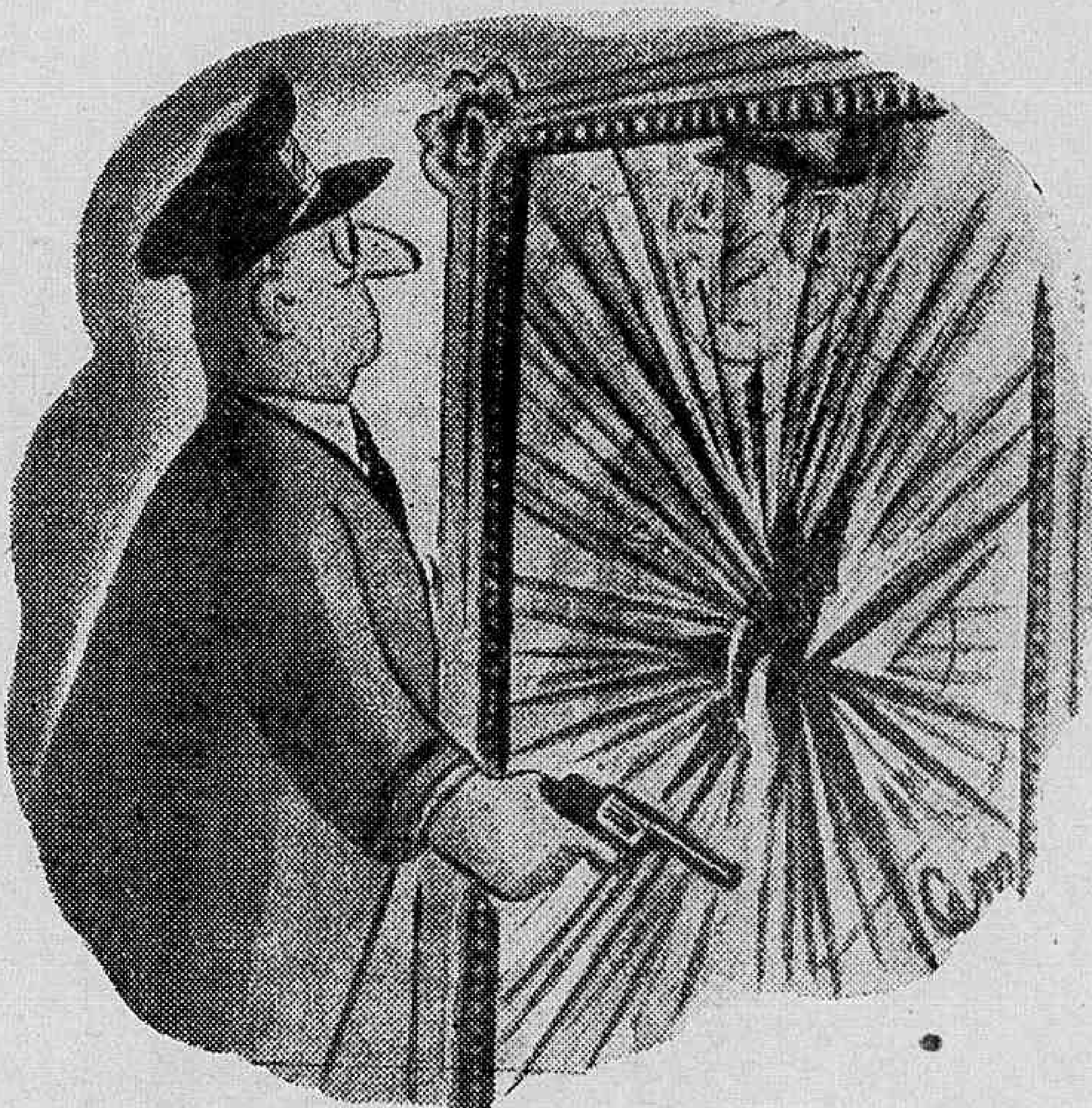
Embora muita gente ignore, desde Pearl Harbour, a Grã Bretanha não apenas entrou a receber grandes quantidades de material bélico dos Estados Unidos, como, por sua vez, enviou muita coisa para os norte-americanos. Exemplos: balões próprios para barragens contra aviões, e que foram empregados na costa oeste norte-americana, além de boa quantidade de metralhadoras anti-aéreas, pesadas, para a zona do Canal do Panamá. Da mesma forma enviou corvetas para as águas norte-americanas, a fim de auxiliar no patrulhamento das costas atlânticas.

Cuidado! Perigo!

NÃO há quem ignore que os trapezistas, os eletricistas que trabalham no reparo dos cabos de alta tensão, etc., têm trabalho assaz perigoso. Menos conhecidos, porém, são os perigos que cercam outros tipos de atividades, algumas até consideradas românticas. Tais perigos, embora de menor gravidade, são verificados com maior freqüência do que os primeiros.

★

ÊRRO DE IDENTIDADE — Um policial de Chicago penetrou heròicamente num velho e escuro casarão comercial, em perseguição a um conhecido e temível ladrão. Caminhou, muito atento, através de grandes salas, com balcões compridos, onde eram expostas as mercadorias, chegou ao extremo limite de um corredor, dobrou à esquerda e... deu **de cara** com uma ameaçadora figura e que, de revólver em punho, parecia pronta para atacar. Rápido o policial calcou o gatilho de seu revólver, visando o adversário... e enchendo tôda a casa com o eco do tiro e de cacos de vidro tombados do colossal e caríssimo espelho que êle acabava de estilhaçar com seus tiros!



★

FALTA DE EXPERIÊNCIA? — Nos ensaios de uma peça teatral, em Richmond, Virgínia, o galã tinha que plantar um apaixonado beijo, de surprêsa, na fronte de sua "leading-lady". Na primeira tentativa, a coisa saiu frouxa, sem brilho, ordenando o "diretor" que a cena fôsse repetida. Nessa segunda tentativa, ela tentou ajudar o companheiro e assim, no instante em que êle se curvava, rápido, ela levantou a cabeça ao encontro dos seus lábios. O infeliz galã teve que ser levado para o hospital, a fim de consertar o nariz quebrado.

★

QUE FIASCO! — Durante um grande desfile em Los Angeles, por ocasião dos festejos universitários da Califórnia, uma linda garôta comandava a banda escolar, no papel de baliza", como é hábito nos Estados Unidos, de saiote bem curto para ostentar a perfeição das lindas pernas, chapéu de côr berrante e mais alto que uma cartola. Lá marchava ela, graciosa e ágil, fazendo mil e uma diabruras com o seu longo bastão de comandante. A páginas tantas, bem diante do palanque da comissão julgadora, num rodopio mais vivo do bastão, a grande bola da extremidade do mesmo bateu fortemente contra a copa do próprio chapéu da linda baliza", fazendo-o descer até abaixo dos olhos e tão apertado que a pobre garôta viu-se forçada a abandonar o cortejo, a fim de que o chapéu fôsse arrancado, deixando bastante esfolado o seu narizinho...

★

OS RISCOS DO DEVER! — Num campo de treinamento do Exército norte-americano, em New Jersey, um jovem caporal, natural da Carolina do Sul, que acabara de ser vacinado, foi designado para conduzir um grupo de recrutas até à fila para que fôssem também vacinados. Com o seu falar vagaroso e arrastado, o pobre caporal não conseguiu explicar a sua própria situação tão depressa como agiu o enfermeiro... e por isso foi revacinado contra todos os riscos possíveis.

★

FOUL! — À porta de um estádio de "baseball", em Pampa, Texas, o bilheteiro recolhia os **tickets**, apressando insistentemente os fãs para que não "emperrassem" a fila. Eis que surge um homem e, de **ticket** em punho, no instante em que devia entregá-lo ao bilheteiro, volta-se, primeiro, para falar qualquer coisa com o companheiro que vinha imediatamente atrás. Nesse justo instante, uma bola, vinda do próprio campo do jôgo, atinge a cabeça do homem. Êste, acreditando ter sido agredido pelo apressado bilheteiro, volta-se e no melhor estilo do Texas, ataca-o a sôcos. Resultado: um ôlho enegrecido, dois dentes a menos, prejuízo da importância do **ticket**, perda do espetáculo e duas horas de xadrez.

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página 38)

O recém-chegado pediu um pedaço de barbante ordinário e com êle começou a enrolar firmemente o dedo do menino, a partir do próprio anel, comprimindo a carne na direção da ponta do dedo. Depois de assim fazer, por uns dois e meio centímetros, até ultrapassar o **nó do dedo**, começou a desenrolar o barbante, a partir da extremidade encostada ao anel, enquanto outro homem tratava de ir empurrando a arruela para a extremidade do dedo que foi afinal libertado da mesma.

O CORAÇÃO DE LUÍSA

Romance de HENRY GRÉVILLE

Tradução de NICOLE PASCHIER

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Na velha cidadezinha de Bayeux, tranqüila e provinciana apesar dos seus ares de nobreza, que não quer abandonar, vive a Sra. Belfroy, viúva de regular fortuna, em companhia da filha, a adorável Luísa, a quem adora. Em criança, durante uma pequena excursão marítima, Luísa sofrera um grande choque. Repentinamente prêsa de incêndio, a embarcação estêve prestes a naufragar com todos os seus passageiros, que se salvaram por milagre, quando tudo já parecia perdido. A partir de então, com raras exceções, tôdas as noites Luísa desperta tôda a casa com os seus gritos de incêndio, fogo, etc. Porém continuava dormindo e só acalmava quando a Sra. Belfroy a cercava em seus braços, murmurando em seus ouvidos palavras carinhosas, como se faz com as crianças. O Dr. Brochaux, velho médico e amigo da família, que a vira nascer, sempre afirmara que êsse choque nervoso desapareceria quando tivesse a vida nova proporcionada pelo casamento. E agora mesmo a Sra. Belfroy teimava em arrancar da filha a decisão: aceitava ou não o jovem Jacques Rieul, empregado num banco local, para marido? E Luísa, que já tivera dez pretendentes e vira todos recusados por sua mãe, via agora esta apressada em casá-la com Rieul, menos brilhante que os anteriores, como se ela fôsse uma solteirona e não tivesse apenas dezenove anos. Luísa desposou Rieul, sendo abençoados por Monsenhor, para quem Luísa bordara uma véstia maravilhosa. No mesmo dia, no correr da festa oferecida pela viúva, Rieul revelou ser egoísta, autoritário e ciumento, conquistando assim a geral antipatia dos convidados e causando à sua noiva, à sua sogra e ao velho médico as primeiras apreensões. Rieul é sêco no falar, autoritário e vive torturando sua jovem espôsa com o seu ciúme doentio. Após a lua-de-mel vão residir com a Sra. Belfroy, mas não tarda a haver um sério choque de autoridade entre genro e sogra, com maior sofrimento para Luísa, principalmente depois que os «sonhos» voltam a perturbar o seu repouso. Êsse fato é mesmo motivo para ser maltratada pelo marido, que não hesita em declarar que aquilo pode ter um fundo de loucura. O Dr. Brochaux intervém e pede a Rieul que se mostre mais humano e carinhoso e êle próprio faz questão de atender à pobre Luísa, que esperava o primeiro filho. Dias passados Rieul lembra à sogra o pagamento do dote e esta o envia ao tabelião onde Jacques sofre uma dolorosa surprêsa. O pobre homem acabara de praticar o suicídio. Estava falido! Perdiam-se, assim os cem mil francos de dote. Porém a Sra. Belfroy resolve vender a casa e pagar o dote ao genro, indo ela morar num apartamento acanhado, enquanto Rieul decide ir tentar a vida em Paris, separando assim mãe e filha. Oito dias depois um telegrama do médico chama Luísa e Rieul apressadamente, onde a Sra. Belfroy passava muito mal. Rieul não atende ao chamado com a urgência solicitada e quando Luísa chega em sua companhia à sua cidade natal, sua mãe já estava morta. Isso pouco mais rendeu ao ambicioso Rieul e êste se queixa tanto que Luísa decide trabalhar, bordando para conseguir mais algum dinheiro para a casa, embora o médico a proíba, por enquanto, devido a estar a jovem espôsa prestes a ser mãe.

O médico teve muita vontade de dizer algumas verdades a êsse egoísta inconsciente, mas isso apenas serviria para piorar a situação.

—O senhor fará como julgar melhor — disse êle — e eu também. Você pode contar comigo, Luísa. Neste mundo o esquecimento, por felicidade, vem depressa; dentro de um ano pouca gente se recordará daquele brilhante casamento que teve por celebrante Monsenhor, na catedral, como também estará esquecida a catástrofe que tragou o dote que tanto teria ajudado você a viver. Se eu tivesse sido consultado teria dito que, tão estimada e querida nesta cidade, onde tôda uma genealogia de antepassados a tornava a figura mais respeitada do lugar, aqui mesmo viveriam mais felizes e mais fàcilmente que em Paris. Da mesma forma o Sr. Rieul, aqui, encontraria colocação em melhores condições que naquela cidade imensa...

— Não desejo ser dos últimos num lugar em que já fui, por assim dizer, um dos primeiros! — objetou Rieul.

— Já que estamos falando com tôda a franqueza — disse o Dr. Brochaux — devo acrescentar que tôda esta gente, que adora Luísa e que por certo, socorreria o marido por amizade a ela... parece causar irritação ao senhor!

— Há muita verdade no que diz... — confessou Jacques sem titubear — Eu não gostaria, realmente, de ser apenas "o marido da rainha"!

Luísa curvou a cabeça, com ar fatigado. Pobre rainha, realmente! Nem sequer pensara nesses detalhes...

— Bem... O senhor é quem tem o direito de decidir — concluiu o médico — Pode fazer como melhor entender. Mas desejo apenas que não esqueça um detalhe: que sua espôsa é uma criaturinha muito frágil e carinhosa e que precisa de tranqüilidade, de confôrto e, acima de tudo, de felicidade. O senhor não é má pessoa, embora não tenha aspecto simpático e se esforce por parecer ainda pior, permita-me a liberdade... Mas tudo poderá ser arranjado. Irei visitá-la, Luísa. Qualquer coisa que necessite dos meus serviços poderá ser telegrafada. Não consentirei que outro médico cuide de você. Está bem assim?

— Oh, magnífico! — exclamou Luísa, corando de felicidade — Era o que mamãe mais desejava neste mundo, e eu não me atrevia a pedir!

★

Rieul e Luísa partiram na mesma manhã para a capital.

O apartamento que haviam alugado, embora tivesse bom aspecto, não era espaçoso nem confortável; as bôlsas modestas com muita dificuldade podem reunir as condições de higiene e bem-estar aparente, sem as quais não é mais possível viver na atualidade.

Outrora, por um preço mínimo era possível conseguir no próprio coração de Paris, um apartamento com quatro ou cinco peças espaçosas, bem arejadas e com bastante confôrto para alojar, ainda, algum hóspede ou parente, sem dores de cabeça. Isto, hoje,

não é mais possível. Tudo é mesquinho, obedecendo a um sentido de economia, de espaço e de material e, se as escadas têm tapêtes são êles de arrepiar; velhos, sujos, empoeirados, verdadeiros ninhos de micróbios e focos de infecção, enquanto outrora o chão cuidadosamente encerado era o suficiente aos locatários modestos e cuidadosos, que não precisavam do reteirado aviso: **"Limpe os pés, por favor"**.

Ninguém se resigna mais a confessar que não é rico! Todos desejam aparentar, pelo menos; e êsse falso luxo se traduz em cortinas empoeiradas, que o sol não atravessa...

Além do mais, "madame" tem um dia cheio...

Porém Luísa nunca teve tempo para ter um dia sòmente seu, mau grado os esforços do marido para que ela imitasse as espôsas dos seus colegas de escritório.

Êle conseguira um emprêgo e, sendo ativo, tinha sido preferido a outros mesmo mais afortunados. Na casa comercial para a qual ingressara desde que pusera os pés em Paris, Jacques conquistara lugar de seleção e a confiança do patrão. Não poderia jamais ir muito longe, em matéria de ordenado, mas esperava, mais tarde, fazer dêsse modesto início um degrau para ingressar num grande banco, onde suas qualidades e talentos fôssem apreciados e pagos como de direito.

Havia esperado, por outro lado, que a espôsa o ajudasse pelas relações que geralmente se estabelecem mais fàcilmente entre as mulheres. Nisso, porém, Jacques sofreu terrível decepção.

Luísa era modesta e altiva; tinha horror a tudo o que fôsse ùnicamente aparências; também ela, em Bayeux, tinha sido uma pequenina rainha; sem opor resistência franca, não realizou qualquer medida ou deu qualquer passo para encorajar amizades superficiais que teriam aproveitado ao marido.

Sua alma delicada não podia admitir ternas palavras entre mulheres que se viram duas ou três vêzes. Teriam sido necessários anos para abrir êsse cofre precioso. Compreendeu ela, imediatamente, que ninguém, em seu redor, se esforçaria muito por encontrar a **chave**... ....

Uma outra razão a levou a encolher-se, retraindo-se; o ciúme intenso, absurdo mas irremediável, de Jacques com relação a todos os homens, fôssem moços ou idosos e que se permitissem olhar para ela com alguma atenção.

Há criaturas a quem o ciúme do marido lisonjeia; há outras, entretanto, a quem isso é ofensa: Luísa estava mortalmente ofendida.

Adivinhara, desde o primeiro instante, que Rieul seria ciumento e prometeu a si mesma nada fazer que pudesse excitar êsse defeito. Entretanto, quando percebeu que não seriam necessárias causas para a eclosão dêsse sentimento e que Rieul era ciumento por temperamento, da mesma forma que se tem olhos azuis ou prêtos, ficou muito triste e humilhada.

— Não haverá pretexto! — prometeu a si mesma — Não falarei com ninguém fora desta casa!

Teria desejado traçar outro plano de vida, agora totalmente impossível. O nascimento do seu primeiro filho, um menino, trouxe para a sua vida tôdas as alegrias que até então lhe haviam faltado. Sôbre o berço do pequenino Alberto, a jovem mãe, — é verdade — derramou, a princípio, lágrimas cruéis... Quanto à Sra. Belfroy, teria amado êsse filho de sua filha, essa continuação de sua Luísa adorada!

Mas a razão falou mais alto, muito mais alto, para minorar êsse desgôsto cruciante.

Jacques não teria visto nisso motivo para ciúmes, o melhor e o mais fácil de todos? Luísa enxugou as lágrimas e tratou de amar o seu filho mais ainda.

O bom médico cumprira a sua palavra: lá saíra um dia de Bayeux para abrir para a vida os olhos ainda semi-cegos do belo menino, seu afilhado, chamado Alberto como êle próprio.

Ao aconchegar contra o coração da jovem mãe, o pequenino rôlo de linho, môrno e macio, onde despertava uma vida e onde se desenvolveria, gradativamente, tôda uma existência de homem, disse a Luísa:

— Aqui está a sua salvaguarda, a sua alegria, o seu consôlo para as horas de desgôsto; você não se pertence mais; nem mais tem o direito de ter maus sonhos. Por isso não os terá.

Luísa interrogava êsse bom amigo com um olhar, duvidando um pouco do que ouvia.

— Sim. Não vai sonhar mais! — repetiu o Dr. Brochaux com firmesa. — Um filho, nos braços de sua mãe, é como uma tábua de salvação, em tôdas as circunstâncias da vida. Mas não é possível a você esquecer que é a principal responsável pela felicidade dêle! A pobre Sra. Belfroy, que tinha verdadeira adoração por você, não criou a filha como devia. Deus a tenha em sua santa guarda! A excelente criatura não soube fazer de você uma mulher forte. Saiba você, ao menos, dar aos netos dela almas resistentes e boas em corpos sólidos e valentes.

Assim farei. — disse Luísa, beijando o rostinho acetinado tão calmo e adorável, feito para o beijo.

O médico retornou a Bayeux. Dois anos depois, não foi êle quem recebeu em suas mãos quase paternais, a bela menina que Luísa, tôda orgulhosa, apertava contra o coração. Desde meses antes quase não podia andar, com as pernas inutilizadas pela gota, pobres pernas de médico de aldeia, que tanto haviam caminhado, quase correndo e tanto haviam socorrido, conduzindo consolos e remédios.

O doutor conhecia muito bem o seu mal e sabia ser um mal traiçoeiro, que tinha recrudescências imprevistas e violentas. Assim, desde o primeiro ataque, tomara a resolução de escrever seu testamento, deixando o que possuía a Luísa, sua querida Luísa, prêsa ao seu pobre coração enfêrmo por laços de amizade infinitamente mais fortes e mais doces que os de um parentesco afastado que jamais conhecera pessoalmente e que jamais se preocupara com êle, salvo para calcular o que poderia valer aquela herança.

Escreveu êsse testamento, leu-o, repetindo essa leitura muitas vêzes, guardando-o numa gaveta, contando assiná-lo boa e devidamente perante o seu tabelião, em tôdas as formas desejadas.

Porém a morte foi mais rápida que êle... Numa feia manhã de fevereiro, quando a chuva castigava incansàvelmente as venezianas emperradas, a morte entrou sem bater e levou a melhor alma de médico que Bayeux jamais vira nascer!

Dessa forma os parentes desconhecidos herdaram a bela fortuna.

Rieul não escondeu seu aborrecimento pelo fato e mesmo sua irritação, pois essa morte imprevista era recebida como uma injúria pessoal. Embora o médico jamais tivesse feito qualquer alusão a suas disposições testamentárias, o marido de Luísa sempre esperara e compreendera que esta seria a sua

herdeira. Êsse novo desapontamento, vindo após os dois outros; reduzia definitivamente a fortuna da sua espôsa a cem mil francos justos, mais os belos móveis que a Sra. Belfroy reservara para o seu modesto apartamento e que haviam permitido à família Rieul dar-se o luxo de uma linda instalação, cheia de gôsto e de discernimento artístico. Quanta distância, portanto, daquilo que êle esperara!

SEGUNDA PARTE

VII

Os anos se sucediam e Rieul continuava a ser um ambicioso fracassado, isto é, continuava tendo as aspirações de um ambicioso sem ter as aptidões que fazem as realidades. Entrara na vida com um pequenino patrimônio, uma educação mediana, um exterior agradável e o desejo de fazer um bom casamento. Êste, que fêz, teria satisfeito a qualquer outro, menos êle. Sua espôsa era a graça, a meiguice, o encanto incarnados; ela havia dado, no correr dêsses anos, quatro filhos: Alberto, o mais velho; depois Aliette e, em seguida, mais duas filhas: Elisa e Lúcia.

Para subir muito alto, isto é, associar-se a alguma casa bancária mediana, em que os seus conhecimentos dos negócios poderiam proporcionar-lhe uma posição superior à de simples contador, gastara muita paciência e muita vontade; destacava-se entre os colegas e o chefe da casa sabia que o seu empregado ganhava conscientemente os seis mil francos de ordenado que acabara obtendo. Mas não pudera realizar êsse sonho e, segundo se afigurava, jamais passaria de empregado — isso, por certo, em razão do seu caráter, leal, mas intratável. Por certo desejariam consultá-lo e aproveitar as suas idéias... Mas, admiti-lo no conselho diretor — comentava o seu chefe — seria o mesmo que entregar a Rieul um bordão com que os surraria a todos.

Tôdas essas esperanças frustradas caíam, naturalmente, sôbre Luísa.

Para centenas de homens, o lar é um lugar de repouso onde o indivíduo se retempera; para outros, é o local em que se desafogam as cóleras, em que se buscam discussões, aumentando as dificuldades diárias... Jacques Rieul se vingava sôbre a sua espôsa de tudo o que era forçado a suportar fora de casa.

A morte do médico, já agora tão distante, sempre lhe parecera uma verdadeira implicância do pobre homem; para Luísa, o desaparecimento do Dr. Brochaux fôra um golpe terrível. Vira descer, com o caixão, tôdas as felizes recordações de sua juventude e também tôdas as esperanças do seu futuro. Não tinha mais quem a protegesse neste mundo, e os terrores antigos, despertados por associação das lembranças, voltaram com fôrça nova.

Muitas vêzes, ela se deixava levar a sonhar como se tivesse saído da existência, como se a sua alma tivesse deixado seu corpo, para retornar à sombra da querida catedral, onde conhecera sòmente alegrias. Essas ausências, adoráveis embora, eram um perigo do qual ela não tinha consciência. Quando o marido a surpreendia nesses devaneios, ralhava num tom colérico e brusco. Com um sobressalto, a pobre Luísa voltava então à realidade da existência material, esforçando-se por ser perdoada, sentindo muito bem que fizera mal, que o médico não teria aprovado tais sonhos. E, no entanto, voltava a entregar-se a êles... E sentia-se feliz!

Outra alegria encontrava agora com a existência de sua filha mais velha, Aliete. Alberto lembrava muito o pai, tendo os mesmos defeitos, mas não as qualidades; por isso Rieul tomou a resolução de engajá-lo logo que o rapaz atingisse os 18 anos, a fim de dominar êsse caráter rebelde. Enquanto não chegava êsse momento, o liceu o mantinha afastado de casa, pelo menos durante o dia.

As duas filhas mais moças, estudavam numa escola municipal, embora Rieul tivesse preferido coisa mais elevada; **mas** — dizia êle com gesto dramático mal disfarçado sob a tentativa de gracejo — **quando se é pobre...**

Quinze anos de casamento tinham decorrido assim, cada cônjuge procurando seu caminho, êsse caminho difícil de ser encontrado; tão difícil que muitos morrem sem o haver jamais achado. Luísa encontrou o seu, que se parecia em muitos pontos a um calvário. Sonhava ainda, à noite, infelizmente! Porém com um esfôrço da sua vontade, despertava; imóvel, muda, devorada pela angústia, esperava que a calma voltasse, pois conseguia — Deus sabe como — conter os gritos. Porém um véu de meiguice resignada se estendera sôbre o seu rosto de linhas tão finas, tão puras. Continuava sendo a linda Sra. Rieul; mas que lhe importava? Sua beleza não tinha qualquer importância aos seus olhos; quase não importara muito, antes, mesmo no período do seu noivado. Quanto à felicidade, que importava que a julgassem feliz? Ela conseguira construir uma felicidade tôda dela, misteriosa e suave, com a lembrança daqueles que havia amado e a esperança das alegrias que seus filhos conheceriam. Luísa Rieul não pedia mais que isso da vida.

★

Entretanto o dinheiro era raro, no seu lar: foi nesse momento que, vendo as filhas mais moças em idade de seguir as aulas sòzinhas, o filho internado num liceu, dedicou-se com a filha mais velha ao trabalho de sua mocidade.

Na verdade, jamais desdenhara os bordados artísticos, tão em evidência por ocasião do seu casamento; um pouco de prática desenferrujou depressa os seus dedos; os lojistas aos quais levou amostras de sua habilidade, embora cuidando de esconder

---

SUGESTÕES PARA O LAR



Duas rolhas prêsas à parede sustentam, muito bem, uma tesoura.



Uma gôta de lacre sôbre os parafusos impede que fiquem frouxos.

seu entusiasmo por tantas provas de bom gôsto, encomendaram trabalhos por preços muito bons.

No dia em que Luísa entregou a seu marido a primeira nota de mil francos, conquistados com muita fadiga, costas encurvadas e olhos avermelhados, sentiu uma das mais fortes emoções de sua vida.

Até então, mantida quase como uma serviçal, por amor à paz e respeito ao lar, sentia-se agora de alguma maneira independente. Possuía um meio de existência só dela e sua filha Aliette receberia a herança, muito mais preciosa que o ouro, a prata e os demais valores...

Muitas vêzes, embora com reticências e sentido velado, Jacques a havia censurado por não ter trazido para a comunidade tudo o que realmente esperara e, mesmo, o haviam deixado entender que obteria com o casamento.

Que podia responder a isso a inocente Luísa, revoltada com a injustiça mas assás orgulhosa para queixar-se ou revelar a sua mágua?

De ora em diante, suportaria essas indiretas com fronte erguida; a injustiça pouco a atingiria.

Além do mais, curvada sôbre o seu ofício, ganhara ainda outra coisa, além da nota de mil francos: conquistara definitivamente o coração de sua filha Aliette.

Esta, de fato, orgulhosa e delicada como sua mãe, da qual era o retrato vivo, aprendera a apreciá-la durante as prolongadas horas de trabalho, quando ficavam em silêncio ou conversavam de coração aberto. Juntas e sós, na casa tranqüila, elas se haviam identificado profundamente; a tal ponto que, muitas vêzes, Aliette perguntava a si mesma se não havia, também ela, vivido as horas difíceis da vida de sua mãe.

Os absurdos ciúmes de Rieul, que fechara a casa a todos os que a graça nascente de Aliete havia atraído, inspirara à adolescente a resolução de proteger sua mãe, mesmo que isso fôsse com sacrifício de sua própria felicidade.

Poderia ela casar, deixando Luísa só às voltas com as dificuldades sempre presentes de uma educação terrìvelmente difícil, a de Elisa, a segunda filha, muito parecida com o pai pelos gostos, os sentimentos e o egoísmo, principalmente? A gentil Lúcia, ao menos, continuaria tranqüila e meiga, sendo porém ainda muito criança para servir de ajuda ou amparo em qualquer situação.

— Não me casarei! — prometeu Aliette, depois de haver refletido longamente — Jamais minha mamãe querida poderia suportar sòzinha todo o pêso desta vida. Ficarei solteira, sim; solteira, e não me lamentarei! Assim terei cumprido com a menor parcela do meu dever com relação a mamãe, que tanto se sacrifica! Além do mais, meu trabalho é necessário nesta casa onde temos apenas o indispensável para viver; tenho a felicidade de poder ganhar dinheiro e ganharei para atenuar o esfôrço dela e, também, para que minhas irmãs e meu irmão possam ter vida melhor.

Linda promessa. Delicado pensamento, não há dúvida. Porém, embora tomando a resolução de permanecer solteira, Aliette não podia, ao mesmo tempo, deixar de ser uma criaturinha linda e deliciosa. E isso era o que muitos olhos perguntavam a ela própria, quando declarava, rindo, suas intenções muito firmes de celibato.

Aliette completou dezesseis anos, depois dezoito, dezenove, enquanto os dias passavam, trazendo-lhe mais e mais encantos; ela, entretanto, nada queria saber, tendo pôsto uma venda em seu jovem coração; caminharia sempre em linha reta, não olhando nem para a direita nem para a esquerda, embora algumas vêzes... Era, porém, corajosa e, além disso, o que conhecia do casamento, em sua própria casa, não era sedutor.

Tinha uma amiga, uma única: a filha de um professor de violoncelo, no Conservatório, homem célebre por seu talento e que também merecia igual celebridade pela excelência do seu coração. O Sr. Mornand era um dêsses vivos desmentidos que Paris, diàriamente, inflige aos que a acusam de haver feito da Arte uma bela máscara para o Vício.

Êsse homem, bastante sedutor, fìsicamente, para fazer rodar a cabecinha das suas alunas, se o violoncelo não fôsse um instrumento quase exclusivamente estudado por homens, vivia entre sua espôsa, suas lições e sua filha, numa pequenina residência, vizinha do apartamento ocupado por Rieul; as maneiras mais simples e a existência mais patriarcal reinavam sob aquêle teto onde ressoava a música dos mestres.

Cecília — a filha de um músico não deve chamar-se Cecília? — se deixara prender e empolgar por êsses dois lindos rostos sérios, talvez sérios de mais, curvados sôbre o imenso trabalho de bordar e que ela podia ver de sua janela, no segundo andar da casa vizinha e que se abria num cantinho por cima do jardim central.

Quando uma adolescente de dezesseis anos tem vontade de ver mais de perto outra adolescente de dezoito, o milagre não apresenta muita dificuldade. A Sra. Mornand tomou informações; soube que suas vizinhas bordavam como fadas, e Cecília declarou que tinha absoluta necessidade de aprender a bordar.

— Não como uma fada, mamãe, pois jamais conseguiria, mas um pouquinho ao menos! E isso, além do mais, poderia ser muito útil, em qualquer tempo! Vê-se que essas criaturas foram muito bem educadas e, no entanto, bordam o dia todo... não por prazer! Por favor, mamãe! Quero aprender bordado.

A Sra. Mornand, sorrindo, abraçou a filha. A idéia de ver Cecília bordar para ganhar a vida era coisa que, a seu ver, não podia suportar, sequer um ligeiro exame; porém Aliette e sua mãe eram pessoas agradabilíssimas e muito bem educadas: por mim não lhes encomendaria lições para sua filha?

Foi Cecília quem se encarregou das negociações.

Acompanhada por sua mãe, para respeitar as conveniências, foi tocar a campainha da residência da Sra. Rieul, sendo recebida por Aliette em pessoa, na saletinha acanhada, onde os bordados em execução ocupavam bom espaço, quase não havendo lugar para as visitas.

— Boa tarde... — disse a Sra. Mornand.

— Oh! Que lindo bordado! — exclamou sua filha, cortando-lhe a palavra sem cerimônia.

A apresentação estava feita!

O trabalho era, realmente, de grande beleza. Flores delicadas, linhas caprichosas, correndo sôbre um largo pano de sêda rosa, bem pálido...

— Quem faz isso... é... é a senhorita? — perguntou Cecília à sua favorita desconhecida.

Agora que a via de perto, achava-a ainda mais bela.

— Mamãe desenha e borda; eu apenas ajudo a bordar...

— Minha filha sabe tanto quanto eu — disse Luísa, sorrindo — Apenas... é muito modesta.

— Oh, senhorita! Se me quisesse ensinar! — exclamou Cecília, quase saltando.

As duas mães conversaram longamente; tinham a impressão de se haver conhecido, muitos anos antes, muitos mesmo, já perdidos no passado e finalmente reencontrados. Havia em tôrno dessas quatro mulheres uma espécie de alegria misteriosa... Algumas vêzes, a vida nos reserva essas deliciosas surprêsas.

Foi assim que Aliette entrou na residência da Sra. Mornand, onde uma amizade delicada ligou em poucos dias essas duas gentis criaturinhas.

— Estou contente — disse um dia a Sra. Rieul, detendo-se, pensativa, com a agulha no ar, — contente por saber que a Sra. Mornand é tão gentil com você.

— Oh, mamãe! E' por sua causa! — exclamou Aliette.

— Não, minha filha; é por você mesma! E fico contente com isso.

Aliette olhou para sua mãe ligeiramente inqueta. Há muitos anos, desde certa noite em que, estando seu pai viajando, ela fôra dormir no quarto de sua mãe e a vira despertar, prêsa de um dêsses terríveis terrores mudos, a pobre Aliette suspeitara de algum mistério doloroso, uma agonia de angústia, sôbre a qual não devia falar fôsse com quem fôsse, **mas que devia respeitar,** como devem ser respeitados todos os mistérios...

Com os anos, Aliette adivinhara muitas coisas: os ciúmes absurdos de seu pai, o sofrimento altivo e resignado de sua mãe, além dos mil e um tormentos que uma mulher, respeitosa da dignidade do lar, esconde dos seus filhos, para que amem e respeitem o pai...

Mas também vira, ao voltar, após qualquer ligeira ausência, o olhar fixo e doloroso da Sra. Rieul, voltado para a porta por onde Jacques havia saído; vira — com que mágua! — êsses meigos olhos azuis, perdidos não se poderia saber em que região imaginária, depois voltando à vida real, velados por um aluvião de lágrimas sempre contidas a tempo; e Aliette perguntara a si mesma, muitas vêzes, se a inteligência clara e brilhante de sua mãe não sofria com êsses contra-golpes constantes e violentos; se um dia a alma assim violentamente impelida para fora do corpo não recusaria voltar a êle...

— Sua mãe é doida! — dissera um dia Riel, com ar desdenhoso, retirando-se no momento em que Aliette chegava.

Doida... Não! Luísa não era doida! Mas não poderia vir a ser, à fôrça de suportar silenciosamente o seu fardo esmagador?

— "Oh, mãe! Mãe adorada! Não a deixarei jamais! — repetia Aliette para si mesma — Doida ou não, há de ter, sempre, a sua filha, para a amar, para a tratar e curar!

Foi assim que cresceu e se desenvolveu a família Rieul, igual a muitas outras, cujas alegrias e dores ninguém conhece, espelhos da vida quotidiana, até ao dia em que alguma horrível catástrofe as atiram fora das leis da humanidade.

Alberto, recém-chegado do regimento, não pudera ainda achar a colocação que o pai procurava para êle; não era mau rapaz, embora preferisse a tudo a deliciosa ociosidade. Elisa seguia um curso de corte, numa escola profissional; Luísa terminava o ginasial; a encantadora Cecília Mornand há muito deixara de aprender bordado, mas a amizade das duas moças não era menor; a vida continuava a sua marcha ordinária; não havia em Paris nem eleições municipais, nem exposição universal; em suma, tudo parecia destinado a marchar, por mais algum tempo ao menos, o mais pacatamente possível, quando Jacques Rieul foi assaltado um dia, no princípio de agôsto, pela idéia de fazer uma surprêsa à sua família.

VIII

O sol das seis horas da tarde abriu uma avenida de luz através do espesso castanheiro da Índia que protegia as janelas do lado oeste e veio desenhar um grande escudo de ouro sôbre o trabalho em que mãe e filha bordavam, uma em face da outra, há quase um ano, um imenso painel decorativo, sôbre sêda azul pálido.

Sob essa iluminação inesperada, as folhagens rutilantes, as flores delicadas, em relêvo sôbre o cetim claro ganharam tôda a beleza da vida; vendo dêsse modo realçado o seu trabalho, as bordadeiras trocaram um sorriso.

— E' realmente uma beleza! — disse Lúcia, que com os seus quinze anos acabara de entrar, ao mesmo tempo que o sol, embora pela porta.

— O sol? — perguntou Aliette, cujos cabelos castanhos se empoavam de ouro, no rutilamento geral, enquanto os olhos marrons sorriam como os lábios róseos, um pouco espessos, mas bem desenhados e entreaberttos com uma irresistível expressão de bondade emoldurando dentes perfeitos.

— O sol! Sim, é sempre belo; mas, hoje, é êsse trabalho! Já acabaram, hein, os dois trabalhos? E será para a Exposição de Artes Decorativas?

— Terminado! — replicou triunfalmente Aliette. A data apenas e, neste cantinho, as iniciais de mamãe... Oh! Mamãe... por que fêz isso? Entrelaçou o "A" do meu nome!

— E você bem que mereceu — disse a Sra. Rieul



— Você disse que êste lugar era muito bom para «flirtar» ou para «flitar»?

com o sorriso fino e cansado que dava à sua fisionomia um encanto melancólico indefinível.

Aliette se levantou e foi beijar a mãe, abraçando-a, depois, demoradamente, contra o coração.

— Obrigada — disse ela — Não mereci... Não passo de uma aluna. A senhora, sim, fêz tudo; é uma grande artista! Mas a aluna agradece de todo o coração. Será isso a glória, mamãe? O comêço da glória, de uma glòriazinha assim dêste tamanho?

Com um sorriso cômico quase juntou as pontas do indicador e do polegar.

— Há muitas classes de glória — respondeu a Sra. Rieul retirando a agulha do último ponto — as mais humildes talvez sejam as melhores... Agora, arrumemos tudo isto. Agora que está terminado, êste trabalho não deve mais continuar aqui, espalhado sôbre cadeiras.

— Terá muita sorte, sem dúvida, a criatura que puder ver isso que aí está, todos os dias, em sua casa — disse Lúcia com ar de ingênuo orgulho.

— E eu que já estou enjoada de o ver, desde que foi começado! — declarou Elisa, que acabava de entrar. — Como me fará bem não mais ouvir: **"Cuidado! Não venha para cá... Olha que vai pisar!"** Sim, êsse trabalho foi um verdadeiro pesadelo para mim; como um carrasco, que me perseguisse sem descanso!

— Pudera não! Você sabe que êle vale pelo menos dois mil francos? A menor mancha teria diminuído o seu preço!

Elisa rodou nos calcanhares e foi para a janela. Não gostava de ouvir observações.

O prédio em que residia a família Rieul era um dêsses imóveis que se multiplicam, em Paris, e nos quais se alojam as pessoas sem fortuna, mas que fazem questão de conservar certas aparências. Êsse se distinguia em muito dos outros pela sua localização no ângulo de duas ruas pouco freqüentadas, uma descendo para um bairro novo, ainda pouco habitado, atrás do cemitério de Montmartre, e a outra, a rua Lepic, contornava a famosa colina num percurso tranqüilo e sem lojas.

A vizinhança do cemitério não constituía, por si mesma, alguma coisa de lúgubre; as árvores eram tão altas e tão espessas que, no inverno, apenas — e nem sempre — podiam ser avistadas as lousas brancas das sepulturas. No verão, os pássaros cantavam às centenas e ali mesmo fiéis rouxinóis faziam seu ninho.

Por outro lado, a vista se estendia sôbre as elevações de Ville-d'Avray, de Saint Cloud, até ao monte Valeriano; dessa forma êsses apartamentos, não muito caros, eram procuradíssimos. O jardim dos Mornand, cheio de rosas e jasmins, estendia-se sob as janelas, dando a êsse canto de vida parisiense um ar provinciano verdadeiramente repousante, principalmente para Luísa Rieul, que não podia esquecer a sua querida Normândia.

★

— Que fêz você na aula de corte? — perguntou a mãe à sua segunda filha, depois de haver cortado, delicadamente, os pontos que prendiam o bordado às armações de madeira.

Só então foi possível notar a extrema fadiga dos traços delicados de Luísa, dêsse rosto onde as faces se tingiam de um rosado mais vivo, onde os olhos azuis inquietos, um tanto vagos, pareciam procurar secretamente uma saída para deixar fugir a alma **perturbada.**

— Sempre a mesma coisa! — respondeu Elisa com ar descontente — E' insuportável. Papéis, alfinetes, linha e mousseline de padrões horrorosos! Aquilo até faz mal à imaginação!

— Mas é indispensável para você aprender! — disse Aliette, rindo, enquanto dobrava cuidadosamenet o pano bordado, envolvendo-o em papel de sêda.

— Podiam arranjar outra coisa, ao menos! Você não pode imaginar... Bem se vê! Queria era...

— Que desejava você?

— Queria... rendas, sêdas, tecidos ricos, enfim, o que compõe as verdadeiras **toilettes...**

— Mas não é possível aprender corte sôbre veludo a vinte e cinco francos o metro! — respondeu Lúcia, enquanto preparava a mesa para o jantar na sala ao lado.

— E' pena... Seria até engraçado! — disse Elisa, que saiu batendo a porta com risco de quebrar a vidraça.

— Minhas queridas, vamos acabar com isso — disse a mãe, a quem êsse ruído imprevisto fizera estremecer. Seu pai vai chegar e vocês sabem que êle não gosta que o jantar se atrase.

— Temos muito tempo, mamãe querida. — disse alegremente Aliette — Não se preocupe. Papai, segundo anunciou esta manhã, tinha que tratar de vários assuntos na cidade, depois de deixar o trabalho; e, além disso, tudo estará pronto em poucos minutos, não é mesmo, Lúcia?

Lúcia era mais graciosa que bela e tinha boa vontade mais que habilidade... Começou a agir com tanta atividade que sua irmã Aliette foi obrigada a pedir que fôsse fazer outra coisa, sem o que o desejo de fazer tudo depressa poderia redundar na quebra de alguma louça.

Lúcia tinha por Aliette verdadeiro culto.

De fato, Aliette resumia para ela tôdas as perfeições da vida, todos os exemplos de virtude, tôdas as lições de sensatez. Lúcia adorava sua mãe, mas tinha medo dela, não a compreendendo absolutamente. Aliás, além de Aliette, naquele lar modesto, quem compreendia alguma coisa da Sra. Rieul?

★

Um assobio melodioso foi ouvido na escada, com tonalidades formando alguma coisa artística e musical. Um rapaz assobiava com gôsto extraordinário uma velha canção:

Plaisir d'amour ne dure qu'on moment,
Chagrin d'amour dure toute la vie...

Os olhos de Aliette se franjaram de lágrimas, essas doces lágrimas involuntárias da primeira juventude, não prontas a molhar os bordos das pálpebras.

"Tant que cette eau coulera lentement
Je t'aimerai, me répetait Sylvie...

cantou Elisa, que acabava de entrar, continuando os versos com voz desgraciosa e assim impedindo que se ouvisse o assobio exterior, que se perdeu ao longo do corrimão da escada subindo.

— Oh! — exclamou Aliette com ar penalizado — Era tão lindo!

— Assim, hein? Prefere as canções assobiadas por seu namorado às que são cantadas por sua irmã? — perguntou Elisa, fingindo-se ofendida.

Foi Lúcia quem respondeu, antes de pousar sôbre um canto da mesa o cesto de pães.

— Em primeiro lugar você não sabe cantar — declarou ela — é, por sua vez, o Sr. Richard assobia de maneira deliciosa! E, para terminar, êle não é namorado de Aliette, não é mesmo, mamãe?

Aliette permanecera imóvel, visìvelmente magoada. Nada mais penoso para um jovem coração casto e terno que ver profanar numa discussão vulgar um sentimento que nem ela própria ousa confessar a si mesma.

— O Sr. Richard não é namorado de Aliette — disse então a Sra. Rieul, fazendo-o de maneira intempestiva, como se até então nada tivesse ouvido.

Voltou para as filhas o seu belo rosto, que os anos haviam afinado e tornado triste, sem lhe retirar, porém, o encanto e a nobreza inatos que possuía outrora.

Na luz amortecida do fim da tarde, Luísa parecia muito jovem, pouco mais idosa que a sua filha Aliette. Nem uma ruga em sua pele delicada, nem um cabelo branco nos flocos macios e castanhos, enquadrando o rosto bonito, iluminado pelos mesmos olhos azuis, sempre inquietos.

— "Não é o namorado de Aliette — repetiu ela com uma firmeza rara numa criatura sempre mansa — Isso é coisa que não se diz!

— Como a senhora pode saber, mamãe? — insistiu Elisa na realidade intrigada — Êle vem aqui muitas vêzes: não é por papai, é claro! Nem pela senhora, mamãe; nem por Lúcia, que é uma criança; nem por mim, a quem êle parece não tragar. Então?...

— Se houvesse qualquer coisa entre êle e Aliette, ela me teria dito... ou êle mesmo teria falado. De qualquer maneira eu saberia! — afirmou ela, defendendo a filha mais velha.

Aliette se aproximou e agradeceu essa defesa com um sorriso terno e uma carícia muda.

— Não é mesmo, minha querida? — perguntou Luísa sondando os belos olhos castanhos da filha, iguais aos seus como forma e diferentes apenas na côr.

—Sim, mamãe. Eu teria contado à senhora, se soubesse alguma coisa — respondeu Aliette, sentindo o coração repentinamente imobilizado por uma profunda e incompreensível tristeza.

Por que? Por que essa tristeza súbita? Que havia ela esperado? Que havia esperado, essa futura solteirona? O que não queria, por nenhum preço, era deixar discutir em família, pela fantasiosa Elisa, quase sempre trivial, um sentimento de infinita delicadeza e que não existia — o, não! — que não podia existir e que, justamente por essa razão, ninguém tinha o direito de analisar, de dissecar pùblicamente...

Fôra isso, sem dúvida, o que a tornara assim, tão séria e triste...

★

Bateram à porta, que Lúcia abriu, e uma senhora gorda entrou, muito agitada e quase sem fôlego, tendo um jornal em mão.

— Vejam, se isto é possível! — exclamou logo ao entrar, deixando-se cair sentada numa poltrona oferecida pela Sra. Rieul — Não se poderá mais ir a lugar nenhum. Vejam; vejam o que contra o jornal... Um trem de recreio! Imaginem! Um trem de recreio!

— Que aconteceu com êsse trem de recreio, Sra. Lambert? — perguntou Aliette.

Era ela quem, em geral, dava mais atenção a essa vizinha do quinto andar, mais tolerada que convidada.

— Não brinque, menina! — disse a gorda criatura, gesticulando frenèticamente — Infelizes os que viajavam nêle!... Oh! Nem posso contar; não posso! Foi horrível!

Aliette reprimia dificilmente alguma impaciência desde que surgira a vizinha; além do mais, receava o retôrno de Jacques Rieul, que não tolerava a intrusa.

— Sra. Lambert — disse ela — Estamos aqui muito ocupadas e atrasadas, em razão de um trabalho que tivemos que terminar.

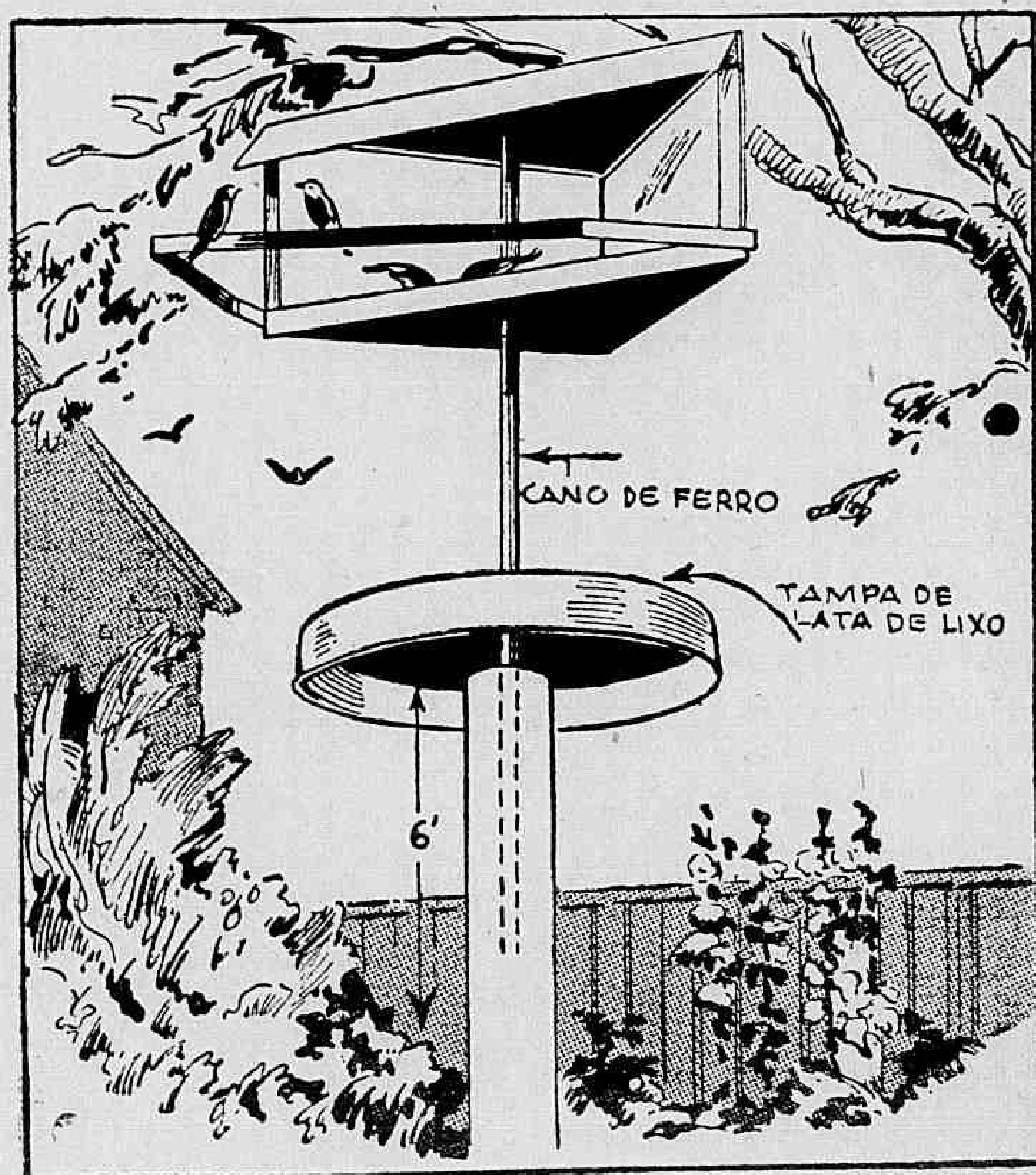
— Oh, é verdade! Vejo que terminaram o trabalho... Posso ver?

— Sinto muito... Já está dobrado e guardado — disse firmemente Aliette. Meu pai não tarda, e ficará aborrecido se o jantar não estiver preparado; gostaria, por isso, que contasse de uma vez essa história...

— Então, não sabe, minha querida? Refiro-me à catástrofe de Basiléia! A locomotiva e o tênder tombaram de uma ponte, arrastando meia dúzia de vagons... Há afogados, queimados, estraçalhados...

—Ah! — gritou Luísa, agarrando-se a um braço de Aliette.

PARA OS PÁSSAROS DO SEU JARDIM



Eis um bom tipo de comedor para os pássaros do jardim e que tem a grande vantagem de impedir que os gulosos gatos possam subir e caçar alguns pássaros mais distraídos. Um poste vertical, terminando em cano de ferro, sôbre o qual é pôsto o comedor, feito preferentemente de fôlha de zinco. Entre o poste de madeira e o cano de ferro deve ser colocada uma tampa de lata, que impedirá o acesso dos gatos, grandes apreciadores da carne tenra dos pássaros.

— Sim, senhora! — afirmou a Sra. Lambert com o seu ar mais solene — Muitos mortos e feridos... queimados, principalmente.

— Aliette, minhas filhas, salvem-me, levem-me para longe... Não quero... não quero...

Luísa levara as duas mãos à garganta, comprimindo-a, arranhando-se, como se lhe faltasse o ar.

— Mamãe! — gritou Aliette, segurando-a pelos ombros, com uma calma surpreendente. Tudo é exagêro, para fazer vender jornal! Acalme-se, por favor... E a senhora, — acrescentou, voltando-se para a Sra. Lambert — não devia ter insistido quando notou que...

— Não pude conter as palavras — gemeu a insuportável criatura.

— Cale-se, por favor! — disse Elisa, rudemente — Veja o estado em que mamãe ficou!

Luísa fêz um movimento quase selvagem e saltou da cadeira, na direção da porta, para fugir de um perigo imaginário.

Aliette a deteve, abrindo os braços.

— Vamos, mamãe! — disse ela — Por favor... Nada de emoções inúteis... Lúcia... Dá a mamãe um pouco de água de melissa ou de flor de laranja... Se papai chegasse agora, ficaria muito aborrecido.

Lúcia obedeceu e começou a catar frascos e copos da maneira menos tranqüilizante possível, apesar da sua boa vontade.

Aliette conduziu a pobre Luísa para uma janela, dizendo-lhe palavras carinhosas.

— Mamãe; minha mamãezinha querida; não foi nada do que ela contou! E, se houve desastre, graças a Deus não foi conosco. Estamos todos salvos e junto de você... Beba isto... Há de melhorar...

— Que tem ela, afinal? — perguntou a Sra. Lambert com a voz desagradável das pessoas que têm o costume de falar alto, mesmo quando as circunstâncias aconselham a falar em voz baixa.

Foi Lúcia quem respondeu, quase num cochicho.

— Quando mamãe viajava, há muito tempo, com os pais, sendo muito pequenina, viu-se envolvida num incêndio, no próprio navio em que estavam todos; desde então ficou muito impressionada; nunca mais pôde esquecer aquêle fato. Além do mais não é muito forte... embora corajosa! Não é mesmo muito alegre...

— Alegre! — Mas não há motivo para alegria — resmungou a Sra. Lambert, lançando um olhar que cobria Lúcia, Elisa, a porta fechada e tudo o que a rodeava.

Luísa bebera um gole do sedativo e parecia voltar a si.

— Que me aconteceu? — perguntou ela à filha mais velha.

— Nada de importância, mamãe; um pouco de nervoso... A senhora sabe que isso acontece, de vez em quando... Coisa ligeira.

— Foi em Basiléia que aquilo ocorreu? — perguntou ela, desconfiada, sondando os rostos que a cercavam — Não foi mesmo em Bayeux?

— Não, mãe querida; não foi em Bayeux.

— Oh, graças a Deus, não foi, Sra. Rieul! — afirmou a Sra. Lambert, tôda feliz por ter ensejo de voltar à conversação sem ser censurada.

— Bayeux! — murmurou Luísa Rieul, com os olhos voltados para a pequenina escrivaninha de solteira, que podia ver pela porta aberta.

A Sra. Lambert tinha olhos e ouvidos bem abertos. Que não daria ela para saber mais alguma coisa sôbre êsses vizinhos misteriosos, que, em doze anos de residência, não tinham deixado escapulir a menor indiscrição sôbre si próprios e suas relações? Mas, ainda desta vez, nada poderia saber. Aliette foi fechar a porta de comunicação e um silêncio polido se seguiu, um dêsses silêncios que convidam uma pessoa teimosa a sair de boa ou má vontade.

— Bem... Já vou saindo — disse a vizinha, com ar resignado — Querem que deixe o jornal? Depois me restituirão.

— Não, obrigada. — disse Aliette com frieza — Não teríamos tempo para ler, e melhor será que mamãe esqueça o que ouviu da senhora...

Reconduzida até à porta, a Sra. Lambert desapareceu.

Porém o destino estava contra ela, nesse fim de tarde, pois que no patamar cruzou com Richard Destrée, "o namorado de Aliette". Bem que ela teria dado um moeda de cinco francos para poder operar uma volta airosa; mas isso era coisa impossível; contentou-se, assim, lançando um olhar de curiosidade fracassada sôbre o belo rapaz, elegante e alerta, que chegava fora de hora, e voltou para seu companheiro, fiel e discreto, seu gato prêto de olhos verdes.



Elisa se afastou para dar passagem ao visitante; êle não chegava por sua causa, mas jamais se aborrecia de o ver. Êle entrou sem desconfiança para a sala de jantar e ficou surpreendido por ver a mesa intacta.

— Oh! Queira perdoar, minha senhora — disse êle, dirigindo-se a Luísa — Pensei que já tivessem jantado... e vejo que nem começaram.

— Não tem importância, senhor — disse Luísa com sua vòzinha frágil — Meu marido não deve tardar...

O recém-chegado era um belo rapaz, de boa altura, com cêrca de vinte e seis anos, ar simpático e franco e um dêsses sorrisos que seduzem à primeira vista.

Tinha os cabelos castanhos escuros, onde alguns fios alourados punham um toque de juventude triunfante. Era o tipo perfeito do rapaz educado, de boa família e filho muito amado pelos pais que nada haviam desdenhado para fazer dêle um homem — e que haviam conseguido.

— Peço-lhes que me perdoem — disse êle, cumprimentando as moças com impecável cortezia — Ouvi vozes através da porta... As casas de Paris parecem feitas de papel... E como vou me ausentar...

— Por muito tempo? — perguntou Luísa, olhando não para aquêle que falava, mas para Aliette, que parecia neste momento muito ocupada num canto obscuro do salão.

— Depende... Não posso saber ainda. Sôbre isso desejava falar um pouco com a senhora. Quando tive a infelicidade de perder minha boa mãe, há quase quatro anos, a senhora foi muito bondosa para mim... Pareceu-me que eu faltaria com o mais elementar dever de gratidão e também de cortesia, se não a pusesse a par da minha vida...

(Continua no próximo número)

A GRANDE CORRIDA

(Episódio real)

NUM dia de irritante chovisco, em 1893, o editor do "Chadron Weekle Record", do Estado do Nebraska, sentou confortàvelmente em sua poltrona, colocando os dois pés sôbre a mesa de trabalho, enquanto olhava desanimado para a chuva que teimava em cair. As notícias eram escassas e sem qualquer interêsse; apesar disso, tinha que encher a sua meia-coluna. Ficou longo tempo rezando para surgir uma idéia.

Um cow-boy, com as costas curvadas sob o aguaceiro, o animal chapoteando sôbre o solo empoçado, passou, vagaroso, diante da sua janela. E o editor ficou pensando quanto esfôrço tinha que dispender o pobre animal para vencer léguas e léguas sob um tempo assim. Apanhou a pena e o que escreveu teve larga e rápida repercussão. Havia proposto simplesmente uma corrida de mil milhas "a fim de experimentar a fôrça dos cavalos e dos ginetes do Oeste, e poder, enfim, afirmar que eram muito superiores aos finos cavalos do turfe, tão aplaudidos no Leste". As agências telegráficas se encarregaram de espalhar a notícia.



Buffalo Bill, um dos mais antigos e famosos cavaleiros do Oeste, conhecido como o mais veloz e ousado, exibia-se no momento na "Exposição Universal de Chicago". Mas não deixou de ler a notícia e de telegrafar ao seu patrocinador:

"Encantado notícia respeito corrida mil milhas para cow-boy. Gostaria mesma terminasse meu próprio rancho, grande festa. Ofereço mais 500 dólares".

Chadron imediatamente submeteu a proposta ao comité local, que aprovou o oferecimento de Buffalo Bill. Depois de indicar a rota a seguir, foi posta em mapa, trabalho confiado a John Berry, antigo "correio-montado", em razão do mesmo conhecer tôdas as estradas e trilhas de vasta região.

Os corredores eram famosos cavaleiros. "Doc" Middleton, um duro cow-boy de 40 anos, ídolo dos esportistas de Chicago era considerado qualquer coisa como sobrenatural. Dizia-se que era invencível e logo começaram a apostar fortemente em sua habilidade e resistência. James Stevens, outro concorrente, era familiarmente conhecido como "Cascavel Pete". Davy Douglas, era o mais moço, com 19 anos. Outros três famosos concorrentes à grande prova eram Joe Gillespie e o próprio Berry.

Na madrugada de 13 de junho de 1893, às 5,45, James Hertzell, chefe do comité, do balcão do Hotel Blaine, deu o tiro que era o sinal para o início da carreira. Cada um levava outro animal de sobressalente, para o caso do primeiro sofrer acidente.

Durante três dias a corrida continuou indecisa. Então Davy Douglas sofreu violenta queda, seguida de coice, que o forçou a desistir. Três concorrentes, a êsse tempo, lutavam pela dianteira: "Cascavel Pete", Gillespie e Doc Middleton.

Dessa primeira luta saiu vencedor "Cascavel Pete". Porém isso foi apenas por dois dias, quando Berry passou para a ponta. A essa altura Gillespie uniu os dois animais com uma corda curta e, cavalgando entre os dois, firmando-se no estribo de cada um, continuou, assim poupando as suas montadas. Dessa forma pôde alcançou Berry e batê-lo em Dodge City. Durante os quatro dias seguintes, a chuva caiu em torrente, inundando as estradas, que se transformaram em pantanais. Os animais, exaustos, tropeçavam perigosamente. Berry tanto se preocupava com os seus cavalos que se sacrificavam, quase não comendo, a fim de não sacrificá-los. Por isso só com muito esfôrço êle próprio se agüentava sôbre a sela. Êsse sacrifício entretanto, valeu, pois, em Iowa Falls estava novamente na dianteira da prova. doarei se, por minha atitude, êle vier a piorar um dos seus cavalos, ao mesmo tempo que estimulava o animal que lhe restava, deitando uísque por sua guela! Ao mesmo tempo êle próprio bebia e mais tarde, quase no final da corrida, êle e o cavalo tragaram uma garrafa inteira.

John Berry atingiu Chicago, cambaleando sôbre o seu cavalo de pernas também bambas. Exatamente às 9,45 da noite de 27 de junho, passava êle ao longo da rua 63 e penetrava no Circo de Buffalo Bill. E estava ainda firme bastante para receber os fortes apertos de mãos das autoridades.

Só três concorrentes terminaram a prova. Gillespie, Smith e Albright. Soube-se, entretanto, que Albright, num desesperado esfôrço para salvar uma causa perdida, transportara-se com os cavalos numa carroça, durante largo trecho do último percurso. Buffalo Bill ofereceu outros 50 dólares para dividir entre os três primeiros concorrentes, querendo, dessa forma, compensar um pouco a coragem demonstrada e minorar a derrota.

Assim foi cumprida a grande prova. Em seu total se estendeu ela por 1.040 milhas e o tempo de Berry foi de treze dias e seis horas. No último dia, **Poison** (Veneno), o cavalo vencedor, cobriu 150 milhas.

Dessa forma o pequeno editor que não tinha assunto para encher a sua modesta meia-coluna, acabou criando grande sensação e além de dar trabalho às agências telegráficas, proporcionou ensejo a outros jornalistas para encher muitas e muitas páginas de seus jornais, justamente como, hoje acontece também conosco.



Enlouquecendo

— Não poderei, realmente, fazer grande coisa em favor do seu marido, a menos que o examine pessoalmente. A senhora acredita que êle fará objeção?

A Sra. Heatherford hesitou um instante, antes de responder:

— Não sei... Até hoje êle tem sido calmo e não ofendeu ou maltratou quem quer que seja...

— Julga a senhora que qualquer interferência, a esta altura, poderá provocar alguma reação violenta?

— Não sei... A verdade é que nunca me perdoarei se, por minha atitude, êle vier a piorar ou agir de modo violento contra alguém...

— Não há dúvida de que essa é uma séria crise na sua vida, minha senhora. A sua segurança e a sua felicidade estão em jôgo, certamente. Mas, como médico, tenho que reconhecer que também o Sr. Heatherford está sob a ameaça de uma crise grave, que põe em risco a sua própria vida. Por isso sugiro que quanto mais rápido seja êle examinado só poderá resultar em benefício. Talvez

a senhora não tenha ainda pensado muito sôbre êsse caso, mas só o louco poderá revelar ao médico que espécie de insanidade o atacou. Como um exemplo, temos a quantidade de "suspeitos" que enchem as nossas clínicas especializadas. E nem pode imaginar quão numerosos são os que fogem dessas instituições, a desepito das medidas de precaução que tomamos. Alguns retornam de boa vontade, outros são recapturados com grande dificuldade e, finalmente, outros desaparecem por longo período ou mesmo para o resto da vida, conseguindo reingressão na vida social de acôrdo com as normas convencionais. Pessoalmente tenho interrogado numerosos pacientes, procurando saber como conseguiram fugir **e por quê.** Infelizmente, nunca se recordam, o que redunda num interrogatório ineficiente, não se sabendo ao certo por que motivo enlouqueceram e por que



voltaram à normalidade, permanecendo tudo em profundo mistério.

A Sra. Heatherford derramou algumas lágrimas e finalmente declarou:

— Não imagina como me felicito por ter vindo consultá-lo, hoje.

— Ótimo. Foi mesmo uma felicidade a senhora haver podido suspeitar do perigo com tanta antecipação. Agora... Algumas das perguntas que desejo fazer, neste momento, talvez a surpreendam e deixem mesmo embaraçada. Infelizmente, não posso evitar de fazê-las. Talvez as suas respostas não tenham qualquer valor, para o caso. Entretanto — é preciso não esquecer — a senhora é a única pessoa capaz de fazer, para meu estudo, um conciso e correto retrato do seu marido,

relatando-me as suas ações e reações. Preciso que me fale com tôda a franqueza e segurança!

— Farei como fôr possível, doutor.

— Muito bem. Pode dizer se o seu marido alguma vez se mostrou desapontado em virtude de alguma secreta ambição pela qual tenha aspirado?

— Secreta ambição?

— Sim. Em que se ocupa o seu marido?

— E' muito ativo! Faz inúmeras coisas... Vende seguros... Oh! E' muito inteligente, sim! Inventa coisas...

— Que coisas?

— Oh! Na loja do térreo tem muita coisa feita por êle...

— Que coisas?

— Bem... Na verdade, são admiráveis.

— Continue!

—Ora... Êle inventou uma borracha.

— Que espécie de borracha?

— Uma... para máquina de escrever.

— Admirável! Realmente, é admirável! Quer explicar-me como é essa borracha?

— Na barra que prende o papel há um cursor cilíndrico contendo uma borracha móvel. Se a dactilógrafa erra uma letra qualquer, tem apenas que correr a borracha até o êrro, para apagá-lo, o que elimina a perda de tempo para procurar uma borracha ou lápis que tenha borracha. E' econômico, certamente, embora pouco prático.

— Sim? Por quê?

—Doutor... Se uma dactilógrafa é realmente uma dactilógrafa, não praticará erros!

— Muito bem observado, Sra. Heatherford. Isso, porém, revela que o seu marido é homem sensível e observador. Diga-me, por favor, êle gosta de cabras?

— Não sei, doutor.

— Disse êle alguma vez que não gosta?

— Nunca me lembrei de perguntar.

— E êle? Perguntou alguma vez, se a senhora gostava?

— Não.

— E' alérgico, reacionário ou suscetível de algum modo aos odores?

— Que odores?

— Vamos ver os piores, primeiro. Alguma vez, dirigindo o automóvel, êle esmagou alguma gambá?

— Não.

— Reclama quando os vizinhos queimam o lixo?

— Talvez tivesse reclamado, suponho, mas como o senhor sabe, vivemos fora da cidade, quase no campo e não temos, por isso, vizinhança próxima. Nos meses de verão juntamos todo o lixo, geralmente constituído de fôlhas, e queimamos tudo, no invento, no fôrno próprio.

— Hmmm. Muito bem. Vamos prosseguir. Como reage êle ao cheiro próprio de uma cozinha, refiro-me ao cheiro dos tomates, das batatas, dos feijões, do alho e da cebola...?

— Não sei dizer, doutor. Se alguma vez sentiu cheiro dessas coisas por certo não foi na minha cozinha!

— Sim, sim, naturalmente. Detesta ao menos os perfumes? O incenso?

— Não sei. Nunca uso essas coisas. Porém a loção que êle usa nos cabelos é um tanto forte. Mas quero falar da navalha que êle usa. Nunca vi outra igual à dêle. Tem uma navalha elétrica e outra de segurança, para lâminas. Mas prefere usar uma, como um facão, com a ponta virada para cima...

— Hmmm. Muito interessante. Voltaremos a falar dessa navalha depois. Diga-me, por favor, que côres prefere êle?

— Azul e branca. Adora o azul e o branco. Tem dezesseis camisas brancas e dezesseis gravatas azuis.

— Há quanto tempo estão casados?

— Oito anos.

— Oito anos é tempo suficiente para que um casal se tenha bem ajustado. Seu marido se mostrou alguma vez brutar no correr dêsse tempo?

— Não. Nunca levantou a voz para mim, nem se mostrou grosseiro.

— Na sua opinião, quais são as suas culpas ou defeitos?

— Não sei. Benignidade e benevolência, talvez. Se é que isso possa ser considerado defeito... E' muito sério e confiante.

— Sim, compreendo. Compreendo muito bem. Que esportes êle prefere?

— Gosta de jogar xadrez. Mas eu não sei jogar e, assim, êle costuma ir ver as partidas de futebol!

— Êle gosta de beber?

— Um pouco. Três garrafinhas, tôdas as noites.

— Cerveja ou uísque?

— Não sei. Eu não bebo... Cerveja é que faz... borbulhas, não é mesmo?

— A senhora quer dizer espuma?

— Sim. Creio que é isso mesmo que êle diz. Para mim sempre pareceram ser borbulhas... Mas talvez seja outra coisa o que êle bebe.

—Há quanto tempo bebe êle essas três **garrafinhas?**

— Há uns quatro anos, mais ou menos. Êle compra às caixas e, quando estas esvaziam, ponho-as de lado. Há uma porção delas, no depósito de coisas imprestáveis.

— Muito interessante. Quando, pela primeira vez, a senhora notou que êle estava enlouquecendo?

—Oh! Tudo tem caminhado devagar... Por assim dizer, desde que nos casamos. Mal se pode notar! E'... E' terrível pensar que êle pode ficar louco de todo!

— Horrível, sim, Sra. Heatherford. E' doloroso pensar nessas coisas. Entretanto é necesário! Só assim podemos conhecer a marcha da moléstia e tudo fazer para evitar mal maior. Que fazia a senhora, antes de casar? Em que se ocupava ou... **por que** se ocupava?

— Era professôra... Trabalhei dezessete semanas. Depois conheci Neal e me apaixonei por êle. Casamos.

— Tinha muitas relações sociais, na época em que lecionava?

— Não. Estava sempre ocupada com os livros. Neal foi meu primeiro namorado. Sempre desejei ter um lar e por isso casei-me com Neal tão depressa como foi possível.

— Muito bem. Agradeço-lhe, Sra. Heatherford... Oh! Mais um detalhe, antes de que se vá. Não revele ao seu marido que êle está sob observação! Dessa forma eu poderei procurá-lo sob o disfarce de algum negócio e então observá-lo à von-

tade, a fim de poder aplicar o melhor tratamento.

— Como quiser, doutor. Guardarei segrêdo da nossa entrevista. Boa tarde, doutor.

Depois da Sra. Heatherford ter saído, a porta da sala contígua foi aberta mansamente, dando entrada a outro homem, que imediatamente perguntou:

— Que acha, doutor?

— Muito ligeira ainda, o que nos permite ter esperanças. Mas antes, desejo cumprimentá-lo por seu poder analítico fora do comum e, principalmente, pela maneira como persuadiu sua espôsa a vir ao meu consultório. Sem sombra de dúvida, ela é esquizofrênica. Posso, entretanto, amparar sua espôsa e talvez curá-la.

— Que sugere, de início?

— Preliminarmente direi que não é um caso de assustar e, mesmo, temos muito tempo à nossa frente para enfrentar o mal. Acusa ela uma certa mania de detalhes, entremeada por espantosas falhas de memória. Deverá ter um trabalho qualquer e estar o dia todo ocupada, porém nada de rotineiro, inicialmente e, principalmente, nada de atropelos e ruídos fortes. Talvez que a atividade venha a forçar o seu cérebro a retomar o curso normal de suas funções... Devo explicar, antes de tudo, que ela não é louca. Simplesmente está... decaindo: seu cérebro está escurecendo pouco a pouco, e isso causa tôda essa angústia, êsse mêdo aparentemente sem razão. Temos que tratar, desde já, de eliminar essa agitação. O senhor é o chefe coreógrafo da "troupe"?

— Exatamente — respondeu o Sr. Heatherford.

Por alguns segundos o médico ficou a olhar para o seu interlocutor, contemplativamente; depois, recostando-se na poltrona, voltou a falar:

— Oh! Sim... Recordo-me de ter visto a primeira bailarina! Creia, meu caro senhor, que a sua espôsa sobrepujou Pavlova no quarto ato do "Le Lac des Cygnes". Os críticos, segundo estou lembrado, chegaram a dizer que, quando dançou, **ela parecia viver num outro mundo...**

★

Testamentos...

Deve o herdeiro servir de ama-sêca para o "Lulu" de sua falecida espôsa? Se uma filha resolve alimentar e vestir um "chauffeur" de ônibus, o "papai" tem o direito de a excluir do testamento? Eis o que decidiram os juizes...

EMBORA **do mundo nada se leve** e os ricos não possam levar para o túmulo o seu dinheiro, podem — ao menos — complicar a vida dos seus herdeiros. Aqui estão alguns casos de restrições que acabaram nos tribunais. Se o leitor fôsse o juiz, como resolveria êstes casos?

IGUALDADE — Pode uma filha perder o direito à herança só pelo fato de ter casado com um **chauffeur** de ônibus?

..«NÃO, porque, nos Estados Unidos, tôdas as criaturas são iguais»! — sentenciou a Côrte de Apelação de Maryland.

★

ESTUDE RAPAZ! — Se um tio deixa 5.000 dólares para custear os estudos de um sobrinho, pode êle decidir estudar sòmente depois dos 40?

NÃO! Seria muito tarde para aprender. E, até lá, o dinheiro já teria desaparecido...» — sentenciou o Tribunal de Apelação de New Jersey.

★

PODE FUMAR, SIM! — Pode um tio exigir que a sobrinha de sua espôsa deixe primeiro de fumar, antes de ter direito a herdar o seu dinheiro?

«NÃO! Além de ser contrária à liberdade essa exigência só serviria para criar a discórdia na família» — sentenciou o Tribunal de Erros do Estado de Connecticut.

★

A VOZ DO SANGUE — Se um tio deixa todo o seu dinheiro com a condição de que o sobrinho tenha um filho, pode êle resolver a situação e receber o dinheiro... adotando uma criança?

«NÃO! — sentenciou o juiz da Côrte Suprema do Estado de Illinois — O que o tio desejava era perpetuar o sangue, não o nome.»

★

CUIDADO COM O LULU! — Se uma espôsa deixa a própria casa e muito dinheiro para o seu marido, **sòmente enquanto o mesmo se resignar a tratar e alimentar pessoalmente o seu velho cão de estimação,** é êle, de fato, obrigado a proceder segundo os têrmos do testamento?

«SIM! E ainda deve dar graças a Deus por não ter a espôsa deixado também a casa e o dinheiro para o animal»! — declarou o Tribunal de Recursos de North Carolina.

★

LIBERDADE RELIGIOSA — Um pai viola o direito de liberdade religiosa, garantida pela Constituição, exigindo que um filho adote a sua religião antes de ter direito a receber a herança dos seus bens?

«NÃO!— Ninguém estava forçando o herdeiro queixoso a aceitar o dinheiro!» — Sentenciou a Côrte Suprema de N. York.

★

A LEI E' SÁBIA — Pode um marido proibir que os parentes de sua espôsa passem a viver na casa que êle deixou para ela, em testamento?

«SIM! Porque êle assim quis apenas livrar os filhos de passar a ter, na casa, uma segunda posição em relação aos parentes da mãe» — sentenciou o juiz do Tribunal de Recurso do Estado de New Jersey.



Um casse-tête de grande sorte

(Episódio real)



POUCO antes de morrer, o Sargento Nimtz, da Polícia de Chicago, disse a sua espôsa, Johanna:

— Conserve sempre êste **casse-têle.** Êle sempre me ajudou... Talvez dê sorte a você.

Johanna vivia só, num pequeno apartamento, com a pensão, que lhe deixara o marido. Com a idade — tinha agora 66 anos — o isolamento começou a pesar-lhe. Sentia-se tràgicamente abandonada. Foi então que a vida voltou a ter aspectos mais alegres para ela. Um trabalhador braçal foi morar em sua companhia. Chamava-se Paul Gordon, sendo 15 anos mais velho do que ela. Conhecera Johanna por acaso, e ao fim de pouco tempo decidiram viver juntos, sob o mesmo teto. Naturalmente os vizinhos não viram aquela união com bons olhos, estranhando que a viúva Nimtz **fizesse aquilo.**

Entretanto, aquêle "romance" progrediu a ponto de planejarem o casamento. Apesar disso, dois anos decorreram e nada se realizou.

Chegaram assim à noite de 25 de março de 1941, quando os vizinhos tiveram, finalmente, assunto para falar.

Às 7 horas da manhã de uma têrça-feira, um homem, por telefone, pediu para o pôsto de Shakespeare Avenue:

— Meu nome é Paul Gordon. Mandem a polícia, depressa, ao 2101 de North Western Avenue. Foi praticado um assassinato!

Um automóvel da polícia depressa rodou até chegar ao local indicado. O pequeno apartamento se apresentava como se um furacão o tivesse varrido. No meio da tremenda confusão, sôbre as tábuas do soalho, jazia o corpo de Johanna Nimtz.

Gordon, excitadíssimo, tentava explicar o melhor que podia.

— Voltei para casa, do trabalho, agora mesmo e — eis o que encontrei!

O roubo parecia a melhor resposta para o caso. A porta dos fundos tinha sido forçada. Quando a viúva tentou gritar, o assaltante apanhara o primeiro objeto que avistara e matara com êle a infeliz mulher.

A polícia continuou a interrogar Gordon:

— Quando a viu pela última vez com vida?

— Esta manhã, quando saí para o trabalho. Estava viva e feliz. (Passou as costas das mãos sôbre a fronte suada e acrescentou, com voz tristonha e ar desesperado: "E íamos casar, breve!"

Um dos policiais notou que a mão direita da mulher estava crispada sôbre qualquer objeto. Abriu-lhe os dedos e apanhou o objeto, guardando-o no próprio bôlso. Depois, com ar pensativo, disse:

— Acho melhor você vir conosco à delegacia. O chefe gostará de ouvir pessoalmente a sua história.

Na delegacia, o Capitão John O'Malley conferenciou, primeiro com os seus auxiliares; a seguir perguntou a Gordon com voz calma:

— Agora quer nos dizer a verdade a respeito do crime? O que desejamos saber é **por que** o senhor matou aquela mulher — prosseguiu o capitão, exibindo o objeto que o policial retirara da mão crispada da morta — **um botão de calça de homem!**

Então, enquanto o criminoso ficava a olhar, com olhos esgazeados, O'Malley aproximou o botão do local de onde fôra arrancado: **as calças de Gordon!**

— "Agora, conte-nos a verdade...

Resignado, Gordon falou, entre soluços, relatando o que acontecera:

— Eu entregara a Johanna tudo o que conseguira juntar... Cinco mil dólares!— Ela prometera casar comigo. Mas quebrou a promessa! Esta manhã, pedi-lhe o dinheiro de volta. Porém ela não me deu ouvidos. Louco de ódio, agarrei qualquer coisa e bati na cabeça dela uma vez, duas... Bati até que a vi cair. Quando verifiquei que ela estava morta tratei de agir no sentido de aparentar um assalto. Revolvi tudo, dentro de casa, abri gavetas, derrubei móveis e forcei a porta dos fundos. Depois saí e fui para trabalhar.

Gordon foi considerado louco no dia 6 de junho e enviado para a Chester Penitenciary, própria para criminosos considerados insanos. Assim, o inquérito realizado pelo coroner A. L. Brodie teve um final irônico. Johanna Nimtz fôra assassinada com um "casse-tête" policial; **o mesmo** que guardara todos êsses anos, com a esperança de que talvez lhe proporcionasse a felicidade!



OS DOENTES IMAGINÁRIOS

NÃO! NÃO SORRIAM! O DOENTE IMAGINÁRIO SOFRE TANTO QUANTO O DOENTE DE FATO!

MAIS FORTE QUE MOLIÈRE — Podemos hoje dizer que Molière, mesmo visto à luz do século XX, não exagerou nada. Cada um de nós poderia citar, entre os que nos cercam, um novo Argon, ùnicamente ocupado com a sua saúde e paralisando a vida de tôda a família.

Todos os médicos conhecem êsses clientes, literalmente **encostados** à campainha do seu consultório, prontos a perturbar o seu repouso, dia e noite, pelas coisas mais ligeiras...

Dir-se-ia, mesmo, que o progresso da ciência, longe de tranqüilizar êsses infelizes, não teve outro resultado senão o de inquietá-los ainda mais. Cada vez que ouvem falar de uma nova moléstia, de um novo micróbio isolado começam a temer a sua presença. Todos os sintomas começam a ser sentidos. Todos os remédios desejam experimentar.

Talvez não soubesse que reeditava o personagem de Molière aquela conhecida senhora que, vendo a filha dançar com um jovem estudante de medicina, cochichava ao ouvido de uma amiga: — "Deus queira que êles se casem! Eu, que estou sempre doente, havia de me sentir mais tranqüila, tendo um médico na família..."

O PONTO DE VISTA DA MODERNA MEDICINA — No tempo do **"Grand Roi"**, o doente imaginário era motivo de riso. Hoje, porém, tal não acontece. E, se mudamos, foi porque compreendemos **que um doente nunca é totalmente imaginário.**

Sabemos, de fato, que a enfermidade não tem ùnicamente a sua origem numa lesão dos órfãos ou numa infecção microbiana. A medicina psicosomática nos ensinou que o físico e o **moral têm**, entre si, relações muito estreitas. Imaginar, obstinadamente, que se está doente, excluída tôda doença orgânica, já significa estar doente mentalmente. E a medicina admite, hoje, que, quando o mental foi atingido, estamos mais vulneráveis ao assalto das moléstias físicas. Desta maneira, o doente imaginário tem muitas probabilidades de adoecer **realmente**.

Consideremos, portanto, se assim desejarem, a "doença imaginária" como uma doença real: vejamos quais são os sintomas, a evolução e o tratamento.

NINGUÉM E' PERFEITO — O "doente imaginário" começa por observar com grande atenção todos os seus sintomas.

E' claro, não faz mal algum o indivíduo observar e, ao contrário, um dos melhores meios de preservar a saúde consiste em conhecer bem o próprio organismo.

Mas o essencial é não imaginar (e isso infelizmente, é o que sempre fazem os doentes imaginários) que o organismo humano em boa saúde deve ser uma mecânica ideal, funcionando sempre sem um "grilo", sem uma pequena, pequeníssima "pane".

Certas irregularidades, certas perturbações ligeiras — e passageiros — não significam absolutamente que o indivíduo está enfêrmo.

Por exemplo, hoje o indivíduo sente que a sua digestão está um pouco embaraçada, mais lenta que de costume. Será isso um sintoma mórbido? Não e não! Simplesmente êle comeu um pouco mais que de ordinário ou ingeriu alimentos um pouco mais pesados e difíceis. Se o fato não se renova, será grande êrro ligar ao mesmo qualquer importância.

SÓ O MÉDICO E' REALMENTE MÉDICO — De fato. O simples observador não é médico. Porém o doente imaginário não é médico mas não se limita a considerar como sintoma as mínimas perturbações que não o são. Faz mais. Faz coisa pior: **procura interpretá-los!**

EU SEI TUDO, que se esforça por manter seus leitores ao corrente das grandes descobertas médicas e suas aplicações, não cessa de alertá-los contra êsse perigo da ciência incompleta: **imaginar que sabem aquilo que apenas podem saber os médicos experimentados.**

Com raras exceções, uma perturbação determinada nunca é sinal de uma moléstia única: para fazer o seu diagnóstico, o médico é obrigado a reunir e pesar vários sintomas, comparando-os com **os que já tenha observado antes** (não apenas êle mesmo, como também os seus colegas e mestres). Só assim poderá opinar com absoluta certeza.

Entretanto, quantos indivíduos chegam aos consultórios médicos e logo declaram:

— "Doutor, sinto uma sensação de vertigem... Com tôda a certeza sofro de hipertensão..."

Ou, ainda:

— "Doutor, sofro dores de ventre... Ah! Com certeza devo estar atacado de câncer..."

Ainda êsses, que vão consultar o médico, têm a sorte de conquistar a tranqüilidade após um exame sério. Mas, que pensar dos que, menos razoáveis, seduzidos pela publicidade de produtos mais ou menos charlatanescos, preferem tratar-se sòzinhos, à sua maneira, e ruminam indefinidamente o seu humor negro... envenenando a vida de tôda a casa?

O pior, como já dissemos, é que êsse mau gênio, êsse acabrunhamento perigoso põe tais indivíduos em estado de menor resistência e, no dia em que venham a encontrar, verdadeiramente, um micróbio patógeno (ninguém está ao abrigo, quando mais não seja durante uma epidemia de gripe!) serão mais duramente atingidos...

Felizes serão quando o médico, ao seu chamado desesperado, não levantar os ombros, com indiferença:

— **"Quem chamou? Fulano? Oh, conheço êsse maníaco! Esta sempre chamando médico sem qualquer razão... E prende o infeliz horas e horas com queixas de dores imaginárias. Êsse pode esperar até amanhã, pois com certeza não tem mal algum...**

E, de fato, deixa-o para o último lugar da sua lista de enfermos, que, segundo acredita, precisam mais da sua presença.

E' preciso, assim, ter muito cuidado, para não repetir a história do pequeno pastor que costumava gritar: **"Ao lobo!"** para se divertir com os companheiros e que, por isso mesmo, ninguém tomava a sério... até o dia em que, apareceu realmente o lobo.

PARA UMA DOENÇA IMAGINÁRIA E' PRECISO UM TRATAMENTO REAL — Portanto, se o doente imaginário é, realmente, um doente, deve êle ser tratado como outro qualquer. Tratado, sim... mas não como êle próprio costuma fazer, absorvendo todos os medicamentos possíveis e trocando de médico cada três meses.

Se o leitor tem junto de si um dêsses doentes, eis como deve agir a seu respeito:

1 — Antes de tudo, não o contradiga abertamente. Não zombe dêle. Concorde com o seu sofrimento, **que é real.**

2 — Entretanto, deve recusar discutir **mèdicamente** o seu caso. Se o leitor não é médico, o doente também não o é. Se êle deseja falar da sua doença, que se dirija a quem de direito.

3 — Ao contrário, encoraje-o a procurar um médico e a lhe expor os seus "sintomas". Em seguida, que siga o tratamento indicado, sem procurar discutir cada detalhe. O tratamento consistirá, provàvelmente, em um calmante nervoso, que apaziguará a sua angústia.

4 — Procure, finalmente — e principalmente — dirigir o seu pensamento noutro sentido. Os doentes imaginários são, quase sempre, indivíduos cuja vida tem muitos vazios. Dar-lhes qualquer ocupação, que os mantenha absorvidos, é quase sempre dar-lhes o melhor remédio para o seu mal.

Leiam o seguinte caso, que observamos pessoalmente e tratem de não esquecer o fato: Uma mocinha cuja mãe, verdadeira doente imaginária, passava a vida correndo de um médico para outro, (sendo por todos êles censurada por não sofrer de qualquer mal) após um período de exames e estudos intensos, ficou ameaçada de tuberculose. A partir dêsse instante, a mãe, que adorava a filha, só se ocupou com ela, lutando dia e noite para salvá-la e esquecendo os próprios males imaginários. Quando, finalmente, a jovem estudante ficou fora de perigo, com a saúde inteiramente restabelecida, sua mãe nem ao menos se recordava de que ela própria se considerara uma enfêrma incurável.

★

QUE SILÊNCIO GOSTOSO!

Por F. B. ROWE



Era eu aluno e recebia instrução rotineira, a bordo de um «Curtiss Commando», de dois motores, uns 5.000 pés acima de Saipan, quando meu instrutor cortou o motor de estibordo, a fim de simular uma situação de emergência. Rápido — e nervoso — tratei de dar ao volante a inclinação que julguei necessária, para reequilibrar o avião, momentâneamente desequilibrado com a parada daquele motor. Essa era, também, uma medida rotineira, destinada a reduzir a resistência do vento contra o motor parado.

Infelizmente, na pressa de agir, errei no gesto e, desastradamente, acabei desligando o segundo motor. Imediatamente, com os dois motores imobilizados, o avião caiu de nariz contra a terra. Eu estava frio e quase morrendo de medo, porém meu instrutor, um jovem oficial de marinha, vindo de Hollywood, chamado Tyrone Power, continuou quieto e calmo.

Voltando-se casualmente para mim, quando eu já abria a bôca para começar a gritar, imaginando a minha própria destruição, disse êle:

— **«Que silêncio gostoso, hein?»**

Hitler e o mistério de sua morte

(Conclusão)

Nascido de uma iniciativa do Exército norte-americano, conservado vários anos nos arquivos do Departamento de Estado e nos «dossiers» pessoais do Presidente Truman, o documento que estamos publicando — e que foi até recentemente confidencial, pertence, de fato, à história. Descreve o homem que foi um dos enigmas do nosso século, ao mesmo tempo que era um dos flagelos do mundo: Hitler!

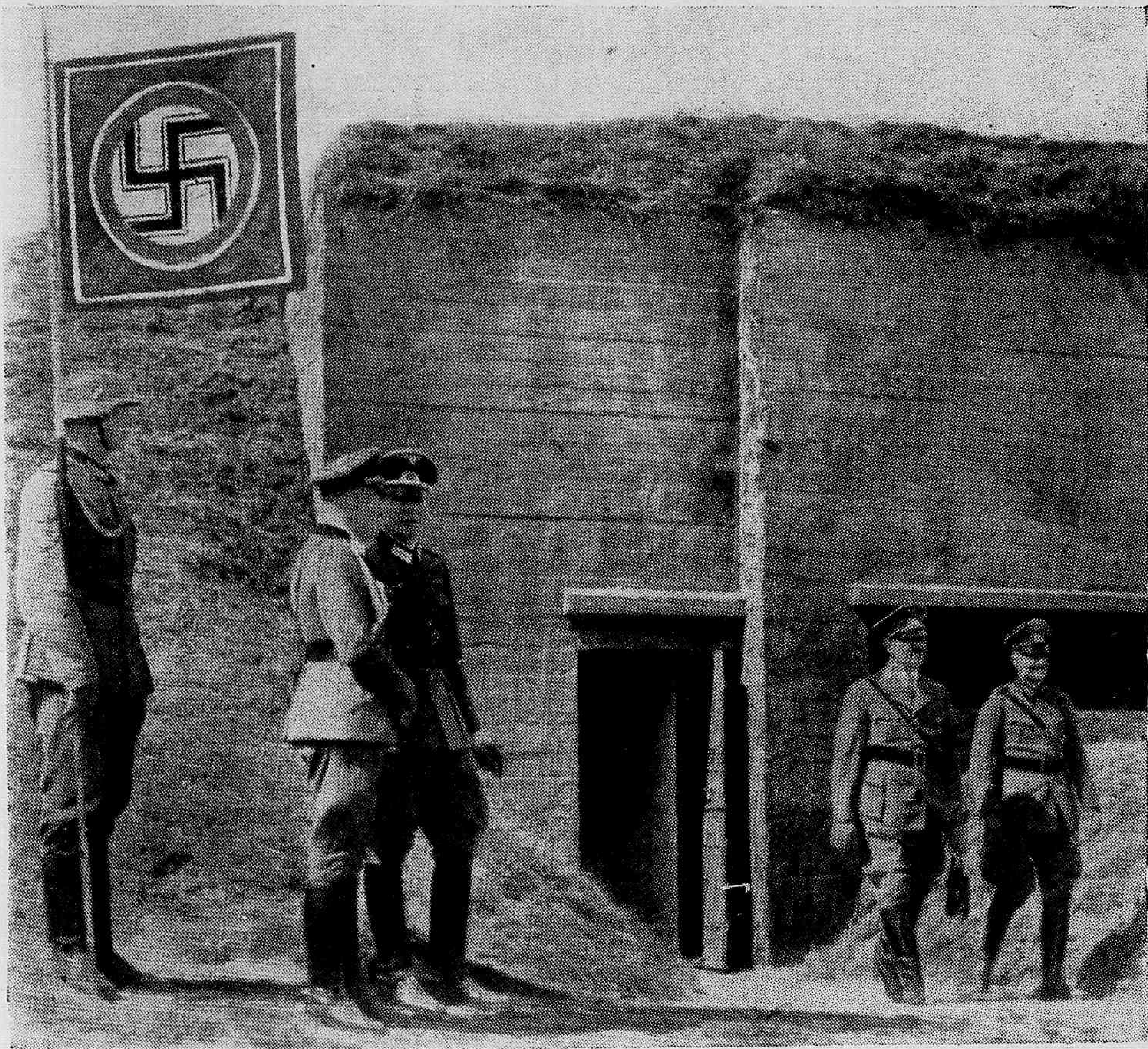
Não há muitos meses, o jornalista francês, Henri Danjon publicava em «France-Soir», importante artigo sôbre Hitler, do qual é interessante extrair o seguinte trecho:

«Recentemente, nossos serviços de informações tiveram conhecimento de uma festa oferecida por um rico colono a oficiais do antigo couraçado alemão «Graf Spee», que emigraram na República Argentina. Essa festa se desenrolou num rancho situado na orla da Patagônia. No momento dos «toasts» os oficiais do «Graf Spee» se reuniram em semi-círculo, voltados para a Patagônia e imobilizados numa atitude militar, levantando as taças, gritaram a una «**Heil! Heil! Patagônia!**»

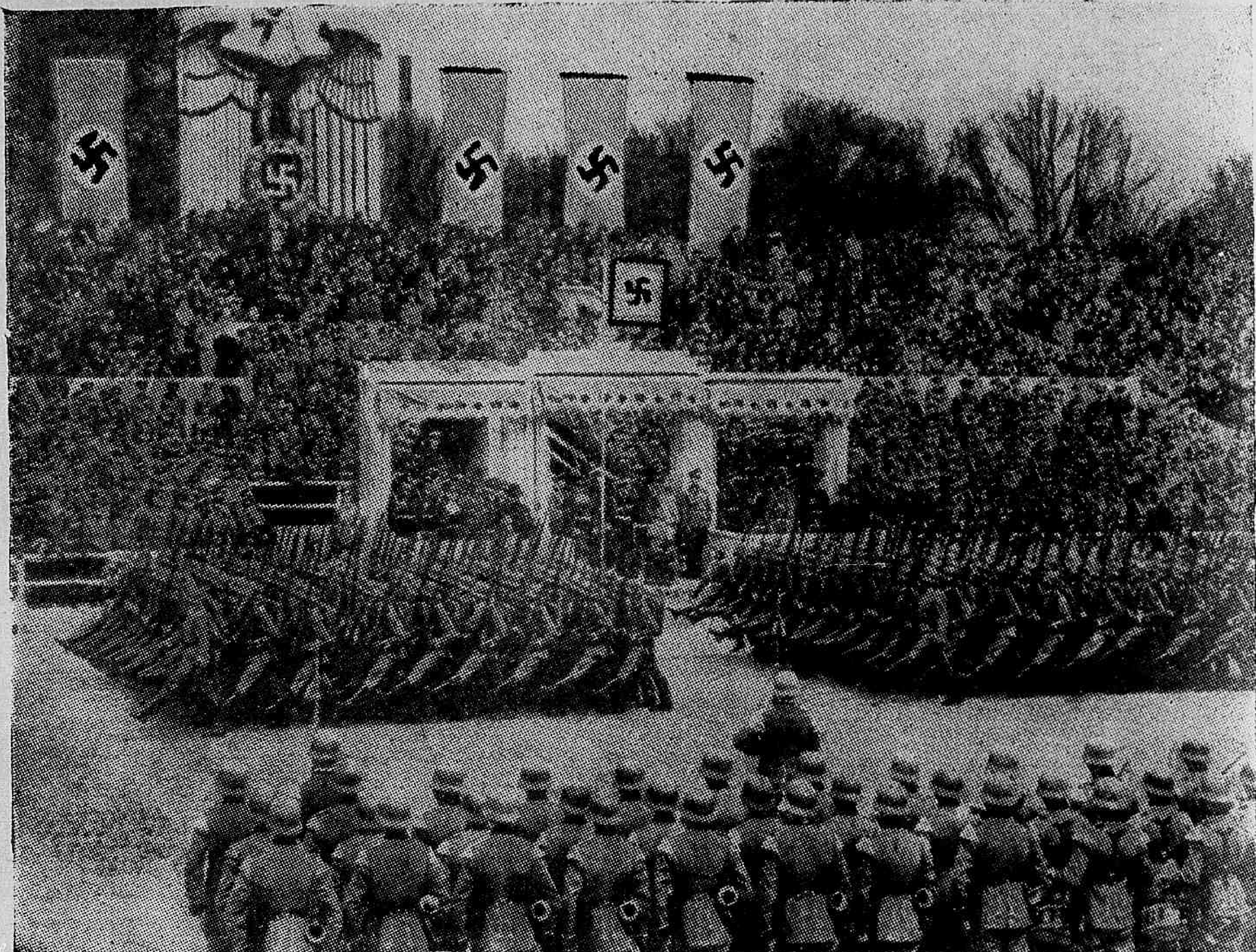
A quem se dirigiam?

UMA ESTRANHA DESCOBERTA — Pasqualino, que vive em Ushuaia há mais de trinta anos, é um antigo condenado a trabalhos forçados. Passa todo o seu tempo na caça e na pesca. Quando a êle me dirigi, depois de vencer a sua desconfiança a meu respeito, êle contou a extraordinária aventura que tivera exatamente dezoito meses antes.

«Naveguei entre os canais fuegianos durante vinte anos e posso afirmar que conheço-os a fundo. Levo para a minha canoa provisões para duas ou três semanas e saio à caça das focas. À noite, detenho-me numa ilhota qualquer, acendo a fogueira e assim durmo, esperando o dia seguinte. Ninguém melhor que eu sabe que ilhas são habitadas ou não. Há dezoito meses, navegava,



Em 1938 — Hitler iniciava com vigor a remilitarização da Renânia. A marcha sôbre a Áustria já parecia esquecida da memória das potências ocidentais. Em agôsto do mesmo ano, 750.000 reservistas eram chamados, havendo já em armas um milhão de homens, além de três vêzes êsse número em médicos, enfermeiras, membros dos serviços auxiliares, enormes contingentes de veículos militares, tudo dedicado a intensivas manobras. A Europa, em seu redor, temia mas não agia. Essa é a situação com que sonham os néo-nazistas e já se manifestam mesmo com ousadia no meio de uma Europa desconfiada e entregue à discórdia... A figura acima apresenta Hitler em companhia do Coronel-General Von Brauchitsch em sua visita ao II Corpo do Exército em manobras na Renânia. O estandarte do Fuehrer acompanhava-o em todos os seus movimentos, sustentado por impressionante figura de soldado.



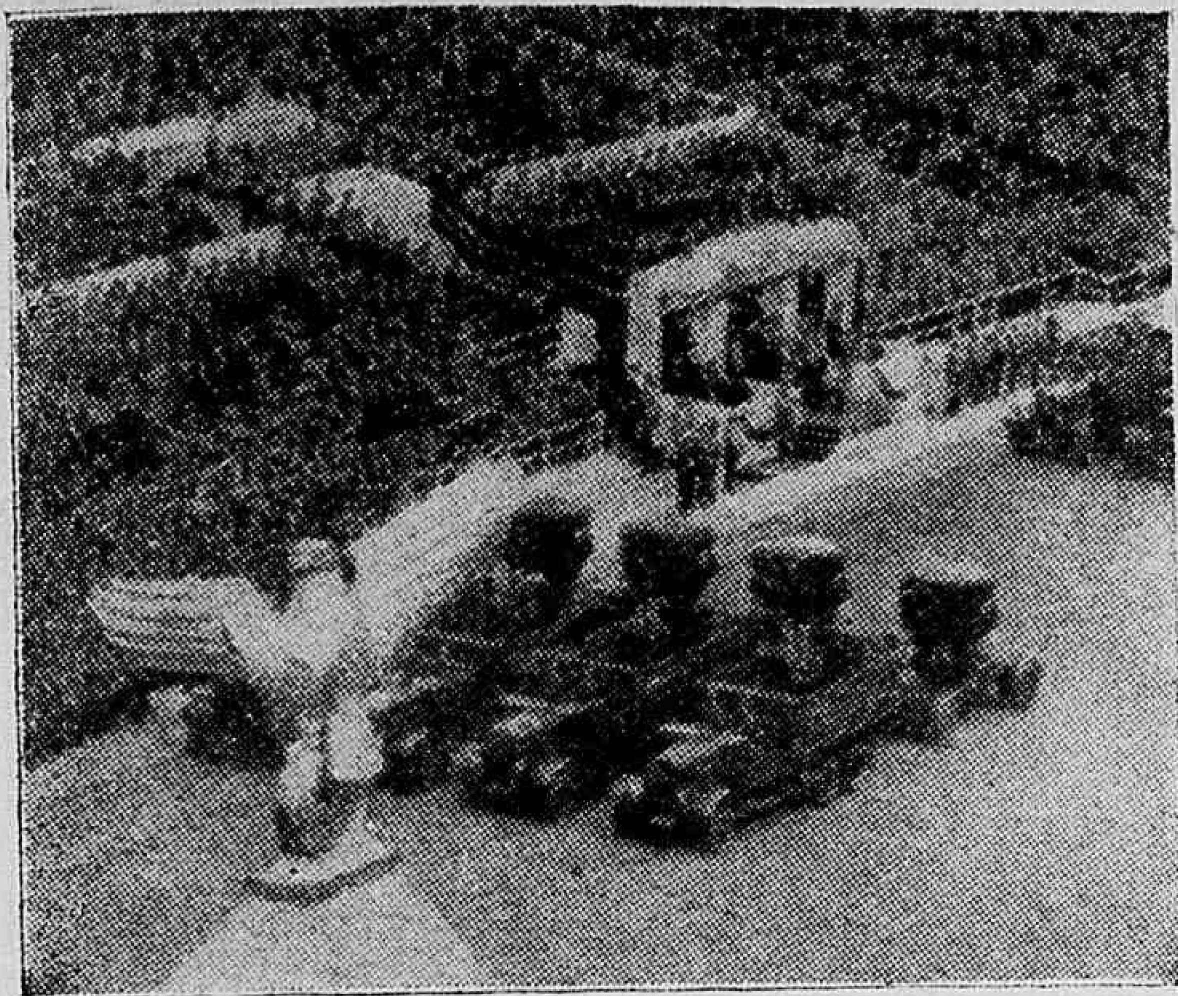
«Augen Rechts»! — Hitler recebe a saudação e ao mesmo tempo levanta o braço, no gesto que seria, mais tarde, o terror de tôda a Europa. A foto foi tomada em 1939, durante a celebração de mais um aniversário do Fuehrer (20 de abril). Um destacamento da infantaria germânica desfila em «passo de ganso». Voltarão os Alemães, algum dia, a presenciar espetáculo semelhante?

um dia, em pleno mar antártico. Hàbitualmente, nessas águas não cruzam outros navios senão os vasos de guerra argentinos. Qual não foi minha surprêsa quando, chegado à ilha da Decepção, que é, a meu ver, o local pior de tôda a região, vi numa enseada uma grande embarcação, como jamais vira até então. Mas o que mais me espantou, foi verificar que na ilha fôra construída uma casa de madeira. Desembarquei e avancei uma centena de metros, quando um enorme Dobermann se atirou contra mim. Atrás dêle vinha um homem robusto, alto, com a cabeça protegida por um gorro de pele e vestindo a blusa azul dos marinheiros. O homem gritou em alemão qualquer coisa que não compreendi, mas nada fêz para acalmar o cão. Fui forçado a voltar para a canoa a tôda velocidade das minhas pernas, sempre perseguido pelo animal que latia furiosamente. O alemão desatou a rir, depois, num espanhol quase incompreensível, recomendou-me que não voltasse àquelas paragens. Não ria mais e notei que tinha um revólver na mão esquerda.

«De volta a Ushuaia, Pasqualino contou sua aventura aos amigos. Alguns dias depois fui chamado ao pôsto policial e «convidado» a acabar com «aquelas tolices». Indignado ofereceu-se para retornar à ilha com os policiais, porém sua oferta foi recusada sêcamente. Tornou a navegar, sòzinho, mas no segundo dia de navegação, um guarda-costa o alcançou, pois novas ordens proibiam às embarcações não militares cruzar aquelas àguas. Que conclusões Pasqualino tirou disso tudo? Que a ilha da Decepção é um refúgio onde se escondem os Alemães que desembarcaram dos dois submarinos. Não o único refúgio, por certo. Segundo êle, os Alemães teriam construído sôbre as diferentes ilhotas da Terra do Fogo muitas casas semelhantes à que viu naquela ilha. Os mantimentos seguiriam diretamente de um pôrto da Patagônia argentina, a bordo de um navio mercante pertencente a uma firma que mantém um serviço entre Rio Gallegos-Rio Grande-Ushuaia-Punta Arenas. Nesses portos, com exceção de Ushuaia, certas pessoas são encarregadas de guardar os víveres até ao instante do embarque (na opinião de Pasqualino e Mr. Stuart). Ignora-se, porém, por que tal embarcação não se detém em Ushuaia, que é o pôrto mais próximo.

O MISTÉRIO DA OPERADA — «Durante os 15 dias que passei em Ushuaia, não cessei de interrogar os habitantes, todos persuadidos de que Martin Bormann se esconde em algum lugar próximo. Falando com o diretor do único hospital local, pude saber que dois meses antes, uma mulher de origem italiana — Maria Vinci, de Florença, segundo sua própria declaração — foi levada a Ushuaia pelo guarda-costa, a fim de ser operada de peritonite. Era criatura ainda jovem e bela, mas envelhecida pelas privações. Quando indagaram de onde vinha, respondeu que era a espôsa de um oficial superior alemão, que, após a guerra, se refugiara na Terra do Fogo. **«Mas, onde?»** A mulher se refugiou num mutismo obstinado. Durante e após a operação, logo executada, Otto Weber, antigo oficial SS, que combateu na Itália, ficou sempre ao seu lado. Dirige atualmente a clínica de Ushuaia, onde cuida dos operários de uma emprêsa italiana que executa trabalhos para o govêrno argentino. Que fazia ali o Sr. Weber? Por que não abandonou a cabeceira da enfêrma até ao momento em que ela tornou a partir para destino ignorado? Afirma êle que não a conhecia e sim ao seu marido e que foi apenas por respeito que se interessou pela mulher. Que significa tudo isso? Temia-se, talvez, que Maria Vinci — se realmente é êsse o seu nome — falasse? Pessoalmente nada pude arrancar de Otto Weber que esclarecesse tantos pontos obscuros.

«Em Rio Gallegos, na Patagônia chilena, quinze dias mais tarde, pude saber qualquer coisa sôbre a misteriosa embarcação. Cada dois meses ela atravessa o Estreito de Magalhães e vai a Rio Gallegos



Refletores anti-aéreos desfilam em caminhões diante do palanque para saudar Hitler e seu estado-maior, numa grandiosa parada comemorativa do «Dia dos Heróis», em 1939.

receber víveres enviados de Bahia Blanca. Baurmann é o nome do homem encarregado de receber as mercadorias quando chegam àquele pôrto. Com Baurmann está um belo automóvel de marca norte-americana e pertencente ao Sr. Carlos Vincenti, de origem alemã, mas naturalizado guatemalteco. Trata-se de homens de quarenta e cinco anos, aproximadamente, verdadeiro tipo do militar alemão, alto, robusto, cabeça raspada, sem barba nem bigode. Por várias vêzes foi visto saindo da famosa embarcação em Rio Gallegos, para ingressar no belo automóvel, onde o aguardam, sempre, dois homens, dirigindo-se a seguir para Punta-Arenas. Ali, a embarcação escala uma vez cada dois meses. Mas não foi possível saber se recebe alimentos ou outra coisa. Fica dois dias, no máximo, depois desaparece. Isso intriga a todos. Porém ninguém faz perguntas, nem mesmo as autoridades chilenas. Em 1951, um Inglês, provàvelmente do «Intelligent Service» demonstrou curiosidade: foi encontrado, uma manhã, com o corpo crivado de balas, num trecho deserto da praia. No salto do seu sapato foi encontrado um microscópico clichê reproduzindo os traços de Martin Bormann».

Martin Bormann, que bem pode chamar-se Carlos Vincenti, quando se encontra no paralelo 55º, não vive sempre na América do Sul. Circula muito. Segundo consta em certos círculos secretos aliados, possui êle um outro quartel-general na Espanha, de onde se dirige fàcilmente à Austria e à própria Alemanha. De fato, sua presença nos dois países citados é periòdicamente assinalada pelos agentes dos serviços de informações aliados.

Recebendo ordens de Hitler em pessoa, Martin Bormann prepara com a cumplicidade de alguns milhares de fanáticos prodigiosamente organizados, o retôrno do nazismo na Alemanha.

A ÚLTIMA BATALHA DE HITLER — Assim, pois, mais uma vez Hitler inquieta o mundo. Todos os «truques» dêsse prodigioso golpe de ilusionista, executado em maio de 1945, na Chancelaria, são agora amplamente conhecidos. Afirma-se que êle vive na Antártica e que ali **«espera a sua hora»**.

Escondido numa «possessão» alemã do paralelo 55, mas em ligação constante com Martin Bormann, que transmite tôdas as suas ordens aos chefes de ramificações, disseminadas na Europa, prepara com paciência e — devemos reconhecer — com habilidade, o renascimento do Reich Nazista.

Êsse renascimento o preocupa mais, por ora, que seu próprio retôrno. Por isso sua ação se limita, hoje, em reconstruir o partido nazista e a restabelecer no mundo as zonas de influência alemã.

O trabalho subterrâneo efetuado nesse sentido no Oriente Médio constitui um exemplo impressionante dos métodos empregados por Hitler e Bormann. No início de 1949, numerosos alemães chegaram aos países banhados pelo Mediterrâneo. Em razão de conversações misteriosas, a maior parte dêsses indivíduos possuía um contrato de trabalho e falsos papéis de identidade, que os colocavam ao abrigo dos aliados. Tudo era fornecido pelo govêrno do país em que iam obter «trabalho».

De que trabalho se tratava?

1º — Instruir e reorganizar os exércitos locais;

2º — Preparar a eliminação progressiva dos agentes inglêses.

E' de se prever que Hitler esteja satisfeitíssimo com os resultados obtidos.

Enquanto êsses agentes — oficiais superiores alemães, em sua maioria — exercem sua atividade notadamente no Egito, na Síria e no Iraque, outros trabalham mais particularmente em preparar a defesa dos países árabes contra uma eventual invasão soviética, embora continuando a lutar infatigàvelmente contra a influência inglêsa.

Seria grande êrro pensar que se trata de um simples punhado de aventureiros fàcilmente controláveis. Aqui estão as cifras que nos foram comunica-



1929! Tropas germânicas marcham através de Berlim, sob a neve, no «Dia dos Heróis». A Tchecoslováquia já então, estava escravizada!



Assim foi a via-dolorosa da Boêmia... A foto mostra o Dr. Hacha, Presidente da Tchecoslováquia, acompanhado do Dr. Meissner, chefe de gabinete de Hitler, ao passar em revista a guarda de honra diante da estação Anhalter, antes de deixar Berlim, de retôrno a Praga, depois de sua difícil entrevista com o Fuehrer alemão e que acabou literalmente com a independência da nação tcheca.

das por personalidade bem informada. Segundo essa pessoa, encontram-se nas condições que foram expostas acima, cêrca de 5.000 alemães no Egito, 4.000 na Síria, 2.000 no Iraque, além dos grupos de importância variada na Arábia Saudita, no Yemen e até mesmo no Paquistão.

Todos êsses homens, ligados estreitamente a Martin Bormann, estão notàvelmente informados e organizados.

★

Êsse reagrupamento dos nazistas foi evidenciado a partir de 1946 e assim foi porque os Estados Unidos não hesitaram em dispender muitos milhões de dólares para procurar — e talvez encontrar — Hitler em seu refúgio da Antártica. Foi êsse igualmente o motivo por que os Russos, por seu lado, se impressionaram e enviaram, repentinamente, em 26 de dezembro de 1946, uma misteriosa expedição ao Polo Sul, sob a direção do explorador Voronine.

Os Norte-americanos explicaram a viagem do Almirante Byrd, dizendo que se tratava de uma expedição antes de tudo de treinamento militar, na previsão de um dia em que, futuramente, tivessem que exigir de sua tropa de terra, mar e ar, uma operação em qualquer zona glacial.

Pretexto difícil de admitir, êsse, dado que os membros da expedição Byrd tinham feito tal exercício, **alguns meses antes,** na região Ártica!

Os Russos, por sua vez, não deram qualquer explicação, segundo seus hábitos. Porém é preciso notar que essa expedição, dispendiosíssima, logo após a sangria da guerra, não se justificava para os cofres de Moscou, senão por um motivo de relêvo sem precedentes. No entanto, teriam podido dizer — e tudo teria parecido plausível — que precisavam explorar as regiões descobertas pelo célebre navegador russo Bellingshausen, em 1820. Mas não. Nada evocaram para justificar essa expedição. O Marechal Stalin, que não tem o hábito de justificar os seus atos, não precisou de qualquer álibi.

Se o fim dessa expedição não foi explicado, os seus resultados não tiveram qualquer revelação. Que descobriu Voronine? Ignora-se.

Todavia, convém notar que foi nessa mesma ocasião que o Marechal Stalin declarou a Byrnes — que anotou em suas «Memórias»:

— **Acredito que Hitler está vivo!**

Em que se baseava o senhor da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, para formular uma opinião tão categórica?

Esperando que os Estados Unidos ou a Rússia o descubra — ou antes: ESPERANDO QUE SE DEIXE DESCOBRIR E POR QUEM MAIS LHE AGRADE, — Hitler aproveita da desordem geral para reconstruir o seu partido.

E é preciso reconhecer que os aliados, por suas dissensões sempre mais graves, concedem ao antigo Fuehrer uma ajuda preciosa. Não sòmente porque um período de agitação é sempre favorável a um agitador no estilo de Hitler, mas igualmente porque êste aproveita diretamente dessa guerra fria que opõe — ou une, como queiram — a Rússia e a América do Norte.

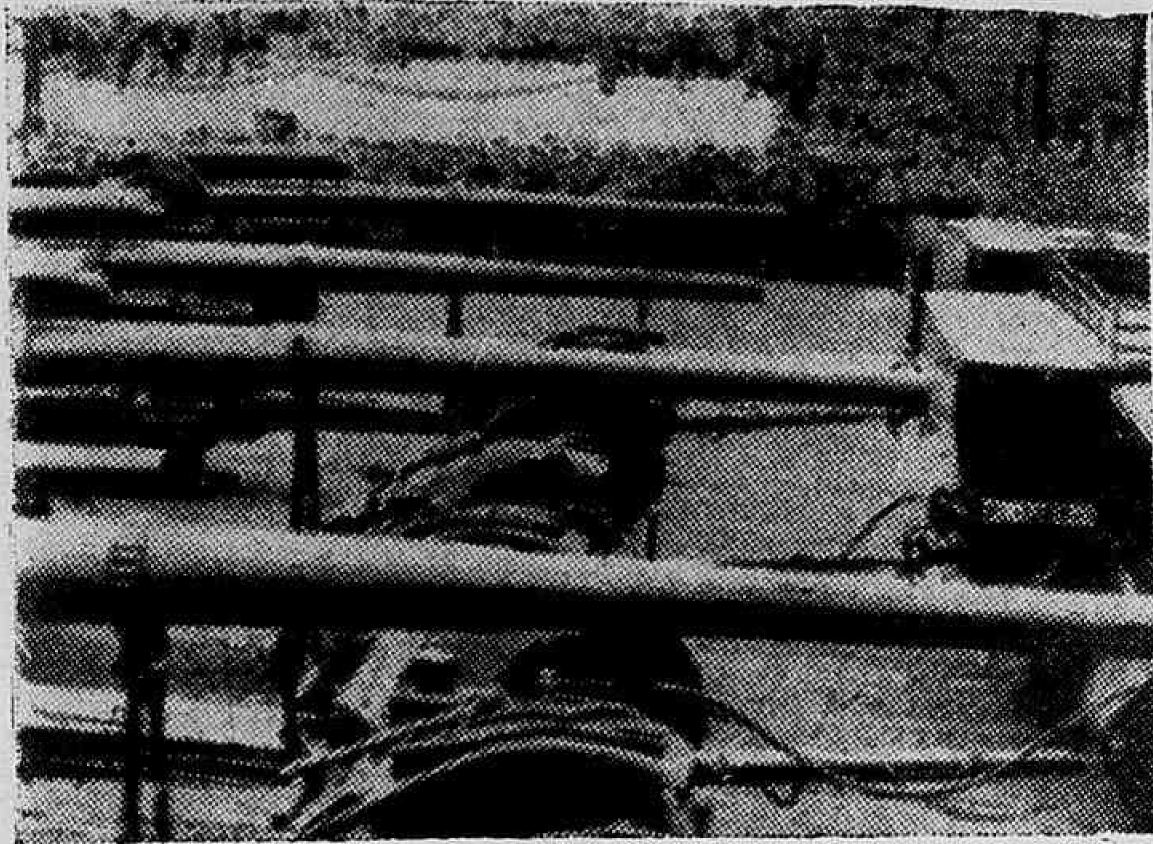
Na realidade, êsses dois países empregam para se espionar mùtuamente, agentes duplos ou triplos. Muitos trabalham atualmente para Hitler e os Norte-americanos, como os Russos, o sabem perfeitamente. Mas não podem agir, absolutamente contra êsses agentes em razão dos serviços importantes que os mesmos lhes prestam.

E' isso o que explica que a prodigiosa rede de informações de Hitler goze, seis anos depois de finda a Segunda Grande Guerra, de uma tranqüilidade e de uma impunidade de deixar o observador estupefato.

A desnazificação da Alemanha nunca passou de um sonho ingênuo dos Norte-americanos, segundo êles próprios — felizmente — não tardaram a compreender. Enquanto as bandeiras da cruz gamada eram queimadas diante de uma multidão sorridente, explodia no dia 28 de fevereiro de 1947, o que foi chamado de «conspiração bacteriológica» nazista.

Vamos relatar o fato para aquêles que o desconhecem inteiramente ou apenas «ouviram falar» sôbre o mesmo.

Os membros dessa conspiração, que atingia a amplidão de um verdadeiro movimento nacional



Menos manteiga e mais canhões! — Essa era a ordem do Fuehrer. E o espetáculo que o clichê reproduz causava o maior entusiasmo entre o povo alemão. Sob aplausos frenéticos, canhões de todos os tipos desfilavam pelas ruas de Berlim...

eram dirigidos pelo General Kurt Eilerssieck; seus propósitos eram recorrer a uma arma secreta bacteriológica, a fim de restabelecer o regime nazista e obrigar as nações européias a uma imediata guerra contra a Rússia.

Não. Positivamente o nazismo não está morto. Está, ao contrário, mais vivo e ativo do que nunca.

No célebre processo de Nuremberg, os aliados procuraram contentar a opinião pública e, assim, entregaram à multidão um grupo de homens cujos nomes eram célebres. Agora perguntamos: eram êles os mais perigosos? Não é possível saber. De qualquer maneira, outros, pelo menos tão importantes e que trabalhavam na sombra, nunca foram inquietados. Êstes continuaram a agir livremente. Hoje, tranqüilos, dirigem o movimento néo-nazista com Martin Bormann.

Um dêles, por exemplo, o Major-General Remer, que reprimiu a revolta de 20 de julho de 1944 e foi encarregado pelo próprio Hitler da execução dos rebeldes, declarou, em 1949, no correr de uma reunião pública que **sòmente êle dispunha de mais de 200.000 homens e que, dentro de dois anos, estaria em condições de se apossar do poder político em sua pátria!**

Isso foi, como dissemos, em 1949. Estamos agora em 1952 e Remer, fiel executor das ordens de Hitler, já é um adversário temível para Adenauer...

De fato, depois de se fazer aclamar, **recordando que havia salvado Hitler, por ocasião do atentado de 20 de julho de 1944, Remer, que dirige o Sozialistisch Reichspartei** (partido néo-nazista), **obteve 366.790 votos nas eleições realizadas no dia 7 de maio de 1951 na Baixa-Saxônia!** 366.790 votos, isto é: 16 cadeiras de um só golpe, ao passo que o partido do Sr. Adenauer, na mesma ocasião, perdia 17!

Já hoje, o partido néo-nazista inquieta a tal ponto o govêrno federal que êste decidiu, ùltimamente, proibir as suas formações paramilitares, forçando a sua dissolução pela Côrte Suprema.

Mas quem desconhece o espírito alemão? Tais organizações se reagruparão e ressurgirão sob nova etiqueta...

Agora, vejamos qual é o programa do partido néo-nazista.

Exatamente o de... Hitler! **Nacionalismo e Grande Alemanha!**

E Remer rosna:

— **O que há de melhor no nazismo!**

E aponta como objetivo:

«O poder absoluto numa Alemanha governada pelos 10% de élite da nação».

Depois, com entonações saudosistas acrescenta:

— **«Devemos economizar as nossas fôrças para o dia em que formos capazes de nos liberar por nossas próprias mãos dos jugos oriental e ocidental!»**

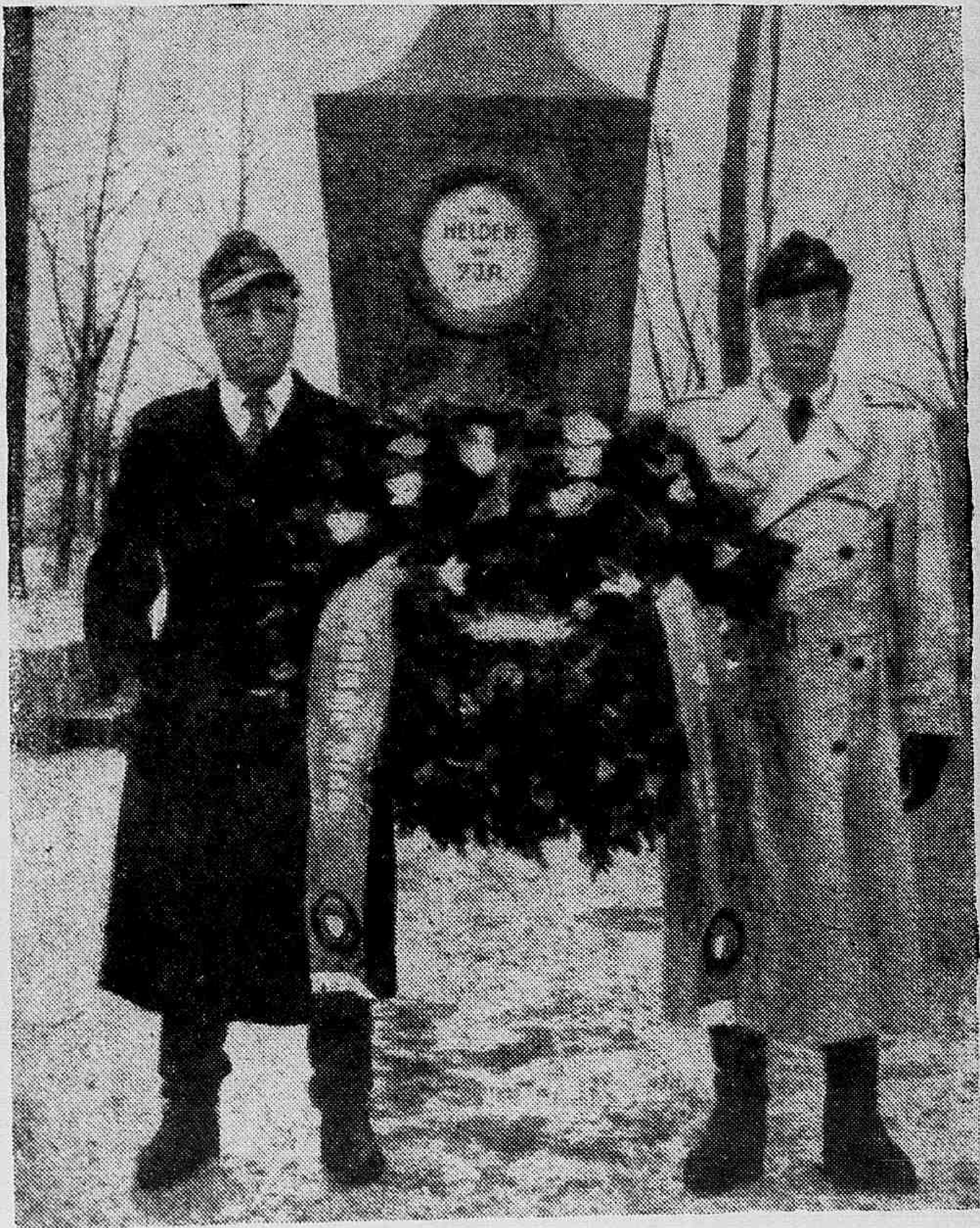
Depois disso só restará a êle retomar a bandeira da cruz gamada...

★

Êsse retôrno do hitlerismo, mesmo que não arraste obrigatòriamente o seu partido, é o objetivo, sem qualquer dúvida, da derradeira e definitiva batalha que o ex-Fuehrer vem travando do fundo da Antártica, ajudado — e muito — tanto na Europa quanto na América do Sul, por mais de 500 mil homens. Essa batalha, em suma, cabe aos aliados de fazer com que êle venha a perder...

★

(Neste número termina a série de artigos sob o título **Hitler e o mistério de sua morte,** em 17 números, que podem ser solicitados à rua Marangualpe, 15, 1º andar. — Cia. Editôra Americana — Rio)



1951 — A foto acima foi tomada em fins de outubro de 1951. O partido nazista já começou a aparecer em cerimônias públicas. Por enquanto são apenas coroas depositadas nos monumentos aos seus heróis...

A mulher com dois corpos

"A CIÊNCIA NUNCA PÔDE DESCOBRIR POR QUE EMELIE SAGEE PASSEOU DIANTE DE INÚMERAS PESSOAS — COM SEU PRÓPRIO FANTASMA... AO LADO!

Por HERMANN VOLK

COMO muitas outras moças francesas, Emelie Sagee era uma moreninha bonita, de olhos marrons. Tinha um narizinho espetado para cima e um físico sensacional. Segundo revelavam fartamente as aparencias, era uma típica e jovem **Mademoiselle.** Havia porém "alguma coisa" em Emelie que a distinguia das demais moças francesas — o mesmo de qualquer outra nacionalidade — na sua idade e condição.

Essa "alguma coisa" não era fàcilmente visível. De fato, não foi absolutamente **aparente** quando se candidatou ao emprêgo de professôra na escola exclusivamente para meninas, **Pensionat Neuwelcke**, em Valmiera, Latvia, há mais de cem anos.

Os diretores do colégio, que cuidadosamente a observaram, nada viram além de uma mocinha de uns vinte anos, bastante atraente e capaz, cujas referências revelavam haver nascido em Dijon, França, em 30 de outubro de 1817. As referências deixavam saber que Emelie Sagee era "excelente professôra de aritmética elementar, e que as crianças a adoravam".

Os que assinavam referências provàvelmente tinham grande estima por Emelie, pois que propositadamente haviam "esquecido" de mencionar o motivo pelo qual tinha ela sido forçada a deixar os muitos outros empregos antes dêsse. Ou, talvez, não o mencionavam por imaginar que, muito provàvelmente, não acreditariam.

Disso resultou que os diretores dessa famosa escola para meninas, nada encontrando de errado na candidata, aceitaram a jovem francesinha entre as suas professôras.

Emelie agradeceu profusamente, pois que, na verdade, estava precisando dêsse emprêgo. Casara-se em Dijon com a idade de 16 anos, porém o marido a deixara seis meses mais tarde. Ela não voltara a casar e por isso tinha que depender de si mesma para viver.

Segundo as documentações obtidas na própria escola, e que merecem crédito, tudo a princípio correu normalmente. Isso, durante os três meses em que a jovem professôra desempenhou as suas funções. Entretanto, em 5 de maio de 1840, a primeira das anomalias surpreendentes foi observada.

(Os fenômenos que vamos descrever, incidentalmente, embora raros, já tinham sido observados em outras pessoas, antes de Emelie Sagee. Muitos santos, por exemplo, da mesma forma que famosos mediuns e yogis parecem ter revelado igual poder. Êstes, porém, não tão bem identificados como no caso da professôra francesa. Minucioso relatório, de fato, foi organizado pela Diretoria do **Pensionat Neuwelcke** depois que Mlle. Sagee abandonou o educandário. Outros investigadores de notória responsabilidade também afirmaram ter visto fatos que os levaram a acreditar, firmemente, em algum estranho oculto poder dessa extraordinária criatura).

Como dizíamos, na tarde do dia 5 de maio de 1840 uma aluna de 12 anos de idade entrou, correndo, pelo corredor do **Pensionat Neuwelcke**, na direção da classe de aritmética, quando viu Mlle. Sagee saindo da sala de aula. A professôra sorriu, aconselhando a menina a se apressar a fim de não perder o primeiro problema do dia e, depois, prosseguindo, percorreu o corredor, afastando-se da sala.

A menina, conforme lhe fôra aconselhado, apressou os passos e penetrou na classe, agradecendo ao céu não ter sido censurada pelo atraso e, vagamente, tentando descobrir por que razão a professôra se afastava da aula, quando a mesma já tinha sido iniciada. Porém, logo ao entrar, estacou, surpreendida e amedrontada. Ali, à sua frente, instalada na cadeira sôbre o estrado, junto do quadro negro, estava Mlle. Sagee!

Sim. Ali estava a professôra, que, um segundo antes, sorrira para ela e lhe dissera que se apressasse. E agora, com fisionomia zangada, dizia que falaria com os seus pais, dando-lhes parte, caso tornasse a chegar atrasada para a aula.

A menina, ruborizada, balbuciou algumas desculpas e alegou que **Mademoiselle** já a desculpara, no corredor... **e como pudera voltar tão depressa para a sua cadeira?** As outras meninas riram ao ouvi-la e a culpada logo tratou de curvar a cabeça e ocupar seu lugar. Não queria ser o alvo do riso e da zombaria das suas colegas, insistindo numa coisa que, naturalmente, não tinha explicação.

Não se sabe como Emelie Sagee reagiu às palavras da aluna, pois infelizmente não foi anotado. Evidentemente o mais provável é que também ela fêz todo o possível para mudar de assunto, ràpidamente, fazendo esquecer o incidente.

★

Foi sòmente três semanas mais tarde, quando as alunas atendiam à aula de costura, na grande sala geralmente usada para as Assembléias Gerais do Colégio, que a menina de 12 anos teve oportunidade, como se costuma dizer, de **rir por último.**

A sala imensa tinha venezianas abertas para o jardim. Então, estando as alunas trabalhando com a agulha, algumas delas viram Mlle. Sagee entrar no jardim e caminhar entre os canteiros, curvando-se para observar as flores mais belas. Nada havia de anormal nesse fato, assim continuando até que a professôra de costura, saiu da sala momento depois.

A maior parte das meninas volveu a cabeça para o jardim, comentando a beleza das flores sôbre as quais se curvava Mlle. Sagee Repentinamente observaram que tudo mudara nela. Enquanto momentos antes, Mlle. Sagee se mostrava alerta e vivaz em seus movimentos, parecia agora mover-se com dificuldade, **como se estivesse em transe.**

Quase no mesmo instante as meninas abriram a bôca, assombradas, ao verificar que a cadeira deixada pela professôra de costura fôra novamente ocupada... **por Mlle. Sagee!** Olharam novamente para o jardim e... **lá estava ela, ainda!** Voltaram a



olhar para a cadeira diante delas, na própria sala — **e também a viram!** Podiam, assim, ver duas Mlles. Sagee!

A figura diante delas parecia mais uma boneca inerte. Nada dizia. Apenas ficava a olhar, extática, para a outra Mlle. Sagee, no jardim. Uma aluna se atreveu a perguntar-lhe se tinha uma irmã gêmea, mas não obteve resposta. Outra menina, finalmente, avançando, foi tocar num braço da professôra, sentada na cadeira do estrado, mas apesar disso a "gêmea" não se moveu. Quando interrogada, mais tarde, essa menina declarou que a pele de Mlle. Sagee estava extremamente macia, **como algodão.**

As meninas, muito excitadas, contaram à professôra de costura, quando esta voltou, exatamente o que acontecera.: Ela, porém, depois de olhar para o jardim e ver Mlle. Emelie Sagee aspirando as flores — agora novamente com movimentos normais — acreditou que estavam querendo gracejar à sua custa e repreendendo-as severamente,

mandou que se dedicassem ao trabalho, cessando com aquelas tolices.

As meninas obedeceram, mas logo que a classe terminou houve muita tagarelice a respeito da misteriosa "gêmea" de Mlle. Sagee.

Segundo parece, agora familiarizada com o ambiente, a "gêmea" da professôra resolveu aparecer mais ousadamente.

Aconteceu, um dia, enquanto Emelie ensinava às alunas, diante do quadro negro, ela aparecer, ao seu lado, imitando-lhe os gestos. Tudo continuou por alguns segundos, antes de que uma das meninas recuperasse a língua e apontando vigorosamente para a segunda Emelie gritasse chamando a atenção da Emelie original.

Voltando-se bruscamente, a professôra francesa pôde ver o que se achava ao seu lado. Imediatamente, sem um grito, tombou desmaiada. A partir dêsse momento, a imagem desapareceu diante dos olhos de suas alunas.

Outra professôra foi chamada a fim de cuidar da colega inconsciente. Pouco depois muita gente enchia a sala, ouvindo o que as alunas tentavam contar, falando tôdas ao mesmo tempo e algumas com violentas crises nervosas. Mesmo então, muitos professôres e diretores teimaram em pensar que se tratava de um estranho caso de alucinação coletiva, tudo não passando de pura imaginação das jovens alunas, impressionadas pelo que se dizia na escola relativamente a Mlle. Sagee. Assim foram tôdas elas censuradas severamente e algumas punidas com rigor, **porque continuavam jurando ter visto o fenômeno.** Os diretores achavam essas afirmações verdadeiramente ridículas.

Não puderam, porém, impedir que as alunas escrevessem para casa, relatando os estranhos acontecimentis e, menos ainda, que os pais das meninas, por sua vez, escrevessem à diretoria do colégio reclamando e afirmando que retirariam as filhas do educandário se não fôssem tomadas rigorosas medidas no sentido de acabar com tais acontecimentos que tanto abalavam os nervos das meninas.

Como resultado dessas queixas, a linda professôra francesa foi chamada a comparecer à sessão da Diretoria, a mesma que a examinara e aceitara, para prestar serviços. Pediram-lhe então que fornecesse amplas e convincentes explicações a respeito dos fatos, sem o que teria que solicitar demissão. O **Pensionat Neuwelcke** era uma instituição respeitada e jamais qualquer escândalo nela ocorrera em anos e anos de funcionamento.

Compreendendo que não teria outro recurso senão contar tôda a verdade, Emelie Sagee desatou a chorar. Estava ainda não abalada com o incidente de poucas horas antes, que mal pôde contar, entre soluços, uma história coerente.

Tudo o que as crianças diziam era verdade — confessou em pranto. Ela, sem dúvida, devia ter um fantasma "gêmeo", o qual já lhe custara boa dúzia de empregos. Sabia que, desde menina, projetava essa imagem fora do próprio corpo, mas isso não dependia da sua vontade. Assim, por não estar em condições de controlar o fato, não podia prometer qualquer cessação do fenômeno, que, segundo reconhecia, devia assustar muito as alunas.

Os diretores do colégio, um dos quais era mulher e, justamente, espôsa do prefeito de Valmiera, teriam preferido acreditar tratar-se de um caso de loucura e que Emelie era vítima de alucinações como ocorre com outros loucos que acreditam ser Napoleão, Júlio César, etc. Porém, além da sincera e dolorosa confissão de Emelie havia o testemunho de dezenas de alunas, e que, agora, não podia mais ser menosprezado. Havia também o escândalo, sempre maior e já espalhado por tôda a Europa.

Em vista disso — embora a contragosto — eram forçados a pedir a Emelie Sagee que reunisse seus haveres e deixasse o colégio, **quanto antes.** Talvez o que dizia fôsse verdade. Talvez se tratasse, realmente daprojeção de um seu doble espiritual. Não estavam à altura de julgar o fato. Porém uma coisa era clara e positiva: Emelie estava provocando sérios distúrbios no **Pensionat Neuwelcke** — e isso não podia ser tolerado.

Emelie havia cessado de chorar. Resignava-se com a própria sorte. Agradeceu a cada um pelas horas agradáveis que lhe haviam proporcionado até ao instante em que, independente da própria vontade, tinha passado a ser causa de desgôsto geral; a seguir começou a arrumar os seus modestos haveres. Tão humilde se mostrou e tão estimada era, realmente, pelos diretores e demais professôres, que êstes resolveram oferecer-lhe uma gratificação e, ainda homenageá-la com um almôço íntimo.

Por vontade do seu **"doble"** ou porque a própria Emelie desejasse provar aos seus amigos que não se tratava de qualquer distúrbio mental seu, os convidados a êsse almôço tiveram a oportunidade de ver com os próprios olhos um espetáculo que jamais puderam esquecer.

Quando o almôço estava no seu fim, do próprio corpo de Emelie surgiu... uma segunda Emelie, que se manteve, como uma duplicata, ao seu lado, imitando-lhe os movimentos do processo de comer.

Diretores e professôres ficaram imobilizados e pálidos de espanto, da mesma forma como havia sucedido com as alunas. Muitos chegaram a perder a fala por alguns segundos, porém um dêles — o mesmo que, mais tarde, escreveu minucioso relatório sôbre o fato — levantou-se para apalpar a estranha figura. Como a aluna da aula de costura, declarou êle que o **"doble"** era muito macio — **"qualquer coisa semelhante a creme de queijo"** (no texto).

Quando o jantar terminou e Emelie se levantou para deixar a sala, a imagem gradualmente desapareceu.

Foi esta a última aparição, registrada, do "doble" sobrenatural de Emelie Sagee... Segundo se sabe, pelo menos, nenhuma tentativa foi feita no sentido de seguir os passos da jovem professôra, depois de sua passagem por Latvia. Os transportes e as comunicações eram muito deficientes em tais dias e o diretor do "Pensionat Neuwelcke" contentou-se descrevendo simplesmente as ocorrências na sua escola, desdenhando pesquisar na França, a fim de conhecer a verdadeira história da jovem professôra.

E' mais provável que a linda Emelie tenha retornado à sua nativa Dijon e ali permanecido em companhia de uma tia até ao fim dos seus dias. Os livros da igreja local indicam que ali, justamente, morreu em 1 de novembro de 1848.

O seu caso forneceu, entretanto, assunto fascinante para os estudantes e professôres das ciências ocultas. O aparecimento de um "gêmeo astral" não se limitou ao caso dessa jovem francesa, ùnicamente, embora casos "autenticados", como o dessa professôra sejam raríssimos.

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

(Continuação do número anterior)

Era uma borboleta de tamanho médio, medindo duas polegadas e um quarto de uma asa a outra, quando abertas. Sua côr era branca, com um debrun castanho e pintas da mesma côr. Era notável, em primeiro lugar, pelo bater ou estalar das asas, quando era importunada, recebendo, por isso, o nome de borboleta *"chicote"*. Em segundo lugar, pelo fato de não pousar nas macegas, como o faz a maioria da sua espécie, e sim nos grossos troncos e galhos das árvores, onde ela se agarra de cabeça para baixo e asas estendidas. Nesta posição, mais comum às mariposas do que às borboletas, fica invisível ao observador casual, porque se assemelha a uma porção de líquem. Se nos aproximarmos, contudo, ela mostra o seu descontentamento fechando e abrindo as asas, uma ou duas vêzes (geralmente duas) em sucessão rápida, produzindo, por meio dêste contato súbito, um estalo semelhante ao do chicote que lhe deu o nome. Às vêzes nota-se o mesmo ruido quando estão voando. O suruquá gosta muito desta borboleta e, muitas vêzes, depois de ficar durante mais de meia hora pousado num ramo, sem dar sinal de vida, é atraído pelo estalo produzido por ela, à qual se atira com avidez.

Assim como a grande maioria das borboletas, ela é, também, carnívora. Muitas vêzes a vi rodeada de vespas, abelhas e maribondos, sugando a carne sêca.

À noite eu sempre apanhava mariposas de côr parda e púrpura, que mediam oito, nove e até dez polegadas de uma asa a outra, que, como as borboletas e outros insetos diuturnos, consideravam o nosso charque sua propriedade.

Entre tôdas as miríades de representantes de insetos, de que estava repleta esta pequena clareira, o mais curioso e interessante para o observador era um denominado, pelos brasileiros, *"cavalo do diabo"*. Êste inseto se assemelha tanto a uma fôlha comum que seria difícil descobrir um dêles, não fôra a sua notável abundância em certos locais. E' muito interessante apreciá-lo. Sua posição normal, quando não há outro inseto perto, é de imobilidade religiosa. Esta atitude é tão notável que, por isto, recebeu o nome comum de *Louva-Deus* — um nome que não indica os seus instintos. E', de fato, o mais sanguinário dos insetos, devorando mosquitos, môscas e abelhas pequenas com inexgotável apetite.

Quando, por exemplo, um mosquito — habitualmente o mais arisco dos insetos — enganado com a semelhança existente entre o *"Louva-Deus"* e uma fôlha, pousa num ramo, à pequena distância sua, êle volta a cabeça na direção do recém-chegado e, então, começa a arrastar-se para o seu lado, quase imperceptìvelmente. Ao mesmo tempo, suas patas dianteiras que, até então, estiveram encolhidas, começam a se abrir, tomando o aspecto de formidáveis tenazes dentadas. O mosquito, neste ínterim, entrega-se à ocupação inocente de lavar as mãos e o rosto, operação talvez preparatória de outro ataque à uma vítima humana, ignorando completamente o destino que o aguarda. O "louva-Deus" continua a sua imperceptível aproximação, fitando a sua prêsa com os seus grandes olhos. Ao chegar ao alcance do ataque, lança as duas patinhas dianteiras com a rapidez do relâmpago, sendo o infeliz mosquito apanhado entre os seus aguçados fios dentados, apertado como num tôrno e, em pouco mais de um minuto, todo o seu corpo é estraçalhado e devorado. Isso feito, o "louva-Deus" retoma a sua atitude imóvel e religiosa, ficando à espreita de mais uma vítima.

Assim, entre os inúmeros inimigos dos homens, que são gerados, anualmente, pelo calor e umidade destas grandes estufas — as florestas tropicais — há pelo menos um que luta do seu lado, embora silenciosamente, matando milhares e dezenas de milhares dos insetos mais incomodativos. Era por isto que eu olhava o "louva-Deus", com simpatia, a despeito do nome errôneo que lhe deram os brasileiros.

Nesta época do ano, isto é, no comêço de Novembro, eu e Curling ficamos, em conseqüência do clima, cheios de erupções semelhantes às que haviam atacado S— e Lundholm, um mês antes. Estas erupções se manifestavam mais no dorso das mãos, nos antebraços, nos pés e nas pernas abaixo dos joelhos. Começavam, invariàvelmente, com as mordidas dos mosquitos que coçávamos ou arranhávamos. A princípio, essas apostemas eram superficiais. Alguns dias depois penetravam na carne, tornando-se muito doloridas, provocando ínguas nas virilhas. Quando isto acontecia, era necessário o repouso por alguns dias até baixarem as inchações. Tivemos de deixar de andar de botas e calças, passar a usar chinelas e pijamas para trabalhar nas picadas. Não creio que tais erupções tivessem afetado minha saúde geral, embora a locomoção através da floresta fôsse em tal momento muito difícil.

Todos os europeus do grupo, sem exceção, foram atacados dêste mal e muitos nos deixaram em conseqüência disto. Os de constituição fraca e doentia eram os que sofriam mais. A vida daqueles homens tornara-se um fardo para si mesmos e sua presença nos impunha certas responsabilidades. Entregar-se à violência destas afecções parecia ser pior. Aquêles que assim procederam esperavam, sem dúvida, curar-se mais depressa, porém isto não aconteceu. Lundholm ficou doente e sem poder trabalhar durante quase oito semanas, em conseqüência delas, e os sofrimentos por que passava, ocasionados pelos insetos, durante o dia todo, no acampamento, eram horríveis. Os europeus, cujos deveres os detinham no acampamento, ficavam cabisbaixos, doentes e tristonhos. Ficou provado que era melhor suportar a dor e o desconfôrto trabalhando,

do que parar o trabalho, entregando-se assim à doença.

Mais ou menos cinco semanas depois de nos terem aparecido estas supurações, chegou ao acampamento um novo empregado brasileiro, que nos disse conhecer uma planta chamada aipo, que era um ótimo remédio para o nosso mal. Depois de muito procurar, consegui encontrá-la. Com ela fiz uma infusão, como se faz com o chá, fervendo as fôlhas e os talos. Os lugares afetados eram banhados com esta infusão de manhã e à noite, e as próprias fôlhas eram aplicadas como cataplasma, antes de nos deitar. Depois de um tratamento ed três dias, eu e Curling, ficamos completamente bons. Lundholm ficou curado em menos de uma semana e os cinco europeus, que, então, ainda estavam conosco, foram medicados e se restabeleceram, também, em curto espaço de tempo. Êste remédio, Aipo, soube mais tarde que era conhecido e usado pelos índios selvagens Coroados, que habitam a parte inferior do Vale do Ivaí, pois êles também são atacados, vez por outra, de tais males.

Permaneci durante três semanas na floresta, com minha pequena turma de trabalhadores. Curling, com outra turma, ficava sempre de uma a três milhas à frente, mas mantínhamos uma comunicação constante por meio de mensageiros, que também iam freqüentemente ao acampamento geral.

Uma vez eu lhe fiz uma visita no seu alojamento avançado, embora me fôsse a viagem muito penosa por causa das apotemas que acabei de mencionar. Encontrei-o num estado muito pior do que o meu e, especialmente as suas pernas, que se achavam em deploráveis condições. Contudo, não abandonou o serviço. Felizmente, êle tinha consigo um capataz muito bom, um americano chamado Nettles que, por ter vivido muitos anos nesta região, não sofria tanto da afecção quanto nós. Pode-se dizer que êste era o único homem de confiança — entre os empregados estrangeiros — e capaz que possuíamos. Auxiliou muito a Curling na pior parte do trabalho durante a sua enfermidade.

Certa ocasião êle foi enviado, por Curling, acompanhado de dois outros homens escolhidos, para fazer uma exploração ao longo do curso do pequeno rio chamado Barra Batista, até a sua junção com o Ivaí. Nesta expedição, em que êles sofreram muitas privações por não terem levado provisões suficientes, participaram de uma aventura que quase me pareceu providencial, pois resultou na matança de um animal que se tornou, como a jacutinga, um dos meios de subsistência do grupo. Êste animal foi um "tapir" sul-americano, conhecido entre nós pelo nome brasileiro de *anta*.

Esta aventura teve o seu início da maneira seguinte. Uma pequena turma de três homens, na qual tomara parte Nettles, vinha caminhando há um dia e meio na floresta, ao longo da margem do Batista, pensando que já tivesse chegado ao rio principal. Suas provisões já haviam acabado e agora a única coisa que êles tinham para comer era mel e palmito. Na segunda noite acamparam, exaustos e quase sem o alimento, num local cêrca de vinte jardas distante da margem do referido rio. A lua estava quase cheia, havia saído há quase uma hora antes, quando um homem da turma, indo apanhar água, deparou com uma anta. Por um instante ficaram olhando um para o outro e em seguida o animal, voltando-se inopinadamente, atirou-se n'água, justamente quando o homem sacou da pistola e a descarregou sôbre êle. Ouvindo os estampidos, Nettles e os outros foram correndo ao local. Compreendendo imediatamente o que se passava, um brasileiro jogou-se n'água. O rio, neste trecho, tinha apenas dez ou doze jardas de largura. Conservando a pistola e a cartucheira numa das mãos, bem no alto para que não se molhassem, com a outra o homem nadou para o lado oposto e em poucos segundos estava na outra margem. Nettles correu um pouco para baixo, até um lugar em que o rio era raso e onde havia uma cachoeira. Aí êle procurou evitar a fuga da anta, enquanto correnteza acima havia um salto de cinco pés de altura, que formava uma barragem natural. O animal estava agora cercado num remanso de cêrca de vinte jardas por doze. Depois de permanecer em baixo d'água por mais ou menos um minuto — tendo os seus movimentos sido acompanhados pelo encapelamento formado na superfície líquida — após o primeiro mergulho, a anta pôs a cabeça para fora a fim de poder respirar e ver o que se passava. Ecoaram dois tiros e ela, mais uma vez, mergulhou. Numa segunda vez que veio à tona, foi recebida de maneira semelhante à anterior. Para qualquer lado que ela tentasse fugir, encontrava alguém de espingarda assestada na sua direção. Por fim, já cega em virtude das repetidas cargas de chumbo e cansada de mergulhar, foi vítima de um longo facão que lhe atravessou o pescoço. Esta caçada durou vinte minutos e deve ter sido emocionante para os três homens que a fizeram, pois caçavam para a sua subsistência. A carne desta ante os alimentou durante os dois dias seguintes, depois dos quais chegaram, de volta, ao alojamento.

Creio que eu e Curling jamais nos esqueceremos das semanas que assim passamos na floresta. Cansaria, certamente, o leitor se eu tentasse relatar aqui uma décima parte das misérias e privações que sofremos, principalmente as causadas pelas feridas dolorosas que corroíam os nossos membros e pela praga de insetos de tôda espécie, que não só nos atormentavam, como também pareciam nos querer comer vivos. Mesmo à noite não ficávamos livres dos seus ataques. O clima nestas florestas, apesar do calor e da umidade existentes, é, essencialmente, saudável. Não fôra isso, nenhum europeu poderia ter suportado os tormentos pelos quais, por tantas semanas, fomos obrigados a passar. Saí para esta prolongada expedição com dois europeus, que faziam parte de meu grupo, e nem um só dêles permaneceu comigo após a primeira semana.

Os brasileiros, ao contrário, resistiam perfeitamente as privações, muito embora estivessem habituados ao ambiente dos sítios e das roças. Comecei a sentir uma afeição especial por cada um dos componentes da minha turma de trabalhadores e êles, por seu lado, raramente queixavam-se quando havia pouca comida ou quando eu lhes pedia que fizessem um trabalho difícil.

No dia 18 de Novembro terminamos nosso penoso trabalho através da floresta, saindo à mar-

gem do rio, iluminada por um escaldante sol tropical. Êste calor, contudo, só o sentimos nas profundezas das selvas brasileiras, na forma de um banho turco, muito aumentado. Em virtude dessa diferença, ao sairmos da mata, notamos o interessante fenômeno da nossa côr, completamente branca ou amarela esbranquiçada.

Curling ainda ficou na floresta, enquanto eu desci o Ivaí, numa distância de quatro ou cinco milhas até a junção do Barra Batista, com o propósito de construir um depósito para guardar provisões e materiais.

Era seguindo o curso dêste pequeno rio que Curling fazia a exploração que levava avante com sérias dificuldades, não só pelo seu estado de saúde, como também pelo fato de ter o serviço dobrado com a morte de S— e com o abandono do trabalho por Lundholm, em virtude da sua enfermidade.

Êle estava, nesta ocasião, à uma distância de mais ou menos quatro milhas, em linha reta, da foz do Batista e a cêrca da mesma distância do depósito geral no Ivaí.

Sua turma era grande, consistindo em cêrca de doze ou treze homens. Para conseguir provisões, era necessário ter comunicação permanente entre o seu alojamento e o Depósito Geral da margem do rio. A distância aumentava sempre, à proporção que êle avançava, aumentando assim, ao mesmo tempo, as dificuldades de transporte.

Fazendo um depósito perto da foz do Batista esperávamos, com a chegada das chuvas do verão, abrir uma comunicação fluvial. No dia seguinte ao que deixei meu alojamento na floresta, começaram as chuvas.

Construí o novo depósito em três dias e guardei aí grande quantidade de provisões. Na manhã do quarto dia, as águas do Barra se haviam avolumado em virtude das chuvas e, então, pensei em iniciar o novo meio de comunicação.

Na tarde do terceiro dia, entretanto, ocorreu um fato que veio precipitar tal iniciativa.

Ouvimos o detonar de uma arma, muito perto, na floresta. Houve surprêsa e admiração entre os nossos, pois não podíamos atinar quem se estaria aproximando. Respondemos com tiros de pistola e nada mais ouvimos por quase meia hora. Passado êste tempo, percebemos o ruído de machadadas, como se alguém estivesse abrindo uma picada, e pouco depois surgiu, na clareira onde estava situado o nosso alojamento, um homem vermelho de sangue da cabeça aos pés.

A princípio ninguém o reconheceu, tão ensangüentado estava e tão rasgadas estavam suas vestes. Verificou-se, depois, que era um empregado de Curling, chamado Miguel Lopes, talvez o melhor auxiliar da expedição em todos os serviços. Sabia-se que êle era o braço direito de Curling. Ao chegar mal podia falar, porém, depois que lhe demos um pouco de cachaça, melhorou e pôde nos dar as notícias.

Êle trazia um bilhete de Curling para mim, dizendo que chegaria dentro de dois dias, informando ainda que mandara mensageiros ao depósito geral para buscar provisões, que nenhum dêles voltara, e que êle e a sua turma só tinham mel e carne de ave para comer. Dizia mais que, na ocasião em que o portador do bilhete, Miguel, chegasse ao meu alojamento, êle e tôda a turma já teriam partido com destino ao novo depósito de provisões, onde esperavam encontrar-me, pedindo-me que partisse de canoa, imediatamente, para lá.

Sem dúvida alguma, qualquer coisa havia acontecido ao antigo meio de comunicação, muito embora eu não pudesse encontrar uma explicação para isto. Miguel disse-me que, há vinte e quatro horas, vinha caminhando, sem parar, abrindo caminho com o facão, estando todo arranhado pelos espinhos e contusões produzidas pelos tocos das árvores, aos quais, à noite, não podia evitar. Algumas vêzes caminhava por dentro d'água nas partes baixas do rio, outras nadava longas distâncias onde o rio era fundo. Tinha os pés cortados pelos espinhos das florestas e pelas pedras do rio.

Avisou também que a turma de Curling, com a grande quantidade de equipamentos que trazia, precisaria de, pelo menos, três dias para fazer esta marcha.

Dei ordem imediatamente para que duas canoas leves, que eu tinha de prontidão, fôssem carregadas de provisões e, uma hora depois da chegada de Miguel, parti, acompanhado de seis dos melhores e mais resolutos homens, em missão de salvamento. Miguel não quis ficar e insistiu em seguir, a despeito do estado de cansaço em que ainda se achava. Assim procedendo, deu aos seus companheiros uma lição de abnegação ao trabalho. Antes do anoitecer já havíamos percorrido a metade da distância que levava ao alojamento de Curling. Nossa viagem até aí havia sido difícil porque, a despeito das chuvas, o pequeno Batista, em certos trechos, estivera muito baixo e existiam nêle corredeiras e cataratas em grande número. A grande quantidade de árvores caídas, também muito nos atrapalhou.

Ao anoitecer não nos preocupávamos em fazer alojamento. A única coisa que fizemos foi abrir uma clareira de alguns pés de diâmetro para a fogueira e abrimos as rêdes para dormir.

Trouxemos um cachorro conosco, o qual, desde o momento que chegamos, entrou, latindo, pelo mato a dentro, caçando pelo espaço de duas horas. Miguel avisou que se ali houvesse onças êle seria devorado. Chamamo-lo para que voltasse, mas êle continuou correndo atrás de uma caça, que os camaradas diziam ser, pela maneira de correr, uma corça. Quando o animal passou perto do lugar onde estávamos acampados a escuridão era tão densa, que não nos foi possível distingui-lo. Afinal, o cachorro, fatigado pela sua caçada infrutífera, regressou. Passamos o resto da noite sossegados, ouvido apenas, de vez em quando, o grito melancólico de um noitebó na floresta distante, o chiado dos insetos noturnos e o zumbido constante dos mosquitos.

Já havíamos partido quando o sol despontou. Nosso primeiro trabalho foi arrastar as canoas para o alto de uma cachoeira de quase seis pés de altura. Foi provàvelmente perto de uma cachoeira igual à esta que Nettles ficou durante a caçada de anta, que já foi descrita. O pequeno rio era rico de aves. Alciões solitários reinavam naquelas águas. Alcaravões robustos e grous de pescoço longo, de várias espécies, montavam guarda próximo a cada salto ou queda d'água. Matei um ou dois para minha coleção, embora

houvesse pouco tempo para fazer isto. Depois de cinco horas de labuta — durante as quais Miguel nos havia distraído, mostrando muitos sinais dos seus pés nos lugares onde êle havia entrado no rio, acrescentado um ponto a cada conto, como o fazem todos os de sua raça — um pouco antes do meio dia, ouvimos algumas pessoas gritando na margem direita e os conhecidos golpes de facão abrindo uma picada no mato. Gritamos também e daí a pouco apareceram alguns homens, entre os quais reconheci Curling, pela maneira peculiar de vestir, que consistia em um enorme chapéu de aba larga (cujo uso nem sempre é necessário na floresta), um blusão e calças largas prêsas abaixo do joelho.

A maneira pela qual nos receberam encheu os nossos corações de contentamento, e só isso foi, para nós, uma grande recompensa pelo trabalho que tivemos antes de os encontrar.

Êles tinham uma aparência de flagelados em virtude das duras privações por que vinham passando. O próprio Curling não se achava em condições de viajar, e estava como eu, isto é, coberto de feridas nas pernas, mãos e braços. Os brasileiros mostraram seu contentamento pela nossa chegada, como de costume, dando gritos e tiros.

O resto daquele dia foi para descanso. Passamos as duas horas seguintes comendo e cozinhando. Fez-se uma clareira, onde num curto espaço de tempo construiu-se um grande rancho de fôlhas de palmeiras e de bambu.

Observamos alguns rastros de anta quando subíamos o rio e combinamos fazer uma caçada organizada. Curling tinha um cachorro e eu havia trazido outro, sendo ambos considerados bons caçadores dêstes animais.

Não pudemos usar as canoas, porque o rio estava muito baixo. Dois homens seguiram caminhando rio acima e, se por acaso chegavam a um lugar muito fundo, saíam para a margem e abriam uma passagem pela floresta. Levavam os cachorros amarrados a uma corda, prontos para soltá-los no momento em que descobrissem um rastro. Eu e Curling os acompanhamos enquanto ficaram perto do rio, mas, como não encontraram sinais de pés de animais, dirigiram-se para o interior da floresta, avisando-nos para ficarmos no rio ou perto.

Separamo-nos. Curling foi rio abaixo e eu rio cima. Ainda não íamos longe quando ouvimos um vozerio, confundido com o latir de cães e o quebrar de galhos, vindos do lado para onde os caçadores haviam ido. Fiquei tão emocionado que senti o coração saltar-me à bôca, pois sabia que aquêle tumulto significava, nada mais nada menos, que uma anta que fôra descoberta em seu covil. Neste momento eu estava com água pela cintura. Nas imediações não havia um lugar mais raso, de modo que os meus movimentos pudessem ser mais desembaraçados. O ruído do mato que se quebrava parecia vir em minha direção. Levantei minha espingarda de dois canos, que estava com cartuchos bem carregados, e fiquei imóvel dentro d'gua, tanto quanto o permitia, na ocasião, o meu estado de agitação. Não ouvia, distintamente, o animal se aproximar em disparada.

A minha agitação foi tanta, no momento, que pensei ver o animal sair correndo da mata e saltar n'água, ficando, por algum tempo, tudo escuro diante de mim. Eu tinha a espingarda encostada ao ombro e o dedo no gatilho, quando a anta saiu, de repente, em ângulo reto com relação à direção em que vinha e, sem chegar a uma distância onde eu pudesse atirar, entrou em carreira vertiginosa pela selva, seguindo à margem do rio, perseguida por dois cães que latiam desesperadamente.

Em dois minutos todos os ruídos perderam-se na distância, com a exceção do ladrar dos cães que ainda se ouvia distintamente. Ainda tentei acompanhá-la, embora estivesse calçado e carregando uma espingarda, mas desisti. Daí a pouco ouvi dois tiros. Êstes foram o dobrar de sinos pelo fim da anta que foi morta, alguns instantes depois, quando foi cercada pelos cães e caçadores. À noite, pela primeira vez, comemos bife de carne de anta no jantar. Achei o gôsto semelhante ao da carne de vaca, mas os brasileiros diziam que preferiam a carne sêca à carne da anta, porque esta dava dor no estômago. Eu e Curling comemos bastante, pois não estávamos habituados ao luxo de comer carne fresca, preferindo-a à qualquer carne de vaca.

O rancho que construímos neste local recebeu o nome de "Rancho da Anta", por causa desta primeira caçada e dentro de poucas horas já estava prestando serviço. A trovoada, que durante as últimas vinte e quatro horas havia cessado, retornou, caindo em grossos pingos de chuva sôbre as fôlhas das árvores. O rancho, todavia, fôra feito com espaço bastante para todos nós e para as provisões que eu havia trazido na canoa. Ouvindo os trovões, vendo os relâmpagos e sentindo o aguaceiro tropical cair sôbre a cobertura de fôlhas de palmeiras, passamos uma noite confortável, abrigados dos elementos, num abrigo construído por nossas próprias mãos e com comida e água em abundância. E' isto que constitui a felicidade nos sertões do Brasil.

CAPÍTULO XI

Volta à margem do rio. ★ Anarquia no acampamento Geral. ★ Os negociantes de Colônia Tereza. ★ A cachoeira. ★ Um contratempo perigoso. ★ Hábitos de certos papagaios. ★ Hábitos do Tucano. ★ Guarteto de papagaios. ★ Nova praga. ★ O berne. ★ Dagan e as três fontes. ★ Indios corredores. ★ Depois do trabalho na floresta.

O espírito de inciativa audacioso e sagaz que no Hemisfério Oriental induz os homens a acompanhar os exércitos para o campo de luta na esperança de conseguirem vantagens legítimas, apesar dos riscos múltiplos de vida e propriedade a que estão sujeitos, não parece ter penetrado no hemisfério ocidental ou, pelo menos, na parte em que se acham situadas as fronteiras do Brasil Meridional.

Digamos que apenas na província do Paraná, durante os seus dois anos mais ou menos de existência, a nossa expedição gastasse a elevada soma de 30.000 a 40.000 libras, tendo sido mais da metade desta importância gasta com os "negociantes" de Colônia Tereza, em pagamento das provisões e materiais que nos forneceram. Como

êles conheciam a região muito bem, o transporte não encarecia muito tais materiais e provisões, podendo êles, por isso, vendê-los por menos um terço do preço que costumavam cobrar-nos. A nossa presença aí veio incrementar o negócio, tendo êles mandado, furtivamente, barris de cachaça de cinco shillings, para serem vendidos a varejo fiado nos nossos acampamentos.

Imaginem a minha decepção quando, dois dias depios dos acontecimentos descritos no último capítulo, voltei ao acampamento geral, na margem do rio, e vi que o mesmo havia sido transformado, durante nossa ausência, em botequim para a venda de cachaça.

Parece que o "negociante" principal da Colônia — homem de algum recurso e muito conhecido nas grandes cidades da provincia era o responsavel pelo que acabo de descrever. Mandava um dos seus amigos vender cachaça a crédito aos nossos homens, e tinha, depois, a petulância de nos enviar a conta, pedindo-nos que descontassemos na fôlha de pagamento.

Compreendi, então, porque Curling não tivera mais notícias dos seus mensageiros que haviam ido buscar mantimentos. Assim que êles chegaram ao acampamento, entregaram-se à orgia reinante, bebendo sem parar e, só agora, depois de três dias de bebedeira, começavam a pensar no dever que não fôra cumprido.

Pouco depois da minha chegada, despedi todos êstes elementos indesejáveis, mandando-os para Colônia.

Fiquei no acampamento por um espaço de três horas, a fim de por tudo novamente em ordem, enviando depois um "*especial*" à Colônia. Antes mandei uma canoa grande com homens e provisões para o acampamento Batista, para onde também me dirigi, meia hora depois, numa canoa pequena, de cédro, com Messeno remando. O velho acampamento estava deserto, só ficando alí Lundholm (que já estava, afinal, andando um pouco) e mais quatro homens, pois aquêle era o ponto mais conveniente para recomeçar o trabalho por dentro da floresta.

Numa distância de mais de uma milha abaixo havia uma cachoeira, por onde eu havia passado quando o rio estava muito baixo. Aí, então, tivemos de sair da canoa e entrar nágua, para puxá-la por alguns canais estreitos que levavam a parte inferior. A quéda era de uma altura de cêrca de cinco pés em oitenta jardas. Havia muitas pontas de chochas de um lado a outro. Desta vez, devido à enchente do rio, perguntei a Messeno o que iamos fazer para passar pela cascata, para a parte inferior do rio. Êle respondeu que os homens, no acampamento, lhe haviam dito que a cachoeira estava lisa — de fato, ela havia desaparecido devido à altura que chegou o nível da água e a canoa deslizou mansamente sôbre ela.

Deitei-me a fio comprido, no fundo da canoa, procurando gosar tôdas as sensações que me produziam a correnteza rápida no rio cheio. Papagaios de variedades côres saiam para a orla da floresta, de onde nos saudavam, na nossa passagem, numa algazarra muito dissonante e desagradável, voltando depois para seus abrigos frescos nas folhagens, onde permaneciam em silêncio. Os biguás saltavam, ficavam inquiétos nos seus tocos quando nos aproximávamos e, depois, abrindo as asas, voavam rentes à água, na direção da correnteza, não deixando de nela mergulhar a ponta da cauda, antes do início do vôo.

De repente, o ronco monótono de uma quéda d'água veiu me tirar deste deleite e, no mesmo instante, dobrando uma curva do rio, vimos bem perto, uma cachoeira. Esta não estava lisa. Ao contrário, a água caia de uma altura que, ao chocar-se com as pedras na parte de baixo, formava um verdadeiro pandemônio de espumas brancas. Estavamos no meio do rio e na correnteza forte do canal que levava à catarata. Era dificil prever a extensão do perigo a que estavamos expostos, porque o sol que no momento já descia no horizonte, ofuscava a nossa visão.

— "*Que diabo! tamos perdidos!*" — foram as únicas palavras que Messeno teve tempo de pronunciar, ao ver as grandes vagas que se estendiam de um a outro lado do rio. E' verdade que o momento não era para se perder tempo com palavras. Messano, que até agora se mantivera de pé na pôpa da canoa, sentou-se — mas continuou a guiar a canoa com o remo. A embarcação deslizava com grande velocidade sôbre a correnteza, que marcava o princípio da catarata, e daí a pouco precipitou-se no abismo de espuma, lá em baixo. Entrou-lhe um enórme volume d'água pelos seus lados baixos mas, um segundo depois, já haviamos passado pela onda e a canoa ainda flutuava. Via, à nossa frente, o encapelamento da água marcando a existência de outro salto. Era evidente que, com a canoa cheia dágua até ao meio, qualquer outra onda que atravessassemos a afundaria. Com uma das mãos segurei a minha valiosa espingarda e com a outra a sacola na qual levava os meus livros de anotações. Um instante depois a canoa furou um segundo vagalhão. Êste nos lavou completamente, começando a canoa a sossobrar imediatamente e, em poucos segundos, éramos carregados pelas águas impiedosas, que assobiavam ao passarem pelas pedras. A fragil embarcação reapareceu mais adiante, de fundo para cima. Quiz me agarrar a ela com uma das mãos, porém, perdendo a firmeza, fui ao fundo. Tentei mais duas vêzes com resultado semelhante. Já não podia mais ver, devido à violência com que a água batia em meus olhos. Estava quase sufocado e sentia-me exhausto pelo esfôrço que fazia para ficar com a cabeça acima da superficie. Esperava ser, de um momento para outro, arremessado de encontro a uma pedra. O barulho produzido pelas águas e o ruido que denunciava a aproximação de uma pedra submersa, sôbre as quais flutuávamos numa velocidade de doze milhas por hora, teriam aniquilado o meu sistema nervoso, tivesse eu tido tempo para pensar. Todavia, tudo acabou em menos tempo do que o necessário para se ler esta descrição. A catarata ficou para tras, roncando, sem nada mais poder fazer-nos e nós flutuamos ràpidamente na superficie plana da água. Digo nós porque, ao olhar para trás, tive a satisfação de ver Messeno escarranchado na pôpa da canoa, pois, estando com as mãos desocupadas, tivéra facilidade de alí se acomodar. Teve êle outra vantagem sôbre mim, que foi a de estar vestindo calção, enquanto eu estava usando a roupa do trabalho. Conseguii também agar-

rar-me à quilha da canoa, porém cansado demais para fazer qualquer tentativa de dirigir a canoa para a margem.

De repente Messeno gritou: — "Alí vem a canoa grande". Olhando na direção indicada, também vi uma canoa que vinha rio acima, perto da margem. Era a mesma que eu havia mandado, meia hora antes de partir. Pude ver os homens de pé, remando com tôda a fôrça. A única coisa que êles puderam fazer, entretanto, foi manter a canoa onde estava, até que chegássemos mais perto, quando afastaram-na um pouco para o meio do rio e nos apanharam. Estavamos a uma distância de uma milha da catarata, quando fomos tirados da água. Se o salvamento tivesse demorado mais um minuto, eu teria sido obrigado a desfazer-me da espingarda e dos livros, a fim de poder nadar até à beirada, mas mesmo assim a tarefa teria sido árdua em virtude do calçado, da roupa e do cansaço que parecia envolver todo o meu ser.

Deste dia em diante passei a ter um respeito todo especial à fôrça da água corrente. Vi como o homem é insignificante diante de situações como as que eu e Messeno defrontáramos. Nestas circunstâncias, o saber nadar só é útil porque o homem não perde a calma, mas se fizer qualquer tentativa para lutar contra as águas, ou mesmo procurar tomar um rumo, em pouco tempo verá a inutilidade do esfôrço despendido. Penso que a lição neste sentido me foi muito barata, pois custou apenas um mergulho e a perda de vários artigos de meu uso.

Durante um descanso de quatro ou cinco dias, passados à margem (ou perto) do rio principal, construi um segundo acampamento quatro milhas abaixo do Barra Batista, e fiz duas curtas viagens de exploração na floresta, onde sofri as torturas que me impuzeram, dia e noite, as abelhas, os mosquitos, os carrapatos e as lagartas queimadeiras.

Entre a vida animal do interior das florestas e a da margem do rio. há uma diferença grande e acentuada — mais especialmente com respeito à vida das aves. Um exemplo que merece destaque é o caso da tribu dos papagaios. Era raríssimo encontrarmos estas aves longe das margens dos rios. O silêncio solene do interior destas matas era quebrado pelos seus gritos estridentes ao passo que nas margens dos rios êles constituiam o traço principal e, certamente, o mais marcante da vida animal. Aí o seu alarido era, freqüentemente, ensurdecedor e os seus enormes bandos em vôo, escureciam o espaço.

Já mencionei antes o hábito que êles têm de gritar quando estão voando, e de calar-se quando voltam às ramagens verdejantes dos arvoredos. Parece que isto se dá não só com as espécies mais franzinas e menores dos papagaios, como também, com as espécies maiores. Manifesta-se aí o seu instinto de conservação, induzido pelo conhecimento vago da existência de inimigos nas proximidades e por saberem que, se gritarem, não poderão ouvir sua aproximação, como também não poderão vê-los. Além deste instinto do silêncio em certas circunstâncias, os papagaios ainda têm outra maneira de se protegerem contra os inimigos, que é a combiante de côres de suas plumagens. Embora seja o verde de várias tonalidades seu matiz caracteristico, que se confunde com o ambiente que habitam, muitas espécies são faustosamente coloridas de amarelo, púrpura e vermelho. Vi, muitas vêzes, aves desta espécie com a cabeça da côr de um certo côco amarelo e côr de rosa brilhante, chamado guariroba, com que eu me alimentei durante os meses de novembro e dezembro. Neste caso, o seu lindo topete é uma verdadeira proteção contra os seus inimigos, que são os gaviões e os milhanos. De um modo geral, observa-se que as cores mais berrantes não aparecem nas partes mais expostas da ave, cingindo-se principalmente ao peito, pescoço e às asas e cauda quando estão abertas para voar. O azul e o escarlate brilhante das araras, as quais iriamos encontrar em grande número em outras partes das florestas, são uma exceção para esta regra. Mas, por outro lado, estas aves são bastante fortes para lutar com qualquer gavião ou águia da região e, por isto, têm menos necessidade de se esconderem.

Cumpre notar que na tribu dos tucanos — outra ave de grito desagradável — o que se observa com os papagaios acontece, reversamente, num particular. Esta ave grita quando está pousada, e faz seus vôos curtos e desageitados em silêncio. Ela grita apenas nas primeiras horas do dia e nas últimas horas da tarde, quando pousada nas pontas mais altas das árvores, deliciando-se com os últimos raios mornos do sol e olhando a cena em derredor. Quando aparece uma ave de rapina, atraido, talvez, pelo seu alarido, o tacano a vê à distância e desaparece, entrando na espessa folhagem, onde fica até que o perigo tenha passado. Os papagaios, portanto, só gritam quando estão voando. Nesta ocasião nenhum inimigo ousa atacá-los, por causa do grande número e da velocidade com que voam. No entanto o tucano, que é uma ave de vôo fraco e com menos propensão para andar em bandos, evita atrair atenções com alaridos, exceto no caso que já expliquei.

O conhecimento destes hábitos peculiares das aves é, algumas vêzes, muito útil aos selvicolas que se alimentam de caça, ou serve até mesmo na orientação para se escapar a algum perigo.

Há uma certa espécie de papagaio grande que eu nunca consegui apanhar, que é vista a qualquer hora do dia voando sôbre o rio ou sôbre a floresta, aos pares, aos três e aos quatro, em linha réta, não se preocupando com as outras aves que estão em volta, quer sejam elas amigas ou inimigas. Cuida apenas do companheiro que tem ao lado.

Nunca vi juntos menos de dois ou mais de quatro. Freqüentemente, êles voam aos três, dois na frente e um acompanhando, de perto. Quando ha quatro juntos, voam aos pares, uns atrás dos outros, assemelhando-se à duas parelhas de cavalos atrelados a um carro invisível. Não ostentam a alegria caracteristica dos papagaios menores que vemos na margem do rio. Mesmo os seus gritos são, em regra, curtos e secos, ouvidos a intervalos regulares. Geralmente, ao meio dia, nota-se no céu a presença de duas ou três destas duplas, trincas ou quartetos, seguindo cada uma a sua direção.

Nas profundezas dessas matas silenciosas, os gritos destes papagaios gigantes, voando sôbre as

árvores, eram o único sinal de vida que vinha do mundo exterior. De onde vinham ou para onde iam, nestes longos vôos, era um dos problemas sem solução que se encontravam nesta terra inculta. Ninguém sabia responder a esta pergunta, nem mesmo os brasileiros.

Chegamos, por fim, ao início da fase final do nosso trabalho no seio da floresta. No entanto, ainda teriamos de sofrer, por algum tempo, os tormentos que ela nos impunha. Assim que concluissemos esta parte da exploração, não teriamos que nos afastar muito das margens do rio principal, o Ivaí. Ao chegarmos ao pequeno alojamento, de onde eu teria de reiniciar o meu trabalho, após a extenuante caminhada habitual, a qual, neste dia, levou seis horas, porque os homens levavam provisões, rêdes etc., encontramos, no Ivaí, outra praga de insétos nos esperando.

Até aí, as feridas que tivemos eram mais ou menos superficiais, mas o ferrão dos insetos desta nova praga penetrava mais na carne.

As novas supurações foram motivadas pelas ferroadas de uma mosca grande e pintada que não é diferente, embora seja maior da que ataca os cavalos na Inglaterra.

Vi esta mosca, pela primeira vez, quando remava numa canoa. A picada que me deu quase me fêz saltar nágua. Os brasileiros chamavam-na mutuca, um nome que êles também dão a uma mosca marron muito comprida, dotada de afiádas probóscidas, e que encontramos um mês depois.

Esta mosca é silenciosa, isto é, não faz nenhum zumbido quando voa, o mesmo acontecendo com a mutuca marrom. Pode, por isso, atacar inesperadamente. Ela também não insére as suas probóscidas no corpo humano com propósitos sanguinários, como acontece com a última, mas o faz para depositar os seus ovos. E' curioso como o menor detalhe não passa despercebido à Natureza, com referência a economia da vida de seus protegidos especiais, os insétos. Esta mosca é, pelo que consegui apurar, o único inséto alado destas florestas que deposita seus ovos no corpo dos animais maiores, e também a única cuja mordida, ou melhor, picada, é isenta de veneno, não provocando, em conseqüência, mais ligeira irritação.

Quando sabemos que o ovo é uma molécula muito delicada e que qualquer fricção sôbre o lugar em que êle está depositado é suficiente para matar o seu germem, enquanto está na primeira fase, começamos a ver a razão desta ausência excepcional de irritação. A picada é pungente e rápida mas, no momento que a probóscida é retirada, a dor cessa e não se sente vontade de coçar ou esfregar o lugar atingido.

O ovo, uma vez no interior da carne, começa a germinar ràpidamente, tornando-se uma larva que, a princípio, começa a se introduzir cada vez mais na carne. Ao cabo de uma semana, quando a larva atinge o comprimento de meia polegada mais ou menos, o lugar começa a entumescer e a pessoa ou o animal percebé, então, a sua presença no corpo. A intervalos regulares, durante as primeiras vinte quatro horas, a lavra muda de posição e o individuo tem a impressão de que alguém lhe está introduzindo um sacarolhas na carne. A princípio êle sente esta dor, que dura certa de 3 segundos, de 6 em 6 horas. Dia a dia, entretanto, torna-se ela mais freqüente e, decorrida outra semana, aparece de hora em hora. Aí já a dor é tão forte, que a pessoa não se incomoda mais com os mosquitos, as vespas e as lagartas queimadeiras.

Eu descobri isto quando apanhei um destes animais, que chegou a esta fase abraçada no meu corpo. Falei com um brasileiro das dores repetidas que estava sentindo, respondendo-me êle que eram motivados pelo berne. Verificando que tinha razão, resolvi deixar que o extraissem, depois do que fizeram, no local, uma aplicação de sumo de fumo.

O berne adulto tem cêrca de uma polegada e um quarto de comprimento por meio de diametro, apresentando a forma de charuto, isto é, ponteagudo nas duas extremidades. Sua côr comum é a branca, mas em volta do corpo tem cinco anéis escuros que, se os examinarmos cuidadosamente, notamos que são compostos de numerosas e pequeninas cerdas pretas. Éstes são os alimentadores do animal, com o qual êle também corta e rasga a carne em que está enterrado, por meio de movimentos periódicos. Foi esta a nova praga que tivemos de enfrentar.

Felizmente para nós, as moscas que produzem bérne são como muitas outras inúmeras espécies de insétos, peculiares de determinados locais, de sorte que uma parte da margem do rio ou da floresta pode estar cheia delas, enquanto em outra, a uma milha ou duas de distância, não as ha absolutamente. Ela pode muito bem ser considerada a representante, no Novo Mundo, da *"tsetse"* Africana, embora não seja tão pavorosa como esta. Constitui uma calamidade nas fazendas de criação, que ficam situadas nas zonas infestadas por êles.

Sua picada não é venenosa como a da *tsetse*, mas se a ferida produzida pelo berne que ela deposita não fôr devidamente tratada, outros aparecerão e o animal tem uma morte horrível — é devorado vivo.

Matavamos, freqüentemente, veados com bernes e até os nossos cachorros apareceram, uma vez, cheios destes bichos. Vi estrairem, de uma só vez, de um cachorro, cêrca de 200 bernes de tamanho grande, em uma hora.

Os cachorros velhos gostam quando os aliviamos dos bernes. Nos cachorros novos, no entanto, precisamos colocar focinheiras e amarrá-los à uma árvore, durante a extração, por que se assim não fizermos êles nos morderão, por causa da dor que sentem. No fim de algum tempo, entretanto, acostumam-se e também lambem a mão que os opera.

Numa das manhãs dessa minha terceira permanência no sertão, eu caminhava por uma picada acompanhado de Juca (nosso outro companheiro ia um quarto de hora na nossa frente), quando ouvimos qualquer coisa correr no mato ao lado.

— "Porcos do mato" — disse Juca animado, porém baixinho. Jogou ao chão a foice que levava e, sacando a pistola com uma das mãos e o longo facão com a outra seguiu, acompanhado por mim, naquela direção, sorrateira e apressadamente. Por sorte a selva era, nesta parte, mais aberta do que o habitual e, cortando alguns ga-

lhos aqui e ali, não tivemos dificuldade em seguir os porcos.

Dai a pouco repetiu-se o "clack-clack", desta vez bem perto, em nossa frente, parecendo o sussurro do vento nas fôlhas caidas do outono.

— Vamos, doutor" — repetiu Juca. Animados pela pequena distância que nos separava da caça, aumentamos o passo por entre as árvores e o cipoal, saltando os troncos das árvores caídas.

Nada nos detinha, pois Juca, com o seu afiadíssimo facão, de um só golpe cortava, como se fôssem de m a n t e i g a, todos os cipós que se atravessavam em nossa frente. Mas um outro "clack", desta vez atrás de nós, nos fêz parar de repente para ver o que era. Ouvimos o mesmo ruído de todos os lados. Estávamos no meio de uma caterva de porcos. Juca fêz sinal para que eu fôsse pela direita, êle seguiu pela esquerda, e em pouco nos perdemos de vista. Afrouxei a faca na bainha e puxei os dois gatilhos da espingarda para trás, caminhando com cautela.

De repente ouvi mais dois "clack" bem perto de mim e um vulto prêto correu na minha frente. Dei dois tiros no mesmo animal e, puxando a faca, corri até onde êle estava, encontrando-o nas costas, tentando arrastar-se, por meio das pernas dianteiras, para fugir.

Quando me aproximei êle quiz atacar-me, mas caiu, e antes que se levantasse cravei-lhe a faca repetidas vêzes na altura do pescoço. Matara assim o primeiro porco. Era um animal que, mesmo morto, fazia mêdo, com aquelas duas prêzas brancas e afiadas, de cada lado, dando-lhe uma aparência selvagem. O peito era forte, mas os flancos e a parte trazeira eram magros, de pêlos compridos como os do galgo. As longas cerdas que o cobriam eram da mesma côr da do porco espinho e o seu cheiro era muito ativo. Gritei por Juca, mas no mesmo momento ouvi o estampido de sua pistola a alguma distância, o que provava que êle também havia encontrado alguma caça. Apareceu daí a pouco dizendo haver errado o tiro, provavelmente por possuir apenas uma pistola brasileira. Cortei um pedaço comprido de cipó, amarrei o animal nas costas de Juca e voltamos para a picada, onde deixamos o porco coberto com fôlhas de palmeiras, para evitar as moscas. Foi esta a primeira manada de porcos que encontramos até então. Isto vinha confirmar que a floresta estava ficando menos densa, assim como também mostrava que entravamos na terra das onças e das pumas, pois estas féras sempre foram encontradas nos lugares onde existem porcos do mato. Êstes constituem o alimento principal daquelas.

À tarde, quando terminamos o trabalho do dia, voltamos pela mesma picada e o porco foi levado por um empregado chamado Dagan. Era um alemão que entre nós gosava da fama de bom comedor. Esta virtude, acrescida de certas excentricidades na maneira de se conduzir, o tornou motivo de chacóta entre os empregados brasileiros. Esta picada atravessava por duas vêzes o rio Batista — as duas travessias eram feitas por um tronco de árvore, colocado de uma para a outra margem, para êste fim. Estas pinguelas de troncos de árvore, que existem em grande número em diferentes partes da picada, eram o terror de Dagan, porque êle tinha mêdo de perder o equilíbrio ou escorregar e cair de uma altura de vinte pés mais ou menos dentro dágua. Às vêzes êle preferia o método mais trabalhoso de descer o barranco e atravessar o rio a nau ou a nado. Neste dia os brasileiros o puzeram em brios e êle garantiu que atravessaria a próxima pinguela que encontrasse, com o porco nas costas, tão bem quanto qualquer outro. Chegamos afinal ao rio e Dagan, a princípio, hesitou. Os brasileiros começaram a caçoar impeiedosamente dêle. Dagon impertigou-se e subiu corajosamente no tronco da árvore, disposto a começar a travessia com o porco nas costas. O rio, neste ponto, tinha cêrca de vinte jardas de largura. Quando êle chegou ao meio da ponte, percebemos que a sua coragem principiava a faltar, porque começou a olhar para os pés e a diminuir o passo. Mas parece que reanimou-se um pouco, porque depois olhou decididamente para a frente, tentando correr. Mas, na primeira passada, o seu corpo inclinou-se para um lado; na segunda, mais ainda e, na terceira, aconteceu o que já se esperava. Cairam o homem e o porco no rio, esparramando água para todos os lados. Os brasileiros, que até êste momento vinham fazendo troça do coitado, mostraram o seu bom coração descendo, a tôda pressa, o barranco coberto de mato espinhoso e entrando nágua para tirar Dagan. Felizmente caiu num lugar fundo e não se machucou, absolutamente. No entanto, quando saiu da água tinha um aspécto de apavorado, deixando transparecer o que sistema nervoso suportara. Pouco depois deste fato Dagan pediu permissão para se desligar da expedição, no que foi atendido. Acho que as travessias diárias de tais pinguelas e a praga de insétos eram demais para êle. Sentimos muito perder os serviços de todos os nossos europeus que, embora não se adaptassem à vida que estávamos levando, não deixavam, nem por isso, de nos ser valiosos, porque sabiam escrever e fazer conta, o que não acontecia com os brasileiros. Como feitores e fiéis, entretanto, nos foram sempre úteis.

No dia seguinte a êste fato, encontramos na picada dois indios Coroados, nus, habitantes da Colônia india de Colônia Tereza. Cada um levava às costas uma cesta de bambu segura por uma embira que lhes passava pela cabeça.

Êstes, sem um cumprimento siquer, ou mesmo sem dar atenção às perguntas dos brasileiros, dirigiram-se a mim e um dêles, com as palavras capitão-doutor, entregou-me um bilhete protegido por fôlhas e enrolado num pedaço de pano. Era uma mensagem de Curling dizendo, entre outras coisas, que havia chegado bem à margem do rio.

As cestas que os indios levavam continham, além de feijão e farinha para nós, um maço de cartas da Inglaterra, com data de três meses atrás, três garrafas de cerveja de Curitiba e peixe fresco pescado com rêde, naquela manhã, no rio Ivai.

(Continua no próximo número)

A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Miss Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão, mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estava disposto a regressar a Londres, quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles, êste embarca em direção a Calthorpe a fim de entrevistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jackesteja envolvido no caso, embora haja também uma terceira personagem, Mr. Sawyer, que, na tarde do desaparecimento de Sir William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário Robson está procurando ajudar o enviado da Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista.

O policial mordeu os lábios. Percebeu com que qualidade de moça êle tinha que tratar do caso, e compreendeu que, no momento, tôda insistência seria inútil. Pegou o chapéu.

— Poderia permitir-me fazer-lhe apenas uma única pergunta? — disse êle sem o menor acento de impertinência na voz.

— Fale.

— Os seus sentimentos acêrca do Sr. Derwick não mudaram?

Os lábios de Miss Estele tremeram um pouco. A jovem parecia tocada de certa emoção.

E acrescentou, precipitadamente:

— Meu pai só me informou do encontro que teria lá no albergue, alguns minutos antes de lá comparecer. O Sr. Derwick também ignorava isso quando partiu daqui na segunda-feira, à noite.

— Deve ter sido muito estranho a êle queo seu pai não voltasse para o jantar, não?

— Êle se foi antes do jantar. Não mais o vi depois... depois de nossa entrevista. Suponho que preferiu jantar em Belfort.

Biles não prosseguiu em seu interrogatório, pois percebera que a moça estava a ponto de desfalecer. Além disso, êle soubera pela empregada que a moça havia enfurnado em seu quarto de dormir logo após a partida de seu noivo. Êsse fato explicava por que ela não se inquietara com seu pai até à manhã do dia seguinte.

Já a sair, perguntou o detective:

— A senhora não tem hóspedes aqui?

— Não. Alguns amigos deviam vir; mas meu pai me pediu que lhes comunicasse pedindo que adiassem a visita.

Biles regressou ao povoado pelo mesmo caminho por onde viera. Chegando ao bosque parou por alguns instantes. Seus olhos viram o sol por entre a folhagem, embora os galhos dos pinheiros formassem um teto ininterrupto.

Era inacreditável que se pudesse cometer um crime depois se desfizesse do corpo num lugar devassado. Se houve assassínio, deve ter sido praticado noutra parte.

Ao chegar ao albergue acha ali o comissário à sua espera. Nenhuma novidade viera mudar a situação, e as várias pessoas mandadas para proceder a pesquisas, não trouxeram o mais leve esclarecimento.

— Nas buscas, não foi olvidada a praia?

— Não. Eu a explorei meticulosamente.

O comissário Robson moveu a cabeça como se lúgubres pressentimentos invadissem o seu espírito.

— Bem reconheci — diz êle — que êste assunto era complicado de mais, embora simples à primeira vista. Desde esta manhã não deixei de refletir sôbre tudo o que o senhor me disse, e acho claro como a luz do dia que Sir William não desapareceu voluntàriamente. Teremos agora melhores notícias.

Biles concorda, fazendo um movimento de cabeça.

— Perfeitamente. Depois que examinei os arredores, cheguei à mesma conclusão.

O detective enche de tabaco o seu cachimbo, pressionando lentamente.

— E' preciso que encontremos Sawyer — diz êle, com ar pensativo. — E' necessário ainda que descubramos os motivos por que Miss Armand rompeu seu noivado com o jovem Derwick. Acho que Miss Armand podia esclarecer-nos sôbre êstes dois pontos, se quisesse colaborar.

— Conversou com ela acêrca de Sawyer?

— Não.

— Informaram-me que Miss Estele foi vista a atravessar o campo em direção ao albergue durante a entrevista de seu pai com Sawyer. Mas que dera meia-volta e regressara pelo mesmo caminho antes de chegar até lá. Em seguida foi visto o Sr. Derwick segui-la. Procedi a algumas diligências e apurei que êle tomara chá em casa do vigário.

Robson falava em tom de indiferença. Êle dava muito pouca importância a êsses informes. Mas Biles, pelo contrário,achou -os muito interessantes.

— Isto pode indicar — declara êle — que ambos estiveram no bosque enquanto Sir William e Sawyer estavam em conferência...

— E' possível. Sir William partiu daqui cêrca de um quarto de hora depois que Miss Estele tinha sido vista a dirigir-se para a hospedaria. Isso tudo dentro da confiança que nos garantem os relógios.

O detective respira profundamente.

— Está provado — diz êle — que eu devo ir ao bosque e lá permanecer enquanto houver dia.

CAPÍTULO V

UMA DESCOBERTA

O inspetor Biles havia aprendido através de sua experiência, que, num trabalho de pesquisa dessa natureza, é preferível esquecer completamente um inquérito, do que fazer as coisas pela metade.

Por isso resolveu examinar o bosque minuciosamente e em todos os seus detalhes, palmo a palmo,

mesmo que, para isso se visse forçado a passar ali vários dias.

Infelizmente as condições atmosféricas depois da desaparição de Sir William, não eram favoráveis. Várias vêzes êle descobria vestígios, mas os indícios impressos no solo tinham sido apagados em grande parte. Entretanto, como se êle mesmo procurasse despertar no seu espírito a alma do policial, não se pode dizer que se achou algo importante até que se esteja de posse de provas e observações inequívocas.

Biles começou a pesquisar o bosque do lado da falésia, atravessando-o de ponta a ponta, lentamente, parando aqui e ali, para examinar com maior atenção a mais insignificante marca a lhe despertar a curiosidade. Durante uma hora se manteve nesse trabalho, sem que sua paciência fôsse recompensada com alguma descoberta.

Então, perto do tronco de uma das maiores árvores da mataria, êle percebeu uma marca que lhe pareceu exatamente ser um solado de sapato. Baixou-se e passou a examinar, cuidadosamente o seu achado. A marca era, evidentemente, a do sapato de uma mulher. De certo que essa mulher não pertencia à plebe, ao meio operário.

Mas era tudo. Talvez alguma empregadinha, a passear com o seu namorado, deixasse ali as marcas de seu calçado.

Biles examinou meticulosa e cuidadosamente o terreno, sem que descobrisse nada de mais importante.

Já era mais de uma hora. Antes de retirar-se, marcou o local onde descobrira as pegadas e se dirigiu para o albergue, a fim de almoçar.

Uma hora depois já estava êle de volta ao local e retomava as suas investigações. Ao declinar do dia, já havia êle examinado com eficiência perto da metade do terreno, mas suas descobertas se reduziam àquilo, exclusivamente.

Quando regressou ao albergue, sentia frio e estava abatido. O mistério continuava tão impenetrável, que se lhe afigurava capaz de levar ao insucesso tôdas as suas conjecturas.

Antes de ir jantar, subiu ao quarto e lavou as mãos. Seu aposento era um velho quarto cujas paredes suportavam um baixo teto. A única luz era a de um castiçal, e não havia água quente. Essa particularidade fêz novamente pensar em Sir William, e que êle não devia condenar um seu convidado a tamanho sacrifício. Êsse tal de Sawyer deveria ser um indesejável, ou simples intrometido. Após lavar as mãos, enxugou-as cuidadosamente e recolocou a toalha em seu lugar. Mas esta caiu ao chão e o detective se abaixou para apanhar. Ao fazê-lo, nota uma ponta de cigarro a um recanto da parede. Pegou-a e passou a examinar o achado. Não havendo muita luz, êle aproximou o castiçal para melhor verificar a pontinha de cigarro. Não se tratava de cigarro comum, de produto ordinário como dêsses que qualquer pessoa fuma, especialmente as que se hospedam em casas modestas. Era um cigarro de procedência russa.

Chamou a empregada que tomava conta dos quartos e lhe perguntou quem estivera alojado naquele quarto na noite anterior.

A mulher informou que tinha estado ali o Sr. Sawyer.

— Está certa disso?

— Tôda a certeza, senhor.

— E antes do Sr. Sawyer?

— Não tivemos nenhum hóspede neste quarto, durante uns quinze dias antes de estar aqui o Sr. Sawyer. Não temos muita gente durante a estação.

Biles agradece a informação. A camareira se retira e êle recomeça o seu exame. Seja quem fôr êsse tal de Sawyer, é um sujeito que sabe escolher os seus cigarros. Biles tira do bôlso uma pequenina caixa de prata e ali colocou o seu achado. Em seguida desce para a sala de refeições e pede um uísque com soda.

O proprietário do albergue, Sr. Mullins, serviu-o pessoalmente e confirmou a idéia de que o Sr. Sawyer era um homem rico, de fino gôsto, gostando de passar bem.

— Nenhum dos meus vinhos lhe agradou. — declara Mullins — Mesmo o Xerês, que é de primeira ordem, não serviu. Apesar disso, o nosso homem bebeu duas garrafas.

— Foi do Xerês que êle pediu primeiro?

— Não. Êle pediu um Pôrto. Ia trazer-lhe uma de minhas melhores qualidades, de 1905, mas êle recusou. Disse-me que estava habituado a beber do melhor vinho, e tinha ordem de seu médico para não tocar senão no que houvesse de mais puro e fino. Abriu, êle mesmo, a garrafa.

Biles pousa o copo.

— Que fêz dessa garrafa? — Pergunta.

— Está aí.

O proprietário remexe numa prateleira onde expunha garrafas de bebidas para seus clientes, para apanhar a recusada pelo curioso hóspede.

— O senhor não serviu nada do conteúdo?

— Nem uma gota. Meus clientes não usam Pôrto dessa qualidade.

Mullins meteu o braço para pegar a garrafa.

— Não a peque, — gritou Biles.

Biles deu a volta ao balcão, ràpidamente, com grande espanto para o dono da casa.

— Quero essa garrafa, — diz êle — mas é preciso que ninguém a segure. Isso pode tornar-se importante, depois do exame das impressões digitais, compreende... Segundo me disse o senhor. Sawyer a abriu com suas próprias mãos. Teria êle usado um guardanapo?

— Não. De maneira alguma. Eu lhe lhe ofereci um, mas êle recusou.

O detective pegou na garrafa pela tampa, colocou-a no balcão e continuou a sorver sua bebida.

— Não sabe o amigo nada sôbre êsse indivíduo, que possa ajudar-nos a identificá-lo?

O hospedeiro move negativamente a cabeça.

— Evidentemente, eu o reconheceria, se voltasse a vê-lo. Mas nada possuía que não fôsse comum. Segundo me parece é homem de seus cinqüenta anos, se bem que seus cabelos e barba ainda sejam negros. E concluiu:

— Isto não nos adianta nada, não é?

Logo que esvaziou seu copo, Biles leva a garrafa para seu salão privado. Toma de uma lente e examina cuidadosamente. A garrafa estava cheia de marcas digitais, sem dúvida do proprietário, de empregados e do próprio Sawyer. Virou-a e revirou-a em todos os sentidos, procurando impressões distintas. Havia um certo número, mas nenhuma lhe oferecia nada de particular. Afinal concluiu que essa descoberta não lhe seria útil em nada. Mas, de súbito, acima do gargalo da garrafa descobriu êle uma outra marca absolutamente diferente das outras. Nessa marca digital havia sinal de cicatriz com largura de dois ou três milímetros.

Tudo indicava que essa marca tinha sido feita quando a garrafa estava sendo aberta. Com certeza, era de Sawyer. Um clarão de esperança suscitou o espírito do policial, e seus olhos brilharam. Foi ao seu quarto de onde trouxe pequeno frasco contendo um verniz especial. Pincelou com cuidados infinitos o local da preciosa marca, a fim de protegê-la de tôda e qualquer deterioração possível. Em seguida acendeu o cachimbo e começou a refletir sôbre a extrema dificuldade do problema que lhe haviam confiado. E quando êle se recolheu ao leito para dormir, nenhum progresso tinha conseguido na luta para descobrir uma pista.

No dia seguinte, pela manhã, voltou ao bosque antes do almôço. Continuou as suas rebuscas fatigantes sem ter alcançado adiantar nada. Não obstante, mal acabou de almoçar, voltou mais uma vez àquele campo de pesquisa. Então, quase imediatamente à sua chegada, fêz uma descoberta interessante.

Achou um objeto de forma arredondada, um pouco semelhante a uma pérola grande, mas de consistência muito frágil. O detective jamais vira coisa semelhante, e concluiu que, talvez se tratasse de algum fruto próprio do inverno..

Mas, se bem que empreendesse a maior diligência, não pôde encontrar nas vizinhanças nenhum arbusto para explicar aquêle achado, nem tampouco descobriu outro igual caído por terra.

O terreno nas vizinhanças era muito duro, mas parecia haver sinais de pés humanos por entre a folhagem sêca dos pinheiros. O detective guardou aquela frutinha encascada e curiosa numa caixinha e retornou suas buscas, mas sem que viesse a descobrir mais nada. Ao regressar ao albergue ali estava o comissário Robson. Tinha apenas mais uma notícia de fracasso a enunciar-lhe: todo o país havia sido investigado sem que fôsse possível descobrir o mais leve indício do homem desaparecido.

— Penso — diz êle — que Sir William se afogou voluntàriamente. As correntes marinhas são tão fortes aqui que o seu corpo foi arrastado, sem demora, para o largo.

O detective fêz um gesto de assentimento.

— Também já imaginei isso. Talvez fôsse a explicação do mistério.

Enquanto dizia isso, retirou a caixinha de seu bolso e, tirando o fruto exquisito que achara em suas pesquisas, mostrou-o ao comissário.

— Poderá você dizer-me que é isso? — Perguntou-lhe passando aquela coisa indecifrável ao comissário Robson.

A autoridade local olha e recolhe aquêle bago de fruto, vira e revira, e balança a cabeça:

— Francamente. Não tenho idéia nenhuma do que seja isto.

— Não há fruto semelhante aí pelos arredores?

— Não. Estou absolutamente certo.

— Achei isso lá no bosque, esta tarde. Seja ou não um indício, vou levá-lo comigo e submetê-lo ao exame por um amigo que é doutor e uma espécie de sábio, para ver o que êle pensa. Voltarei a Londres esta noite a fim de ver se consigo encontrar o Sr. Sawyer. Peço-lhe que me vá informando tôdas as ocorrências e novidades.

Quando Biles chegou à estação de Kings's Cross, seguiu diretamente para a Scotland Yard. Ali encontra seu chefe completamente perplexo, como se dava com êle mesmo. Todos os meios empregados para encontrar o tal Sawyer tinham sido em vão.

— O comissário local acha que Sir William se afogou voluntàriamente. — declara Biles — Diz aquela autoridade que, em virtude de as correntes marinhas serem muito fortes na costa de Northumbria, teria sido o corpo arrastado para o alto mar.

— Mas, por que se teria êle afogado? Não há dúvida que o velho já havia passado da idade pa- o suicídio. Essa idade varia entre quarenta e cinqüenta anos. E' muitíssimos raro que uma pessoa já ultrapassada em seus sessenta anos, procure a morte por suicídio.

— Há ainda esta particularidade: Sir William forçara sua filha Estele a romper o noivado com o jovem Derwick, no mesmo dia em que desaparecera. Foi ela mesma quem me confessou. Derwick regressou a Londres na mesma noite do rompimento.

O chefe franziu bruscamente as sobrancelhas.

— Temos aí, certamente, um fato novo. Com certeza você vai procurar falar a Derwick, pessoalmente, não?

— E' minha intenção. E o que é mais curioso, é a obstinação de Miss Estele Armand em recusar-se terminantemente a revelar-me as razões que levaram seu pai a exigir dela o rompimento; mas, pelo que percebi, ela tem motivos peremptórios para manter-se reservada. Declarou-me que nada podia acrescentar porque havia prometido guardar absoluto segrêdo.

— Hum!

Os dedos finos do chefe estavam colocados sôbre a borda de seu bureau.

Depois de refletir um instante, disse:

— Eu pergunto a mim mesmo, se o desaparecimento do pai, há determinado qualquer mudança na perspectiva de felicidade para essa moça e seu noivo.

Biles nada sabia a tal respeito; mas êle mesmo já havia a seus botões essa mesma pergunta durante as últimas vinte e quatro horas. Era pre-



— Toma êste níquel rapaz... e arranja dois lugares juntos, para elas... e um bem distante, para mim!

ciso, evidentemente, encontrar uma resposta. Mas, enquanto esperava esclarecer êsse ponto, êle tratou de saber o significado daquele frutinho encontrado na floresta de pinheiros em Calthorpe. Logo que deixou o gabinete de seu chefe, procurou um táxi e ordenou ao chofer: "Harley Street, 22".

Um quarto de hora depois chegava êle ao gabinete de consultas do doutor Eustache Hailey, especialista muito conhecido em doenças mentais. Êsse médico era célebre por merecimentos próprios. Era tido como o mais competente de sua profissão, embora não desse a pensar. Recebera da Natureza o dom de ser competente e modesto. Era ainda dotado de um semblante dos mais simpáticos, o que lhe dava permanente aspecto de felicidade dêste mundo.

— Ah! meu caro Biles! — exclamou êle — Eu já o esperava desde que os jornais comentaram o caso Armand. e que coubera a você ocupar-se dêsse mistério. Como é? Descobriu algo interessante à medicina?

Ao falar-lhe assim amàvelmente, o médico tinha a mão do detective entre as suas, a sorrir na altura serena de sua enorme estatura. Biles começou a rir.

— Sim, tenho algo muito curioso; mas esta descoberta deve também intrigá-lo bastante. Um frutinho, uma baga vegetal em meio a uma floresta onde nenhuma das árvores locais e da vizinhança poderia produzir tal coisa. Um capricho da natureza.

Retirou o achado de sua caixinha e entregou-o ao médico, que o recebeu e colocou sôbre a mesa diante dêle. Em certos momentos graves, tinha o Dr. Hailey o hábito de tomar uma pitadinha de rapé antes de meter mãos à obra.

Pegou o frutinho com um gesto elegante, levou-o até à janela para melhor observá-lo com uma lente, segurando-o com um pinça.

Biles lhe seguia os movimentos com o maior interêsse, e notou no olhar do cientista um ar de grande surprêsa.

— Meu caro Biles, onde foi mesmo que você disse haver encontrado êsse... essa... essa coisa?

— No bosque de Calthorpe, onde estivera Sir William Armand quando fôra visto pela última vez.

— Santo Deus! Mas é terrível! E' abominável!...

O médico se volta para seu visitante. Êle segurava o objeto encontrado com a pinça, como se quisesse afastá-lo de si. Sua expressão era mais grave do que geralmente quado tratava de casos complicados.

— Você não sabe o que vem a ser isto? — Indaga muito sério.

— Francamente, não sei. Não é um frutinho qualquer?

— Não, meu caro amigo. Não é nada vegetal. Sinto dizer-lhe que se trata, nada mais, nada menos, do que uma pupila de um ôlho humano!

— Como?!

— Não tenho a menor dúvida.

Biles ficou estatelado.

— Mas então isso quer dizer... significa que... — murmurou êle, sem terminar.

O detective estava com a respiração alterada pela emoção. O médico faz um sinal afirmativo com a cabeça, concluindo:

— Isto mesmo... O homem a quem pertencia êste ôlho, evidentemente foi assassinado.

CAPÍTULO VI

VESTÍGIOS NAS ÁRVORES

O Dr. Hailey respondeu, se bem que um tanto contra sua natureza, às numerosas perguntas que lhe fêz Biles. E' que a "caçada" ao criminoso repugnava aos seus bons sentimentos.

Afirmou, porém, que aquela pupila não pudera ser arrancada de sua órbita senão pela violência, tendo pôsto em grande perigo de vida sua própria vítima.

— Os nossos tecidos, meu caro Biles, estão firmemente unidos uns aos outros. Mas a composição física do ôlho é uma das mais fortes estruturas do corpo humano. E' preciso um sôco muito violento, ou um instrumento cortante afiado, para desalojá-lo. E um golpe dessa espécie deverá penetrar até ao cérebro.

— Está bem; mas, o que não compreendo é que não tenha encontrado qualquer outro vestígio de ação assim tão violenta!

O doutor tomou novamente uma pitadinha de seu rapé.

— Não sou detective. — disse êle — Meus conhecimentos não vão além daqueles de minha profissão. Tudo o que lhe posso dizer é que, não faz muito tempo, um desconhecido qualquer, deu violento golpe no ôlho de alguém, e que, provàvelmente o ataque se deu no mesmo sítio em que você achou a pupila. E' difícil, positivamente, conceber que o assassino haja conduzido com êle mesmo um tal objeto, quando deveria ter todo o cuidado para não deixar qualquer indício.

— Poderia essa pupila provir do ôlho de um outro animal? Um gavião ou qualquer outra ave de rapina, não o teria deixado cair?

O médico fêz com a cabeça um sinal negativo. A pupila era de dimensões muito grandes para pertencer a um pequeno animal. Também não era, não havia nenhuma dúvida, de ôlho de carneiro ou de porco.

— E você, meu caro amigo, há de compreender: a pupila de nossos olhos tem esta particularidade: continuar a desenvolver-se durante o andar dos anos. Entre pessoas idosas, a sua forma já não é a mesma das pessoas jovens. Ora, esta aqui é de pessoa idosa. Demonstra que não pertenceu senão a um indivíduo de idade avançada. E sabemos, meu querido Biles, que os animais domésticos não chegam à velhice. Embora não passe de uma suposição minha, penso que esta pupila deve ter pertencido a uma pessoa de uns sessenta a setenta anos de idade. Seja o que fôr, os patologistas do Homme Office a examinarão devidamente, e tal trabalho nos levará a conclusões mais definidas.

Biles aprovou com um movimento afirmativo de cabeça. Em seu espírito turbilhonavam novas idéias para proceder a buscas de novas provas. Êle achava que um só indício não era suficiente, advertido pela própria experiência, que o defensor do possível criminoso, insistiria com tôda a veemência, ser impossível provar a quem pertenceria essa pupila. Por isso, Biles estava pensando em voltar ao mesmo sítio, redobrar de pesquisas e procurar o concurso de um especialista.

O policial falou francamente ao Dr. Hailey e lhe pediu que sugerisse o nome de um médico que aceitasse, mediante boa remuneração, fazer com

êle a viagem a Calthorpe e tomar parte ativa, como "expert", nas investigações.

Com imensa surprêsa para Biles, respondeu-lhe o Dr. Bailey que, êle próprio, ocuparia com prazer êsse lugar, isto é, — acrescentou — "se êle concordaria em que êle fôsse para as diligências".

— Como?! Você ir comigo?... Aí está uma por que eu não esperava! — exclamou Biles contentíssimo.

— Há nesse assunto qualquer coisa que me interessa muito, e que me interessou tôda a minha vida, atraindo minha preocupação, explica o médico. Uma coisa algo horrível; mas, para mim, muito mais sedutora do que horrível. Parece-me reconhecer...

O doutor se detém. Tôda a expressão se apagou de seu rosto, como se uma nova idéia houvesse desfeito aquela que estivera ocupando o seu espírito.

— Você faria muito bem — diz êle — em levar, imediatamente êsse espécime ao Dr. Ponsomby. Eu o conheço. Êle gosta de fazer exames em material tão fresco como seja possível. Além do mais, tudo pode depender dêsse indício.

O policial concordou. Depois de se haver entendido com o Dr. Hailey para um encontro, na mesma noite, na estação de King's Cross, dirigiu-se à residência do Dr. Ponsomby, em Wimpole Street. O célebre patologista, um homenzinho de ar eternamente apressado e contando cinqüenta anos aproximadamente, o recebeu imediatamente.

— Então, Biles? — perguntou — Que traz você hoje? Sempre que o vejo, como sabe, fico esperando alguma complicação.

Abriu uma caixa de charutos, ofereceu um ao seu auxiliar, que escolheu com cuidado o que ia fumar; depois cortou a ponta com os dentes e acendeu, com gesto vagaroso.

— Desta vez — disse êle — creio que não vai ficar desapontado.

A seguir, com clareza e sem rodeios inúteis, como era seu hábito, descreveu as investigações a que se entregara e o encontro da pupila no bosque de Calthorpe.

— Pensando, a princípio, que fôsse um bago de qualquer fruta, que eu desconhecesse, consultei por isso, meu velho amigo, o Dr. Hailey, em caráter particular, é claro. E' êle, como sabe, uma autoridade em diferentes ramos da ciência. A verdade é que êle me abriu os olhos e afirmou que eu devia procurar o senhor, quanto antes.

O Dr. Ponsomby apanhara a pequena caixa, abrindo-a. Depois, com a ajuda de uma grande lente, examinou o seu conteúdo.

— Não há dúvida. — disse êle, finalmente — E', realmente, extraordinário.

— O Dr. Hailey disse que, provàvelmente, o senhor exigiria, primeiro, um exame microscópico, o qual, segundo êle acredita, poderá dar uma idéia da idade do proprietário disso que aí está.

— Claro... E' possível, sim!

Biles se levantou para sair e prometeu que na manhã seguinte enviaria um requerimento oficial solicitando o exame patológico.

— Volto a Calthorpe esta noite — acrescentou — e Hailey me acompanha. Êle, na verdade, é um pouquinho **policial**, e se interessa pelo caso. Talvez possamos, juntos, descobrir algum indício novo.

Retornou, de fato, a Scotland Yard e comunicou ao seu chefe a respeito do achado que fizera. Sua declaração causou sensação, mas ficou resolvido, por ser mais sensato, nada divulgar por enquanto. Os jornais tinham muito que fazer, tratando do desaparecimento de William. Se viessem a saber do extraordinário achado, o caso passaria a ser desde logo o grande acontecimento do dia. Scotland Yard tem como princípio não amedrontar o criminoso, até que tôdas as precauções tenham sido tomadas no sentido de alcançar a sua prisão.

— Suponho que o senhor não tenha qualquer objeção a fazer, se eu levar o Dr. Hailey comigo? — perguntou Biles.

— Ao contrário; é até o homem em quem mais confio para você nesse inquérito. Hailey já nos ajudou mais do que muitos aqui desejam reconhecer nesse caso de Waldem.

Biles não pôde colhêr da marca no gargalo da garrafa de Pôrto, as informações que tinha esperado. O **dossier** de fotografias em Scoltland Yard nada continha que lembrasse a mesma, de sorte que era preciso reconhecer que êsse Sawyer, fôsse quem fôsse, não tivera embaraços anteriores com a Justiça. Foram tomadas, apesar de tudo, reproduções muito cuidadosas do polegar e a seguir enviadas para todo o país. Já na calçada, o policial fêz sinal a um "taxi" para ir a Temple, onde desejava fazer uma visita a Jack Derwick.

Encontrou êsse jovem e ativo advogado bastante acabrunhado. Estava sem notícias de Calthorpe, mas o escândalo que o caso fazia nos jornais era superior às suas fôrças.

— Talvez me engane — disse êle, caminhando no quarto com agitação que não conseguia dominar — mas é impossível, para mim, deixar de associar



— Sim! Foram os melhores 100 cruzeiros que já gastei em tôda a minha vida!

o meu próprio caso com êsse mistério. Miss Armand não me disse absolutamente nada, mas sei que ela estava muito preocupada; deviam ter confiado a ela algum terrível segrêdo.

— Entretanto, nada descobrimos que justifique essa sugestão. Sir William obtivera nos negócios um êxito acima do normal e, tanto quanto podemos saber, não havia razão alguma para criar uma preocupação qualquer.

O jovem advogado apertou a cabeça entre as duas mãos.

— Quem poderia afirmar? — disse êle — Estele seria a última pessoa dêste mundo a exagerar...

O policial não perdia de vista o seu interlocutor. Teve a impressão total de que aquela não era uma agitação superficial. No entanto, qualquer coisa lhe dizia que podia ser proveniente de uma causa inteiramente diferente da que sugeria. Como esquecer que fôra para atender às ordens de seu pai que Miss Armand havia rompido seu noivado? Quem lucraria com o desaparecimento de Sir William senão Jack Derwick? Não o tinham visto penetrar no bosque onde fôra praticado o assassinato — e sòmente poucos minutos antes de Sir William?

— Posso saber, Sr. Derwick — perguntou Biles — por que foi ao burgo de Calthorpe na tarde do seu retôrno a Londres? E por que Miss Armand foi ao encontro do senhor, na aldeia?

A expressão que aparecia nos olhos do policial fêz Jack Derwick se imobilizar em meio à sua caminhada. Nada pode haver mais difícil de suportar do que a sombra de uma suspeita.

— Não há motivo. Saí para passear um pouco depois que eu... depois que o nosso noivado foi rompido. Encontrei o reverendo Hargreave e com êle tomei chá. Miss Armand não viera ao meu encontro. Creio que ela estêve falando com o pai, que, segundo fui informado, mais tarde, estava no albergue nesse mesmo instante. Quando me viu, porém, retrocedeu.

Biles fêz um ligeiro sinal com a cabeça e o seu gesto não revelava nada.

O rosto de Jack enrubeceu bruscamente.

— Compreendo. — disse êle — O senhor me interroga a fim de me forçar a falar e me comprometer... O senhor sabe, tão bem como eu, que isso não é leal...

— Meu caro amigo; meu dever me obriga a prosseguir o inquérito. Onde conseguiria informações, senão junto daqueles que direta ou indiretamente estão implicados nessa tragédia?

Jack pareceu dominar-se. O rubor não tardou a desaparecer do seu rosto.

— Miss Armand e eu não voltamos juntos à mansão. — disse êle — Não falei com ela desde que rompemos o noivado.

O policial agradeceu e levantou-se como para sair. Mas, à porta, voltou-se e caminhou para o centro do quarto.

— Não vá pensar que suspeito do senhor, da mesma forma que não suspeito de Miss Armand, embora até agora eu me encontre na mais completa escuridão. Se pudermos encontrar Sawyer, o homem com quem viram Sir William pela última vez, talvez eu veja as coisas um pouco mais claramente.

— Não tem algum indício sôbre a identidade dêle?

Era evidente que Jack Derwick se recusava a reabrir a questão na parte que êle próprio tinha que ver com a misteriosa tragédia.

— Nenhum. Dizem que êle viajou até Londres pelo mesmo trem que o senhor; é tudo o que sabemos.

Jack estremeceu.

— O homem da pelerine comprida! Recordo-me muito bem, pois perguntei a mim mesmo se o homem estava bom da cabeça. Pareceu-me que seu rosto e caminhar não me eram totalmente desconhecidos; mas, vendo o seu rosto à luz de um dos lampeões da estação, compreendi, finalmente, que não o conhecia. Usava barba inteira e parecia ter passado dos quarenta. Não notei nem no trem nem em King's Cross.

— Poderia reconhecer êsse homem, se o visse novamente?

— Creio que sim. Tinha olhos bizarros, pequeninos e muito amendoados, como olhos... de rato.

Biles atravessou o Strand para ir a Clement's Inn, onde tinha um amigo, advogado, a quem costumava consultar sôbre questões legais. O empregado que abriu a porta em resposta ao seu toque de campainha informou que o Sr. Humphreys estava, logo conduzindo o policial através de uma sala cheia de papéis amarelados, até a um pequeno e bonito escritório com vista sôbre as **Law Courts.**

Encontrou Humphreys sentado diante de um bom fogão de inverno, lendo o "Times".

— Venha para cá, Biles! — exclamou Humphreys como homem alegre que era — Você me surpreende num acesso de preguiça. Para uma causa que ainda não conheço bem, quanto mais tenho que fazer, menos vontade tenho de trabalhar. Estou hoje literalmente esmagado...

O policial se instalou confortàvelmente e, em resposta ao cordial convite, começou a encher pachorrentamente o seu cachimbo com prejuízo do pote de fumo que repousava sôbre a mesa de trabalho do seu amigo.

— Diga-me — disse êle, em tom grave — tudo o que sabe sôbre a firma Armand & Blunder, advogados.

— Hum!

Humphreys enrugou os lábios e fêz com a mão ondulante um gesto delicado.

Sei pouca coisa. — —disse êle — Gozam, é certo, de uma grande reputação, mas dêsse gênero de reputação que não excita a curiosidade. Pessoalmente, direi que tudo, ali, parece magnífico.

Biles não pôde arrancar mais. Saiu mais desanimado que de ordinário. Era fácil, porém, obter mandado de inspeção contra a casa de Sir William e também sôbre os seus negócios, mas seu instinto profissional o punha em guarda contra êsse processo. Até então não havia qualquer prova convincente de que o advogado estava morto; muito menos de que tivesse sido assassinado, isto porque, quanto mais pensava no achado da pupila, menos se sentia autorizado a basear sua ação sôbre ela, pelo menos por enquanto.

Foi nesse estado de espírito que encontrou o Dr. Hailey na estação de King's Cross. Êste, ao contrário, mostrava-se muito animado. Insistiu para que Biles tomasse um whisky em sua companhia e fumasse longamente antes de pensar em sair.

— Você já pensou — perguntou êle — que um grampo de chapéu faria um instrumento excelente para extrair a pupila de um ôlho? Suponhamos que uma mulher, num acesso de cólera...

Sim. Mas, nesse caso, surgiria diante dela a necessidade de se desembaraçar do corpo.

— De fato. E, justamente, **desembaraçaram-se do corpo**, meu caro Biles!

Assim falando o rosto do Dr. Hailey se alargou num manso sorriso.

— "Nada mais fácil para um homem moço e forte que erguer o corpo de um velho e transportá-lo através da bruma, para muito longe, sem ser descoberto. Você não tentou descobrir um túmulo... por acaso?

— Não.

Os olhos de Biles brilharam estranhamente. Compreendia que deixara sua atenção muito prêsa sôbre os magros detalhes que pudera obter até então. Era, realmente, muito possível que o assassino fôsse quem fôsse, houvesse enterrado a vítima em algum outro local da propriedade. Uma objeção a essa teoria, no entanto, surgiu em seu espírito.

— O assassino, entretanto, deve ter encontrado pouco tempo para um enterramento assim, pois que está provado que Miss Armand e Derwick regressaram à mansão antes do jantar.

O Dr. Hailey sugou o cigarro longamente.

— Segundo você entende, êles tiveram uma hora e, a meu ver, é possível fazer muita coisa nesse espaço de tempo. Além do mais, Derwick jantou em Belfort, embora o seu trem só tivesse partido da estação à meia-noite. Bem poderia, nesse caso, ter voltado a pé, a fim de terminar seu trabalho.

Nada mais fácil que construir uma teoria; mas, assentá-la sôbre provas é coisa muito diferente. Quando Biles finalmente se estirou no leito, refletiu que o trabalho que empreendera era mais considerável do que a princípio havia suposto e que os trunfos não estavam a seu favor. Dormiu com a cabeça entulhada de novos projetos.

Mas, quando, na manhã seguinte, chegou novamente ao bosque de Calthorpe, todos êsses projetos se desvaneceram. O bosque se mostrava mais misterioso que antes. Além do mais, o comissário Robson o prevenira, ao almôço, que havia feito, por sua parte, pesquisas em tôda a extensão da propriedade e tinha a impressão de que na mesma nem uma fôlha, sequer, fôra tocada. A idéia de que o corpo de Sir William pudesse ter sido enterrado na véspera recuava cada vez mais para o domínio da hipótese.

Segundo seu método meticuloso, Biles anotara o local exato em que descobrira a pupila. Encontrou-o imediatamente e o indicou ao Dr. Hailey que começou a examiná-lo, segundo sua maneira originalíssima. O policial se manteve a poucos passos de distância, a fim de deixar campo livre ao seu amigo.

Os movimentos do médico pareciam, por sua lentidão, aos de um boi num pasto gordo. De tempos a tempos, como o boi, levantava a cabeça para examinar a paisagem com olhar distraído. Mas, a despeito dessas aparências, Biles sabia muito bem que nem um só detalhe importante escapava àqueles olhos calmos. Não devia durar muito para que êle se firmasse em sua opinião. Repentinamente o médico fêz um sinal para que Biles se aproximasse e indicou-lhe uma cicatriz no tronco de um pinheiro. Era uma pequena marca, mas fôra feita, sem dúvida, nos últimos dias.

— Observe a forma arredondada sôbre a crosta — insistiu o médico — Sò há uma coisa, que eu conheça, capaz de fazer marca igual a esta.

— A biqueira de uma bengala?

—Exatamente. Suponho que Sir William, como todos os que vivem no campo, tinha uma bengala em mão no dia em que desapareceu.

O médico parou, abaixando-se repentinamente, ação que a sua corpulência não permitia geralmente fazer com facilidade.

— Veja! — exclamou.

Biles obedeceu e viu outra marca, a curta distância do solo. Era um simples arranhão — segundo lhe pareceu — Mas o que despertou a sua atenção, foi uma mecha de cabelos brancos, prêsa à rude crosta, imediatamente abaixo da segunda marca.

— Santo Deus! — gritou.

O médico retirou do bôlso uma lente e examinou os detalhes do arranhado; depois, erguendo-se e respirando profundamente, falou:

— Exatamente o que eu temia!

Ofereceu a lente a seu companheiro.

— Se você quiser olhar com atenção, poderá notar alguns fragmentos de pele aderindo à crosta. Êle deve ter batido com a cabeça, violentamente, contra a árvore, ao cair. Seu golpe de bengala foi, sem dúvida, o seu último esfôrço para se defender.

CAPÍTULO VII

AS DEDUÇÕES DO DR. HAILEY

— E agora — disse o médico — vamos imaginar como o corpo, que, sem a menor dúvida, tombou neste local, foi transportado para outro ponto dêste terreno.

Seus olhos, enquanto falava, retomaram êsse ar terno e meigo, que haviam perdido durante as mais atentas observações.

— Que prova temos — perguntou Biles — de que Sir William está morto? Talvez esteja simplesmente ferido.

— Se apenas o ôlho tivesse sido ferido o homem



— Veja o que dei a êle, no seu aniversário. Não é bonita?

não teria caído. O cérebro deve também ter sido atingido — **e profundamente**; a menos que não haja outro ferimento; mas — neste caso — teríamos encontrado manchas de sangue. Até aqui não as vimos em nenhum lugar.

Êsse raciocínio parecia plausível, senão concludente. Biles fêz com a cabeça um gesto de assentimento. Sua admiração pelo médico nunca fôra tão grande. Entretanto, cedendo a uma inclinação cética do seu espírito, observou que seria muito difícil basear um inquérito sôbre a pupila de um ôlho e uma mecha de cabelos brancos. Enquanto falava, compreendeu que agira mal, pois suas palavras lhe pareceram, repentinamente, como uma resposta pouco generosa aos esforços de seu amigo. O médico, todavia, não se perturbou.

— Meu caro Biles — disse êle — o corpo que procuramos deve estar próximo daqui! Não há fardo mais aborrecido que um homem morto. Creia no que digo. Vamos refletir um instante. O assassino, homem ou mulher, encontrou-se diante da mesma dificuldade de nós, neste momento enfrentamos; apenas de uma forma mais urgente. Era preciso levantar e transportar o cadáver... **Para onde?**

— Não vejo... — confessou Biles — Se eu tivesse sido o assassino teria hesitado... e nem mesmo saberia o que fazer, sem dúvida. Teria, talvez, jogado o corpo pela ribanceira.

— Mas você já explicou que o mar não atinge o pé desta escarpa. O corpo teria sido encontrado na manhã seguinte... E isso não aconteceu!

— Pode ter sido levado para o largo, numa embarcação... supondo que o assassino tivesse uma à sua disposição...

— E' possível. Porém o mar, como você sabe, costuma restituir os mortos à terra. A propósito, você fêz qualquer inquérito a respeito das embarcações e seus proprietários?

Biles não havia pensado nisso. Prometeu agir nesse sentido, imediatamente, mas o médico tinha em vista um trabalho muito mais urgente. Pediu repentinamente ao seu amigo que se estirasse no chão e permitisse que êle próprio o levantasse e carregasse, a fim de calcular o esfôrço do assassino ao transportar a sua vítima. Biles fêz como lhe era pedido e pouco depois se sentiu levantar como se fôsse uma criança. Até então não suspeitara da fôrça enorme, contida no formidável corpo do médico. Êste o deitara atravessado sôbre o ombro, a cabeça caída para as costas, os pés dançando à sua frente. Caminhou assim em passos rápidos durante alguns instantes, na direção do burgo, depois o movimento **se tornou mais lento.** Um, dois metros mais e o médico depositou o seu fardo.

— Podemos agora concluir — declarou êle — que o primeiro "alto" ocorreu quase no limite da circunferência de um círculo, cuja distância entre êste ponto e o local do crime representa o raio. Calculo essa distância em cinqüenta passos, o que, dêste lado, nos conduz bastante fora do bosque e, na direção oposta, nos levaria, segundo creio, ao bordo da escarpa. Vamos verificar!

Retornaram ao ponto de partida e, a seguir, o médico media, caminhando, a distância dêsse ponto até à escarpa. Executou justamente cinqüenta passos. Ficou alguns instantes de face para o mar, como para completar mentalmente outros cálculos, depois voltou-se vivamente e, sem mexer os pés, abaixou-se e, finalmente, caiu sôbre os joelhos. Biles o viu retirar mais uma vez a lente do bôlso e fixá-la num ôlho a fim de melhor examinar o solo.

Aparentemente, o Dr. Hailey não encontrava o que procurava, pois que, depois de alguns minutos, levantou-se e caminhou uma curta distância ao longo da escarpa. Repetiu a mesma manobra várias vêzes, exatamente da mesma maneira andara para pontos diferentes, antes de voltar para junto do policial. Confessou-lhe, então, que se enganara.

— Temos que abandonar, evidentemente, a idéia de que o cadáver foi atirado desta escarpa — declarou — Se assim tivesse sido, eu teria encontrado marcas de sangue. Como você sabe, todo ferimento, mesmo num ôlho, que pode ser mortal, sangra um pouco. Supondo que o assassino carregou a vítima às costas, algumas gotas de sangue teriam inevitàvelmente caído no último "alto" feito, antes de se desembaraçar definitivamente do cadáver. Você entende?

— Sim... Mas o corpo pode ter sido transportado nos braços...

Neste caso, não teria caminhado tanto sem se deter. Por enquanto, mais vale abandonar uma teoria para concentrar nossos esforços em outra. Quando era estudante, na sala de anatomia, onde era "demonstrador", eu tinha o hábito de observar os assistentes que carregavam os corpos para as mesas, no início das aulas. Muitas vêzes êles os carregavam sôbre os braços, se trabalhavam sòzinhos. Muitos podiam fazer isso. Sir William não era homem alto?

— Oh, sim! Muito alto!

Voltaram mais uma vez ao local do crime, e o médico mediu a distância que o assassino tivera que vencer, num só lance, na direção da mansão de Calthorpe. Isso o levou a um local descoberto, bem fora do bosque e completamente à vista da aldeia. Era pouco provável que um indivíduo, preocupado com a idéia de se desembaraçar de um cadáver, fôsse parar em tal local, mesmo com tempo brumoso e ao cair da noite.

O terreno, do lado oposto, era mais favorável para uma tal manobra. Descia em ladeira suave até à enseada de um riozinho, que separava a mansão da propriedade vizinha. Um pequeno riacho corria no fundo e o mato ocupava bom espaço de terreno. Depois de medir a distância, o médico começou a examinar o terreno com muita atenção e Biles tratou de ajudar nesse rude trabalho.

Encontraram, quase simultâneamente, os indícios que procuravam manchas enegrecidas, que a chuva dos últimos dias não conseguira apagar de todo. O Dr. Hailey se ergueu, estirando pernas e braços com curtos gemidos. Tinha em mão uma fôlha, uma só, manchada!

— Meu caro Biles — disse êle — a natureza não me fêz para êsse gênero de trabalho e por isso sou obrigado a deixar o resto para os seus membros mais ágeis. Fico com uma só amostra, que examinarei quando retornar ao albergue. Tomei a precaução de trazer os instrumentos necessários.

(Cont. na próximo número)

A QUIMICA ALIADA DA AGRICULTURA

I. R. BURBRIDGE

NESTA época de progresso gigantesco da técnica, em que os milagres da ciência aplicada se sucedem, é oportuno render homenagem à Natureza, o imenso manancial que coloca à disposição do homem as matérias de que êle necessita na sua luta por uma vida melhor.

O homem não depende exclusivamente da Natureza. Submetendo-se a ela às vêzes, coloca-a outras vêzes sob a sua dependência. A mesma Natureza que nos oferece com generosidade suas dádivas, também cria as pragas que constantemente ameaçam destruir as reservas alimentícias do homem, que são os campos férteis, as colheitas abundantes e sãs. E é nessa frente que se desenvolve uma rude batalha entre o lavrador e os insetos e ervas daninhas. Os jornais não publicam comunicados dessa luta da qual depende, no entanto, o bem-estar de milhões e milhões de pessoas.

Para se ter uma idéia da ameaça que representam para a lavoura os insetos e pragas, basta mencionar que, sòmente no Brasil, milhões de cruzeiros são gastos anualmente pelos agricultores no combate a êsses temíveis inimigos.

Felizmente, o lavrador encontra no químico agrícola o seu maior amigo, e a luta dêste contra as pragas é uma das epopéias do nosso tempo. E' uma luta incessante, silenciosa, com lances às vêzes dramáticos, onde o lavrador encontra a colaboração do investigador científico, que precisa de uma grande dose de conhecimentos e de paciência.

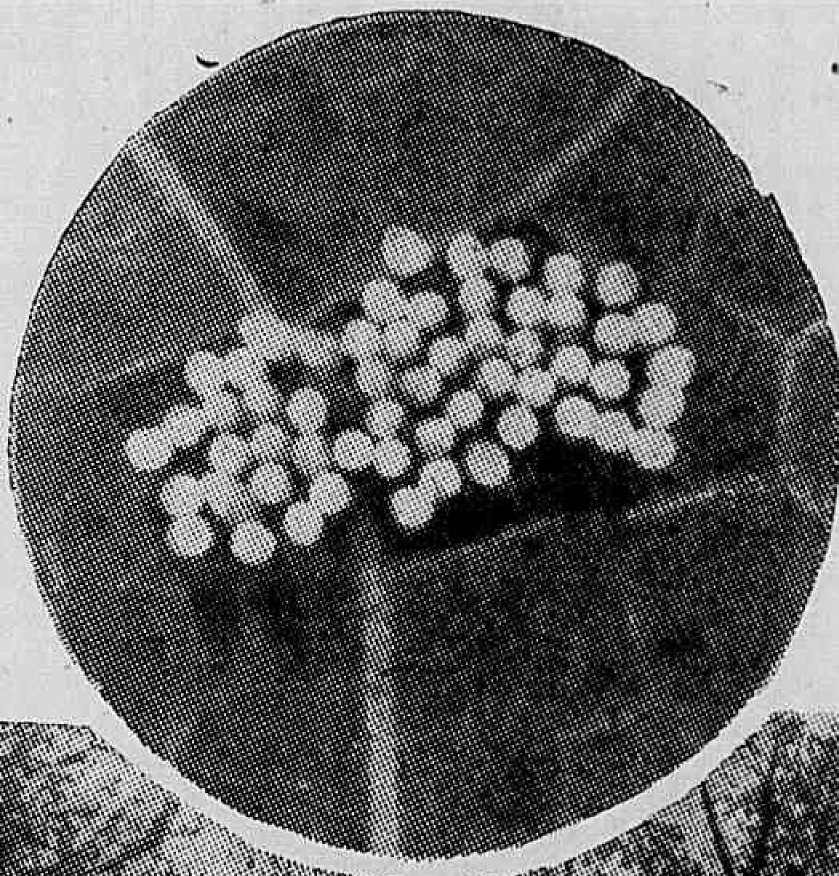
UM PROBLEMA BRASILEIRO

Num país agrícola como o Brasil, o combate aos insetos nocivos e aos fungos é de importância primordial. E' sabido que para o contrôle dos insetos que se alimentam da folhagem, os inseticidas estomacais são mais eficientes, pois a sua função é envenenar o próprio alimento do inseto para assim causar a sua morte. Há muito tempo os compostos arsenicais são preferidos para êste fim, destacando-se dentre êles o Arseniato de Chumbo, já de tão larga aplicação no Brasil no combate ao "coruquerê". Na mesma classe, e de grande valor no combate às pragas que atacam o fumo, encontra-se o grupo de inseticidas à base de fluorina.



NUM LABORATÓRIO DE PESQUISAS onde se estudam plantas, fungos e insetos, para saber proteger aquelas contra a ação dos seus inimigos.

OVOS DE UM FUNGO, sôbre uma fôlha, futuros agentes destruidores



★

APLICAÇÃO, em larga escala, de inseticidas ou fungicidas, por meio de maquinismos.



Há casos em que a própria semente é enfêrma, e grandes progressos foram obtidos com a imunização da semente por meio de fungicidas especialmente selecionados. O processo é simples e, por ser preventivo, de grande eficiência.

Um dos problemas de todo lavrador é conseguir que o inseticida ou fungicida não seja removido das plantas pelo vento ou pela chuva. São incalculáveis os prejuízos que um lavrador sofre quando, poucas horas depois de pulverizar os seus algodoais, começam a aparecer nuvens escuras e de repente os primeiros pingos de uma chuva forte anunciam que todo o seu trabalho está arruinado. Êste problema tem preocupado os químicos e o resultado de reiterados estudos é que existe hoje um preparado adesivo que, adicionado às pulverizações, assegura uma cobertura uniforme, completa e firme da planta tratada.

A indústria no Brasil marcha a largos passos, ninguém o nega. Mas é verdade também que, dada a imensa extensão do nosso território e a prodigalidade do seu solo, a Agricultura será sempre um fator importantíssimo na nossa vida econômica.

O grande interêsse que o govêrno brasileiro dedica ao problema dos insetos e fungos é evidenciado pelas múltiplas atividades do Ministério da Agricultura, quer na orientação do lavrador, quer em pesquisas sôbre novos inseticidas e fungicidas, quer ainda em providências para assegurar a exportação de produtos agrícolas que satisfaçam os rigorosos padrões sanitários modernos.

Numa terra generosa como a nossa, os mais compensadores resultados podem ser obtidos aliando-se num só objetivo o esfôrço do trabalhador, os conhecimentos técnicos e a contribuição valiosa da química.

★

Para as pragas que sugam a seiva das plantas, os inseticidas estomacais não têm o menor efeito. Para tais pragas, existe uma outra classe de inseticidas, abrangendo o caldo sulfo-cálcico, o sulfato de nicotina e os vários preparados à base de óleos minerais.

Um produto interessante, porque os seus efeitos são alcançados por um processo inteiramente diverso, é o paradiclorobenzeno. Introduzido na terra, o paradiclorobenzeno mata as larvas de diversos insetos nocivos por meio da lenta volatilização do produto.

Há, ainda, o emprêgo de gases para o contrôle de certas pragas, e o gás cianídrico tem-se mostrado altamente eficiente na destruição das pragas que infestam os laranjais. Êste gás é hoje usado também para a desinfeção de moinhos, armazens, navios, etc.

Hoje, já existem corpos de técnicos competentes, laboratórios e estações experimentais modelares por onde passam insetos, ervas daninhas, bactérias e fungos recebidos de tôdas as partes do mundo.

O CONTRÔLE E O COMBATE AOS FUNGOS

O contrôle de fungos por si só proporciona um grande campo de estudos. Muitos fungos não podem ser examinados, uma vez que já infeccionaram as plantas. Torna-se necessário, portanto, um tratamento preventivo, por meio de fungicidas que protejam as plantas. Os fungicidas mais conhecidos entre nós são talvez o caldo sulfo-cálcico e o caldo bordalês, êste último à base de sulfato de cobre. Ùltimamente, entretanto, têm-se experimentado diversos outros sais de cobre os quais demonstraram, em muitos casos, vantagens sôbre o sulfato de cobre.

O DDT CONTRA OS PIOLHOS BOVINOS

Pode-se combater os piolhos do gado bovino aplicando-se DDT em forma de vaporização, banho ou pó. A superfície inteira do animal deverá ser completamente saturada, especialmente a cabeça, as orelhas, o peito, a raiz e o extremo da cauda. Não se dispondo de aspersora mecânica, poderá ser usada uma pequena, manual. A solução recomendada para o tratamento molhado é preparada juntando-se uma onça de 50 por cento de DDT umedecível, a cada galão de água. Pode ser usado de 5 a 10 por cento de pó de DDT para cada animal e deverá ser aplicado à razão de 6 a 8 onças para cada rês adulta.

Qualquer que seja a classe de tratamento que se empregue, deverão ser feitas duas aplicações: a segunda umas três semanas depois da primeira. O DDT é também excelente para combater moscas, mosquitos e carrapatos no gado bovino, mas não dá resultados no berne.

CARNAUBEIRA - ÁRVORE DA VIDA

QUANDO o velho Pero Vaz Caminha escreveu ao afortunado rei de Portugal a famosa carta em que dava conta da descoberta da suposta Ilha de Vera Cruz, carta que Ronald de Carvalho chamou "a nossa certidão de batismo", a nota predominante era o deslumbramento pela riqueza e pela feracidade da terra.

Por maior que fôsse o seu otimismo, porém, longe estava o bem falante escrivão-mor da esquadra de imaginar os tesouros reais que a terra escondia atrás da vegetação violenta que chegava até às praias, de onde apontavam, cheios de susto os índios e especialmente as índias cuja indumentária escaldava o cérebro de navegadores em trânsito.

De fato, mal descoberta a nova terra, uma fortuna se erguia aos olhos cubiçosos do alienígena: o pau brasil, planta nativa que havia de assinalar o primeiro ciclo da nossa história econômica.

Outros ciclos tivemos, girando em tôrno dos produtos da terra, embora de cultura mais ou menos organizada e dependente do trabalho do homem, como a cana de açúcar.

Mas a terra dadivosa que oferecia o pau brasil tinha em reserva milhões de outras culturas espontâneas, cujos frutos bastava estender a mão para alcançar, constituindo uma riqueza fácil e quase inesgotável, que se prolongaria pelos séculos a dentro.

Haja vista a borracha e a castanha do Pará, para citar apenas dois exemplos limitados à bacia gigantesca do Amazonas.

A essa imensa reserva de riqueza vegetal prende-se a carnaúba.

"Pindorama", Região das Palmeiras, era a designação dada pelos tupis a tôda a orla litorânea do Brasil.

Quem estuda a toponimia brasileira não pode deixar de admirar a precisa nomenclatura geográfica dos primitivos habitantes desta terra.

"Pindorama", por exemplo, não foi aplicado sem justo motivo, porque, realmente, na maior extensão do nosso litoral florescem em grande abundância os tipos mais diversos de graciosas, utilísimas palmeiras.

Dentre as numerosas espécies disseminadas pelo vasto território brasileiro, tôdas fornecendo alimento, agasalho e confôrto ao homem, ressalta, pelo seu dúplice aspecto de beleza e utilidade, a carnaúba.

E' interessante observar-se que a palavra carnaúba, cujo étimo **caranaíba**, significa o fruto escamoso, cascudo e cheio de aspereza (**caraná:** cascudo, escamoso, áspero; **uba**: o fruto, o que se colhe da árvore), se reveste de diferentes formas, variando de localidade, tais como **caranaíba, carandaíba, carandeúba** e **crendeúba.** Deixemos de lado, porém, esta pequena digressão etimológica e apreciemos a admirável estrutura dêsse magnífico espécime da nossa flora.

E' a carnaúba (Copernicea cerifera, Mart.), formosa palmeira de caule ereto e cilíndrico, que atinge 16 a 20 metros de altura por 30 a 50 centímetros de circunferência.

Tem um crescimento tão lento, que não se iguala à altura de um homem senão decorridos cêrca de vinte anos de existência.

Alcança geralmente a longevidade e chega a viver dois séculos, ou mais.

As suas palmas, delgadas e flabeliformes, constituem o maravilhoso laboratório de onde nos vem a cera, de tanta utilidade.

Vejamos como funciona êsse singular laboratório: Na quadra chuvosa, a carnaúba, previdente.



Dando um encanto típico à paisagem, as carnaubeiras são árvores-providência, grandes amigas do homem.



Milhões de carnaubeiras, por todo o nordeste, começam a tornar-se uma fonte de riqueza, fácil e estável, para as nossas populações.

absorve pelas fôlhas a umidade indispensável ao seu desenvolvimento.

Quando chega a sêca e o sol dardeja os seus raios chamejantes sôbre o solo adusto do nordeste, quando tudo em tôrno é devastação e morte, só a carnaúba põe uns tons de alegria na tristeza da paisagem, ostentando na amplidão a sua formosa cabeleira verde.

E por que não padece ela da mesma sorte das juremas, das umburanas e de tôdas as suas irmãs dos prados e das caatingas? Por um capricho apenas da natureza misteriosa, que lhe reveste as fôlhas com uma película de cera protetora, impedindo assim a evaporação da água absorvida.

Aí está a razão pela qual essa palmeira constitui o privilégio de uma região do país, como conseqüência de condições climatéricas e em outras regiões, como na Argentina e na Bolívia, não produz cera.

Planta gregária e hidrófila, desenvolve-se também em terreno sêco. Seu habitat predileto são os Estados do Nordeste brasileiro, notadamente o Ceará e o Piauí.

A carnaúba, pela sua resistência, é conhecida como a planta típica dos sertões, e os sertanejos chamam-na "árvore-providência", "árvore da vida", porque, como a tamareira dos oásis africanos (phoenix dactilifera), é de uma extraordinária prodigalidade materna. Ela dá de si muito do que é necessário ao alimento e bem-estar do homem.

O QUE VEM DA "ÁRVORE-PROVIDÊNCIA"

O espique da carnaúba fornece madeira para fins diversos. E' matéria excelente, de grande emprêgo na confecção de caibros, barrotes, moirões, esteios e muito estimada na marcenaria.

As fôlhas, além de cêra, prestam-se à fabricação de uma infinidade de objetos indispensáveis à vida doméstica, como cordas, peneiras (urupemas), sacos, abanos, vassouras e os artísticos chapéus chamados "chile de carnaúba". Os caboclos empregam-nas, também, na cobertura de suas choupanas, e é curioso notar-se que no nordeste há moinhos de vento em cuja construção só entra a carnaúba.

As fibras, bem resistentes e sedosas, são muito usadas em rêdes, mantas e artefatos de cordoalha fina.

Aproveitam-se os resíduos das fôlhas para colchões, almofadas e também para a fabricação de papel.

Dos pecíolos trança o sertanejo a sua mobília rústica.

Do cerne extrai-se saboroso palmito e ainda uma fécula nutritiva, semelhante ao sagu; e, não contente o homem com o muito que lhe dá o âmago da carnaúba, fermenta-o, como ao pecíolo, obtendo vinagre.

Essa planta miraculosa oferece também ao gado o seu quinhão, pois as suas fôlhas novas são ótimas forrageiras e seus frutos adstringentes apetitosa ração. Dêsses, quando sêcos, prepara-se óleo fino e comestível; torrados, dão bebida idética ao café.

As raízes, de notáveis propriedades medicinais, são poderoso tônico depurativo; reduzidas a cinzas, substituem o sal de cozinha.

A CERA DE CARNAÚBA

Mas o principal produto da "árvore-providência" é a cera de carnaúba, que faz da nossa palmeira preciosa fonte de matérias primas de exportação. Eis como se procede para reconher a cera:

O operário, munido de uma vara, tendo na extremidade um instrumento chamado trinchete, corta as palmas. Estas são, depois, recolhidas e postas a secar. O calor solar, constringindo os tecidos da palma, faz com que a cera dêles se desprenda,

fragmentando-se em finíssimas escamas. Em uma clareira aberta no centro do carnaubal, onde não haja correntes de vento, são as fôlhas cuidadosamente batidas, pois dada a extrema tenuidade do produto, a menor viração pode ocasionar importantes prejuizos. O pó, uma vez separado, é pôsto a fundir em uma caldeira. Se a cera a obter-se é a chamada "arenosa", derrama-se sôbre o líquido em ebulição um pouco d'água; se é a "gordurosa", não se lhe junta água O óleo quente é, em seguida, passado para os moldes, solidificando-se em forma de pães.

Modernamente há processos mais aperfeiçoados e de maior rendimento.

Nos velhos tempos, quando não existia o petróleo, a cera de carnaúba era a iluminação de todos os recantos do Brasil.

Substituiam satisfatòriamente o óleo de baleia e de oliva as velas que com ela se fabricavam por todo o nordeste.

Mas, à cera de carnaúba estava destinado um papel proeminente no progresso da civilização, graças às pesquisas maravilhosas da química.

E a nós nos resta esta satisfação: o Brasil é a única região do mundo que produz a cera de carnaúba. Segundo recentes estatísticas, exportamos em 1940 8.653 toneladas de carnaúba, no valor de 169.411 contos, sendo os Estados Unidos, que nos compraram 7.568 toneladas, no valor de .... 149.778 contos, o nossom aior mercado importador.

APLICAÇÕES DA CERA DE CARNAÚBA

Como a palmeira que lhe deu origem, a cera de carnaúba tem uma série desmedida de usos.

E' empregada na fabricação do ácido pícrico; do papel carbono; das peças anatômicas para estudos, ou amostras feitas de cera, a fim de evitar a sua rápida destruição; como ingrediente purificador de alcoóis aromáticos; nos discos fonográficos; para colorir certas frutas, de mistura com parafina; na composição dos materiais destinados a polir, preparar e tornar o couro impermeável e em muitas outras coisas que nos tornam a vida mais agradável.

Descobriram os cientistas modernos que do mesmo modo que a cera de carnaúba protege as fôlhas da ação comburente do sol, protege também a superfície dos automóveis contra os raios ultravioleta da luz solar, conservando-lhes a beleza e o lustro inalteráveis.

E pelas linhas que aqui ficam pode o leitor amigo imaginar o quanto se aproveita nos modernos laboratórios químicos dos preciosos produtos elaborados por êsse outro imensurável laboratório que a Onisciência Eterna pôs nas mãos do homem: a Natureza.

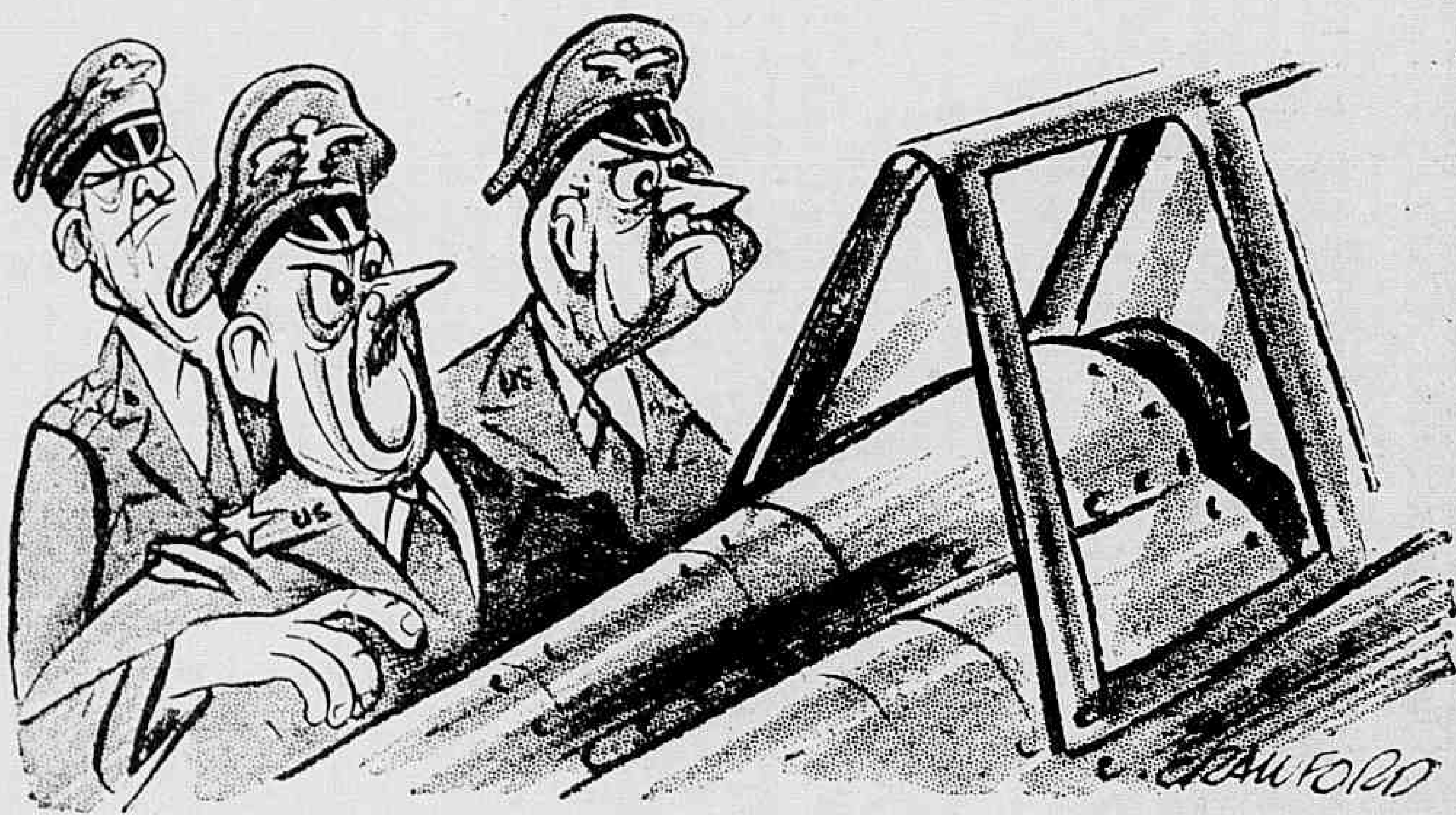
★

PONTUALIDADE!...

ANEDOTA DE APÓS GUERRA

ANTES dos Estados Unidos entrarem na guerra, oficiais homens da Fôrça Aérea já se entregavam a treinamento intenso.

Em Barksdala Field, em 1940, por exemplo, muitos civis se entregavam aos exercícios de vôo sob contrôle dos técnicos militares. O regime era severo, embora com algumas vantagens para êsses voluntários, que podiam sair sábado à noite, em seus aparelhos, para ir gozar o week-end onde preferissem, devendo porém estar de regresso ao campo de treinamento domingo, à noite ou, o mais tarde, até segunda-feira pela manhã, desde que fôsse antes da revista de oito horas.



Uma tarde de sábado estavam os pilotos animados com a perspectiva de bons divertimentos, quando o inspetor geral surgiu entre êles e anunciou que haveria rigorosa inspeção na própria manhã de domingo. Logo todos se apressaram para sair, pois sabiam ter que estar de regresso poucos minutos antes das oito horas do dia imediato, para formar em fileiras perfeitas diante de cada aparelho, sem faltar um só botão em cada uniforme.

Assim foi feito e a turma tôda parecia estar ali formada, quando um "A-17" veio descendo do céu em ângulo perigoso, como se tivesse pressa de chegar ao chão. Mal pôde manobrar em terra, o pilôto virou o aparelho e o levou com poderoso ruído de motor até ficar alinhado com os demais, diante do Inspetor Geral e seus oficiais imediatos. No avião, porém, não se via... pilôto! Surpreendido o Inspetor Geral, seguido por seus ajudantes se aproximou do aparelho, sem compreender o que acontecia. Então, não tendo outro remédio, o pilôto levantou a cabeça, que havia encolhido entre os ombros e, levantando o teto do aparelho, perfilou-se... de "smoking"!

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Sem o conhecimento da língua, o autor é sempre um mau escritor". — BOILEAU.

MIUDEZAS ORTOGRÁFICAS (II)

Vimos, no último artigo, as leis de acentuação tônica.

Outro objetivo do sistema ortográfico vigente é a diferenciação de vogais, entre certos homônimos. Determina o **Formulário Ortográfico**, da Academia Brasileira de Letras: "Emprega-se o acento circunflexo como diferencial ou distintivo no **é** e no **o** fechados da sílaba tônicas das palavras que estão em homografia com outras em que são abertos êsse **e** e êsse **o**: **acêrto** (s. m.) e **acerto** (v.); **aquêle, aquêles** (adj. ou pron. dem.) e **aquele, aqueles** (v.); **côr** (s. f.) e **cor** (s. m.); **côrte, côrtes** (s. f.) e **corte, cortes** (v.); **dêle, dêles** (contr. da prep. **de** com o pom. pess. **êle, êles**) e **dele, deles** (v.); **devêras** (v.) e **deveras** (adv.); **êsse, êsses, êste, êstes** (adj. ou pron. dem.) e **esse, esses, este, estes** (s. m.); **fêz** (s. m. e v.) e **fez** (s. m.); **fôsse** (dos v. **ir** e **ser**) e **fósse** (do v. **fossar**); **nêle, nêles** (s. m.); **pôde** (perf. ind.) e **pode** (pres. ind.); **sôbre** (prep.) e **sobre** (v); etc."

PARTICULARIDADES

a) Quando, no plural, desaparece a homonimia, não se usa o acento diferencial: **enfêrmo** (s. ou adj.) e **enfermo** (v.); pl. **enfermos**; **govêrno** (s.) e **governo** (v.); pl. **governos**; **trôco** (s.) e **troco** (v.); pl. **trocos** (ó);

b) Não se usa o acento diferencial quando um dos homônimos leva acento tônico: **apóio** (v.) e **apoio** (s.); pl. **apoios**; **réis** (pl. de real) e **reis** (pl. de **rei**);

c) Levam acento agudo os seguintes vocábulos, que têm homógrafos: **às** (s. m.), **cf. às** (contração da prep. **a** com o art. ou pron. **as**); **pára** (v.), **cf. para** (prep.); **péla, pelas** (s. f. e v.), **cf. pela, pelas** (agl. da prep. **per** com o art. ou pron. **lo**); etc.

d) O acento circunflexo distingue certos homógrafos perfeitos, que têm **ê** e **ô** fechados: **pêlo** (s. m.) e **pelo** (**per** e **lo**); **pêra** (s. f.) e **pera** (prep. arc.); **pôlo, pôlos** (s. m.) e **polo, polos** (**por** e **lo** ou **los**); **pôr** (v.) e **por** (prep.); **porquê** (subs. ou no fim da frase) e **porque** (conj.); **quê** (s., interj. ou pron. no fim da frase) e **que** (pron., conj., etc.)

EXEMPLÁRIO

sôdo, soldos (s.)	**estôrno, estornos** (s.)
soldo (v. **soldar**)	**estorno** (v. **estornar**)
adôrno, adornos (s.)	**endôsso, endossos** (s.)
adorno (v. **adornar**)	**endosso** (v. **endossar**)
chôro, choros (s.)	**espôso, esposos** (s.)
choro (v. **chorar**)	**esposo** (v. **esposar**)
gôsto, gostos (s.)	**fôrro, forros** (s.)
gosto (v. **gostar**)	**forro** (v. **forrar**)
gôzo, gozos (s.)	**têrmo, têrmos** (s.) (1)
gozo (v. **gozar**)	**termo, termos** (s.) (2)
rôlo, rolos (s.)	**rôdo, rodos** (s.)
rolo (v. **rolar**)	**rodo** (v. **rodar**)
comêço, começos (s.)	**professôra, professôras** (s.)
comêço, (v. **começar**)	**professora, professoras** (v.)
consêrto, consertos (s.)	**professôres** (s.)
conserto, (v. **consertar**)	**professores** (v.)
môlho, molhos (s.)	**refrêsco, refrescos** (s.
molho (v. **molhar**)	**refresco** (v. **refrescar**)
fôr (verbo)	**surprêsa, surprêsas** (s.)
for (s.)	**surpresa** (v. **surpresar**)

(1) têrmo = vocábulo, limite.
(2) termo = aparelho destinado a manter a temperatura do conteúdo.

CORRESPONDÊNCIA

A. T. (Nesta) — Consulta sôbre o número de sílabas da palavra **glória**.

Tenho observado certa **confusão** em tôrno das palavras terminadas em **ia, ie, io, ea, eo, ua, ue, uo, oa**, que, sendo ditongos orais crescentes, formam sílada. Assim, **glória** é um dissílabo; também **sábio, língua, tênue.**

A dúvida parece resultar da circunstância de o **Formulário da Academia Brasileira de Letras** incluir entre os esdrúxulos os vocábulos terminados em **ditongo crescente**... Mas só a circunstância de se reconhecer, como ali se faz, em **io, ia, ie, ea, eo, ua, ue, uo, oa**, a qualidade de ditongo, importa em considerá-los numa única sílaba. E isso por definição.

Oportunas palavras de Daltro Santos:

«Enquanto as **combinações decrescentes** são fàcilmente aceitas como ditongos, relutam, todavia, alguns gramáticos em admitir como tais os **grupos crescentes**, isto é, aquêles em que a **semivogal** antecede o **vogal**. O próprio **Formulário** do Acôrdo acadêmico tem por esdrúxulas tais formas. Entretanto, nestas como naquelas, há a reunião de **duas vozes livres em um sílaba**: o que constitui **ditongo**. Querer considerar como **formas esdrúxulas** os vocábulos terminados em **ditongo crescente** seria separar em duas síladas os sons integrativos do ditongo; e, pois, êste deixaria de existir. Mas é evidente que no vocábulo **naufrágio**, por exemplo, tanto se ouve a semivogal — **u** — junto à vogal — **a** — do **ditongo decrescente** da primeira sílaba, como se ouve a semivogal — **u** — junto à vogal — **a** — do **ditongo crescente** da última. Ambos êsses ditongos nessa palavra são átonos, em ambos se ouvem os **dois fonemas puros** que o integram. O vocábulo, por sua vez, é **trissílabo** e **paroxítono**». (**Fundamentação da Grafia Simplificada**)

Em **glória**, pois, há duas sílabas.

JOSÉ RICARDO NETO

As vacas leiteiras e a hipocalcemia

A insuficiência de cálcio na alimentação do gado leiteiro estabulado, durante o inverno, produz uma enfermidade de graves conseqüências, que pode ser evitada a um custo mínimo.

Atinge a uma elevada cifra o número de vacas leiteiras que morrem, anualmente, em conseqüência de uma enfermidade de caráter grave que grassa, de preferência, no gado que pasta nos campos de aveia e, em menor proporção, nos de cevada, centeio, cevadilha e de gramíneas em geral. Trata-se da "Hipocalcemia" ou "Tetania" dos vacuns, também conhecida como "Mal dos Aveais", enfermidade produzida por uma perda excessiva de cálcio que, ao atingir um certo limite, provoca um desequilíbrio que leva os animais a uma morte geralmente rápida, com sintomas de forte intoxicação.

Êste mal surge durante o outono e o inverno e, mais freqüentemente, em vacas com cria de tenra idade, em plena lactação, embora ataque, também, as que se encontram no fim da gestação, ou na própria parição.



Desde a primeira idade o gado leiteiro tem que ser protegido contra a hipolcemia ou tetania.

SINTOMAS

As primeiras manifestações da enfermidade são algo vagas: decaimento, olhar triste e apagado, seguido de tremores intensos, sobrevindo, então, a paralisia do trem posterior que impede o animal de se levantar, ou, quando o mesmo consegue se erguer, fá-lo caminhar com grande dificuldade, até cair novamente. Uma vez estendido no chão, o animal olha continuamente o flanco, range os dentes, queixando-se a cada momento, podendo permanecer neste estado durante vários dias, até mesmo um mês, e acabando por morrer, na maioria dos casos.

Os efeitos desta enfermidade são sempre terríveis pela alta percentagem de casos fatais e pela rapidez com que atua, dando-se casos verdadeiramente fulminantes, em que a morte sobrevém em poucas horas.

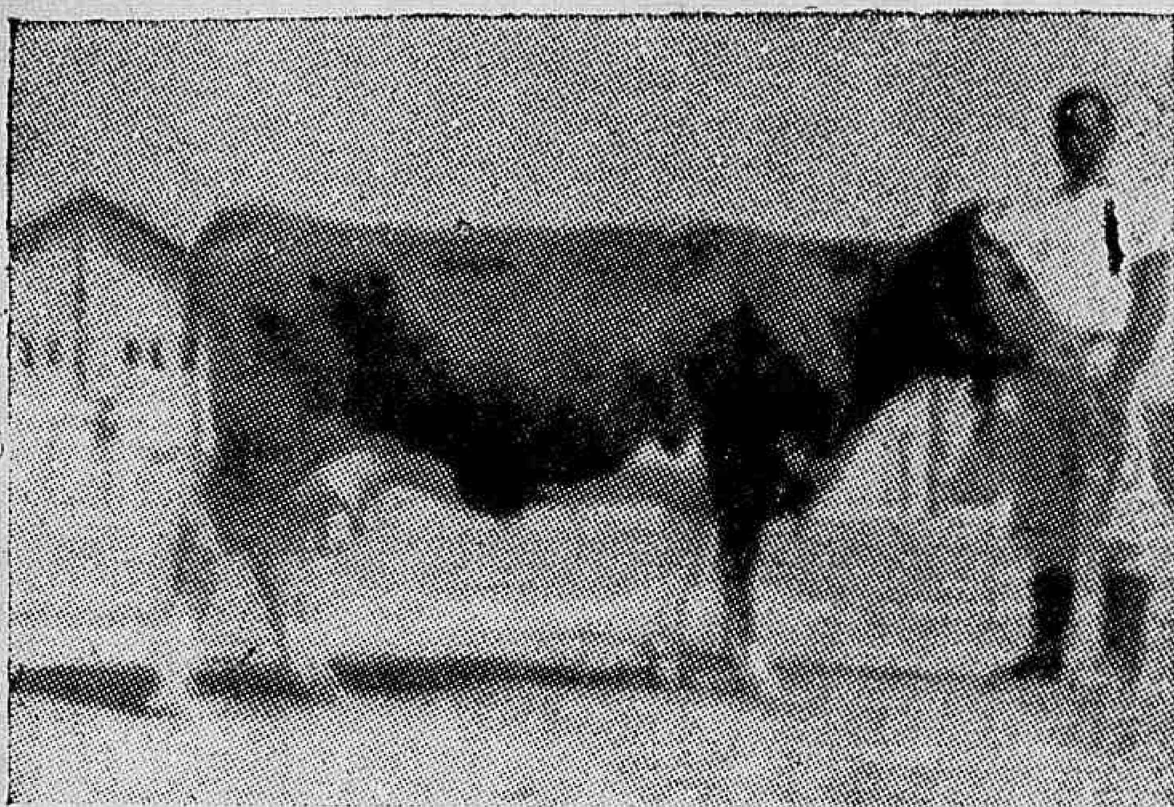
Reconhece-se como causa a descalcificação que se produz durante a gestação e a lactação. A vaca forma o esqueleto do bezerro extraindo grandes quantidades de cálcio de seus próprios tecidos, e após o parto continua a proporcioná-lo no leite, cujo conteúdo em cálcio é muito elevado. Esta extração contínua deve ser compensada por uma alimentação à base de substâncias ricas em cálcio, pois do contrário, dessa perda progressiva advirá a enfermidade com tôdas as suas conseqüências. E' isto o que sucede com os animais que pastam em aveais, por causa de seu baixo teor de cal. Os animais ingerem grandes quantidades dessa forragem, mas não assimilam uma quantidade suficiente de cálcio que refaça as perdas sofridas.

MEDICAÇÃO

Existe, entretanto, uma maneira econômica e prática de evitar que as vacas sofram as conseqüências da "Hipocalcemia" resultante da pastagem em aveais, proporcionando-lhes cálcio na água, não quando já estejam atacadas pelo mal, em cujo caso não é eficaz, mas, sim desde o outono, ao menos um mês antes de serem sôltas nos campos de aveia.

1º — Começar a dar, na água, clorureto de cálcio em escamas, sem interrupção, desde um mês antes de soltar os animais no aveal até princípios da primavera.

2º — Não efetuar mudanças bruscas de pastagens. Deixar os animais poucas horas (4 a 5 horas) no aveal, permitindo-lhes entrar no mesmo depois das 10 horas da manhã.



Exemplar de vaca leiteira, representativo dos rebanhos nacionais dessa especialidade.

3º — Dissolver na água dos bebedouros de 1 a 2 quilos de clorureto de cálcio em escamas para cada 1.000 litros de água.

4º — Evitar que seja posta ao alcance dos animais qualquer outra água, porquanto os mesmos rejeitariam a água com clorureto de cálcio por causa de seu sabor ligeiramente amargo.

A aplicação do clorureto de cálcio, sob a forma indicada, evita, também, a "Febre Vitular" cuja origem é, igualmente, a falta de cálcio.

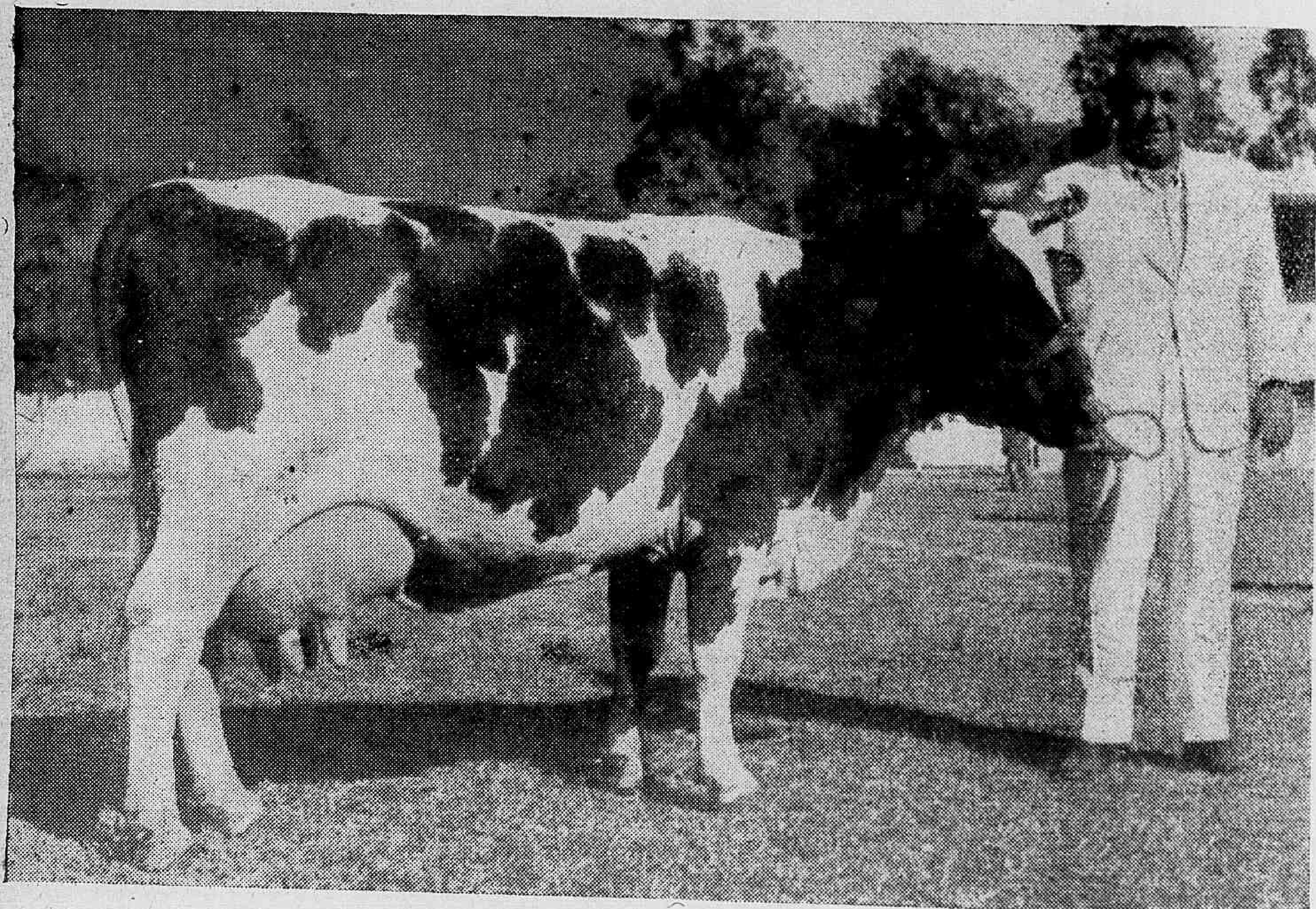
Por fim, devemos considerar que as medidas indicadas são de grande eficácia na prevenção da "Hipocalcemia", além de serem de aplicação simples e econômica, evitando-se, com um dispêndio de poucos cruzeiros anualmente, uma enfermidade grave, dificilmente curável. O tratamento curativo é diferente. Faz-se à base de injeções de Clorureto ou de Gluconato de Cálcio e para a sua aplicação torna-se necessária a intervenção de um veterinário.

Constata-se, portanto, que, sendo a "Hipocalcemia" muito fácil de ser evitada mas difícil de ser curada, uma vez declarado o mal, é indiscutível a conveniência de preveni-la em tempo.

As observações constantes dêste artigo são o resultado de estudos realizados na Argentina, onde a manutenção do gado leiteiro estabulado oferece as características nelas enunciadas.

Temos a convicção, entretanto, de que, em vista das condições climatéricas e de forrageamento do gado leiteiro no Estado do Rio Grande do Sul serem análogas às da Argentina, a solução do problema da "Hipocalcemia" nesse Estado brasileiro, pelo emprêgo do Clorureto de Cálcio, será plenamente satisfatória, dentro das indicações aqui enumeradas.

Quanto ao resto do Brasil, devido à pobreza de cal de que se ressentem as suas pastagens, constituídas quase que exclusivamente de gramíneas, encaramos o emprêgo do Clorureto de Cálcio, dado na água, não só como um fator na prevenção de enfermidades mas, sobretudo, como um elemento preponderante na construção de uma estrutura óssea forte e um incentivador da produção leiteira. Sua utilização, portanto, seria grandemente aconselhável, principalmente nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, onde a criação de gado leiteiro se acha mais desenvolvida, atingindo os seus rebanhos a um valor apreciável, como conseqüência da seleção que nêles se vem realizando.



«Serra Veneza» — da raça holandesa vermelha e bra nca — grande produtora de leite, premiada em sucessivas exposições (Fazenda da Serra — Tombos — Minas Gerais.

QUEIJO EMENTAL

ÊSTE queijo é duro, de leite de vaca inteiro, coalhado, que tem um sabor um tanto adocicado. dos outros pelos "olhos" ou buracos que nêle se desenvolvem e que se encontram a intervalos de 2,5 a 5 cm. O queijo da mesma espécie feito nos Estados Unidos é chamado Queijo Suíço Nacional, enquanto que o produto da região do Lago de Constança (na Suíça) é denominado Algau Emental.

Na Suíça, o queijo é elaborado da forma seguinte: o leite colhido ao entardecer é desnatado. O colhido pela manhã é aquecido a uma temperatura de 42,2 a 43,2º C., e acrescenta-se-lhe depois, misturando-o bem, o creme do leite da tarde anterior. O leite colhido na tarde anterior é arrefecido, acrescentado-se-lhe um pouco de açafrão para lhe dar côr. Feito isso, misturam-se os dois leites. O conjunto é então aquecido a uma temperatura de 32,2º C no verão, e 35º C no inverno, acrescentando-se-lhe um coalho suficientemente forte para coalhar o leite em 30 ou 40 minutos. Tudo isto é levado a cabo numa enorme panela de cobre com uma capacidade de 1100 litros. Quando o leite se tornou quase denso o bastante para ser cortado (i.e. pràticamente a mesma densidade exigida para o queijo Cheddar) a leve camada superficial é removida e virada de cara para baixo sôbre a massa. Isto deve ajudar a incorporar ao queijo a camada de creme. O leite coalhado é então cortado com o auxílio de um instrumento denominado "harpa". O queijeiro, com uma colher de maleira em cada mão, puxa então para si a massa coalhada, de modo que a que se encontra no fundo da panela seja trazida para a superfície. Nesta altura o queijeiro e seu assistente começam a agitar a coalhada com a harpa, tendo-se instalado primeiramente dentro da panela um instrumento que interrompe a corrente do soro e da coalhada. As harpas são movidas em sentido circular, e cortam finamente a coalhada, em pedaços do tamanho de grãos de trigo ou ainda menores.

Feito isto, dá-se comêço ao aquecimento. Empregam-se primàriamente lareiras fechadas, onde as panelas podem ser penduradas, fechando-se depois as portas para conservar o calor. Isto elimina também em grande parte o desconfôrto desta operação. Em uns poucos casos a panela é assente em cimento, e um carro de ferro que contem o lume é passado por debaixo da mesma. As fábricas mais modernas usam o vapor, o que parece dar os resultados mais satisfatórios. Quando se começa o aquecimento, o conteúdo da panela deve subir ràpidamente à temperatura desejada, i.e. entre 52 e 60º Centígrados, sendo que em certos casos a temperatura mais alta é necessária para produzir uma coalhada suficientemente firme. Continua-se a agitar a mistura durante uma hora, com algumas interrupções no fim desta fase, isto é, na altura em que a coalhada se tornou tão firme que já não empasta. O têrmo da cozedura é determinado pela firmeza da coalhada, o que se verifica fazendo um pequenos bôlo entre as mãos sob pressão, para ver se êle abre fàcilmente quando a superfície é submetida ao calor. Uma vez que a coalhada adquiriu a devida firmeza, faz-se girar ràpidamente o conteúdo da panela, abrandando o movimento e deixando que pare a pouco e pouco à medida que vai perdendo mometum. Isto obriga a coalhada a se transformar numa pilha coniforme no centro da panela. A borda de um espesso pano de linho, semelhante à serrapilheira, é enrolada num pedaço de aro de ferro, e o pano é assim introduzido por debaixo da pilha da coalhada. Então a massa é levantada da parte líquida, usando-se para isso de uma corda e polé, e depositada num anel ou fôrma a qual assenta na mesa de escoamento. Estas fôrmas têm uma profundidade de 10 a 15 cm. e são de diâmetros muito variáveis. O pano é dobrado por cima do queijo e põe-se sôbre êste um grande prato móvel, e então deixa-se que a prensa caia sôbre o queijo. De comêço a prensagem é mantida o tempo suficiente para que a massa conserve seu feitio. Remove-se então o aro para baixo, e renova-se o pano. O queijo deve ficar na prensa durante 24 horas, e no decurso dêsse tempo deve virar-se umas seis vêzes ou mais, sendo também necessário renovar o pano.



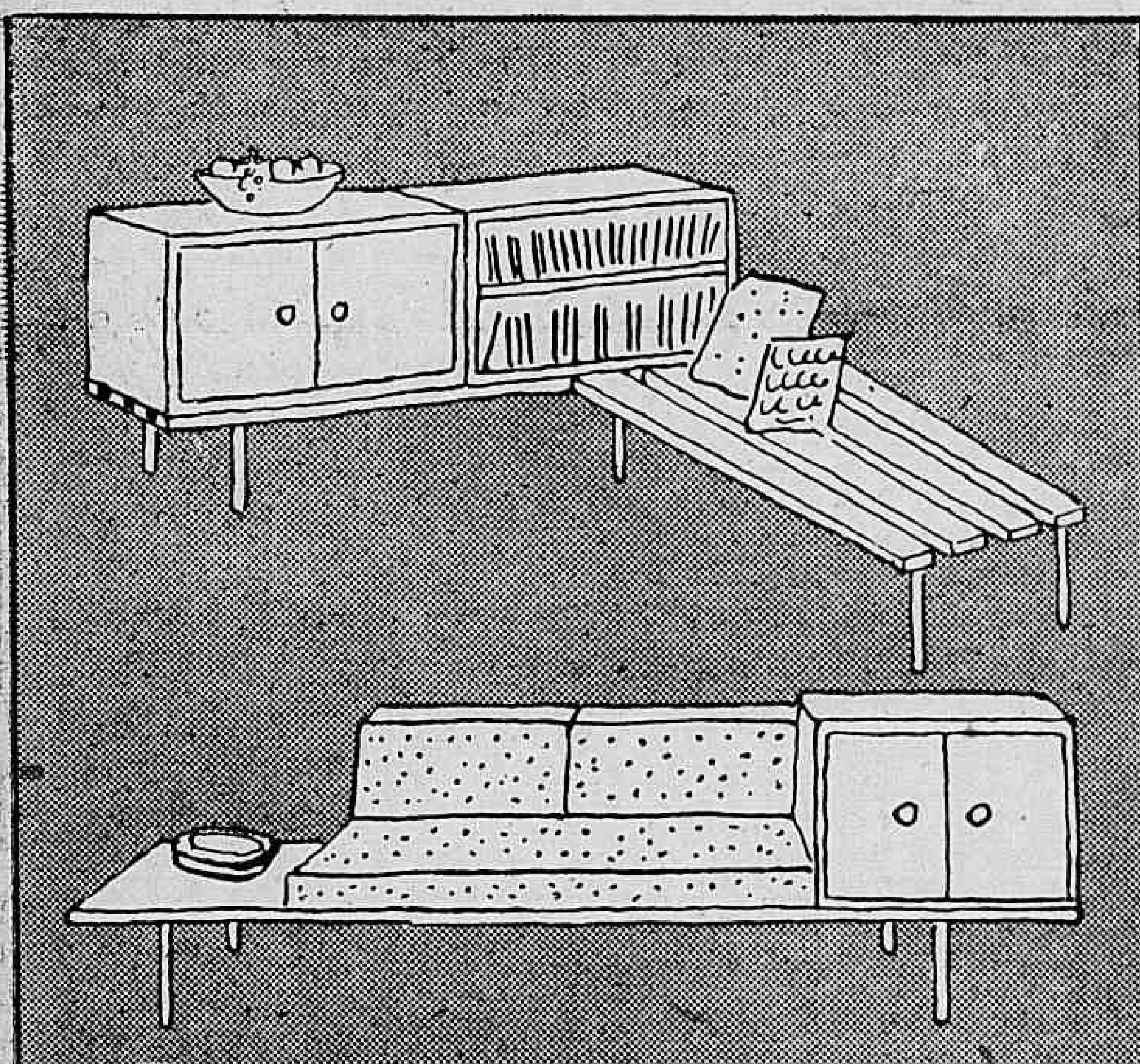
Carnation Ormsby Madcap Tayna, da raça Holstein, Friesian, verdadeira fábrica de leite. Produziu 19.025 litros em um ano, ou seja, uma média de mais de 52 litros por dia! Sua maior produção diária foi de 66,364 litros.

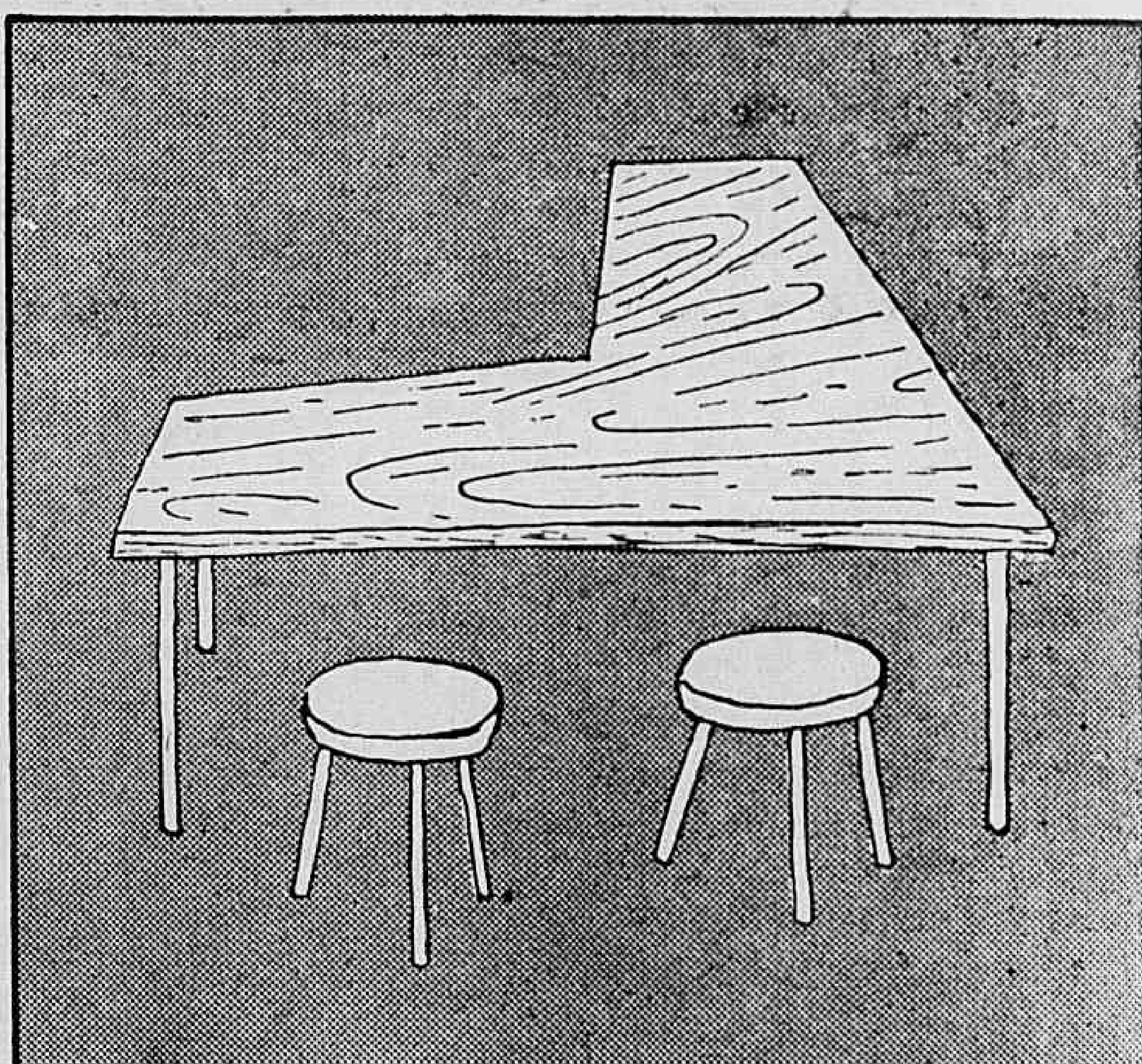
Finda a prensagem, a massa deve ser homogênea, e não ter buracos. Em seguida, leva-se o queijo à tábua de salgar. Aqui é revestido de uma camada de sal, e virado de vez em quando. Dentro de um ou dois dias é pôsto no tanque de salgadura.

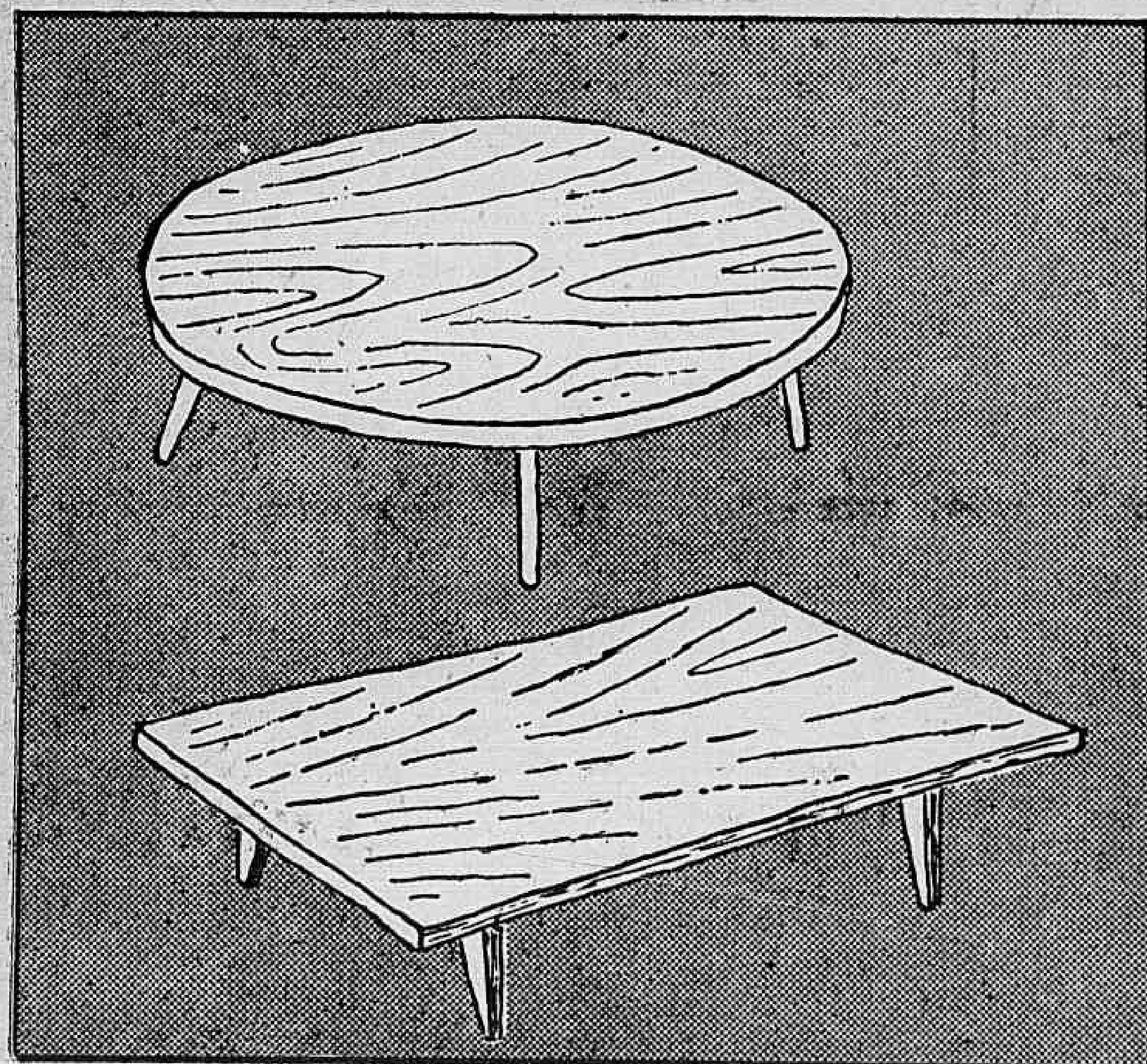
De aí o queijo é levado à cave de amadurecimento. Nas melhores fábricas há duas ou mais caves com temperaturas diversas, o que permite que os queijos sejam colocados nas temperaturas que, segundo o critério do fabricante, darão ao produto o melhor desenvolvimento. Se está desenvolvendo com demasiada rapidez, e se nota nêle um excesso de buracos grandes, é transferido para uma cave mais fresca; se se dá o contrário, é transferido para uma cave mais quente. As caves têm 13 e 18º C., e, em casos extremos, 21º C., podendo mesmo usar-se uma temperatura um pouco mais alta. Enquanto os queijos se encontram nas caves de amadurecimento, o que pode ser entre 3 e 10 meses ou mesmo mais, devem ser virados e lavados de dois em dois dias durante os primeiros dois ou três meses, e depois disso com menos freqüência. Ao mesmo tempo deve espalhar-se sôbre os queijos um pouco de sal grosso. Dentro de poucas horas êsse sal se derreteu, e a salmoura se espalha sôbre o queijo com auxílio de uma escova.

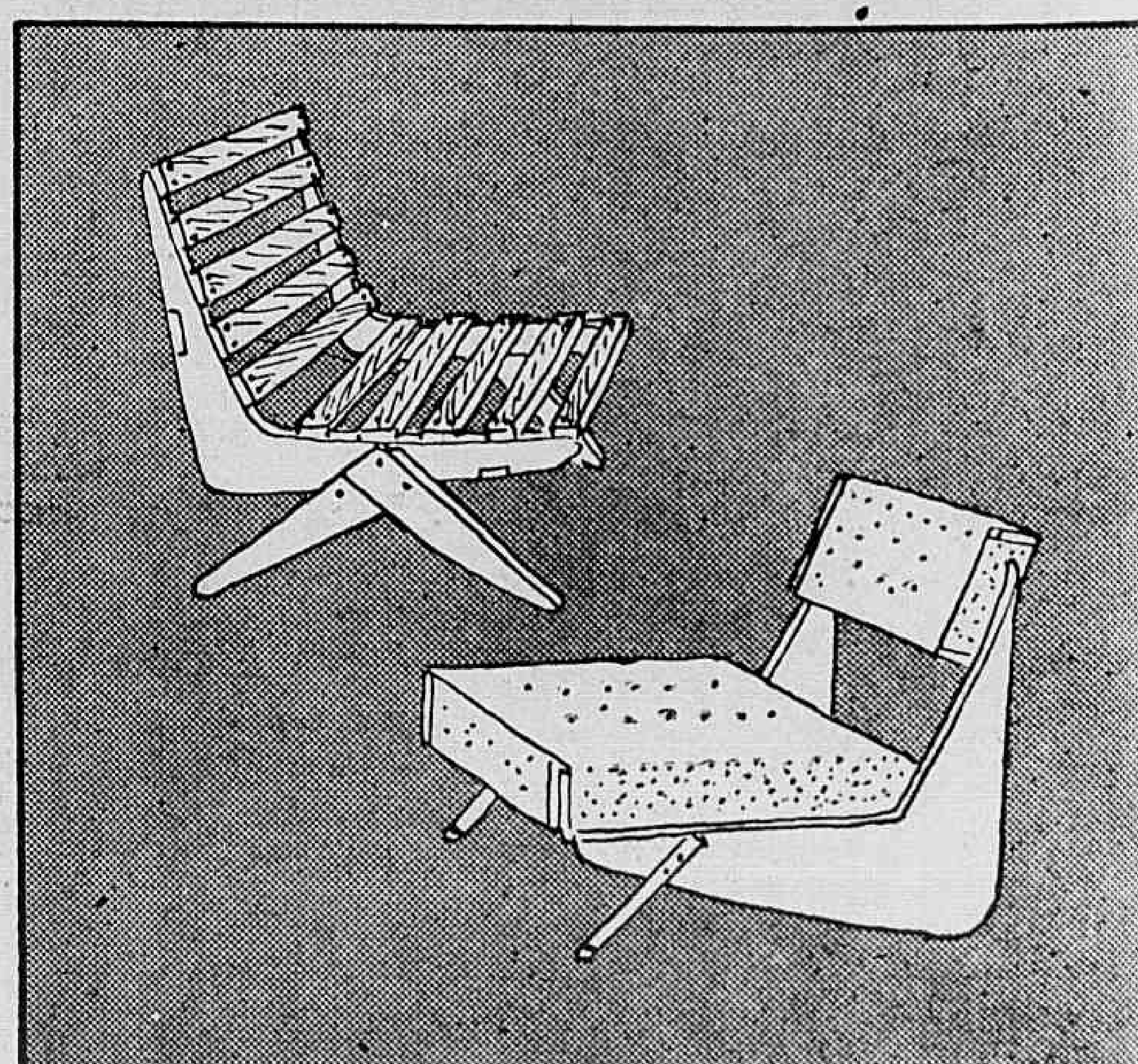


Tipo de mobiliário para casa de campo. Estantes embutidas, largas janelas envidraçadas, piso de tijolos quadrados. À esq., sala de viver; ao fundo, à dir., escritório; no primeiro plano, à dir. sala de refeições.

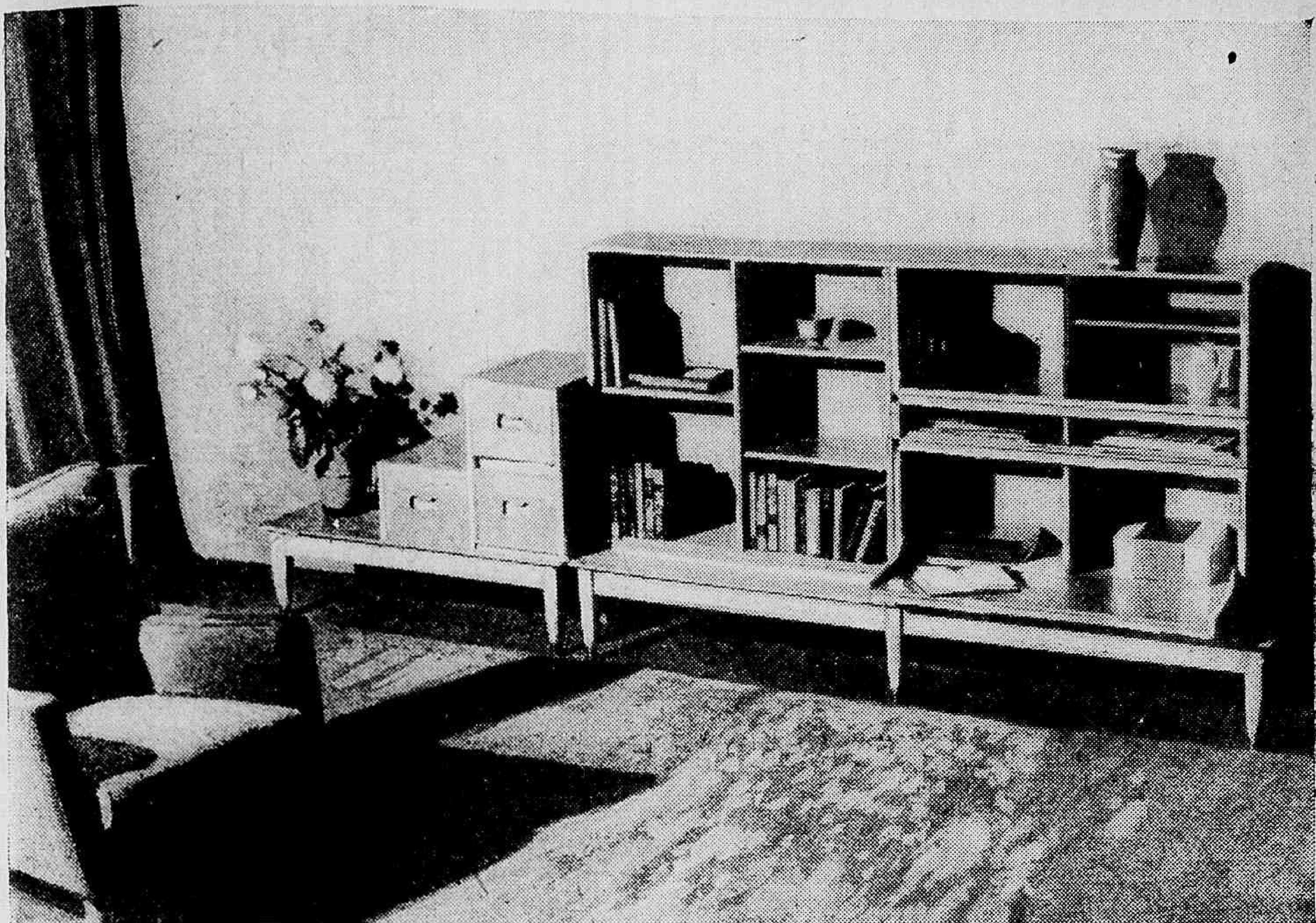






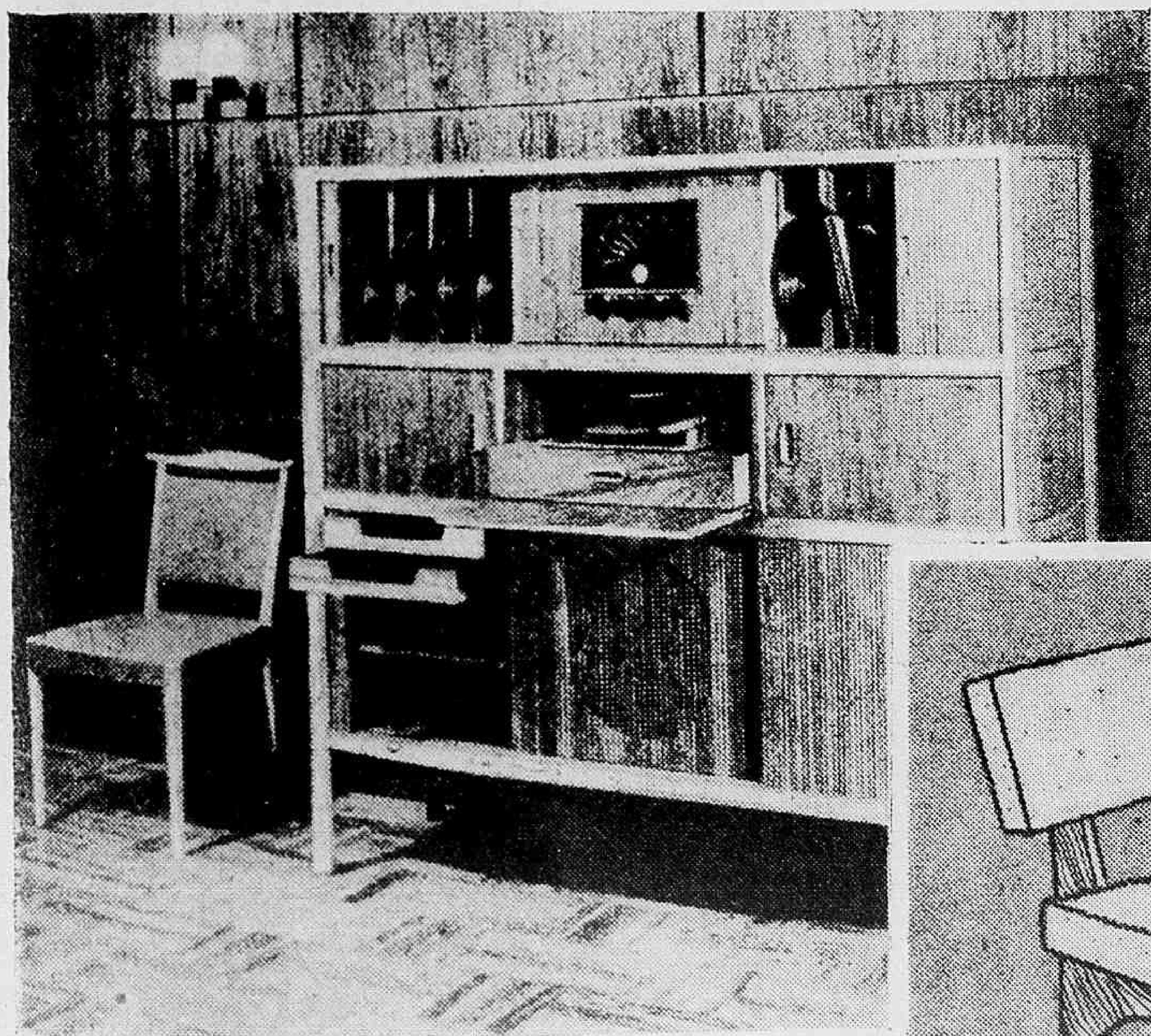


Os clichês acima apresentam modelos de móveis práticos, baratos e confortáveis. Vemos, de cima para baixo e da direita para a esquerda: dois tipos de sofá-estante, o segundo acolchoado com espuma de borracha; mesa de canto para sala de almôço ou cozinha; dois tipos de mesa para sala de almôço; dois tipos de cadeira de repouso, de madeira compensada e espuma de borracha.



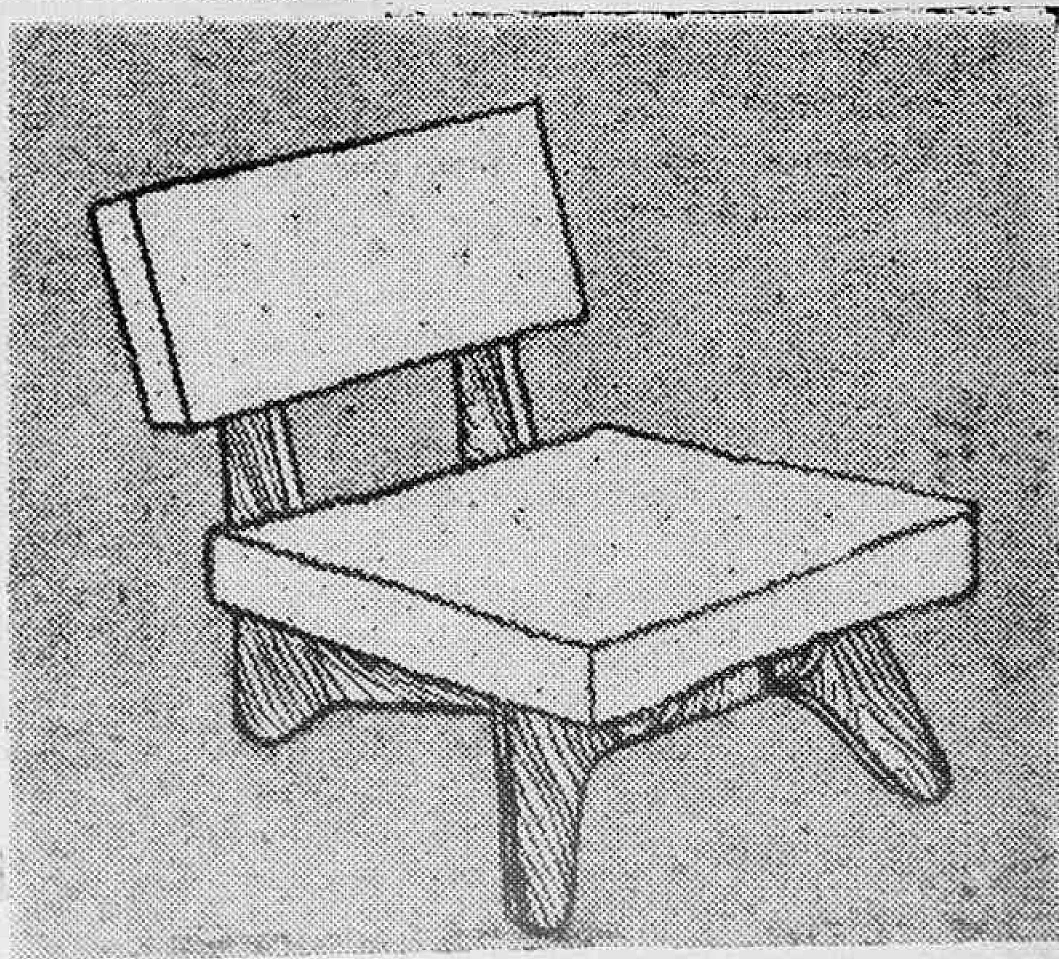
Muito útil, o móvel do cliché acima, com três metros de comprimento e 50 centímetros de profundidade, na base, e 25 centímetros na parte superior, é estante porta-rádio, floreira e possui ainda três gavetas.

Para o seu Lar...

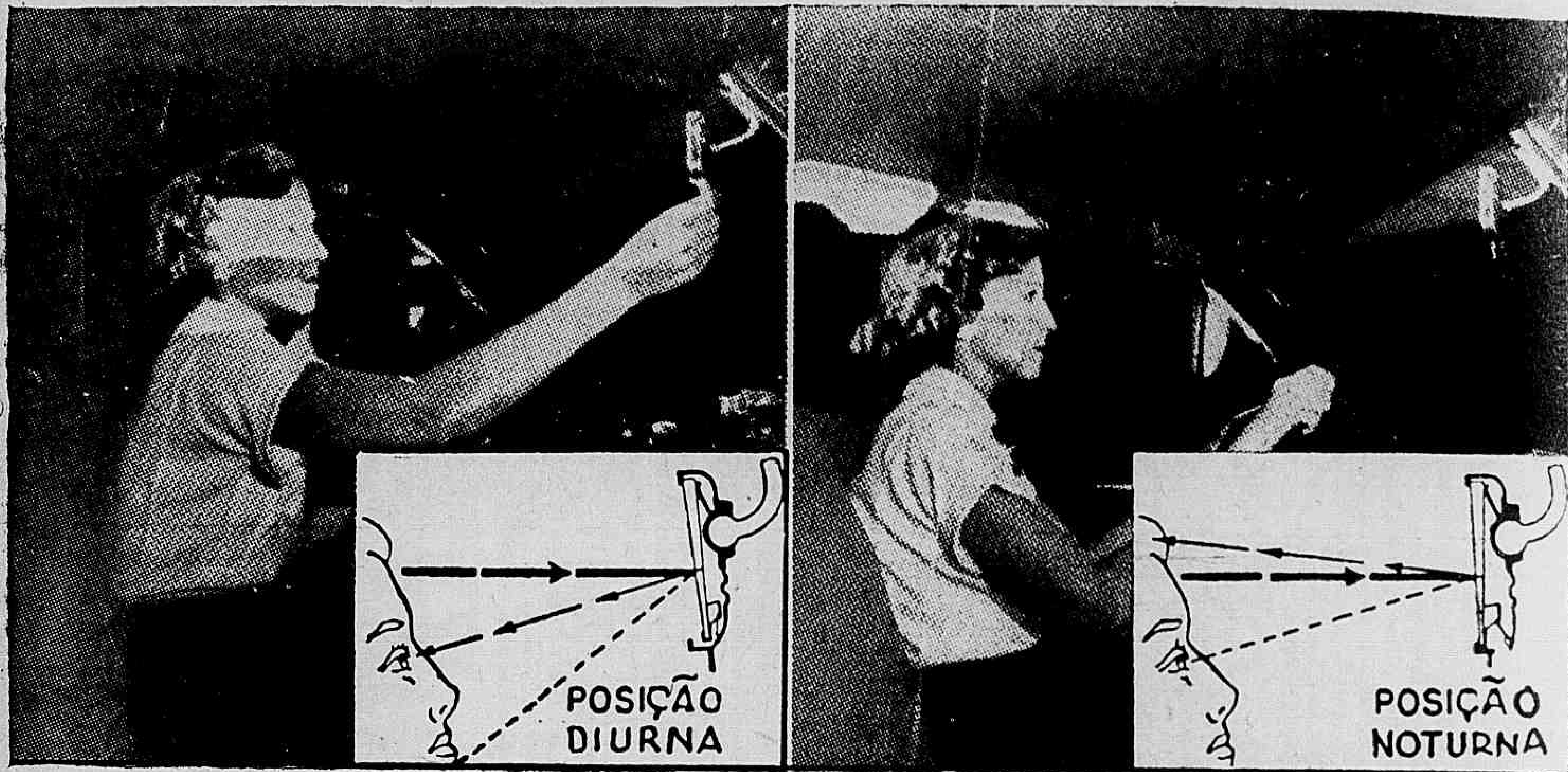


Bom modêlo para caixa de rádio-eletrola e televisão, com estantes para discos e dois nichos laterais, para bar.

Cadeira de descanso, de madeira compensada, tendo encôsto e assento de espuma de borracha.



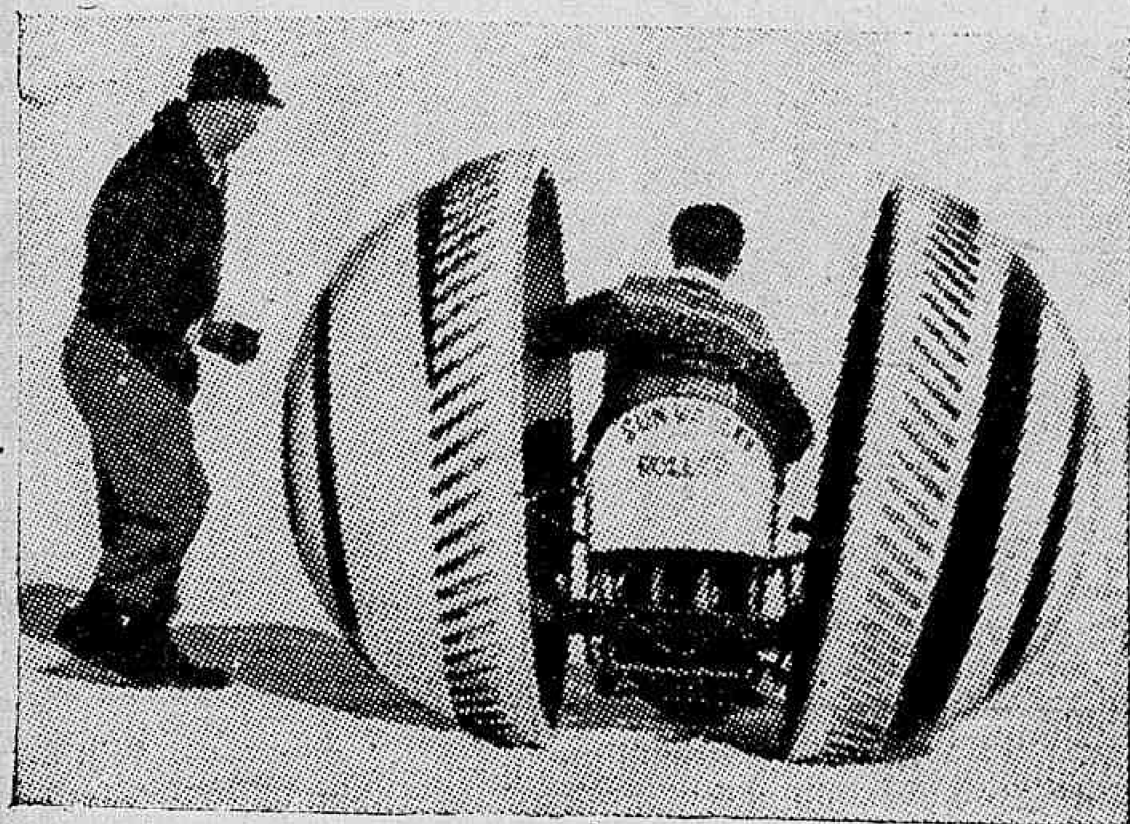
Para você que dirige automovel



Muito fácil usar o espelho retro-visor vantajosamente. E' preciso não esquecer que o mesmo deve ter uma posição para o dia e outra para a noite. Na primeira, naturalmente, com a cabeça em posição normal, o motorista terá total visão do que se passa em sua retaguarda. À noite, porém, para evitar o desagradável impacto da luz do farol do veículo que venha à sua retaguarda, perturbando-lhe a visão, será bastante modificar o ângulo do espelho, para que o impacto dos faróis atinja a fronte e não os olhos. Para ver a estrada à sua retaguarda, terá apenas que levantar ligeiramente a cabeça. Êsse é outro dos mil e um pequeninos detalhes que tornam mais agradável dirigir um automóvel.

★

PARA ROLAR NA NEVE, SEM PERIGO



Flanqueado por duas rodas semi-esféricas, o indivíduo pode conhecer as delícias de rolar pelas vertentes nevadas, sem risco de tombos, protegido por êsse veículo a que deram o nome de "snowball". O condutor senta entre as rodas semi-esféricas, sendo estabilizado por um contra-pêso. Poderá deixar folgar ou, ao contrário, travar as rodas à sua vontade. O veículo completo pesa 160 quilos. Segundo seu inventor êsse é um modêlo para civis, pois espera, brevemente, fabricar outro, para para uso militar.

DETECTOR DE MINAS PARA EXAME DE VACAS



O homem de uniforme branco, um veterinário, não está retirando nenhum bicho do couro da vaca ou curando qualquer arranhão de arame-farpado. Está simplesmente verificando se a boa leiteira — como é comum entre o gado — comeu algum pedaço de metal, que lhe causará sérios transtornos. Para isso usa um detector de minas, dos usados pelo Exército, na guerra. O mesmo exame é feito nas patas do gado, nos campos de criação da Inglaterra.

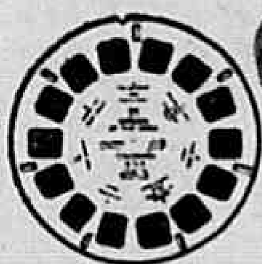
Uma loja em sua casa



VAI ATENDE-LO EM SUA PRÓPRIA CASA PELO REEMBOLSO POSTAL

TELE-VISEX

Para ver vistas em alto relevo





Maravilhoso aparelho que faz a gente "viajar" pelo mundo inteiro na NOSSA PROPRIA CASA com uma incrivel realidade Cr$ 280.00
Cada disco com sete vistas coloridas Cr$ 20,00

"BOX-ZEISS"

6 x 9
Fabricação Alemã



(O melhor do mundo)

Lente azul - treis diagramas - treis objetivas reguláveis para distancias - trava para evitar dupla exposição numa só chapa - Sincronismo interno para Flash - Instantaneo e pose e dispositivo para propulsor Cr$ 540,00

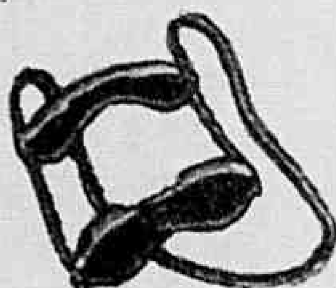
CONJUNTO ANSCO



Revele e copie seu filme na **HORA.**
Este moderno e simples aparelhamento lhes proporcionará essa satisfação Este conjunto contem: 1 copiadeiras eletrica - 1 lampada vermelha - 1 lanterna amarela e vermelha - 3 banheiras - 1 termometro - 1 pinça - 1 copo graduado - 1 lata com fixador - 2 pacotes com reveladores e 1 pacote c/ 25 folhas 6x9 já farpadas.
Conjunto completo **Cr$ 395,00**
Vendemos avulso papeis e drogas.

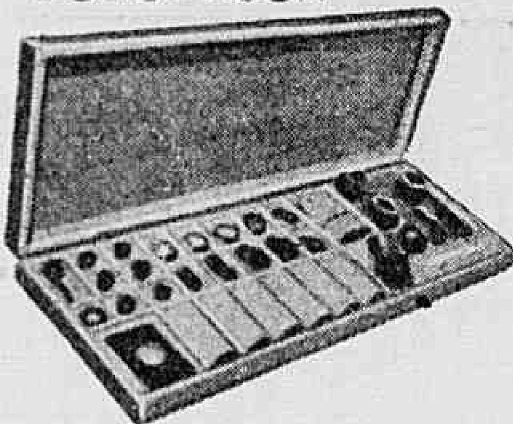
BINÓCULO-VISEX





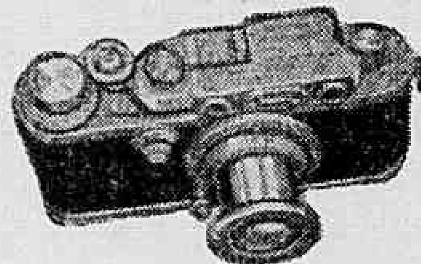
Bonita apresentação em preto brilhante Focalização central - Protetor e tiracolo patenteado - Extra luminoso (Lentes Azues) Grande alcance - Binoculo facil de levar e bom companheiro para Viajens, futebol e praia Cr$ 120,00

POLIOPTICON



Binoculos - Lunetas terrestres - Lunetas astronomicas - Microscopios - Periscopios - Lupas - Telelupas Todos esses instrumentos podem ser montados com a coleção de partes oticas que compoem POLIOPTICON
Perfeito funcionamento otico Cr$ 900,00

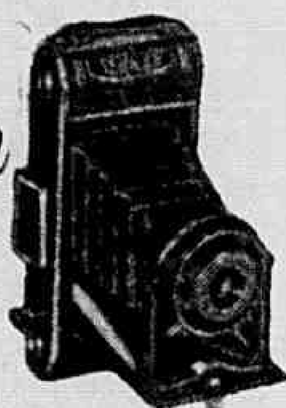
"LEICA" (Japoneza)



LEOTAX a leica fabricada no Japão é perfeitamente identica á de fabricação Alemã.
1:3,5 - Telemetro Sincronizado - Veloc. de um segundo até 1/500 e estojo de prontidão
Cr$ 3.800,00

Tennar

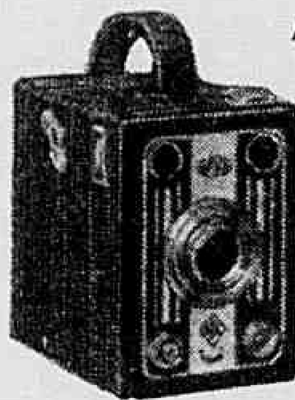
6 x 9 – 1:6,3



Veloc. 1/25 - 1/50 - 1/100 - 1/125 - T. B.
Diafragma de palhetas
Regulador de Distancias
Disparador na Tampa
Vizor Esportivo
Fole de Couro Cr$ 580,00

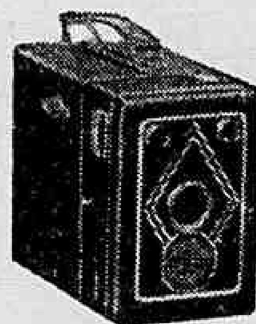
BLITZ-BOX

6 x 9 ALEMÃ



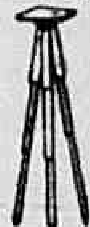
Inteiramente capeada - 2 visores brilhantes - sincronismo para flash
Finamente acabada Cr$ 240,00

BOX-FOTO LÉO 6x9



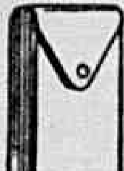
Construção solida - 2 visores - Filtro amarelo conjugado - Instantâneo e pose - 2 diafragmas. Facil manejo Maquina fotografica ideal para principiantes Cr 115,00

TRIPÉS



BOLSA-BOX BOLSA-FOLE







Cr$ 200,oo Cr$ 50,oo Cr$ 75,oo Cr$ 13,5o
Cr$ 250,oo Cr$ 70,oo Cr$ 90,oo
Cr$ 380,oo Cr$ 170,oo

DEHEL

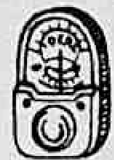
6 x 9 1:3,5
Lente Azul



Veloc 1/segundo até 1/200 - Sincronismo para Flash - Frisos cromados - Fole de Couro - Automático - Disparador na tampa Tabela Profundidade de foco inbutida Cr$ 1.550,00

CORTADEIRA FARPADA TELEMETRO PROPULSORES FOTOMETRO









Cr$ 170,oo Cr$ 220,oo Cr$ 15,oo Cr$ 150,oo
Cr$ 18,oo
Cr$ 25,oo

FOTO LÉO
AV. S. JOÃO, 25

Vendemos pelo Reembolso qualquer Artigo Fotografico.

CAIXA POSTAL
8760

Mil pessoas compram diariamente na Foto Léo, deve haver uma razão para essa preferência.

SÃO PAULO

ÊSSES COLECIONADORES...

MUITA gente tem a mania de colecionar... isto ou aquilo. Há o caso de uma senhora que tinha um "zoo" no porão da sua casa... como outras pessoas colecionam selos, moedas, discos fonográficos, primeiras edições de jornais e revistas, etc. Com tantos diferentes gostos acontece, às vêzes, haver perturbação da ordem...

Senão vejamos...



★

UMA SENHORA de Kansas Cityf oi procurada pela polícia em razão de queixa dos seus vizinhos, que reclamavam os ruídos incômodos e mau cheiro ainda mais incômodo. Ela, porém, ficou zangadíssima com a queixa e declarou que os vizinhos podiam se mudar, se quisessem, pois era a dona da casa e vivia como bem entendia. Depois, orgulhosamente, exibiu aos policiais... duas corujas, uma cabra, quatro ponnies de Shetland, um cão policial, uma dezena de gatos, um macaco e... um leão!

Ela gostava de colecionar animais... Que mal havia nisso?

★

RECENTEMENTE, grande multidão se juntou em La Guardia Field, que é um dos maiores campos de aviação em todo o mundo, situado que está em Nova York a ciclópica cidade em que tudo é "big". Os funcionários do departamento de "Achados e Perdidos" dêsse aeroporto foram chamados às pressas e quase desmaiaram. Tudo porque ali tinham sido "esquecidos": "um urso polar, enjaulado, três engraçadíssimos macacos da Polinésia, quatorze caixas contendo pacotes de fósforos de 111 diferentes procedências e 88 cabides para paletó, também de diferentes formatos. Tudo, segundo se soube, mais tarde, pertencia a um "colecionador"...

★

SE O LEITOR fica escandalizado com certos hábitos femininos, deve ficar ainda mais, lendo a história que nos vem de Minneapolis, nos Estados Unidos da América do Norte.

Uma senhora dessa cidade, tendo perdido a sua bôlsa, procurou o Departamento de Achados e Perdidos e ali, a fim de obter o objeto perdido, respondeu com ar autoritário e conclusivo à pergunta talvez indiscreta mas necessária, que lhe foi feita pelo funcionário:

"Que levava a senhora em sua bôlsa?"

Além das coisas normais e que são encontradas numa bôlsa de senhora, tais como pente, baton para os lábios, caixinha de pó-de-arroz, lencinho, caderno de apontamentos, dinheiro, etc., afirmou que em sua bôlsa havia também: um "flashlight", uma bandeira norte-americana, dois garfos, uma miniatura do retrato do seu tio Sampson, uma maçaneta de porta, uma faca de sapateiro, um saleiro (cheio), uma raspadeira, dois alicates, nove cartas de um primo, quatro tampinhas de garrafa, um tinteiro de segurança, uma lata de sardinha (cheia), um quarto de litro de whisky (quase vazio)... e uma dentadura (sobressalente).

★

MIUDEZAS — Há os que têm a mania de colecionar diferentes espécies de objetos. Porém um cavalheiro de Dallas, Estado do Texas, — ladrão por certo — bateu todos os recordes.. Quando prêso, tinha em seu poder, sob as roupas, duas roupas de banho, sete pares de meias, oito pares de abotoaduras, dois pares de calças e, por cima de tudo isso, dois "macacões". Em suas diferentes algibeiras a polícia encontrou: nove flutuadores de borracha e quatro de cortiça, oito carretéis, 12 linhas nylon, 51 canivetes, tudo próprio para pescaria, além de 51 lapiseiras, cinco canetas-tinteiro, três facões, 10 baralhos, 72 dados, duas tesouras, quatro cigarreiras e 90 acendedores para cigarro. Uma loja ambulante!

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM MARÇO DE 1952

1, SÁBADO — As conversações de trégua em Pan Mun Jom entram em um novo período de crise, quando os negociadores comunistas regeitaram em caráter, ao que parece, definitivo, a proposta aliada no sentido de que os vermelho retirem a nomeação da Rússia como um dos membros da Comissão neutra que se encarregaria de inspecionar as posições das partes, depois que se houvesse subscrito o armistício.

— Ao terminarem suas conferências com o Sr. Paul Reynaud, os dirigentes do partido degaullista Concentração do Povo Francês declaram que sòmente estão de acôrdo com os propósitos de Reynaud de salvar a França de sua crise ministerial e da grave situação financeira em que se encontra mediante a formação de um «govêrno de união nacional».

— A Casa Branca anuncia que o Presidente Truman falará à nação sôbre o Programa de Segurança Mútua na próxima quinta-feira, à noite.

— As potências ocidentais são advertidas pela China nacionalista no sentido de que houve um acôrdo secreto entre a China comunista e a Rússia para a criação imediata de uma esquadra do Pacífico para os comunistas chineses.

— As bandeiras da Grécia e da Turquia são hasteadas no Q. G. Supremo do Gal. Eisenhower, ao lado dos pendões dos 12 outros membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

— As negociações anglo-egípcios são adiadas por tempo indeterminado à última hora em virtude de ter sido acometido de uma enfermidade o Embaixador britânico.

2, DOMINGO — Círculos aliados mostram-se temerosos quanto às conseqüências da crise política francesa, para o êxito do plano de «Unidade e defesa da Europa». — Chega à Turquia o General Eisenhower. — Declara-se que os Estados Unidos pensam em retirar suas representações diplomáticas dos países da órbita soviética. — O Sr. Pinay declara que nas consultas procurara deixar de lado as questões políticas preocupando-se sòmente com os problemas da nação. — Noticia-se que foi descoberto um movimento subversivo contra o govêrno equatoriano, tendo sido presos vários implicados no «complot». — Anuncia-se que os círculos egípcios se encontram preocupados com as manobras aéreas realizadas pela RAF, logo após a demissão do Gabinete Militar.

3, SEGUNDA-FEIRA — Noticia-se o falecimento do Embaixador do Brasil na Bélgica, Sr. Renato de Lacerda Lago. — O Embaixador Pimentel Brandão faz declarações à imprensa portuguêsa. — Com o fracasso do Sr. Paul Reynaud e com a não aceitação pelo sr. René Pleven, o Presidente Auriol entrega ao líder independente, Antoine Pinay a missão de organizar o novo Gabinete. — O primeiro Ministro Neguib el Halali faz declarações logo após anunciar a formação do novo govêrno. — Perecem 36 pessoas na queda de um avião francês da linha Paris-Nice. — Seguiu para a Suíça o Rei Baudoin, da Bélgica. — Encontra-se enfêrmo o Chanceler Eden. — Pelo Sr. Presidente da República foi sancionada Lei estabelecendo obrigatoriedade da representação de peças de autores nacionais.

4, TÊRÇA-FEIRA — O Presidente Truman inaugura um serviço de propaganda norte-americano instalado a bordo de um navio guarda-costas, e destinado a transmitir irradiação para os países sob domínio soviético. — Noticia-se que se encontravam gravemente enfermos os Cardiais Ascalesi,, Arce-

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

bispo de Milão e Di Carnegliano, Arcebispo de Bolonha. — Declara-se que deverá aumentar a inversão de capitais norte-americanos na América Latina, como efeito das garantias contidas na lei de segurança mútua. — O govêrno argentino autoriza a emissão de bônus no valor de cinco bilhões de pesos. — Em Mar del Plata ocorre um choque entre comunistas e policiais argentinos. — O govêrno argentino assina um ato regulamentando o ingresso de imigrantes. — Anuncia-se que diversas cidades japonêsas foram sacudidas por violento tremor de terra que ocasionou mais de cem mortes. — Entrega credenciais ao Sr. Presidente da República, o novo Embaixador da Inglaterra no Brasil.

5, QUARTA-FEIRA — A questão do armistício cai em ponto morto. — O Contra-Almirante E. C. Libby, representante da ONU na sub-comissão de Prisioneiros de Guerra, apresenta nova lista de 174 soldados aliados em poder dos comunistas. — Um porta-voz da Marinha Americana anuncia que tinham sido enviadas instruções ao comandante da frota do Mar das Caraibas, para que fôsse realizado um inquérito a propósito dos rumores vindos da República Dominicana, anunciando a presença de submarinos de nacionalidade desconhecida ao largo das costas do país. — O Secretário de Estado americano Dean Acheson declara que a crise do govêrno francês não indicava alteração alguma na política externa da França. — O Secretário Auxiliar de Estado norte-americano, George W. Perkins, disse que a questão do fechamento das embaixadas norte-americanas por trás da cortina de ferro comunista está sendo discutida na reunião de diplomatas norte-americanos em Paris. — A moção de censura trabalhista sôbre a defesa é rejeitada na Câmara dos Comuns por 314 votos contra 219, e por 313 votos contra 55, foi aprovado o «Livro Branco» sôbre o mesmo problema, apresentado pelo govêrno.

6, QUINTA-FEIRA — O Presidente Truman pede ao Congresso fundos no montante de 84 milhões de dólares, para ajuda militar, econômica e técnica, à América Latina, em apoio da política de Boa Vizinhança. O pedido inclui 30 milhões para ajuda militar direta e 22 milhões para ajuda econômica e técnica. O programa é parte de outro de caráter universal, de 7,9 bilhões de dólares, para segurança mútua, submetido ao Congresso para o ano fiscal a se abrir a 1 de julho. — A Assembléia Nacional Francesa aprova a designação de Antoine Pinay para o cargo de Primeiro Ministro, incumbido de

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

Sucessora de L.B. de Almeida & Cia.
DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca «Progresso» — Prensas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE
Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U — e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:

MESA TRONCO 52-2104
SECÇÃO DE VENDAS 52-2102
SECÇÃO DE VENDAS 22-0409
EXPEDIÇÃO 22-1584
SECÇÃO TÉCNICA 52-2103
CONTABILIDADE 22-1342
GERÊNCIA 22-2549

RUA DOS ARCOS, 28-42
RIO DE JANEIRO

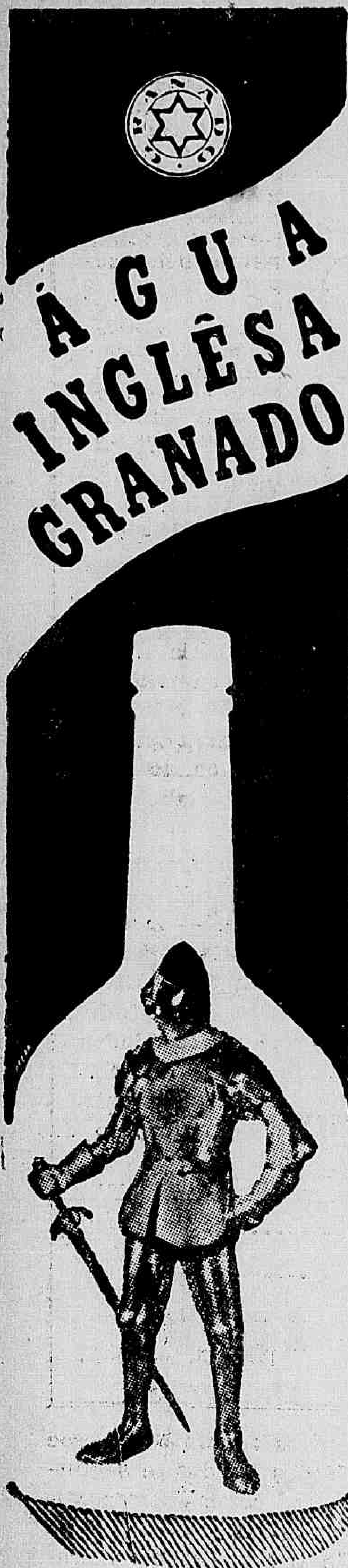
formar gabinete, em conseqüência de 28 partidários do General De Gaulle se terem recusado a acatar a decisão do partido, de se absterem, tendo votado a favor de Pinay. O resultado oficial da votação é o seguinte: 324 a favor de Pinay e 206 contra. Noutros termos, Pinay obteve 11 votos a mais que a maioria absoluta — 313 votos — de que carecia: — Os comandantes de infantaria da ONU estão observando atentamente os sinais de possíveis novas ofensivas comunistas na Coréia, enquanto a artilharia vermelha zurze as posições avançadas aliadas na frente Oriental. No setor da «Colina do Desalento» os vermelhos lançam mais de 2.000 projéteis de artilharia e morteiros, inclusive para espalhar boletins convidando os soldados aliados à rendição. Contribui para a possibilidade de ofensiva vermelha o fato de estar para começar o degêlo, criando condições virtualmente idênticas às que reinavam na frente há um ano, quando os vermelhos montaram sua ofensiva de um milhão de homens, que forçou caminho para o sul, em abril e maio.

7, SEXTA-FEIRA — O Presidente Truman, em relatório sôbre o programa de Segurança Mútua, diz ao Congresso que a América Latina é «parte integrante e vital do mundo livre», mas que sua capacidade para reforçar a defesa comum é prejudicada pela fraqueza econômica. O relatório, que passa em revista as atividades da Agência de Segurança Mútua (ASM) discute os objetivos e atividades do programa de ajuda ao estrangeiro dos Estados Unidos, durante o período de seis meses, terminado a 31 de dezembro último. Os comentários da ASM sôbre a América Latina giram em tôrno da difícil situação econômica da maioria dos países do Hemisfério Ocidental. — O General Eisenhower, de regresso a Paris, após sua visita à Turquia e à Grécia, então recentemente admitidas na Organização do Atlântico Norte, declara que não desejava colocar tropas gregas sob o comando do Tenente-General Italiano Maurizio Lazzaro de Castiglione, que havia sido nomeado Comandante das Fôrças de Terra do Sul, do Pacto do Atlântico, antes da admissão daqueles dois países na organização. — O Presidente do Conselho, Antoine Pinay, declara que renunciará à tarefa de formar o Gabinete se não conseguir o apoio de todos os partidos cujos legisladores votaram a seu favor na Assembléia Nacional. Sua aprovação por parte da Assembléia como Presidente do Conselho de Ministros constituiu o primeiro revés político sofrido pelo dirigente direitista General Charles De Gaulle, desde o fim da guerra. Pinay, desgostoso com as versões de que alguns dos grupos que votaram a seu favor talvez lhe neguem seu apoio, anuncia que, se tal ocorrer, renunciará à presidência do Conselho. — Às 4,25 da tarde chega à base aeronaval de Boca Chica em Kay West, o Presidente Truman, que passará ali três semanas de descanso, embora sem deixar de se ocupar dos assuntos de Estado. Foi recebido no aeroporto pela alta oficialidade da base, e por funcionários municipais.

8, SÁBADO — A acusação aliada de que os comunistas enviaram para a Mandchúria pelo menos mil prisioneiros de guerra vem entorpecer as negociações de trégua em Pan Mun Jom. — O ministro do Exterior e Primeiro Ministro da China comunista, Chou En-Lai, anuncia que os aviadores da fôrça aérea norte-americana que usaram «armas bacteriológicas» contra a China serão tratados como criminosos de guerra, se capturados. — O conservador moderado Antoine Pinay anuncia a formação de novo govêrno de coalizão para resolver as dificuldades financeiras da França. — O Papa Pio XII renova seu apêlo aos católicos, para que levantem uma «frente de granito contra a corrupção, que está invadindo a vida econômica e social».

9, DOMINGO — Anuncia-se que a Comissão de Desarmamento das Nações Unidas reunir-se-á pela primeira vez na próxima sexta-feira. — O General De Gaulle fêz declarações focalizando aspectos da política interna e externa da França. — Divulga-se que dois batalhões de comunistas do Vietmin foram cercados pelos franceses nas proximidades de Hanoi. — Irrompe em Cuba um movimento chefiado plo ex-Presidente Fulgêncio Batista, contra o govêrno Pio Socarras. Contando com o apoio das

Há quasi
UM SÉCULO
Milhares de homens
em todo o Brasil
preferem êste
calçado
SOUTO
AGORA
elegantes
modêlos
em sola
fina
Calçado
SOUTO
Confôrto
máximo
Garantia
absoluta



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

fôrças armadas, o movimento, que encontrou reduzida reação, sagra-se vitorioso, tendo sido formado imediatamente novo govêrno.

10, SEGUNDA-FEIRA — E' divulgado que será apresentado hoje, à Câmara dos Comuns, o novo orçamento, o qual contém diversas propostas restritivas, a fim de ser enfrentada a crise econômica. — Os Estados Unidos e a França, em represália às medidas tomadas pela Rússia, restringem a movimentação dos diplomatas soviéticos em suas cidades. — Noticia-se que apresentar-se-á hoje, à Assembléia Nacional, o Gabinete formado pelo Sr. Pinay. — O Sr. Presidente da República assina decreto promovendo a Almirante de Esquadra o Vice-Almirante Dr. Antônio Aires de Mendonça.

11, TÊRÇA-FEIRA — A Rússia, em nota enviada às potências ocidentais, propõe o início imediato das negociações para a elaboração do tratado de paz com a Alemanha, alegando que com a sua conclusão lucraria a situação internacional. Os círculos aliados receberam com reservas a proposta soviética. — Foram impostas restrições ao movimento de diplomatas r u s s o s na Grécia e na Bélgica. — O Gabinete Pinay vence sua primeira batalha na Assembléia Nacional Francesa, quando vê aprovada a proposta de adiamento das interpelações sôbre a composição do novo Govêrno. Ocorre um incidente provocado pelo líder degaullista, Sr. Jacques Sousbille. — Fracassa um atentado contra o brigadeiro inglês, Heber Percy, na estrada de Ismália para Port Said. — Noticia-se que foi derrotada uma iniciativa do líder trabalhista Attlee contra a atitude assumida pelo Sr. Bevan e seus partidários. — O Chanceler do Erário, apresentando o novo Orçamento à Câmara dos Comuns, faz uma exposição acêrca da situação econômica do país e das medidas de emergência destinadas a enfrentá-la. — Falece a diplomata soviética, Sra. Alexandra Kolantay. — Falece o ator francês Sr. Pierre Renoir. — Realiza-se a eleição do Presidente da Mesa da Câmara dos Deputados, tendo sido eleito o Sr. Nereu Ramos. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando subchefe do Estado Maior da Aeronáutica o Sr. Brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo. — Segue para Lisboa o Sr. Embaixador Samuel de Souza Leão Gracie, chefe da representação diplomática do Brasil em Portugal.

12, QUARTA-FEIRA — O Ministro do Exterior da Grã Bretanha, Anthony Eden, convoca um grupo de técnicos em política internacional para examinar as últimas propostas do Kremlin para a pronta paz com a Alemanha, tendo porta-vozes do govêrno declarado que começarão breve as consultas com os Estados Unidos, França e o Chanceler Adenauer para determinar a política comum a observar-se. — Pouco antes de se recolher à Embaixada do México, o Presidente deposto, Prio Socarras redige um «Manifesto ao Povo Cubano», denunciando o golpe desferido pelo General Fulgêncio Batista como «a mais iníqua traição ao país». — O «premier» iugoslavo Marechal Tito, cujo país é objetivo de grande prioridade na guerra de nervos do Kremlin, diz que o rearmamento ocidental está afastando a ameaça de uma nova guerra mundial. — O Secretário de Estado, Dean Acheson, anuncia que foram completados os planos para negociações normais com a Espanha sôbre a utilização pelos Estados Unidos, de bases aéreas e navais naquele país. — Os Estados Unidos submetem à Rússia uma proposição de 5 pontos, destinada a terminar o estancamento sôbre o contrôle internacional de armas atômicas, e abrindo caminho para uma futura revisão do Plano Baruch. — Hugh Gattskeel, ex-Chanceler do Erário trabalhista, declara que, o novo orçamento da Grã Bretanha estimularia a inflação e ameaçaria sèriamente a produção. — O Sr. Presidente da República as-

Alívio rápido para

HEMORROIDES

Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides

Pomada ManZan

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

sina decreto criando o Consulado Honorário do Brasil em Palma de Mallorca.

13, QUINTA-FEIRA — Noticia-se que se encontra em estudos a resposta das potências ocidentais à proposta soviética sôbre o Tratado de Paz com a Alemanha. — E' anunciada para hoje a primeira reunião da Comissão de Desarmamento da ONU. — A Polônia apresenta exigências para dar seu apoio à revisão do Tratado de Paz com a Itália. — Parte para o México, onde ficará exilado, o ex-Presidente vêrno que acaba de ser assumido num golpe de vêrno que acaba de ser assumido num golde de fôrça pelo General Fulgêncio Batista, rumam para outros países. — Chega a Caracas o ex-Rei Leopoldo, da Bélgica. — Declaram-se em greve os trabalhadores do pôrto de Montevidéu. — Chocam-se em pleno vôo dois bombardeiros da Fôrça Aérea Americana, ocasionando a morte dos 15 tripulantes de ambos os aparelhos. — Falece o Cardeal Rocca di Cornegliano, Arcebispo de Bolonha. — Apêlo à Côrte Internacional de Justiça, da sentença a que foi condenado pelos tribunais franceses, o antigo embaixador de Hitler em Paris, Otto Abetz. — Falece o ex-Primeiro Ministro da Noruega Johan Nyzaarrdsvold. — Declara-se no Departamento de Estado que o Sr. Dean Acheson manifestou desejos de visitar o Brasil, talvez em futuro próximo. — Noticia-se que foi realizada nova e improdutiva reunião sôbre a troca de prisioneiros — A Cruz Vermelha Internacional aceita o pedido dos Estados Unidos para apurar a denúncia de que armas bacteriológicas estão sendo utilizadas na Coréia. — Assinados decretos, na pasta da Guerra, nomeando o Sr. Coronel Júlio Teles de Menezes adido militar à Embaixada do Brasil em Montevidéu, e os Generais Waldemar Brito de Aquino e Juarez Távora, resepctivamente, diretores de Fabricação e de Engenharia do Exército.

14, SEXTA-FEIRA — Os Estados Unidos propõem à ONU um plano de desarmamento a ser iniciado com um censo mundial de desarmamentos e um sistema rigoroso de verificação dos informes dados por tôdas as nações. — O Departamento de Estado anuncia que, em mensagem enviada à direção da Cruz Vermelha Internacional, em Genebra, o Secretário de Estado, Sr. Dean Acheson, indicou que os Estados Unidos aceitam o inquérito que se propõe efetuar aquela organização, na Coréia, a fim de estudar as acusações feitas pelos comunistas nesse país, contra as fôrças das Nações Unidas, e segundo a qual estas últimas utilizam a arma bacteriológica. — No transcurso de entrevista concedida à imprensa, o Sr. Trygvie Lie, Secretário Geral da ONU declara que fôra levado a indagar se os norte-coreanos e os seus aliados chineses desejariam um armistício com as Nações Unidas e que a reviravolta verificada há algumas semanas nas negociações de Pan Mun Jom eram de natureza a reforçar as suas dúvidas. — O Primeiro Ministro da Alemanha Oriental, Otto Grotewohl, declara estar disposto a iniciar negociações sôbre a unidade com



O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

À venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R.25

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

a Alemanha Ocidental em qualquer ocasião, insistindo porém que a unidade era um pre-requisito para o tratado de paz que não modificasse a fronteira Oder-Neisse. — Sabe-se que existe um plano pelo qual a maioria do Congresso escolherá um Presidente Provisório de Cuba, para servir como titular sob as ordens do General Batista, até que se realizem novas eleições. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Adido Aeronáutico às Embaixadas do Brasil na Inglaterra, França e Espanha, o Sr. Brigadeiro Henrique Raimundo Dyott Fontenele. — Assinado decreto pelo Sr. Presidente da República designando os engenheiros Irmack Carvalho do Amaral e Álvaro Barcelos Fagundes delegados do Brasil à Conferência Internacional de Matérias-Primas. — Despacham com o Sr. Presidente da Reúpblica, no Palácio Rio Negro, os Srs. Ministro da Viação e da Aeronáutica. — O Sr. Prefeito João Carlos Vital assina o ato que permite o aumento das passagens de bondes, majoradas em dez centavos, medida esta proveniente da necessidade do acréscimo de salários de motorneiros, condutores, fiscais, chaveiros e demais funcionários das emprêsas de carris urbanos.

15, SÁBADO — A morte, a tiros, de 12 prisioneiros de guerra comunistas durante um «motim» no acampamento da Ilha de Koje, fornece aos delegados vermelhos às negociações de trégua na Coréia um novo tema de propaganda, quando parecia possível adiantar-se algo para a assinatura do armistício. — O delegado dos Estados Unidos ante a ONU, Sr. Benjamin Cohens, declara que seu país pensa solicitar à Organização Internacional que investigue as falsas acusações soviéticas de que fôrças norte-americanas realizam guerra bacteriológica na China e na Coréia. — Anuncia-se que as negociações entre os EE. UU. e a Espanha, para estabelecimento de bases nesse país, começarão em Madrid dentro de uma semana. Conversações preliminares haviam sido realizadas pelo falecido Almirante Forrest Sherman, chefe das operações navais, cuja morte interrompeu os entendimentos. — Agentes do serviço secreto mexicano revelam que conseguiram evitar um «aparente atentado» para assassinar o Presidente deposto de Cuba, Carlos Prio Socarras. — E' assinado, no Palácio Itamarati, o Acôrdo de Assistência Militar entre o Brasil e os Estados Unidos. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Ministro do Superior Tribunal Militar o Dr. Otávio Murgel de Rezende.

13, DOMINGO — Ac potências ocidentais continuam em consulta para a elaboração da resposta à proposta soviética sôbre a Alemanha. A respeito dêsse assunto fazem declarações o Chanceler Anthony Eden e o Sr. Mac Cloy, Alto Comissário norte-americano na Alemanha. — A Organização Mundial de Saúde anuncia haver um surto de febre amarela selvática em S. Paulo — Noticia-se que o ex-Rei Leopoldo da Bélgica se encontra na localidade de Maracay, na Venezuela. — E' anunciado que uma expedição francesa alcançou o Pico do Aconcagua. — Diretores de emprêsas de navegação norte-americanas dão suas impressões acêrca do congestionamento dos portos brasileiros.

17, SEGUNDA-FEIRA — O Secretário da Defesa, Sr. Lovett, acusa a Rússia de estimular a guerra na Coréia. — E' adiada a convocação do General Eisenhower para depor sôbre o programa de segurança. — Presta declarações o Sr. Averell Harriman. — E' mantida a proibição da realização da Conferência Pro Paz no Uruguai. — Os cardeais franceses fazem um apêlo em prol da resistência contra a imoralidade . — Os países escandinavos acordam em organizar um plano de defesa de seus interêsses mútuos. — O Chanceler Adenauer recebe a Comissão de Investigação sôbre a posibilidade da realização de eleições livres na Alemanha.

17, TÊRÇA-FEIRA — Noticia-se que a resposta das potências ocidentais à proposta da Rússia sôbre o Tratado de Paz com a Alemanha contará com a colaboração do govêrno de Bonn. — O Sr. Acheson defende perante a Comissão do Senado o programa de auxílio ao exterior, fazendo uma esplanação acêrca da situação internacional. — Condenado

por um dos órgãos da ONU, como violação da liberdade de imprensa e de informação, o ato do govêrno argentino expropriando o jornal «La Prensa». — Os líderes das duas Casas do Congresso cubano dirigem um manifesto à nação condenando a limitação dos poderes constitucionais pela fôrça. — O Adido Comercial da Tchecoslováquia em Montevidéu pede asilo ao govêrno uruguaio. — Falece o Ministro de Estado peruano, Sr. Ricardo de La Puente y Ganoza. — Anuncia-se que está grassando a influenza, na Alemanha, com caráter epidêmico. — Ocorre um choque entre trabalhadores e a polícia francesa em Melun. — Anunciado, com a participação de 15 chanceleres dos países ocidentais, o início, hoje, da reunião do Conselho da Europa, que será efetuada em Paris. — Decreto do Presidente da República modificando o Regulamento Geral da Polícia Militar do Distrito Federal.

19, QUARTA-FEIRA — O Embaixador dos Estados Unidos, na ONU, Sr. Benjamin Cohen, recebe instruções do Sr. Dean Acheson, para responder enérgicamente às acusações do delegado soviético, Sr. Jacob Malik, de que as fôrças norte-americanas na Coréia recorreram à guerra germicida. — As três potências ocidentais deverão, nestas próximas 48 horas acusar a Rússia como a única responsável pelos contínuos fracassos na redação do Tratado de Paz com a Alemanha. — O Primeiro Ministro iraniano, Mohammed Mossadegh, declara a uma comissão de três senadores que seu govêrno estava preparado para negociar com «qualquer outro partido» a fim de solucionar a disputa petrolífera, contanto que fôssem oferecidas condições aceitáveis pelo Irã. — O Secretário do Trabalho, Sr. Maurice Tobin, pede ao Congresso que ponha em vigor uma lei proibindo aos comunistas desempenharem postos nos sindicatos operários. — O Sr. John Abbink, que chefiou a Missão Americana no Brasil, em 1948, declara que «êste país, ao que se espera, deverá afrouxar, dentro em breve, as restrições sôbre remessas dos lucros dos investimentos estrangeiros.»

20, QUINTA-FEIRA — A Alemanha e a França entram em acôrdo sôbre a embaraçosa disputa em tôrno do Sarre, no próprio momento em que as quatro potências ocidentais se preparavam para dar a resposta formal à nota russa sôbre a Alemanha. O embaixador norte-americano, James C. Dunn, declara que se reuniria com os Ministros do Exterior da Inglaterra, França e Alemanha para cogitar da resposta aliada. Um porta-voz da embaixada norte-americana adianta que a resposta, que diz que a celebração de eleições livres em tôda a Alemanha é pre-requisito para conversações com Moscou. — Gal. Eisenhower declara que a grande votação a seu favor nas eleições primárias de New Hampshire e Minnesota levava-o a re-examinar a sua posição pessoal e a sua decisão anterior. E' êste o primeiro comentário oficial do Supremo Comandante Aliado sôbre a apuração dos votos, que mostraram a grande escala do apoio republicano à sua candidatura. — A Agência noticiosa comunista «Nova China» acusa os Estados Unidos de empregar especialistas em guerra bacteriológica japonêses e ex-nazistas em suas pesqnisas para a obtenção de bactérias, alegando que sete laboratórios canadenses se achavam empenhados no projeto. Segundo a agência, o primeiro ataque de bactérias na Coréia do Norte foi desencadeado no inverno de 1950-51. O Major General Bullen, Chefe da Divisão de Química do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, bem como outros oficiais do Exército norte-americano, admitem que os «serviços de substâncias químicas» das fôrças armadas americanas estêve ativo na Coréia desde 4 de julho de 1950 — informa a agência. O General Bullen e outros oficiais louvam o emprêgo de bactérias como a arma mais barata para subjugar o inimigo. — O Sr. Presidente da República assina decreto designando a delegação do Brasil à IV Reunião da Conferência Inter-Americana de Segurança Social.

21, SEXTA-FEIRA — Os comunistas apresentam a primeira versão formal de sua «fórmula de conciliação» a propósito da questão da permuta de prisioneiros, mas repetiram sua exigência de repatriação forçada dos prisioneiros. — O Gal. Ridgway declara em entrevista que a ONU, indo em socorro da Coréia contra os comunistas, fêz abortar uma ameaça muito real para o Japão, asism como para a Coréia do Sul. — O Primeiro Ministro

A M A R A L I N A

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE "AMARALINA" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309




rante a greve de 50.000 operários em Trieste. — O Sub-Secretário das Relações Exteriores do Chile, Sr. Manuel Trucco, declara à imprensa que as chancelarias do Brasil, Uruguai, Equador e daquele país estão estudando a data em que se fará o reconhecimento conjunto do novo govêrno cubano. — O General Mac Arthur leva a sua luta contra a administração do Presidente Truman ao coração do democrático sul, e adverte que «a indiferença temerária» com que o «New Deal» encara as tradições norte-americanas está transformando os Estados Unidos num Estado comunista. — O Sr. Prefeito do Distrito Federal inaugurou o túnel do Pasmado, ligando os bairros de Botafogo e Copacabana.

da Alemanha Oriental, Sr. Otto Grotewohl, repudia a investigação pela ONU das liberdades civis na Alemanha e acusa a comissão da ONU encarregada de tal investigação de tratar de dificultar a unificação da Alemanha e de sabotar o tratado de paz. — O Secretário da Defesa dos Estados Unidos, Robert Lovett, declara ter sido o govêrno informado de que tropas comunistas chinesas haviam penetrado na Indochina para participar na luta contra os franceses. — O General Matthew B. Ridgway diz aos diretores de jornais japoneses que pesa sôbre o Japão uma grave ameaça de agressão militar soviética e que os Estados Unidos tencionam empregar todos os esforços para a defesa da liberdade. — O Secretário de Estado, Sr. Dean Acheson, informa aos jornalistas que os Estados Unidos estão estudando a questão do reconhecimento diplomático do govêrno cubano do General Fulgencio Batista. — O Sr. Acheson ordena à Embaixada da Polônia e a todos os organismos oficiais daquele país que deixem de distribuir propaganda «ofensiva e imprópria». — O Sr. Presidente da República assina decreto designando a Dra. Berta Maria Júlia Lutz para representar o Brasil na Conferência do Estatuto da Mulher do Conselho Econômico e Social da ONU.

22, SÁBADO — Fontes diplomáticas francesas anunciam que a resposta à recente nota sôbre um Tratado de Paz com a Alemanha contém uma cláusula afirmando que os aliados não reconhecem o caráter final da fronteira oriental da Alemanha. — O Secretário da Marinha dos Estados Unidos, Dan Kimball, indica fortemente que êsse país pode impor o bloqueio naval da China, em conseqüência da invasão vermelha da Indochina. — A polícia faz fogo para o ar, para dispersar uma multidão que havia emborcado quatro automóveis das fôrças de ocupação anglo-americanas e quebrado as janelas de um clube militar inglês, du-

23, DOMINGO — Noticiou-se que será entregue hoje a resposta das potências ocidentais à proposta russa sôbre a Alemanha. — O Chanceler da França faz declarações a respeito da nota soviética. — O Sr. Robert Schuman fala também sôbre a questão sarrense. — Continuam as conversações sôbre a troca de prisioneiros, ponto principal do impasse nas negociações de armistício. — São divulgadas declarações do Papa Pio XII acêrca das obrigações morais da família. O Sumo Pontífice fala também a jornalistas norte-americanos sôbre o papel da imprensa. — Anuncia-se que o Sr. Dean Acheson ainda não tomou qualquer decisão definitiva quanto à sua propalada próxima visita ao Brasil.

24, SEGUNDA-FEIRA — O General Van Fleet declara que os comunistas se encontram no momento mais fortes do que nunca. — O Rei Farouk decreta a dissolução da Câmara egípcia, marcando a data de 28 de maio próximo para a realização das eleições. — Reunida, com a presença do Embaixador Moniz de Aragão, a Câmara de Comércio Brasileira da Inglaterra. — O Sr. Mário Câmara, Delegado do Tesouro em Nova York, faz declarações acêrca dos estudos que se realizam sôbre o retôrno dos capitais estrangeiros invertidos no Brasil. — O Govêrno do Brasil reconhece o novo Govêrno estabelecido em Cuba. — Sob a presidência do Sr. Ministro da Agricultura, instala-se a VI Reunião da Comissão Técnica do Trigo.

25, TERÇA-FEIRA — As potências ocidentais respondem negativamente à proposta soviética sôbre a elaboração do Tratado de Paz com a Alemanha. As notas dos governos inglês, francês e norte-americano são elaboradas após demorada consulta entre as potências interessadas. — Noticia-se que o General Eisenhower possivelmente demitir-se-á do pôsto de Supremo Comandante do Exército do Atlântico no próximo dia 2 de abril, para entregar-se à campanha eleitoral à Presidência da República

dos Estados Unidos. — Em Haia as delegações da Alemanha e de Israel concluem as conversações em tôrno das reparações de guerra reivindicadas por êsse último país. — Informa-se que o Sr. Stalin se encontra gravemente enfêrmo. — Os muçulmanos pedem a expulsão dos inglêses do Egito. — E' prorrogada a lei marcial no Egito. — Novos distúrbios registram-se no México motivados pelo aumento de impostos. — Prosseguem os depoimentos perante a Comissão Parlamentar norte-americana sôbre o auxílio aos países europeu. — O ex-embaixador em Paris, Sr. David Bruce, mostra-se francamente favorável àquele auxílio. — O novo Embaixador da Bolívia faz entrega de suas credenciais ao Sr. Presidente da República no Palácio Rio Negro, em Petrópolis. — No Ministério da Educação são assinados convênios entre o Serviço Nacional de Tuberculose e o IAPI, visando a proporcionar assistência médico-hospitalar aos segurados dêsse Instituto.

26, QUARTA-FEIRA — As potências ocidentais entregam à Rússia o seu plano definitivo relativamente à elaboração do Tratado de Paz com a Alemanha, sabendo-se que é exigida, antes, a realização das eleições gerais sob contrôle severo da ONU. — Ligeiramente enfêrmo o General Eisenhower, forçado a guardar o leito por ordem dos seus médicos. — Também aumentam os rumores de estar gravemente enfêrmo o Sr. Stalin. — Movimentam-se os governos do Uruguai, Chile e Peru para reconhecer o novo govêrno de Cuba. — Distúrbios no Cairo, provocados por estudantes que promovem manifestações contra a atual política de apaziguamento com a Inglaterra. — Forte tremor de terra na Guatemala, não havendo, felizmente, vítimas pessoais. — Submarino misterioso põe em estado de alerta as autoridades navais de San Francisco da Califórnia. — Cresce o movimento popular no México, contra os novos impostos. — Confirma-se em Washington que é pensamento do Sr. Dean Acheson visitar o Brasil, mais provàvelmente, em setembro próximo, por ocasião dos festejos da data da independência do Brasil. — Agrava-se a posição francesa na Tunísia, onde estudantes pedem o regresso do ex-primeiro ministro, grande adversário do govêrno francês. — Novos desentendimentos entre o Iraque e o Egito ameaça criar grave crise no seio da Liga Árabe. — Reforçadas por tropas chinesas comunistas, segundo denuncia o govêrno francês, as fôrças rebeldes indochinesas.

27, QUINTA-FEIRA — O Residente Geral da França na Tunísia entrega ao Bey de Túnis uma mensagem pessoal do Presidente Auriol. Divulga-se que a mensagem diz respeito à relutância do Bey em não demitir do cargo de Primeiro Ministro o Sr. Chenik, prêso pelas autoridades francesas. — No Cairo prossegue as conversações em busca de uma solução para a disputa anglo-egípcia. — Noticia-se que o Iraque enviou uma mensagem ao Egito propondo uma mediação na nova tensão nas relações entre os dois países. — Noticia-se que as fôrças francesas desfecham violenta ofensiva contra as posições comunistas. O ataque contou com o apoio da artilharia, aviação e unidades navais. — O Papa Pio XII dirige uma Pastoral aos membros

MATERIAL GRÁFICO

VENDE-SE

GUILHOTINA

marca MARRIL & SONS, com 1,49 mts., de bôca, 2,38 metros de mesa, fita métrica de precisão, instalação elétrica com caixa blindada, mecanismo de proteção para o operador e motor MEECH de 3-HP.

CORTADOR

Um cortador de entrelinhas com chanfrador combinado.

Propostas e informações com o sr. WENCESLAU — CIA. EDITÔRA AMERICANA — Tel.: 22-8647 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

da igreja e aos fiéis católicos da Rumânia concitando-os a resistência à perseguição de que estão sendo vítimas por parte dos comunistas da Rumânia. — A polícia alemã apreende um pacote que era destinado ao Chanceler da Alemanha, Sr. Adenauer. O referido pacote continha uma bomba que explodiu matando um policial. — Realizam-se as eleições para recomposição da Diretoria do Clube de Engenharia, tendo sido reeleitos os Srs. Edison Passos e Maurício Joppert. — Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto nomeando os membros da Comissão de Exportação de Materiais Estratégicos.

28, SEXTA-FEIRA — As Nações Unidas silenciam o delegado soviético Jacob Malik, quando a Comissão de Desarmamento de 12 nações concorda em declará-lo fora de ordem depois de pronunciar em russo um longo discurso acusando os norte-americanos de ter reiniciado a guerra germicida. — Fontes fidedignas dizem que os Estados Unidos e a Inglaterra entabularão negociações com a Itália na próxima semana, com a finalidade de conferir ao govêrno italiano um papel maior no govêrno da zona aliada do disputado território de Trieste. — Cem pesoas ficaram feridas, em Teerã, e se teme que haja algumas mortes, como conseqüência dos choques de jovens pró-comunistas com a polícia e soldados do exército e elementos anti-comunistas, numa manifestação inspirada pelos vermelhos como protesto pelo suposto uso por parte dos Estados Unidos de germes na guerra coreana. — O Bei de Túnis cede à exigência da França no sentido de que nomeasse outro primeiro Ministro, o que, segundo as palavras do residente geral francês, Jean De Hauteclocque, «porá fim à tentativa de apresentação do caso tunisiano às Nações Unidas.» — Sabe-se que no dia 2 de abril, ou pouco depois, o Gal. Eisenhower anunciará a sua demisão do cargo de comandante-chefe dos Exércitos Atlânticos na Europa. — Anuncia-se que a Marinha de Guerra dos Estados Unidos espera estar construindo trezentos aviões mensais, até fins do ano fiscal de 1953, inclusive sete modelos superiores ao «MIG-15» russo. — A Comissão de Créditos da Camara aprova uma moção para impedir ao Presidente Truman que nomeie um embaixador perante o Vaticano antes que o Senado aprove o estabelecimento de plenas relações diplomáticas com o Estado Papal.

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias cidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

29, SÁBADO — Os delegados aliados e comunistas que negociam sôbre a fiscalização do armistício, debatem sem êxito por espaço de duas horas a respeito da inclusão da Rússia entre os «inspetores neutros». — O rádio de Pequim, captado em Hong-Kong, acusa o Comando das Nações Unidas de haver estendido a guerra bacteriológica a tôda a Mandchúria. — Sabe-se que os estadistas norte-americanos estão determinados a fazer pressão para a conclusão de um contrato de paz com a Alemanha Ocidental e a incluir tropas alemãs no exército europeu, apesar de tôdas as manobras diplomáticas da Rússia. — A Iugoslávia reitera sua oposição à proposta ocidental de devolução de Trieste à Itália e novamente sugere negociações bilaterais ítalo-iugoslavas, ao invés do plebiscito proposto pela Itália. — São publicados os testemunhos prestados pelo Secretário do Exército Frank Pace Jr. e pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General J. Lawton Collins, perante a sub-comissão de verbas da Câmara dos Representantes. Ambos asseguram que tôdas as armas do exército norte-americano, desde as armas portáteis até aos mais gigantescos tanques e «Howitzers» «são superiores às da Rússia». — O Presidente Truman ataca o Partido Republicano e prediz que haveria outra vitória democrática em novembro. — Decreto do Sr. Presidente da República designando o Sr. Embaixador Samuel de Souza Leão Gracie para fazer a entrega ao Presidente da República de Portugal, do «Grande Colar» da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. — Por decreto assinado pelo Sr. Presidente da República é nomeado Diretor Geral do Pessoal da Armada o Sr. Contra-Almirante Jorge do Paço Matoso Maia.

30, DOMINGO — O Presidente Truman, discursando no banquete do Partido Democrata, afirma peremptòriamente que não será candidato às próximas eleições para Presidente dos Estados Unidos. — Noticia-se que na próxima quinta-feira terão início as conversações entre a Itália, Inglaterra e Estados Unidos sôbre a administração do Território Livre de Trieste. — Em Paris realiza-se uma homenagem às tropas brasileiras que se bateram na Itália ao lado das tropas francesas. — Anuncia-se que chegará hoje a Washington, para uma visita de 20 dias aos Estados Unidos, a Rainha Juliana, da Holanda.

SEGUNDA-FEIRA, 1 — A declaração de Truman provoca surprêsa em todos os Estados Unidos, iniciando-se um movimento no sentido de demovê-lo daquela decisão. — O Marechal Tito faz um violento discurso perante o Parlamento defendendo as reivindicações da Iugoslávia sôbre Trieste. — E' noticiado que se está encontrando enormes dificuldades para a formação de um govêrno de conciliação. — E' detido o Secretário Geral do Partido Nova Independência, que se opõe ao programa imposto pelo Residente Geral da França.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXIV — Nº 12 — MAIO — 1952
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 5ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

2.º TORNEIO DE 1952
ABRIL A JUNHO

LOGOGRIFOS

— 56 —

DIVAGANDO...

Poeta, escuta, dá-me a tua mão
E me *conduz* ao céu da Inspi-
[ração — 3-2-2-3-5-7-3
Que te fêz imortal!
Ando às cegas em noite te-
[nebrosa,
E' em vão que procuro temerosa,
A mansão Ideal!

Poeta, dá-me tua mão amiga,
Vem comigo cantar uma cantiga,
Que me transporte às regiões
[do Além!
Mostra-me ó vate, com teu verso
[ameno, — 8-4-5-6-6-3
A beleza que encerra o mar
[sereno
E a melodia que a floresta tem.

Leva-me ao mundo da imortal
[Beleza
E o que de belo encerra a Na-
[tureza,
Desvenda ao meu olhar.
Guia-me aos montes que teus
[pés feriram
Mostra-me a rocha que teus
[olhos viram — 2-8-1-2-3-7-3
A' tua mão sangrar.

Vem, poeta, sigamos adiante...
Cantando sempre com tua voz
[vibrante
Até chegar aos Céus! — 9-4-7-8
Com o ritmo sonoro do teu verso,
Sorrindo *percorri* todo o Uni-
[verso
Em tudo vendo Deus!

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

— 57 —

Ao Alcides Reis Santos:

Fica bem uma *menina*, — 6-3-6-2
Jovial e peregrina, — 4-8-3-10
Na *ostentação* da beleza, —
4-2-9-8
Ter a gente na *prisão*, — 9-8-7-10
Sob *a côrte* da opressão, —
1-2-7-5
Ao seu mando *um tanto* prêsa.
— 8-9-4-5
Mas, no *abismo* dêste mundo,
— 1-5-7-10
O que me dá *ódio* profundo
— 4-2-6-8
E entristece a outro qualquer,
E' ver, como um joão-ninguém,
Tratado inda com desdém,
Sujeito fraco por mulher.
Mascobei (O. Brejinhos, Bahia)

MOLÉSTIAS DA BEXIGA

A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de inicio. Sendo a bexiga a porta de saida das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

★

CHARADAS CASAIS

58 — Duas — Nem sempre o *pateta* é destituido de *habilidade*.
Rafinha (Pôrto Alegre)

59 — Três — O lutador *que está diante* de você, acha que *resiste?*
Spartaco (S. Luís, Mar.)

60 — Três — O *expediente* foi prorrogado e todos tiveram que fazer *serão*.
Tutankâmon, T.G. (Rio)

61 — Duas — A *obrigação de contrato* exige uma *escora* para sustentar a casa.
Ueniri, C.E.C. (Rio)

62 — Duas — Ponha o *carimbo* na *poltrona*.
Tony (Perdizes)

63 — Duas — Torno-me *rude* para com *individuo importuno*.
Adolfo Tuchman (Rio)

64 — Duas — E' *incapaz* o govêrno que não torna a vida do povo *barata*.
Dr. Zinho (Taubaté)

65 — Três — *Faz mal a* todos, só no olhar, êsse *estafermo*.
Trinca Fantasma (Salvador)

66 — Duas — Finalmente *encontro* meu filho praticando um *jôgo de rapazes*.
Major Agá (Itajubá)

67 — Três — Estava tudo *agitado*, em completa *desordem*.
Isaac Wajsbrot, C.E.C. (Rio)

AGORA

sou o "craque" do meu time!



E não era, não senhor! Tiravam-me até de 'molenga' e diziam que eu ... os ava de "mo'e a". Um dia acon e haram minha mãe a que me desse Emulsão de Scott que enriquece o sangue, combatendo a anemi e a debilidade. E hoje e tcu corado, forte e robusto. E o medo ca fr que a des pareceu. E cgo a sou o primeiro a ser convida o para todos os esportes. O apelido ficou para tráz e às refeições nunca me falta a colherinha de Emulsão de Scott!



68 — Quatro — Êste *corniboque* não vale uma *pataca*.
Don Roal (Campinas)

---

69 — Quatro — O *barulho* foi prontamente *abafado*.
Joleno (S. Paulo)

---

70 — Três — Todo o mundo ficou *envergonhado*, depois da *tourada*.
Levon (S. Paulo)

---

71 — Três — Está bem *patente* que a fuga é a única *solução*.
Laranjeirense (Sergipe)

---

72 — Três — *Mascateio* a *partida de diamantes*.
Lidaci, T.G. (Rio)

---

73 — Três — Mal eu *desperto*, aparece o sujeito *intrometido*.
Joleno (S. Paulo)

★

ENIGMAS

— 74 —

Nunca mais será bulhento
se no peito colocar
resoluto juramento
que é nobre sentimento
do *monturo* se afastar.
Mário Noval (Bissau)

— 75 —

Na bôlsa a nota guardando
Após as compras que fêz,
Vai para casa voltando
Esta senhora, *talvez*.
Regito (S. Paulo)

— 76 —

No início de cada verso
Acharás, posso afirmar,
Motivo para decifrar
O meu trabalho perverso.

Repito que no comêço
A solução é achada.
Diz também a minha *amada*:
Afirmo; não há tropêço.
Bigi Neto (Rio)

— 77 —

Dançado entre paixão
Vi bailado em desuso,
Por isso faço questão
De pô-lo, de novo, em *uso*.
Sefton (Rio)

— 78 —

A princípio Eva bem quis
Escapar à tentação,
Mas, enfim, são as mulheres.
Na *fuga*, uma negação...
Zytho (Rio)

★

CHARADAS SINCOPADAS

79 — Três (duas) — Os *folguedos* decorreram *sem brilho*.
Seamva (Santos)

---

80 — Três (duas) — Com um *pedaço* de couro fiz um *pequeno surrão*.
Alô Tropina, H. C. (Rio)

Ao Ten. Potiguar:
81 — Três (duas) — Todo *indivíduo tôlo* gosta da *troça*.
Bisilva (Manaus)

---

82 — Três (duas) — Quando vou com o *moço de fretes* à ribeira, *corto* caminho.
Breque (Santos)

---

83 — Três (duas) — Lanço o meu *grito* de protesto, pois no *seio* duma sociedade corrompida não pode viver uma pessoa decente.
Conde de la Fére (Salvador)

---

84 — Três (duas) — E o pobre *reitor*, apesar de padre, caiu no "conto do vigário" e foi no *pacote*.
Conselheiro (Natal)

---

85 — Três (duas) — Ordem do dia do Comando Geral: O sargento *surra com açoite* o desertor que ao toque de avançar, fugiu para a *retaguarda*.
Dr. Zepanta (Coruripe, Al.)

Retribuindo a Heron Silpes:
86 — *Cortar com machado* o pau
E' costume muito mau
De devastar a floresta.
Deixemos *criar raízes*
Estas arv'res tão felizes
Que a natureza não cresta.
E. Vilar (Campina Grande)

Ao Mascobei:
87 — Três (duas) — E' *certo* que a vida de *casado* é boa? Ou a do solteiro é melhor?
Farani (Salvador)

---

88 — Três (duas) — Um espírito *maldito* anda por *perto*.
Joferro (Rio)

89 — Três (duas) — Quando êle ergue o *dedo*, já sei que vai dizer: — Peço a *palavra*.
Lutércio, H.C. (Rio)

90 — Três (duas) — Ela pareceria mais *elegante* se gostasse menos de *namôro*.
Nilva (Rio)

91 — Três (duas) — E' um *furto*, retirar *uma bola que se coloca na ponta do florete*.
M. da Jiquitaia (Salvador)



LAXANTE SUAVE!

Eficaz alcalinizante! Ideal antiácido e estomacal



Para adultos ou crianças, ENO satisfaz.

A VENDA EM TRES TAMANHOS

"SAL DE FRUCTA"

ENO

CHARADAS ANTIGAS

Retribuindo a Heron Silpes:

— 92 —

De armadilha só tinha *aparência*, — 2
A minha pobre "parlapassada",
Mas, o teu *"alçapão"* — sem clemência
Me deixou de cabeça quebrada;
Mesmo assim estou bem satisfeito,
Agradecendo-te, sem mais aquela,
Com tôda a estima *ou* respeito, — 1
Eu te envio uma *bagatela*.
Sertanejo II (Lavras,, Minas)

Para os confrades de Alagoas que colaboram nestas páginas:

— 93 —

Apesar de nunca haver — 1
Atravessado hàbilmente — 1
O canal de que vos falo
Estou, como podeis ver,
Convencido intimamente
De que posso atravessá-lo.
Gomes Júnior (Maceió)

À Trinca Charrua:

— 94 —

Homem sábio, o Padre Chagas — 2
E' tão *grave* que ressalta, — 2
Não teme mágoa nem sagas,
Nem tão pouco *pessoa alta*.
Heron Silpes (Canavieiras)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

95 — Duas-duas — *Observo* a plantação de *linheiro* ao redor desta *cabana*.
Mário Noval (Bissau, Guiné)

96 — Duas-uma — *Fortalece*, enviando *condolências*, o ânimo do *proprietário de casa mortuária*.
Sertanejo II (Lavras)

97 — Duas-duas — No *princípio* da fila de prisioneiros, um *chora* por que foi operado por um *cirurgião barbeiro*.
Sertaneja (Rio)

98 — Duas-uma — *Arromba* sem *pena* até ficar totalmente *quebrado*.
Velo-Vela (Rio)

99 — Duas-três — Só *merece* perceber essa *quantia* quem é, de fato, *trabalhador*.
Zytho (Rio)

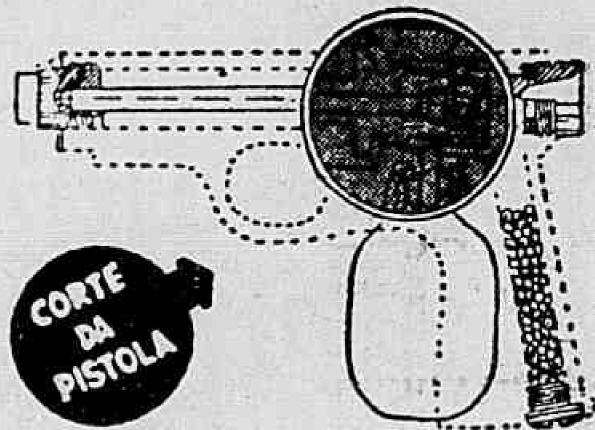
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os paises

PISTOLA METRALHADORA:

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



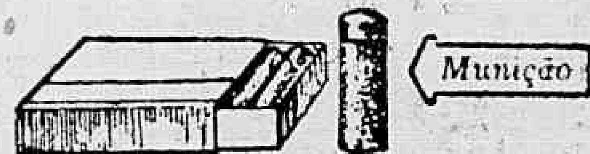
FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO

TEL.: 43-0766





Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despêsa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Enderêço ....

Cidade ....

Estado ....

100 — Duas-duas — Perdi até o *paletó* naquele *jôgo intrincado*.

Dr. Jofran (Fortaleza)

Retribuindo ao Bisilva, com forte abraço:

---

101 — Uma-duas — *Tal como* previ, o *valente*, ao ver a patrulha, teve um *acesso febril com calafrios*.

El Principe (Uberaba)

---

102 — Duas-uma — Estavam jogando a *caçula*, sem *dificuldade*, numa *gaveta das máquinas de vapor*.

Fusinho (Bangu, Rio)

---

103 — Duas-uma — E' *preguiçoso* e ocioso *aquêle sujeito sem palavra*.

Fiote (Cuiabá)

---

104 — Uma-duas — Uma *roda* quebrada e um coqueiro *torto* ao lado de uma *cabana*, ornam a paisagem sertaneja.

K.T.Q.Z (S. Paulo)

---

105 — Uma-três — *Ainda* que firme, o *corpo* da obra não satisfaz *por inteiro*.

Malba Tantan (Santos)

---

106 — Três-duas — Quem *perde a vergonha*, já de *barba* na *cara*, não dá importância a *desaforo*.

Matsuk (Rio)

---

107 — Três-uma — *Arrasta* consigo uma grande *mágoa*, que jamais se desfaz nesta *vereda* da vida.

N. Nuno (Feira de Sant'Ana)

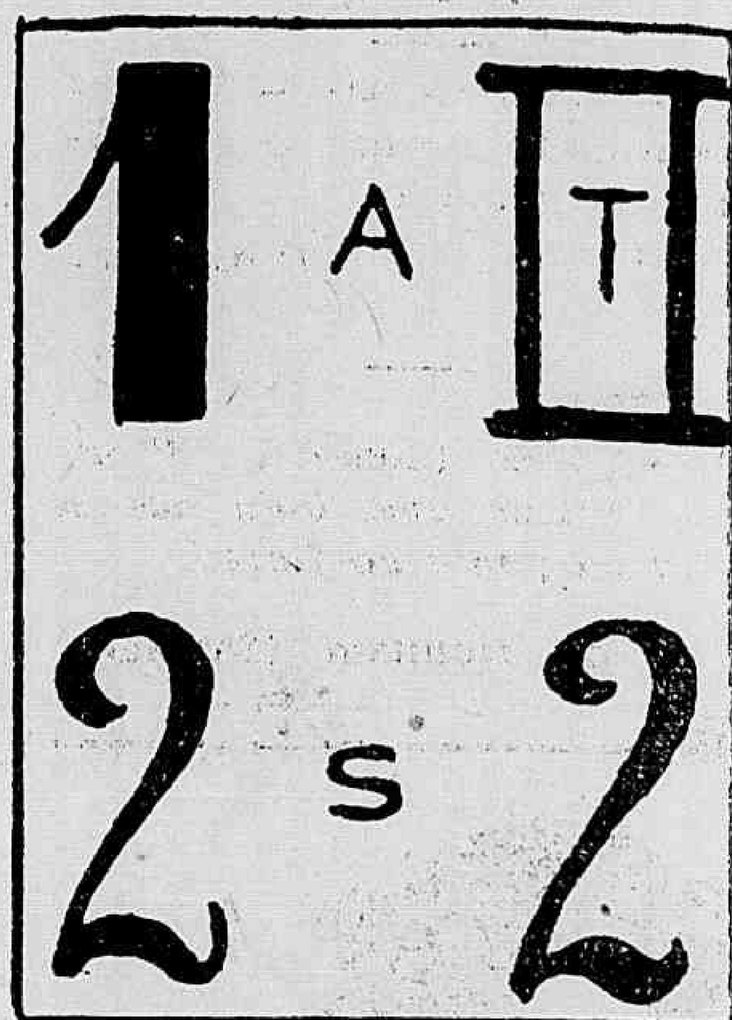
---

108 — Três-uma — O consêrto da *mantilha* ficou por preço *elevado*.

Acobar (Maceió)

ENIGMA PITORESCO, 110

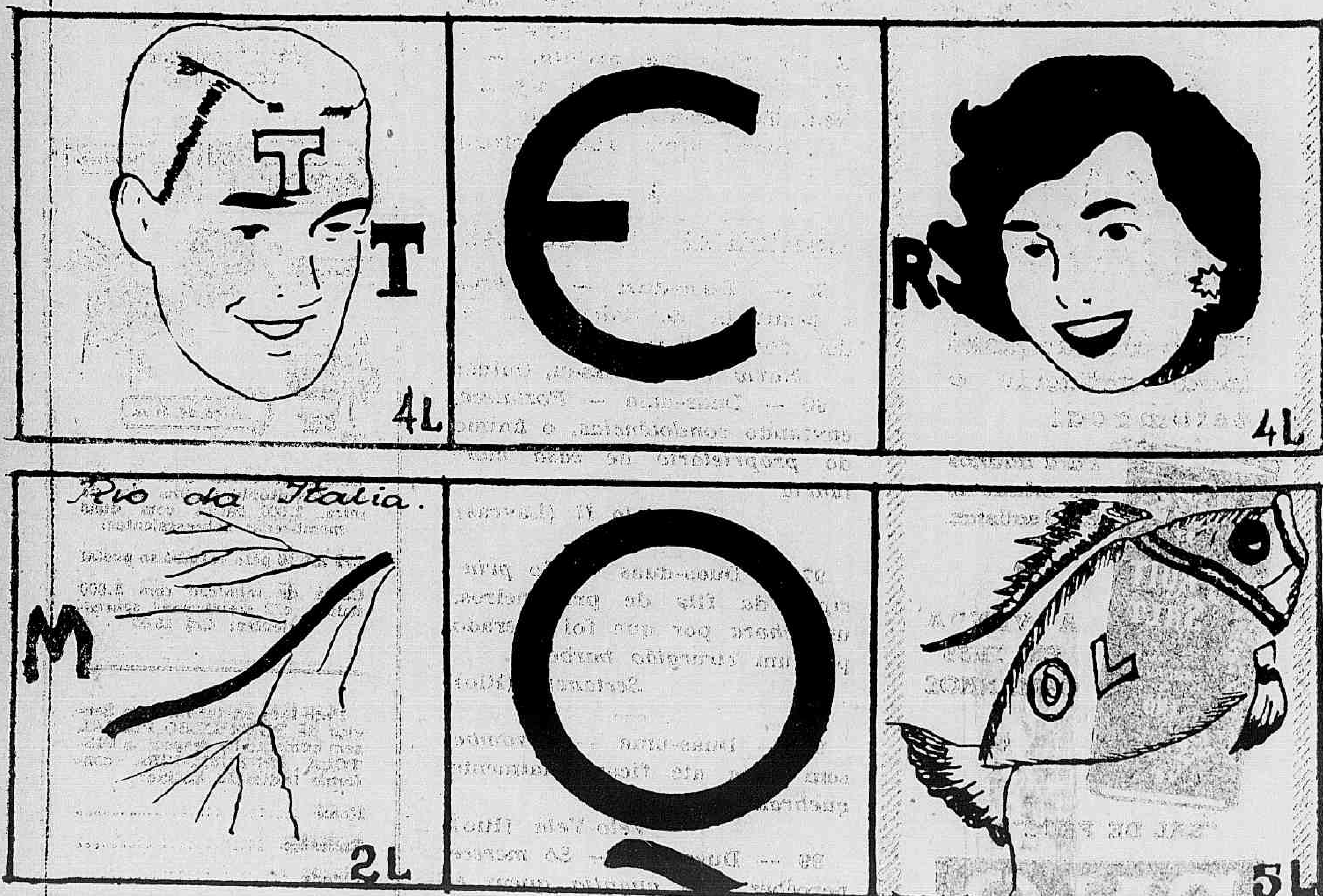
Ao Ulisses, com estima:



El Campeador (C. Grande, M.T.)

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 4289 - S. PAULO
Peça prospectos

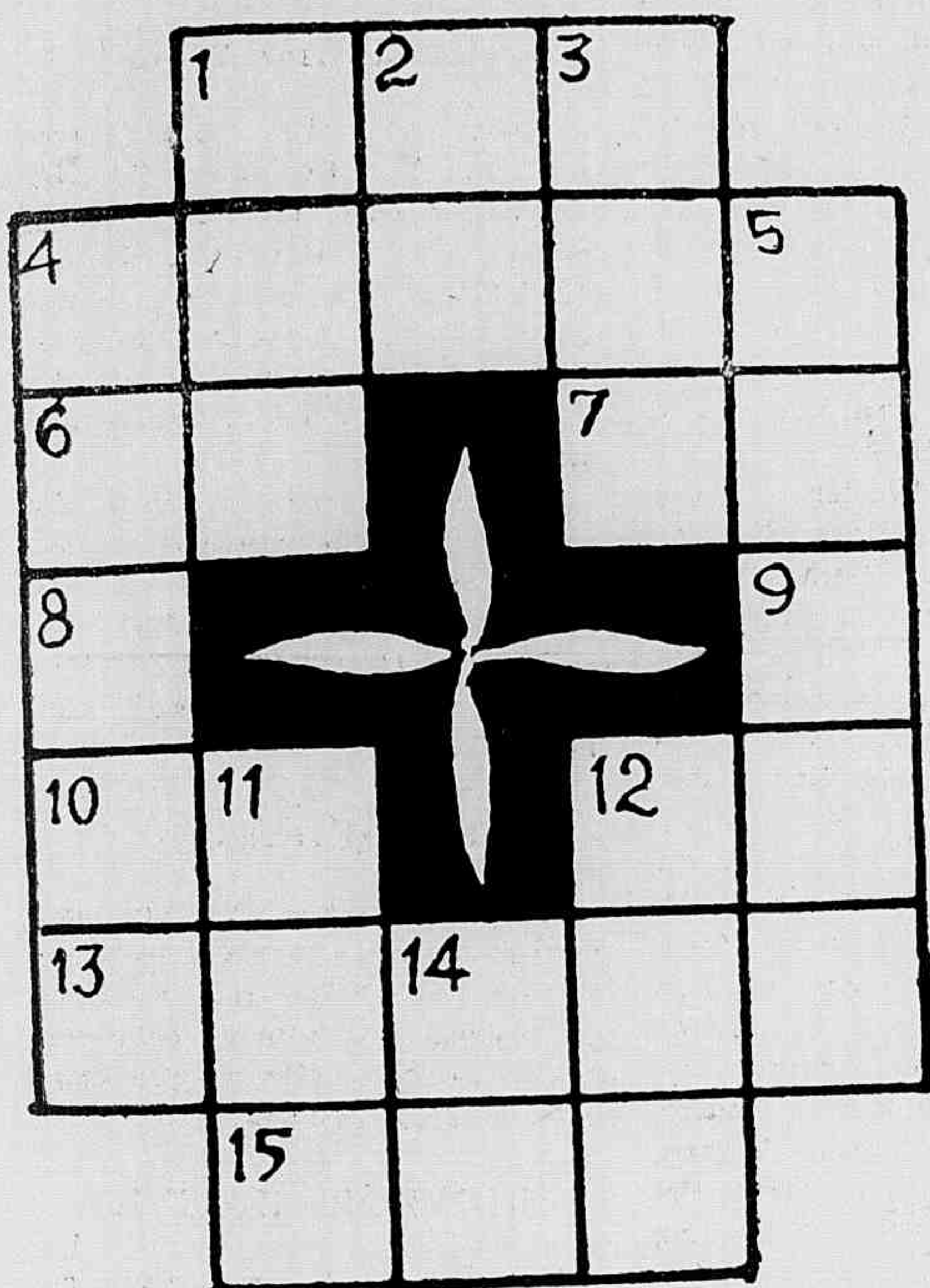
ENIGMA FIGURADO — 109



D'Avila — G.E.N. (Pará de Minas)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 3

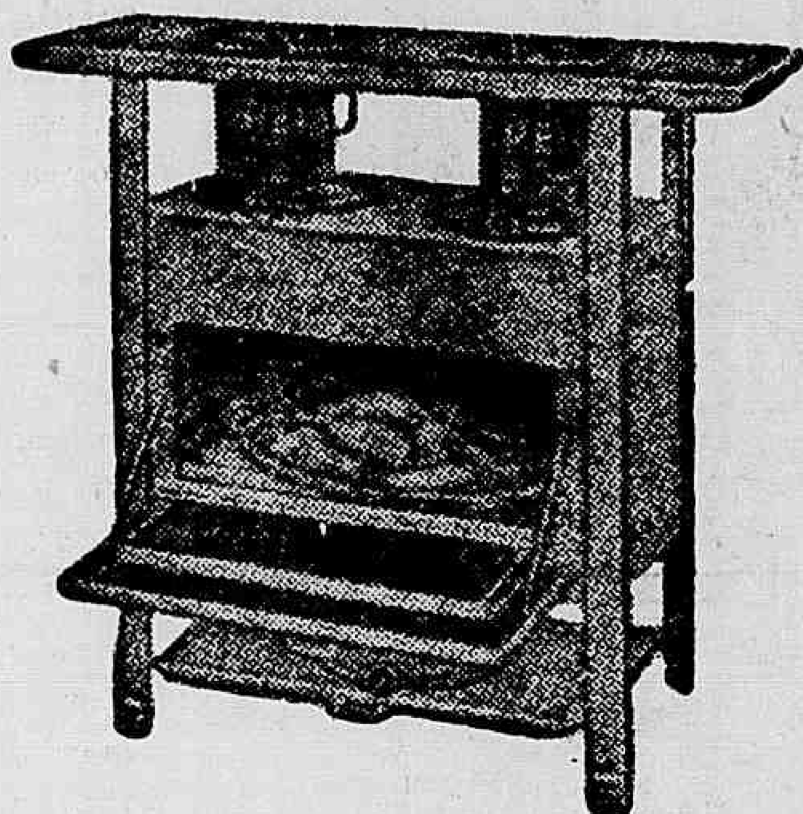


Dabliú (Rio)

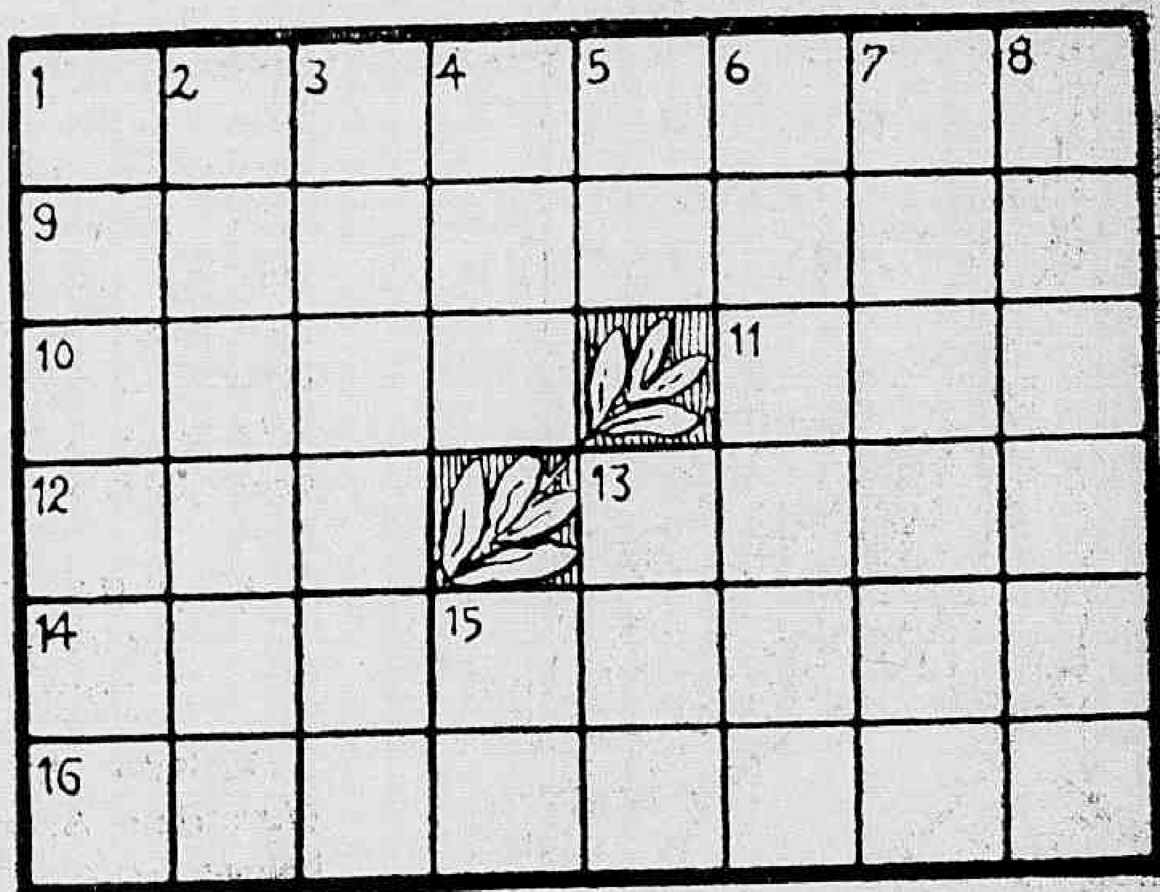
Agradecendo aos confrades que me dedicaram trabalhos:

Horizontais: — 1 — Bôlo de farinha de arroz e azeite de côco, na Ásia; 4 — Pequena sala; 6 — Sol dos egípcios; 7 — Rio da Rússia; 8 — Sinal do compasso quaternário; 9 — Primeiro; 10 — Aviador hábil; 12 — Pronome antigo; 13 — Parceiro; 15 — Cabeça de Cantão no Alto Loire.

Verticais: — 1 — Fileira; 2 — Sopé; 3 — Ação; 4 — Tesouros; 5 — Tremor de terra; 11 — No govêrno de; 12 — Aqui tendes; 14 — Na nossa terra.



PROBLEMA Nº 4



Eulina Guimarães (Rio)

Horizontais: — 1 — Colega; 9 — Aparatos; 10 — Duro; 11 — Condor; 12 — Agente; 13 — Doido sem aptidão por efeito maléfico; 14 — Naturais da cidade do Rio de Janeiro; 16 — Lagoa do Estado do Rio de Janeiro.

Verticais: — 1 — Cova de carvão vegetal; 2 — Entender; 3 — Torna rubro; 4 — Língua africana falada em Léo; 5 — Sol dos Egípcios; 6 — Luta; 7 — Disfarçam; 8 — Desculpa; 13 — Sirvo; 15 — Vogar.

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.





3º TORNEIO DE 1951

APURAÇÃO FINAL

Icaro, Nostradamus, Malba Tantan, Irahydes, Jotoledo, Mira, Seamva, Pompeu Júnior, Janota, Julião Riminot, Major Agá, El Principe, Cantagalo, Oicaroh, Durmel, Don Roal, Oidaleh, Lupe, Arpetra, O Sineiro, Ziul, Dr. Zinho, Jayreis, Ronega, Buridan, Lutércio, Nilva, Plá, Zytho, Radge, Sônia, Carlino, Kinsos, Imara, Bigi Neto, Sertanejo II, Mister Ioso, R.A. C.H.A., Thisbe, Walter T. Chaves, Milon, Black Rose, Seu Teixeira, Gorgonhe, Sam, Roazo, Spartaco, Júpiter, Zepenha, Binastro, Caboclo, Edpim, Jotorácio, Centauro, Odnalro, Rei Peratompes, Farani, Debrito, Botucarahy, Sefton, K. Nivete, Violeta, Gil Virio, Alô Tropina, Zizinha, Rafinha, Toberal, Nami, Gato Prêto, Fidori, O. Janz, Padre Chagas, Juca Pirolito, Tony, Fandedipo, Conde de la Fére, Mambira da Jiquitaia, Tencel, Emidlej, Aufergo, Alvasco, Dopasso, El Campeador, Alguém, Edipo, Lujoca, Varetas, Viviane, Pele Vermelha, Paco, Raul Petrocelli, R. Kurban, De Souza, Diamante, Lidaci, Paraná, Ralvo Ilvas, Sinhô, Ueniri, Segon, Paulistinha, Eva Dio Iza Abel — 126 pontos; Donatila Borba, Sphynx, Plutarco — 125; Ed Vep, Chico Bacarmarte — 124; Jorge de Guimarães, Levon — 123; Odnanref — 122; Welton, Notrya, Zèzinho — 120; Nomisio Nuno — 109; Bisilva — 108; Heron Silpes — 103; Zuncronitano — 97; Magali, Dr. Berreto Cardoso — 80.

★

ÁLBUM DE ENIGMAS FIGURADOS E PITORESCOS

Editado em Portugal, *Roazo* (Amadeu Arozo) acaba de publicar um ótimo álbum de enigmas figurados e pitorescos de sua autoria.

Foi uma feliz idéia a de *Roazo*, reunindo em livro os seus primorosos trabalhos, embora já conhecidos e publicados em tôdas as revistas e seções charadísticas do Brasil e de Portugal, porque o álbum traz também as soluções, sendo assim um bom meio de ensinar ou elucidar aos que ainda não têm muita prática ou jeito para compor um figurado.

Ao *Roazo*, que só pensou em beneficiar o charadismo, os nossos parabéns e agradecimentos pelo exemplar oferecido.

★

FALECIMENTO

Faleceu no dia 15 de Março a Sra. D. Clarinda Teixeira Chaves, espôsa do nosso antigo colaborador Raulino Chaves (R.A.C.H.A.) e mãe do charadista Walter Teixeira Chaves.

Dona Clarinda, sob o pseudônimo de *Thisbe*, colaborava nesta seção.

O casal *Thisbe-R.A.C.H.A.* fêz na família uma verdadeira escola charadística, pois os seus filhos *Walter, Naná, Mosquito, Dalwa, Waltinho, Ranzinza, Dalwinho* e *Marlene* são hoje charadistas.

★

COLABORAÇÃO

Foi feita uma revisão nas nossas pastas de colaboração e notamos a falta de trabalhos de muitos dos nossos colaboradores, assim pedimos que completem êstes claros.

★

EDIPISMO GAÚCHO

E' o título de uma nova seção charadística no *Jornal da Tarde*, de Pelotas, sob a direção do nosso confrade José Saraiva Silveira, da Dupla do Outro Mundo, colaboradora de "Quebra-Cabeças".

★

ERRATA

O enigma figurado nº 54 é pitoresco; êste ponto vai ser contado para todos.

★

CORRESPONDÊNCIA

João Francisco Rebouças Lins (Fortaleza) — O confrade a quem se refere reside agora no Rio.

Mascobei (Barra do Mendes, Bahia) — Infelizmente não podemos satisfazer o seu pedido, pois o trabalho foi inutilizado.

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser dirigida a seu diretor,

DR. LAVRUD

NO MUNDO DOS SELOS

ELIZABETH HERDOU TAMBÉM A REAL COLEÇÃO DE SELOS...

COM a morte do rei George VI, ocorrida em fevereiro último, a Real Coleção de Selos inevitàvelmente terá que passar à propriedade da Rainha Elizabeth e, provàvelmente, continuará fazendo parte das propriedades do Bucyingham Palace.

Uma das mais valiosas coleções em existência, foi organizada pelo rei George V, que, durante tôda a vida foi universalmente reconhecido como um dos mais competentes filatelistas do mundo. Embora reduzida aos selos originários do Império Britânico e Egito, é completa e contém grande quantidade de itens normalmente existentes apenas em arquivos do govêrno e administrações postais. Desenhos originais para futuros selos, ensaios, provas e regulamentos de cada especime eram, invariàvelmente, enviados ao rei através do escritório de Sir Edward Denny Bacon, seu secretário filatelista.

Quando o rei George VI ascendeu ao trono, em 1937, comentários pessimistas foram feitos relativamente a essa coleção, nos círculos filatelistas, particularmente depois da morte de Sir Edward, ocorrida poucos anos depois do falecimento de George V. Porém sete meses depois, Buckingham Palace anunciou que o rei George V, que até então revelara escasso interêsse pela coleção paterna, estava decidido a continuar a colecionar e, mesmo, indicara Sir John Wilson, que fôra presidente da "Royal Philatelic Society", como **Zelador** da Coleção Real.

A fim de tornar as coleções individualmente identificadas, as aquisições efetuadas pelo rei George VI foram montadas em álbuns encadernados em azul de Marroco, enquanto as de seu pai o foram em vermelho. Sob a orientação de Sir John, o monarca não tardou a se apaixonar pela filatelia, aumentando suas aquisições e dedicando mais e mais horas do seu lazer à inspeção dos tesouros contidos, em seus álbuns. A tradicional política de enviar os materiais originais dos arquivos para o Palácio de Buckingham continuou com o mesmo cuidado, ficando assim a coleção sem qualquer falha, segundo foi planejado por Jorge V, seu iniciador.

Além do seu privado interêsse pelos selos, o rei recentemente falecido anunciou à "Royal Philatelic Society", que continuaria sendo o seu patrono e; nesse papel, cedeu àquela sociedade várias seções de sua coleção real, para as exposições, conferências, etc., que se realizavam anualmente. Da mesma forma cedeu várias de suas coleções para exibições, de acôrdo com o programa das várias exposições internacionais.

A primeira dessas amostras foi realizada em honra da "International Stamp Show", no pavilhão britânico da Feira Mundial de Nova York, em **1940** e consistiu de "ensaios", "provas" e clichés referente ao Penny Prêto, de 1840 e seu desenvolvimento.

Em 1947, novamente enviou bom material para o "International Show" no Grande Central Palace e, ainda no último mês de setembro, enviou volumoso material em selos e "provas", referentes às províncias que recentemente se uniram sob a forma de Domínio do Canadá, a fim de homenagear a exposição realizada para comemorar o centenário do primeiro sêlo canadense de 1851.

Entre essas remessas estavam extraordinárias raridades de New Brunswick, Nova Scotia, Newfoundland, Prince Edward Islands, British Columbia e Vancouver. Foi ainda exibido em Nova York e Toronto um desenho original, feito por um soldado britânico capturado em Hong Kong, e que o desenhou durante a sua prisão num campo nipônico de prisioneiros. Êsse trabalho, pincelado num papel de **toilette,** foi chamado de "Liberation" e representa um "Phoenix surgindo das cinzas de Hong Kong ocupada".

Quando a cidade, finalmente, foi libertada, — o desenho foi fielmente reproduzido para ser o primeiro sêlo do após guerra.

Da mesma forma outras seções da Coleção Real foram enviadas, ainda por ordem do rei Jorge VI, para a "International Stamp Exhibitions" na África do Sul, e em Utrecht, na Holanda.

A morte do soberano, nesse intervalo, não alterou em absoluto os planos primitivos, pois que a atual rainha, Elizabeth, é outra apaixonada pela filatelia.

Em 1949, um magazine britânico publicou duas páginas de fotografias da atual rainha trabalhando muito interessada, lado a lado com Sir John, na coleção de selos de seu pai, tendo Sir John revelado, satisfeitíssimo, que Elizabeth tinha a mesma paixão e a mesma capacidade filatélica do rei George VI, seu pai.

A Coleção Real contém, no mínimo, um espécime de cada sêlo editado pelos membros da Comunidade Britânica, exceto o célebre 1 cent, magenta, da Guiana Inglêsa conhecido como **"o mais precioso sêlo em existência".** Êsse sêlo único, impresso por engano na côr do sêlo de quatro cents, de 1856, foi comprado pelo falecido Arthur Hind, de Utica, Nova York, no leilão procedido para a venda da fabulosa Coleção Ferrari, em 1922.

Segundo um bem informado repórter, o rei Jorge V foi um dos concorrentes, tendo chegado a oferecer 32.500 dólares. Mais tarde, um agente de Sua Majestade tentou conquistar o sêlo em novo leilão, tendo porém recuado quando o lance passou de 10.000 dólares.

Desta vez o comprador foi M. Burrus, riquíssimo comerciante de fumos da Alsácia.

N. 420 DO ANO XXXV

EU SEI TUDO

N. 12 — 1952 MAIO

SUMÁRIO:

Frontispício: A Embusteira (conto de A. Daudet — Côres) 7
As péssimas reputações 10
O Melhor remédio 11
Você sabe tomar banho? 12
Cante para eu dormir, doutor 17
A Líbia encontra a liberdade e... problemas 21
De um amor para outro 26
A Vida surgiu da anarquia universal? — A solidariedade cósmica predomina em todo o universo 27
Faça seu filho crescer! 32
A "Boa resposta" do mês 35
Quando os homens, só, não chegam! 36
Como você resolveria isto? 38
Mais calor até o ano 2780 39
Esteja em dia com o Mundo! 41
Cuidado! Perigo! 42
O Coração de Luísa (Romance — continuação) 43
Os doentes imaginários (Côres) 51
Que silêncio gostoso (Episódio real da última guerra) 52
Um "casse-tête" para dar sorte 53
Enlouquecendo (Conto — côres) 54
Testamentos 57
A Grande Corrida (Episódio real — côres) 58
Hitler e o mistério da sua morte (Conclusão) 59
Explorando o Brasil Meridional (Continuação) 67
A Pupila Rubra (Romance — continuação) 75
A Química aliada da agricultura 83
Carnaubeira — árvore da vida 85
Pontualidade... 87
Nos Domínios da Gramática 88
As vacas leiteiras e a Hipocalcemia 89
O Queijo Emental 91
Para o seu Lar 92
Para você que dirige automóvel 94
Detector de minas para exame de vacas 94
Para rolar na neve sem perigo 94
Êsses colecionadores 96
Memento EU SEI TUDO (Março de 1952) 97
Quebra-Cabeças (Charadas) 107
No Mundo dos Selos 113

★

A CAPA — Não se ofenda o leitor. Não perguntamos se sabe tomar banho, encarando o fato pelo ângulo de limpeza do corpo. Referimo-nos, sim, ao lado terapêutico da questão. E' incalculável a importância do banho para a saúde do indivíduo. Muitos incômodos físicos, aparentemente graves e muitas vêzes inexplicáveis, têm origem na maneira errada como tomamos banho. Eis por que é utilíssimo ler o artigo que publicamos, nesta edição, à página 12.

★

AO PÚBLICO

O Sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior dos Estados de Minas Gerais e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

CORRESPONDÊNCIA



Abrahan S. Albers — Curitiba — Não poderia conseguir fotografias melhores? As que enviou não poderão ser usadas, pois estão, de fato, muito fracas. Aguardamos.

Teodoro Narvaez — Salvador — Recebemos. O departamento de expedição remeterá todos os números pedidos. Gratos.

Albertina Albaniz — Distrito Federal — Se nos disser ao menos o ano da publicação por certo que encontraremos. Não garantimos, porém, que o nosso arquivo tenha tôdas as edições que solicita. Aguardamos.

Mathilde Rodrigues — O que solicita já foi publicado em 1941, sob a forma de novela. Sendo colecionadora, como declarou, fàcilmente poderá comprovar.

Augusto Aurélio Pontes — Natal — Rio Grande do Norte — Agradecemos o seu interêsse; entretanto, a sua oferta está prejudicada, pois temos pessoa encarregada dêsse trabalho. Quanto ao segundo assunto de sua carta, está êle sendo estudado pela Administração, que se dirigirá ao amigo em tempo oportuno.

Maria Aparecida Mendonça — Belo Horizonte — O autor de «A Esfera de Ouro» é Erle Cox. — Ignoramos. — Logo que fôr possível, com muito prazer.

★

O preço desta revista em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço acima indicado com lucro.